

**NANCI ALVES DA ROSA**

**GENEALOGIA DA (IN)VISIBILIDADE NEGRA LAGEANA**

Dissertação apresentada à banca examinadora como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação, *Stricto Sensu*, Mestrado Acadêmico, da Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC, na Linha de Pesquisa I: Políticas e Processos Formativos em Educação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Carmen Lucia Fornari Diez  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup>, Dr<sup>a</sup>. Mareli Eliane Graupe

**LAGES/SC  
2016**

## Ficha Catalográfica

R788g Rosa, Nanci Alves da.  
Genealogia da (in)visibilidade negra lageana /  
Nanci Alves da Rosa.—Lages(SC), 2016.  
230 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Planalto  
Catarinense. Programa de Mestrado em Educação da  
Universidade do Planalto Catarinense.

Orientadora: Carmen Lúcia Fornari Diez.

Coorientadora: Mareli Eliane Graupe.

1. Genealogia. 2. Racismo - Brasil. 3. Identidade social.  
4. Diáspora africana. I. Diez, Carmen Lúcia Fornari. II. Graupe,  
Mareli Eliane. III. Título.

CDD 305.80981

(Elaborada pelo Bibliotecário José Francisco da Silva - CRB-14/570)

NANCI ALVES DA ROSA

**GENEALOGIA DA (IN)VISIBILIDADE NEGRA LAGEANA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação, da Universidade do Planalto Catarinense, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

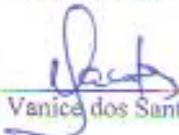
**Banca examinadora:**

  
Orientadora: Carmen Lucia Fornari Diez, Dra.

  
Coorientadora: Mareli Eliane Graupe, Dra.

  
Membro: Ivo Pereira Queiroz, Dr.

  
Membro: Geraldo Augusto Locks, Dr.

  
Membro: Vanice dos Santos, Dra.

Lages, SC, 07 de março de 2016



Se queres saber quem sou, se  
queres que te ensine o que sei,  
deixa um pouco de ser o que és e  
esquece o que sabes.

Tierno Bokar  
(Bandiagara - Mali)



## DEDICATÓRIA

À professora Maria Aparecida  
Gomes (*in memoriam*) que foi a  
precursora em nossa cidade dos  
estudos sobre Negros e Educação,  
mulher negra e guerreira,  
responsável por despertar em  
muitas pessoas uma negritude até  
então adormecida.



## AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão em primeiro lugar a Deus que me deu a vida, zela pela minha saúde e coragem em desejar e executar esse desafio intelectual.

Também agradeço a cada integrante da minha família, que é tão grande quanto o amor e apoio que dedicamos uns aos outros, principalmente minha mãe Maria Mercedes Alves da Rosa, minha filha Aline da Rosa Maciel e meu marido Juarez Machado, que estão sempre comigo nas alegrias e preocupações de cada dia.

Também agradeço aos meus ancestrais indígenas e negros, que me protegem a todo instante, meu pai Augusto Amaral, meus avós paternos Francisco Galdino do Amaral e Maria Luiza do Amaral e maternos Sebastião Alves de Jesus e Maria Joaquina Alves de Oliveira, de quem herdei os valores que carrego e o desejo de valorizar parte de nossa identidade cultural, a oriunda da África.

Agradecer a todos(as) os (as) negros e negras do Brasil, por resistirem contra as violências geradas pelo preconceito racial, e insistirem no respeito à cidadania deste segmento. Foram as suas lutas que permitiram o racismo hoje ser considerado crime.

Meu reconhecimento fraterno aos nove entrevistados(as), não só por abrirem as portas de suas casas para eu perguntar e buscar compreender sobre suas vidas, mas principalmente pela sinceridade e confiança que demonstraram ao me contar seus momentos mais particulares de emoção, saudade, dúvidas, indignação, enfim de repassar seus exemplos de vida, sendo pessoas num corpo negro.

Minha profunda gratidão, pelo auxílio no meu crescimento e amadurecimento enquanto pesquisadora, as minhas orientadoras, Carmem Lúcia Diez e Mareli Eliane Graupe, mestras talentosas que me conduziram com inteligência e dedicação aos caminhos científicos desta dissertação.

Agradeço ao professor Dr. Ivo Queiroz por se deslocar da sua cidade e do alto da sua experiência e sabedoria para dividir conosco o que sabe, com tanta humildade e olhar crítico, o qual nos trouxe novos autores e outra percepção sobre as relações raciais.

Obrigada aos professores(as) do Mestrado, com os quais tive aulas enriquecedoras e significativas, Ana Maria Netto Machado, Geraldo Rosa, Lucia Cecatto de Lima, Lurdes Caron, Maria De Lourdes Almeida, Marilu Diez Lisboa, Marina Patrício de Arruda, Vera Regina



Roesler, Maria SelmaGrosch e principalmente Geraldo Augusto Looks e Vanice dos Santos, além de professores foram os arguidores da pesquisa.

Finalmente meu profundo agradecimento a todos (as) os estudantes que encontrei na jornada profissional até aqui, pois no dia a dia da sala de aula desenvolvi a percepção das relações raciais na educação e esta análise tornou-se para mim objeto de estudo necessário, me conduzindo ao mestrado na busca de mais compreensão filosófica.

Enfim a todos (as) que me incentivaram a seguir em frente na busca de aprimoramento, à Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina que autorizou meu afastamento da atuação em sala durante o período da pesquisa, a Escola de Educação Básica Vidal Ramos e a UNIPLAC, que entenderam minha ausência e se organizaram pelo bem do ensino da Arte, ao NEAB/UNIPLAC e às pessoas que de alguma forma auxiliaram para que então eu pudesse ter condições de apresentar uma reflexão em prol da visibilidade do segmento negro neste trabalho, meu eterno obrigada.



## RESUMO

Esta dissertação é uma reflexão sobre assujeitamento, relações raciais e a identidade negra em Lages, cidade do Planalto Serrano de Santa Catarina. Denominamos de Genealogia da (in)visibilidade negra lageana para discutir a situação local após trazer teorias que formaram discursos racistas e suas consequências na vida das pessoas de ascendência africana que vivem em nossa região. Analisamos quais estratégias foram usadas na construção da discriminação contra descendentes de africanos para o racismo continuar presente na sociedade brasileira e se manter nos discursos de pessoas negras em Lages. Intrigava-nos conhecer o olhar e as contribuições do(a) negro(a) referente a história da região serrana catarinense. Discutimos assuntos que desvelaram o protagonismo negro na participação das transformações da cidade e nas relações raciais deste lugar a partir da década de 20. Para chegar neste contexto trouxemos uma breve abordagem sobre a escravidão e a África, origem da ancestralidade afro-brasileira. Usando a história oral buscamos saber como a disciplinarização marcou a identidade negra lageana, as experiências familiares, escolares e de lazer. Com as declarações ricas em curiosidades, denúncias e desabafos, percorremos uma parte da diáspora negra em Santa Catarina e as reminiscências dos(as) entrevistados(as). Eles (as) relatam sobre as dificuldades reservadas para negros(as) no mercado de trabalho e no campo educacional. Amparadas na obra de Foucault, fizemos contato com nove pessoas acima de 60 anos para discutir sobre racismo e relações étnicas e assujeitamento. Ao trazer uma pesquisa sobre negros em Lages estamos dando visibilidade a história de territórios negros, clube Cruz e Souza e o bairro da Brusque, contribuindo com a formação de uma identidade negra, ao serem estas pessoas reconhecidas e valorizadas na historiografia local. Corroborando com o pensamento da redução de desigualdades, trouxemos as políticas educacionais obrigatórias nos sistemas de ensino que servem para tratar com relevância o estudo de temas decorrentes da história e cultura afro-brasileira e africana e a inserção e permanência do segmento negro nestes espaços. Uma problemática que diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática.

**Palavras-chave:** Genealogia. Diáspora negra. Identidade. (In)visibilidade. Racismo.



## ABSTRACT

This work is a reflection on subjection, race relations and black identity in Lages, city Planalto Serrano of Santa Catarina. We call the Genealogy of (in) visibility black lageana to discuss the local situation after bringing world theories that formed racist discourse and its consequences on the lives of people of African descent living in our region. Analyze what strategies were used in the construction of discrimination against people of African descent to racism is still present in Brazilian society and keep the discourse of black people in Lages. Intrigued us (in) visibility of blacks and their contributions in the history of Santa Catarina highlands, so we try to discuss issues that may unfold as the look and black role in the participation of the city's transformation and in race relations in this place from the 20s to reach this context brought a brief overview about slavery and Africa, the origin of african-Brazilian ancestry. Using oral history as we seek to know the disciplining marked the lageana black identity, childhood, family experiences, school and leisure. With rich curiosities statements, complaints and outbursts, we covered a part of the black diaspora in Santa Catarina and the reminiscences of (the) respondents (as). They (the) report on the difficulties reserved for blacks (as) in the labor market and in the educational field. Supported the work of Foucault, made contact with people 60 years or older to discuss racism and ethnic relations, subjection and disciplining. By bringing research on blacks in Lages we are giving visibility to the history of black territories, Cruz e Souza Club and the neighborhood of Brusque, contributing to the formation of a black identity, to be these people recognized and valued in the local historiography. The formation of self-esteem, which often fluctuates to a low self-esteem according to the means and Disciplinary that are imposed on this subject's own assessment of itself. Corroborando at the thought of reducing inequalities, brought the compulsory education policy in education systems that serve to deal with the relevant issues arising from the study of history and african-Brazilian culture and African and entering and remaining in the black segment in these spaces. An issue that concerns all Brazilians, because they must educate themselves as citizens acting within a multicultural and multiethnic society, able to build a democratic nation

**Key-words:** Genealogy. Black Diaspora. Identity. (In)visibility. Racism.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMURES –	Associação dos Municípios da Região Serrana.
CAPES –	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
CCCS –	Centro Cívico Cruz e Souza.
CEP –	Comitê de Ética em Pesquisa.
CONEP –	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa.
FURB –	Universidade Regional de Blumenau.
FNDE –	Fundação Nacional de Desenvolvimento da Educação.
GD –	Colégio Diocesano.
IES –	Instituição de Ensino Superior.
IBGE –	Instituto Brasileiro de Estatística.
INEP –	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas.
MEC –	Ministério da Educação.
NEAB/NEU –	Núcleo de Estudos Afro-brasileiro Negro e Educação.
NEN –	Núcleo de Estudos Negros.
PCN –	Parâmetros Curriculares Nacionais.
PPGE–	Programa de Pós-Graduação <i>Stricto Sensu</i> em Educação.
PROUNI –	Programa Universidade Para Todos.
SECAD –	Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade.
SDR –	Secretaria de Desenvolvimento Regional.
SENAI –	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial.
SEPPIR –	Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.
TCLE –	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.
TEN –	Teatro Experimental do Negro.
UDESC –	Universidade do estado de Santa Catarina.
UFSC –	Universidade Federal de Santa Catarina.
UFPR –	Universidade Federal do Paraná.
UNISUL –	Universidade do Sul de Santa Catarina.
UNIPLAC –	Universidade do Planalto Catarinense.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Redenção de Can .....	70
Figura 2: Mapa do município de Lages: Bairros .....	143
Figura 3: Padroeiro da comunidade do bairro Brusque: São Vicente. ..	145
Figura 4. Detalhe do quadro.....	146
Figura 5: Entrevistados (as).....	152
Figura 6: Quadro da primeira diretoria.....	173



## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	25
INTRODUÇÃO .....	32
1 REFLEXÕES SOBRE ASSUJEITAMENTO E O POVO NEGRO BRASILEIRO .....	41
1.1 RELAÇÕES RACIAIS E A IDENTIDADE NEGRA .....	41
1.2 RACISMO.....	53
1.2.1 Racismo e educação.....	64
1.2.2 Racismo e a teoria do branqueamento.....	66
1.3 (IN) VISIBILIDADE E O(A) NEGRO(A) NA HISTÓRIA BRASILEIRA .....	70
1.3.1 (In)visibilidade dos negros catarinenses .....	79
1.4 EDUCAÇÃO, RACISMO E DISCIPLINARIZAÇÃO.....	83
1.4.1 Relações raciais no contexto educacional .....	88
1.4.2 Políticas educacionais para negros(as).....	96
1.4.3 Um pouco de arte educação na reflexão do ensino das relações raciais .....	100
1.5 TRABALHO E EMPREGO PARA NEGROS(AS), PECULIARIDADES E LIMITES .....	104
2 DIÁSPORA NEGRA.....	107
2.1 UMA ABORDAGEM SOBRE A HISTÓRIA DA ÁFRICA E A ESCRAVIDÃO.....	108
2.2 DA ÁFRICA PARA O BRASIL, DE ESCRAVIZADOS A DISCIPLINARIZADOS(AS).....	113
2.3 DIÁSPORA NEGRA EM SANTA CATARINA .....	123
2.3.1 A diáspora negro - africana na Serra Catarinense.....	132
2.3.2 Negros(as) na dinâmica do mercado de trabalho .....	139
2.3.3 Os(as) negros(as) e o bairro da Brusque: Território e identidade.....	141
3 RACISMO E RESISTÊNCIA NEGRA EM LAGES: REVELAÇÕES DA BRUSQUE.....	152
3.1 A (IN)VISIBILIDADE DO SEGMENTO NEGRO: UMA REFLEXÃO DA MEMÓRIA SOCIAL DESTA POPULAÇÃO NO PLANALTO SERRANO. ....	154
3.2 A EDUCAÇÃO COMO FATOR DE AFIRMAÇÃO PARA PESSOAS NEGRAS.....	156
3.2.1 Arquitetura da disciplinarização entre espaços de resistência .....	171



3.2.2	Apadrinhamento de crianças negras: ou trabalho ou educação .....	175
3.3	REMINISCENCIAS SOBRE O TRABALHO DO(A) NEGRO(A) SERRANO(A).....	176
3.4	RACISMO DESVELADO .....	189
3.5	O BAIRRO DA BRUSQUE E AS FAMÍLIAS NEGRAS.....	200
3.6	IDENTIDADE.....	207
3.6.1	Constituição da identidade étnica, Clube Cruz e Souza e o carnaval em Lages .....	207
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	213
	REFERÊNCIAS .....	218
	APÊNDICES .....	230
	APÊNDICE A: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....	230



## APRESENTAÇÃO

Esta dissertação é feita de histórias, de reminiscências que foram forjadas pela condição social e a cor da pele. Encontro-me no limiar resultante da miscigenação racial brasileira, sou vista como morena e nunca tive confronto com outra pessoa por causa do meu fenótipo. No entanto reconheço o problema do preconceito e racismo contra negros(as) no dia a dia de parentes e alunos(as). Incomodada escolhi analisar, compreender e explicar as relações raciais deste grupo étnico junto a formação identitária de algumas pessoas negras da cidade em que vivo.

Tive uma trajetória de formação acadêmica construída nos encontros e aproximações com pessoas que gostam de pessoas mais do que gostam dos objetos, papéis ou outros elementos. O apreço pela Arte dos diferentes continentes, desenvolvido por uma década ministrando a disciplina História da Arte, mais a preocupação causada pela rara ocupação de negros(as) na universidade onde atuo, inspirou-me à narrativa desta interlocução.

Sou uma professora revisitando o próprio baú de memórias para fazer cultura e registrar lembranças, indo adiante com sentido de busca a respeito das relações raciais e a educação. Neste trabalho realizei uma pesquisa científica que intenciona contribuir com o debate da educação étnico racial e a tomada de consciência em favor de temas voltados para a ancestralidade africana presente na história nacional, e no cotidiano de negros(as).

Em 1984, aos quinze anos eu trabalhava nas creches de Lages. Descobri na prática o que é ser professora, o valor da humanização, mais que alfabetizar percebia em algumas circunstâncias que o fundamental seria dar amor e atenção às crianças que demandavam de carinho, escolarização, higiene e saúde.

Fui amadurecendo e percebendo o lugar de onde vinha, a família e o bairro da Brusque onde sempre vivi. Tive novos olhares para minha cidade e a profissão que almejava conquistar. Entendendo que era importante o trabalho que desenvolvia, descobri então que atuar na área educacional me dava muita satisfação; assim decidi fazer o Magistério de 1º Grau. Esse curso conclui em 1987 no Centro Educacional Vidal Ramos Jr, uma unidade de Ensino da rede estadual de Santa Catarina.

Após concluir o curso de Magistério fui alfabetizadora na Escola Municipal Eduardo Pedro Amaral e depois trabalhei por dois anos no Presídio Regional de Lages, de 1995 a 1997 com Alfabetização de

Adultos para turmas de quinze a vinte detentos, sujeitos e histórias de vida marcantes para o desenvolvimento da minha profissão.

Esses espaços guardam lembranças de gente grande e pequena me dizendo pelo olhar que tinham vontade de aprender, eles(as) me incentivaram a dedicar tempo, conhecimento e atenção cada vez mais ao que ensinava. Aprendi e aprendo frequentemente sobre didática e relações humanas nas reuniões e formação para professores (as) oferecidos pelas Secretarias Estadual e Municipal; participei de palestras, seminários e até hoje reconheço a necessidade de estar envolvida com eventos ligados à educação. Acredito que educar com amor é ensinar para a vida.

Em 1997, cursei pelo programa Magister a Graduação em Educação Artística — Artes Plásticas, uma oportunidade de formação gratuita que beneficiava professores(as) atuantes em sala de aula que ainda não tinham nível superior. Finalizei esta graduação em 2001.

Na caminhada pessoal que dediquei aos estudos, optei pelo Ensino da Arte como profissão. Almejei e conclui duas especializações: a primeira de 2002 a 2004 — Metodologia do Ensino da Arte, uma parceria da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPLAC) e da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Empolgada com o sabor de aprender, atenta as desigualdades raciais, logo ingressei na segunda especialização, que durou de 2008 a 2010 — Educação Étnico Racial e Multiculturalismo. Fiz parte da única turma deste curso na UNIPLAC.

Foi a partir da especialização Educação Étnico Racial e Multiculturalismo que surgiu o desejo de registrar especificidades da cultura e história do negro(a) serrano(a). Reconheci a oportunidade de realizar o trabalho em prol da causa (in)visibilidade, a valorização da cultura dos negros e negras na região em que vivo. Trazer à tona suas impressões sobre a diáspora<sup>1</sup> negra africana e a constituição da história do segmento afro-brasileiro no Planalto Serrano, especificamente na cidade de Lages.

---

<sup>1</sup> Diáspora – palavra de origem grega que significa “dispersão”. Designando, de início, principalmente o movimento espontâneo dos judeus pelo mundo, hoje se aplica também à desagregação que, compulsoriamente, por força do tráfico de escravos e, mais recentemente, das péssimas condições de vida da na África, espalhou negros africanos por todos os continentes. O termo “Diáspora” serve também para designar, por extensão de sentido a comunidade de africanos e descendentes nas américas e na Europa (LOPES,2006. p.52).

Nos materiais que contam a história local, os conteúdos que registram a presença dos negros aparece de forma resumida, peculiar do contexto colonial em que o interesse dos leitores não era para a história dos negros escravos. Ainda assim Licurgo Costa (1982) trouxe entre os quatro volumes da coletânea *Continente das Lagens*<sup>2</sup>, o capítulo sete, intitulado “Os Escravos”. Neste aparecem informações curtas sobre raças e estatísticas, alforrias, compra e venda, rigores municipais, as relações sociais entre os fazendeiros e os escravizados. Segundo ele em 1765 integrando a comitiva de Correia Pinto<sup>3</sup> havia mais nove famílias e seus escravos, chegando ao número de cinquenta negros escravizados. Em 1766 são recenseados entre crianças e adultos 191 escravos, em 1887 aparecem 1.064.

Esse autor argumenta que havia poucos negros na Serra Catarinense porque estes preferiam o trabalho da pesca baleira no litoral, ao invés da pecuária. Ora, como se naquela época, durante a constituição da vila, hoje a cidade de Lages, os (as) negros(as) tivessem o direito de opinar seu destino. Os (as) negros(as) que aqui chegaram foram obrigados(as) a enfrentar o frio, as cobras, a violência dos índios que pensavam serem negros uma espécie de macaco, tudo isso, junto aos malefícios da escravidão na época de ocupação dos campos serranos de Santa Catarina, por volta do século XVI<sup>4</sup>.

Busquei compreender como se constituiu historicamente o envolvimento dos(as) negros(as) com a Serra Catarinense, como vivem os descendentes dos mais de mil negros(as) libertos em 1888 nesta região, mais precisamente àqueles que têm relação de moradia no bairro da Brusque em Lages<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> O *Continente das Lagens* - Edição Fundação Catarinense de Cultura - 4 volumes - Florianópolis - 1982.

<sup>3</sup> Antonio Correia Pinto era paulista e em 1766 foi designado pela Capitania de São Paulo para tirar os índios do caminho e tratar da fundação de uma povoação para ser parada e descanso de tropeiros e bandeirantes, nascia Lages.

<sup>4</sup> “A parte do território do atual Estado de Santa Catarina que forma a antiga região Serrana era, nos tempos anteriores à descoberta do Brasil, ocupadas por tribos, sobre as quais, ainda hoje, etnólogos, antropólogos e historiadores discutem origens, características raciais e delimitação de habitat, conquanto ultimamente verifica-se, entre eles acentuada tendência à aceitação de que em todo o planalto Catarinense, habitavam as tribos Xocleng e Kaingang, pertencentes ambas ao denominado grupo ‘jê’ ou Tapuia, pelo lado linguístico” (COSTA, 1982, vol.1, p.3).

<sup>5</sup> Bairro da Brusque — o capítulo II irá tratar das especificidades deste bairro na história local.

Esta pesquisa de mestrado, inspirou-se também em minha participação como integrante do Ponto de Cultura Obatalá<sup>6</sup>, o Centro de Cultura Afro-brasileira de Lages, localizado na periferia da cidade, este espaço de estudo, atrai visitas de professores(as) interessados na pesquisa sobre cultura afro-brasileira. O objetivo deste Ponto de Cultura é fornecer à comunidade serrana catarinense, através da metodologia de educação não formal, conhecimentos sobre a história cultural africana e afro-brasileira, a fim de elevar a autoestima das crianças e adolescentes negros(as) quanto à sua identidade racial. Sob a coordenação da Psicopedagoga Sonia Pereira, o Obatalá, movimento negro, existe desde 1988 a partir da encenação de uma peça comemorativa pelo Centenário da Abolição, com o intuito de contribuir na conscientização desta população como elemento fundamental para a conquista da cidadania. Particpei da equipe de 2011 a 2013, unida a pessoas voluntárias para dar visibilidade a esta etnia. Fortalecemos a amizade criando atividades que mostrassem a cultura afro-brasileira sob outras perspectivas. Com o recurso da dança afro-brasileira e de palestras fornecemos à comunidade serrana catarinense, o acesso ao conhecimento sobre a história cultural africana e a história e cultura afro brasileira.

Decisivo na minha pertença étnica e escolha de abordagem para pesquisa e estudos, deve-se ao fato de ter ministrado com a professora e amiga Larissa Bellé, vários cursos sobre Arte Africana e Afro-Brasileira. Estudávamos muito para discutir o conteúdo com os professores/as da rede pública e do curso de especialização da UNIPLAC Educação Étnico Racial e Multiculturalismo.

Atualmente assumo a condição de coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros Negro e Educação/UNIPLAC - NEAB/NEU<sup>7</sup>. O NEAB é um projeto político emancipatório existente em mais de oitenta universidades brasileiras. No Planalto Serrano Catarinense está

---

<sup>6</sup> O Ponto de Cultura Obatalá esta situado na Rua Nelson Castro Brascher, 264 – Bairro Várzea. Trata-se de uma ONG que integra o Movimento Negro de Lages. Entre outras atividades realizamos: Domingo com as famílias negras (2012); Mergulho Afro (2013); pesquisa sobre os lanceiros negros na guerra do Paraguai (2012) e a pesquisa: Lei 10.639/03 e sua aplicação nas escolas de Lages.

<sup>7</sup> NEAB/ UNIPLAC - O Núcleo busca ampliar o alcance das discussões e repertório bibliográfico com a página no *Facebook* Negro e Educação, estamos assim conectados com milhares de interessados nos assuntos pertinentes a cultura negra mundial. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Negro-e-Educa%C3%A7%C3%A3o-636231363175155/?fref=ts>>. Acesso em: 3 fev. 2015.

atuante há mais de uma década na referida universidade. Esse espaço de estudo e pesquisa foi viabilizado pelas professoras militantes e negras Cida Gomes (*in memorian*) e Renilda Costa (hoje docente da Universidade Federal do Amazonas). Nesse Núcleo de pesquisa, já habilitada como professora, junto aos demais integrantes do grupo estudamos com maior profundidade à história da África. O NEAB/UNIPLAC, vem desenvolvendo pesquisas sobre a educação e a memória do povo afro descendente e Indígena da região serrana de Santa Catarina, com vistas à construção de um centro de referência com títulos sobre as relações raciais na atualidade, a diáspora africana e o colonialismo entre outros temas na Universidade do Planalto Catarinense - UNIPLAC.

Aprofundar e divulgar o conhecimento sobre os povos, as culturas e civilizações do continente africano, antes, durante e depois da grande tragédia dos tráficos negreiros transaariano, do mar Vermelho, do oceano Índico (árabe-muçulmano) e do oceano Atlântico (europeu), e sobre subsequente colonização direta desse continente pelo Ocidente a partir do século XIX, são tarefas de grande envergadura (WEDDERBURN, 2005, p. 134).

São realizados estudos no NEAB a respeito de dados históricos que envolvem as pessoas negras e são pouco divulgados, Consideramos importantes os conhecimentos científicos e características próprias de algumas regiões africanas omitidas nos livros didáticos. Buscamos compreender o pensamento dos autores afro referenciáveis sobre descolonização e reconhecer o prejuízo para a população brasileira das ideologias da identidade nacional sexista, racista e de modelo europeu que forjaram este país.

A partir dessas esferas minha imersão em temas sobre a cultura dos(as) negros(as), unido ao meu interesse pela Arte e pela história formam uma aliança tríplice de busca pelo conhecimento. Ambas às especificidades me ajudam a ter uma visão multifacetada e a pensar as mudanças do ensino quanto às relações étnicas nos níveis de ensino em que atuo. Partindo dessa premissa Arte e Negritude, organizamos em 2007, o dia na praça com atividades voltadas sobre a cultura afro-brasileira, o evento Kizomba<sup>8</sup>. Nesse dia o envolvimento da comunidade pertencente ao Bairro Brusque em Lages foi bem expressivo, alertando-

---

<sup>8</sup> Kizomba, é festa, é um gênero musical, é um estilo de dança originário da Angola, país africano.

me sobre o interesse e a curiosidade daquelas pessoas pela origem e a diversidade que integram.

Geralmente pesquisamos o que nos afeta, sou uma professora interessada pelo ensino das relações raciais devido aos diversos depoimentos sobre discriminação e racismo que cresci ouvindo de amigos e familiares. Por estar atuando do Ensino Básico ao Ensino Superior junto aos estudantes no conhecimento sobre a História da Arte, desenvolvo uma constante busca de crescimento pessoal e respeito ao próximo. Na esfera profissional busco suporte teórico com o Ensino da Arte e suas técnicas, associado ao estudo das Relações étnico-raciais para diferentes faixas etárias e níveis de ensino. Já dizia Paulo Freire, “como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero permanentemente a minha” (FREIRE, 1996, p. 59).

Na prática pedagógica, aprendo com a Arte, neste caso a Arte Afro brasileira, que identifica as relações sociais e étnicas nas estátuas e pinturas apresentadas com esta vertente artística, olhando as imagens produzidas por artistas brancos(as) e negros(as), percebo o quanto elas trazem de um modo especial à cultura africana mesclada no jeito de ser do povo brasileiro. Procuro ampliar meus conhecimentos buscando práticas de teorização do local para o global, insistindo na divulgação deste movimento artístico na formação de professores(as) e líderes comunitários, oferecendo cursos e palestras por considerar reduzido o espaço curricular destinado a esse conhecimento, não diferente de outros saberes relativos aos negros(as) na sociedade atual.

Estou engajada neste desafio da pesquisa para refletir sobre o preconceito e o racismo direcionado aos negros(as) da Serra Catarinense. Para tanto intencionamos realizar este estudo sobre as memórias do(a) negro(a) local. Esperamos discutir sobre diferentes conceitos, tais como: raça, etnia, negro, preto, pardo, consciência negra e africanidades dos(as) negros(as) serranos(as) catarinenses na academia, um lugar hegemonicamente branco. Face a isto, em uma década de PPGE, esta é a primeira dissertação que aborda a temática do negro e a educação

Com campanhas a favor da diversidade foram se estabeleceram-se novas abordagens sobre as raízes africanas no meio acadêmico, em busca de conhecimentos sobre os(as) negros(as) brasileiros(as), suas relações pessoais, familiares, de estudo, de lazer e de trabalho. Fundamentando pesquisas oriundas do estudo referente às matrizes étnicas que formaram o povo brasileiro, especificamente sobre a diáspora negra e as desigualdades sociais resultantes do discurso

escravista. Como isso aparece na riqueza estética e cultural do país o que nos deixou instigadas a querer mergulhar no outro lado da história. Levando em conta a resiliência<sup>9</sup> para compreender a visão dos(as) negros(as) lageanos (as) a respeito da sua escolarização e do trabalho na construção da própria identidade.

---

<sup>9</sup> Resiliência é a capacidade de superação individual e social. É quando os sujeitos encontram forças no campo psicológico para enfrentar os problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas.

## INTRODUÇÃO

Em linhas gerais este trabalho tem como meta pesquisar a genealogia da (in)visibilidade negra lageana. Esta dissertação faz parte do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado em Educação e é integrante da Linha de Pesquisa I: Políticas e Processos Formativos em Educação. Portanto esta pesquisa pretende se constituir em uma oportunidade de refletir a respeito da educação e do trabalho acerca das memórias vividas de algumas pessoas negras de Lages, cidade localizada na região central do mapa catarinense. O que eles(as) dizem sobre a diáspora negra, o racismo, a ancestralidade.

É habitual a concepção do senso comum, dizer que no Brasil não existe racismo, isso em Lages não é diferente, porque as pessoas acreditam que se os negros(as) não ocupam posição de destaque a culpa seria deles próprios. O racismo é uma forma de poder, no Brasil ele acontece velado, aparece no olhar discriminatório, na atitude preconceituosa, e isso no subconsciente de quem é atingido(a) pode criar marcas de inferioridade. O discurso da inexistência de racismo justifica a invisibilidade da participação dos negros na história catarinense. A presença do racismo fica clara quando apresentamos os depoimentos de nove entrevistados(as) moradores e ex-moradores do bairro da Brusque e buscamos compreendê-los sob a ótica do poder e do assujeitamento e da disciplinarização de Michel Foucault.

Procuramos saber o que sabem essas pessoas sobre como se constituiu historicamente este grupo étnico na cidade de Lages, de que forma as pessoas negras acompanharam o desenvolvimento social e econômico da cidade. Surge então à problemática: Compreender a existência ou não do assujeitamento e da disciplinarização nas relações raciais em Lages pelos discursos de moradores negros do bairro Brusque<sup>10</sup>

Esta pesquisa possui como objetivo geral, analisar os discursos dos(as) negros(as) lageanos(as) nascidos depois de 1920, sobre suas experiências familiares, escolares, de lazer, trabalho, identidade étnica e a presença do assujeitamento, a disciplinarização. Saber mais sobre a diáspora negro-africana na Serra Catarinense e em Lages, fenômeno resultante inclusive de um bairro, a Brusque. Para tanto, busca-se com esta dissertação de mestrado, compreender o pensamento de diferentes autores(as) a respeito das relações raciais, identidade negra, trabalho e

---

<sup>10</sup> Brusque é um bairro de Lages que historicamente agregou a maioria das famílias negras em Lages.

educação. Nesse sentido, buscamos identificar aspectos da disciplinarização da diáspora negro-africana na Serra Catarinense.

O recorte cronológico desta pesquisa, ou seja, o período das narrativas é o que contempla desde a metade do século XX. Porque ainda é possível encontrar pessoas que viveram neste contexto.

Optamos pelo uso da história oral, oportunizando o encontro de um trabalho acadêmico com a memória de negros(as) lageanos(as) idosos(as) com a da revisão de literatura no que diz respeito à identidade negra. Justificamos esta escolha metodológica por entender que “as histórias pessoais ganham alcance social na medida da inscrição de cada pessoa nos grupos mais amplos que as explicam” (MEIHY, 2002, p. 36).

A identidade negra na Serra Catarinense é um assunto útil à história local na intenção de entender as origens culturais desta região catarinense e dar visibilidade à cultura do povo negro serrano neste estado brasileiro. A identidade negra é entendida, aqui, como: “[...] uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro” (GOMES, 2005, p. 43).

Lembramos que o relato oral é tradição africana, herança dos Griôs<sup>11</sup> e as histórias e experiências vividas dos mais velhos trazem em si mesmas uma fonte única e inesgotável de saber. O registro da memória é um tema, dos quais pesquisadores (as) vêm se ocupando há décadas, com metodologias diferenciadas, entre elas a História Oral. Para melhor entendimento e fundamentação teórica outro conceito quanto a importância da história oral por Meihy.

A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral. Nessa medida, ela não só oferece uma mudança do conceito da história, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoente e leitores, que passam a entender a sequência histórica e se sentem parte do contexto em que vivem (MEIHY, 1996, p. 15).

Ainda com as palavras do mesmo autor concordamos:

---

<sup>11</sup> Griôs - são os contadores de história que circulam desde os primórdios pelo continente africano, ensinando através de provérbios e fábulas os valores humanos.

[...] aliada a democracia, a história oral se fez um braço na luta pelo reconhecimento de grupos antes afogados pelos direitos dos vencedores, dos poderosos, daqueles que podiam ter suas histórias reconhecidas graças aos documentos emanados de seus poderes. (MEIHY, 1996, p. 31).

Ou seja, democracia e história oral são exemplos de resistência ao poder.

Ao trazer e registrar, o olhar das pessoas negras com mais de sessenta anos, que foram os(as) personagens de um período de educação tradicional, uma época de explícita valorização do homem de posses, branco e católico, podemos conhecer outra versão dos fatos ligados às relações sociais e econômicas na Serra Catarinense. Pela história oral estaremos problematizando as interpretações das pessoas negras quanto ao contexto vivido e ao tratamento social que receberam.

Podemos obter com a história oral confidências inestimáveis sobre resistência e preconceito étnico, fazendo uso deste método que aqui se caracteriza pela distância de duas gerações, oferecendo para a pessoa idosa a condição da transmissão de uma experiência de vida ou uma tradição peculiar a sua identidade racial. “Não há como negar o caráter positivo, politicamente correto, da história oral que promove a subjetividade humana, a inclusão social e a reavaliação de pressupostos muitas vezes legitimados por repetições historiográficas” (MEIHY, 1996, p. 35).

Para uma democracia curricular (currículos escolares que abrangem conhecimentos referentes às diferentes etnias) é importante refletir quanto à formação da identidade étnica no convívio social, qual o papel da educação e do trabalho na construção e fortalecimento da identidade negra, para melhor compreender a diáspora negro-africana na Serra Catarinense. Fazendo uso da história oral resgataremos os discursos dos(as) negros(as) relacionadas às relações raciais, seu processo de escolarização e sua experiência profissional.

Parafaseando Joseph Ki-Zerbo (1999, p. 10) “[...] compreender melhor o que se passa conhecendo o que se passou.” Trazer relatos de uma dezena de pessoas que se auto reconhecem como negra é uma forma de conhecer a outra face da história de origem do povo brasileiro. Também é importante desvelar narrativas que esclarecem o que levaram às pessoas negras a optar por determinada religião, emprego e formas de diversão. Salientamos a necessidade de refletir e resgatar esta temática em todos os níveis de ensino. Dar espaço para outras narrativas a

respeito do racismo e do preconceito é importante, segundo o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares que procura,

[...] oferecer uma resposta, entre outras, na área da educação, à demanda da população afrodescendente, no sentido de políticas de ações afirmativas, isto é, sistemas de reparações, de reconhecimento e de valorização de sua história, cultura e identidade (BRASIL, 2013, p. 11).

Não queremos ter uma visão singular, simplificada, a respeito da história e cultura negra e ameríndia. Ainda segundo o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares. “Nessa perspectiva, propõe a divulgação e produção de conhecimentos, a formação de atitudes e valores que eduquem cidadãos orgulhosos de seu pertencimento étnico-racial”. (BRASIL, 2013, p. 11). Desse modo colabora-se com o reconhecimento e participação destes como sujeitos de sua própria história e desenvolvimento do país.

Relacionar a consciência política e a história da diversidade, fortalecer a identidade dos(as) negros(as) brasileiros(as), combater o racismo, são metas do Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, com a intenção de adequar a educação com a democracia para todos(as).

Fazendo uso da história oral, as entrevistas foram realizadas nas residências de cada participante e gravadas em áudio. Posteriormente, transcrevemos e interpretamos o diálogo desta pesquisadora e os(as) entrevistados após a aceitação por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)<sup>12</sup>, estando de acordo com a resolução 466 de 2012 do comitê de Ética.

Em relação a tal aspecto, verificamos que um dos conceitos sobre a prática da história oral revela que “a formulação de documentos mediante registros eletrônicos é um dos objetivos da história oral que, contudo, podem também ser analisados a fim de favorecer estudos de identidade e memória cultural” (MEIHY, 1996, p.13). Dessa maneira, nos interessou divulgar as informações recolhidas e de relevância para a memória histórica do negro no Planalto Serrano de Santa Catarina.

---

<sup>12</sup> O termo de consentimento e a entrevista semiestruturada encontram-se nos apêndices.

Não se pode esquecer que, mesmo no caso daqueles que dominam perfeitamente a escrita e nos deixam memórias ou cartas, o oral nos revela o “indescritível”, toda uma série de realidades que raramente aparecem nos documentos escritos, seja porque são consideradas “muito insignificantes” – é o mundo da cotidianidade – ou inconfessáveis, ou porque são impossíveis de transmitir pela escrita. É através do oral que se pode aprender com mais clareza as verdadeiras razões de uma decisão; que se descobre o valor das malhas tão eficientes quanto as estruturas oficialmente reconhecidas e visíveis; que se penetra no mundo do imaginário e do simbólico, que é tanto motor criador da história quanto o universo racional (JOULARD, 2000, p. 34).

Torna-se oportuno mencionar a citação de Philippe Joulard (2000) para atentarmos a respeito da importância da história oral e ouvir o universo pessoal de negros(as) em Lages. Entre nossos (as) entrevistados (as) teremos representantes letrados (as) e outros (as) analfabetos (as) da escrita, porém, todos (as) se tornam sábios (as) quanto à oralidade ligada às lembranças de vida e os espaços ocupados pela sociedade enegrecida desta cidade.

Com a metodologia da história oral foi possível registrar a percepção de algumas pessoas negras que participaram da criação do bairro da Brusque, do desenvolvimento de Lages. É imperativo abordar detalhes da vivência individual enquanto pessoa negra, fatos da cultura própria desta etnia. Caso contrário, o coletivo é que fica marginalizado, escondido.

A história oral nos ensina que devemos como pesquisadoras prestar atenção no que o sentido da audição pode prover para o conhecimento científico e melhoria das relações humanas. Somada à pesquisa documental e bibliográfica, a história oral nos permitiu uma articulação maior sobre o diálogo da experiência de descendentes de escravizados quanto ao trabalho e educação. O esforço de buscar na memória os discursos que recuperaram situações vividas na infância, na escola e com serviços, empregos assumidos pelo grupo de entrevistados(as) resultaram em dados para análises da diáspora negro-africana na Serra Catarinense, perspectiva desta dissertação.

O tema desta dissertação aponta as narrativas relacionadas à população negra e as leis que orientam os sistemas de ensino brasileiro.

Pela educação podemos discutir e repensar a presença do racismo nos dias atuais, seu significado e consequências, acreditamos que o aumento da conscientização ajuda a combater o racismo.

O melhor entendimento do racismo no cotidiano possibilitará a inserção social igualitária e destravar o potencial intelectual, embotado pelo racismo, de todos(as) os(as) brasileiros(as), independentemente de cor/raça, gênero, renda, entre outras distinções. Tal fato contribuirá para o desenvolvimento de um pensamento comprometido com o anti-racismo, combatente da ideia de inferioridade/superioridade de indivíduos ou grupos raciais e étnicos, que caminha para a compreensão integral do sujeito e no qual a diversidade humana seja formal e substantivamente respeitada e valorizada (CAVALLEIRO, 2005, p. 11).

Ao debater sobre o racismo e as relações humanas da Serra Catarinense, propomos esta pesquisa de forma qualitativa. Queremos auxiliar no conhecimento sobre o negro e a educação, legitimar o que viermos a descobrir sobre a cultura do negro na história local, a inserção e permanência destes nas escolas, que escolas eram essas, refletir criticamente sobre o que mudou em relação ao ensino e as questões étnicas nos últimos anos. Conforme o conceito descrito por Godoy (1995, p. 2):

[...] com a metodologia da pesquisa qualitativa, um fenômeno pode ser compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. ‘Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes’. Não esquecendo que vários tipos de dados aparecem nas falas e são importantes de serem analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno.

Podemos estudar e exemplificar a diáspora negra africana no sul do Brasil, contando algumas narrativas da vida dos(as) descendentes negros(as) que habitam ou habitaram no bairro da Brusque. É provável

que estes sujeitos mantenham no seu cotidiano a ancestralidade africana existente na população negra brasileira. Narrativas da sua identidade, família, trabalho e educação, servem como possibilidade de ampliar os referenciais teóricos sobre os(as) negros(as) deste lugar.

Justifica-se trazer a reflexão sobre a identidade negra pela importância do debate sobre o racismo velado<sup>13</sup> e criação das ações afirmativas no Brasil. Queremos também com este estudo oferecer outras narrativas da participação de pessoas negras nos alicerces históricos e culturais, na construção social e nas relações raciais. Propiciar outros olhares e a valorização e visibilidade da história e cultura africana envolvida na diáspora negro brasileira em Lages, cidade importante politicamente na Serra Catarinense.

Esclarecemos que o referencial teórico da pesquisa e a análise dos dados coletados então embasados à luz do pensamento de Michel Foucault com seus conceitos de poder, assujeitamento e disciplinarização. Entre outros intelectuais destacados na defesa dos direitos humanos e contra o racismo, estudiosos que versam as relações étnicas e raciais enquanto temática. Relações étnicas nos sentido de identidade cultural e relações raciais de acordo com os conceitos biológicos, trazidos por cientistas para justificar a superioridade racial.

Para ampliar nossos conhecimentos a respeito da historiografia e ao(as) negros(as) locais, fizemos uso da tese de doutorado (UNISINOS) de Renilda Vicenzi, intitulada: *Nos Campos de Cima da Serra: ser preto, pardo e branco na vila de Lages, 1776 a 1850*. (2015). Também privilegiamos os estudos de “O Negro no Planalto Lageano”(1988), de Sebastião Ataíde, *Visibilidade e Resistência Negra em Lages* (2000) de Frank Marcon e da pesquisa “Negros em Lages” (2008), da autoria de Andreia Cândido de Carvalho, a dissertação de Mestrado de Eráclito Pereira (2013) este trabalho traz um levantamento histórico sobre as agremiações recreativas de negros, especificamente o estudo sobre o “Centro Cívico Cruz e Souza: Memória, Resistência e Sociabilidade Negra em Lages – Santa Catarina (1918 – 2012)”. Trazem também informações da dissertação “Corpos Nefastos – Cidadania incerta em Lages, Centro Cívico Cruz e Souza e a invenção da Nação” de Mirian Adriana Branco(2002). Esses (as) autores (as) tiveram a intenção de

---

<sup>13</sup> Racismo velado no Brasil é debate que deve ser continuado por que os noticiários e imprensa geral seguem divulgando fatos desta violência nos dias atuais, os casos mais recentes foram das negras famosas Maria Julia Coutinho – Maju (Jornalista) e Thais Araujo (Atriz). Desaforos nas redes sociais que trouxeram à tona o racismo individual contra negros(as) em nosso país.

abordar questões relativas a uma sociedade plural pelo olhar do negro, explicando a relação entre civismo colonizador e o surgimento na década de 20 de um clube para negros e mestiços da região serrana. Justificamos com tais pesquisas, o porquê a temática da pluralidade cultural se fazer presente na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional a Lei 9394/96 para o ensino público.

Nesta dissertação, o primeiro capítulo aborda os conceitos que são importantes para entender o estudo das relações raciais e o racismo, o que é a teoria do branqueamento, qual o significado do dispositivo do poder e da disciplinarização para o corpo negro e a construção da identidade. Pesquisamos o significado do racismo e suas consequências no campo do trabalho e educação. Abordamos sobre a importância destes marcadores sociais na (in)visibilidade, o assujeitamento e/ou empoderamento do(a) negro(a), como resistência no convívio social e profissional, fizemos análises de exemplos sobre estas questões amparadas nos discursos de Foucault.

Um breve apontamento sobre a escravidão na história da África, a diáspora negro-africana no Brasil e seu alcance no Estado Catarinense, foi discutido no segundo capítulo. Este tem o intuito da importância de se levar em conta a questão racial na busca da democracia, ao descrever o que significa a ancestralidade africana e sua participação na região serrana catarinense e quanto às relações raciais e o lugar geográfico. Empreendemos nossos estudos em identificar e analisar a presença e as práticas cotidianas sociais e culturais dos(as) negro(as) na cidade de Lages, bem como suas formas de resistência e valorização étnica.

O terceiro capítulo relaciona os discursos dos (as) entrevistados (as) negros(as) e as formas de integração social e trabalho. A influência da família e da educação para mobilidade social e construção da identidade étnica. De que forma estas pessoas hoje usufruem da sua cidadania, da renda resultante do tempo dedicado ao labor. Que impacto a disciplinarização presente na cultura coronelista, machista e fortemente ligada a tradição colonial, trouxe para a educação, profissão e qualidade de vida dos(as) negros(as). Como se apresentam estes fatores e qual expectativa de redução da desigualdade social e racial para os (as) representantes descendentes de africanos que vivem no Planalto Serrano, foi apresentado neste capítulo.

Sabemos que o Brasil geograficamente é imenso, pensar o estado de Santa Catarina e suas distinções de predominância étnica, inclusive do jeito de falar, de ser e viver dos(as) negros(as) traz características próprias entre o Litoral e o Planalto Serrano.

Uma narrativa diferenciada do que se conhece na literatura local, diferenciada porque outros escritos da história de Lages e região provinham das lembranças dos descendentes do colonizador e nesta pesquisa privilegiaremos os depoimentos dos descendentes dos escravizados.

Nas considerações finais propomos uma atenção dos estudiosos no campo das relações raciais e os negros(as), socializamos os depoimentos dos(as) lageanos(as)<sup>14</sup> que representam histórias de resistência “da gente de pele escura”. Histórias de homens e mulheres amadurecidos com os parâmetros de desigualdade social, discriminação racial e a cultura patriarcal serrana, determinantes nesta reflexão. Provavelmente esta dissertação contribuirá para pensar o que significou e significa o estigma de ser negro(a), em Lages, Santa Catarina e no Brasil.

---

<sup>14</sup> As falas dos(as) entrevistados(as) estarão no formato Itálico para enfatizar os depoimentos.

## 1 REFLEXÕES SOBRE ASSUJEITAMENTO E O SEGMENTO NEGRO BRASILEIRO

O tema escolhido desta dissertação, abrange tópicos relacionados a uma reflexão sobre (in)visibilidade da cultura afro-brasileira na cidade de Lages. A partir deste espaço geográfico, analisamos conceitos e teorias que construíram discursos de assujeitamento do corpo negro na história das matrizes étnicas nacionais. Usamos na escrita desta dissertação a categoria negro(a), entendendo que esta denominação envolve todos brasileiros impossibilitados de saber de qual etnia africana seriam descendentes, afinal os reinos, nações e regiões da África no século XVIII eram múltiplos, mas, muitos brasileiros por crenças, gostos e comportamentos identificam-se com o continente Africano enquanto origem mátria.

### 1.1 RELAÇÕES RACIAIS E A IDENTIDADE NEGRA

Nesse subcapítulo buscaremos compreender sobre o pensamento foucaultiano para fazer reflexões a partir dos conceitos: preconceito, discriminação e racismo relacionados à educação, ao trabalho, para relacionar e compreender a história dos descendentes de escravizados do Brasil colônia. Queremos debater sobre as impressões filosóficas de Foucault a respeito destes termos e segundo depoimentos de pessoas autodeclaradas negras, entender quanto às percepções, às compreensões destes conceitos na formação do pertencimento étnico e as relações sociais e raciais. Falamos em pertencimento étnico, no intuito de perceber o que faz alguns (as) brasileiros (as) independente da cor se identificarem com a descendência européia ou a africana.

O estudo neste início de capítulo, servirá para melhor compreensão das teorias, termos, categorias envolvendo as relações raciais e a disciplinarização do corpo negro. É a partir da compreensão da sua identidade étnica que o (a) sujeito reconhece a identidade negra. Para Gomes, (2005, p. 43)

Assim como em outros processos identitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os

primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece.

Para entendermos mais sobre identidade negra Lopes (2006, p. 79), nos afirma: “identidade é a convicção que um indivíduo tem de pertencer a determinado grupo social, convicção essa adquirida a partir das afinidades culturais, históricas, linguísticas etc.”.

Entendemos que a identidade negra é mais natureza, é telúrica, traz o pensamento dos artesãos africanos tradicionais, o tecelão, o sapateiro e o ferreiro, que antes de empregar a técnica do ofício, realiza a busca via conhecimento esotérico para fazer uso dos materiais naturais. São vários os (as) descendentes das mulheres oleiras e dos homens sábios da África, estes possuem uma forte aproximação com a natureza e o misticismo. Faz parte do afro-brasileiro(a):

Perceber as especificidades da origem africana, a formação identidade negra resultante do dispositivo<sup>15</sup> do poder, buscando unir relatos de negros(as) com mais de 60 anos, unidos ao pensamento de autores que explicam sobre o racismo e a ancestralidade africana em solo brasileiro, nos permitirá debater quanto à resiliência dos negros em Lages.

Ao discutirmos o significado da expressão “poder” a partir da ótica de Michel Foucault estaremos fazendo a relação deste dispositivo, o poder com a disciplinarização e a governabilidade no assujeitamento do corpo negro e sua ancestralidade.

Nas palavras de Oliveira (2007, p. 23), o significado da ancestralidade para a pessoa negra:

[...] a ancestralidade espalha-se, como categoria analítica, para interpretar as várias esferas da vida do negro brasileiro - mormente na religião. Legitimada pela ‘força’ da tradição, a ancestralidade é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros do Brasil, esparramando sua dinâmica para qualquer grupo social que queira assumir a identidade de ‘africano’. Passa, assim, a ser a portadora autêntica de uma “lógica” africana que organiza a

---

<sup>15</sup> Dispositivos são técnicas, estratégias e as formas de assujeitamento utilizadas pelo poder que abrangem discursos e práticas.

vida de seus adeptos - brancos ou negros - e engendra estruturas sociais capazes de manter e atualizar os 'valores africanos' forjados na África pré-colonial.

A expressão negro do Brasil serve para englobar aqueles(as) que se identificam na própria fala e jeito de ser com a ancestralidade africana<sup>16</sup>. A ancestralidade para pessoas descendentes de milhares de escravizados vindos de diferentes grupos tribais do continente africano nos séculos XV ao XVIII, está ligada ao culto dos antepassados, ao respeito pelos idosos, por aqueles(as) familiares que já se foram. Sob o ponto de vista de Queiroz, as famílias negras não abandonam seus idosos, pelo contrário cuidam destes cientes da importância da gratidão nas relações humanas. O mesmo estudioso nos ensina que a expressão negro, tem o seguinte significado, devido ao resquício da colonização.

[...] negro é uma invenção, um rótulo, uma etiqueta, inventada por colonizadores para categorizar os povos africanos de tez escura. Os africanos mesmos não sabiam o que era isto. Era a desqualificação desumanizadora e alienadora. Tirava do homem e da mulher, a condição humana. Colonizava a pátria deles. Escravizava a população. Tipificava a cultura, os códigos simbólicos e as crenças (QUEIROZ, 2013, p. 35).

Era uma forma de agrupar todas as etnias africanas, de alienar os sujeitos a uma só origem. Pouco se fala das origens africanas na escola e da amorosidade entre as relações familiares dos(as) negros(as). Todavia este segmento populacional é submetido a vários estereótipos negativos, eles(as) formam a metade da população brasileira, mas, é um grupo considerado minoria, devido aos contrastes sociais que são submetidos os pobres e os negros consequência da desigualdade. Podemos pensar que este fenômeno, o preconceito racial, reflete a perpetuação recorrente do estigma negativo discursado contra os sujeitos negros(as) que foram obrigados (as) a serem escravos no Brasil do século XVIII.

---

<sup>16</sup> Ancestralidade africana - percebe-se aqui como o passado, através do culto está diretamente ligado ao presente, constituindo-se os ancestrais agentes diretos e privilegiados dos negócios que ocorrem séculos depois deles ( KI-ZERBO, 1999, p. 62).

Foucault (2008), nos permite entender que o discurso não vem pronto, é produzido em constante processo de desconstrução e reconstrução. De acordo com os interesses da conversão e assujeitamento do homem pelo que representa o Estado.

Negros(as) são pessoas que independente da distinção biológica, da tonalidade da pele, preta, parda, branca ou amarela, ou qualquer outra cor inventada pelo colonizador português para registro classificatório das informações do Instituto Brasileiro de Estatística (IBGE) vão além da categoria seletiva. Ser negro(a) é mais que cor da pele, é reconhecer-se e identificar-se com as manifestações culturais e valores africanos. É buscar a ancestralidade africana no cotidiano, no jeito de ser, característica própria que caminha lado a lado com a resiliência e a disciplinarização.

A modalidade da disciplinarização é um dispositivo, uma estratégia de aplicação de poder do final do século XVIII, porém desde os tempos mais remotos nos conventos, oficinas de artesãos e exércitos da idade média as pessoas eram dominadas e controladas também, para Foucault o significado deste conceito segundo Revel (2005, p. 35) era assim:

O regime disciplinar caracteriza-se por um certo numero de técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atitudes os gestos, os corpos: “Técnicas de individualização do poder. Como vigiar alguém, como controlar sua conduta, seu comportamento, suas atitudes, como intensificar sua performance, multiplicar suas capacidades, como colocá-lo no lugar onde será mais útil.

Foucault mostra como nossos corpos foram tornados úteis e dóceis pela “disciplina”, ou seja, por um conjunto de métodos, e técnicas que são praticados na rede microfísica da sociedade (DIEZ, 2008, p.134). Descendentes de africanos escravizados vivenciaram e tiveram gerações pós-abolição da escravatura sendo disciplinados pelos descendentes do europeu colonizador, seja para cumprir os ofícios de trabalho e regras sociais. O hábito de alguns negros baixarem a cabeça, abrir caminho nas calçadas para o branco passar, vão além da gentileza, são costumes herdados da disciplinarização.

Atualmente não é diferente, permanecem ainda discursos que negam a importância da busca por raízes e identidades que faz as pessoas brancas e negras mais curiosas sobre a África. Como se desenvolveu este domínio que segrega as culturas, as religiões, as culturas, as pessoas?

Destacamos neste trabalho a existência temporal de três Áfricas, a primeira é a África mística antes do período colonial, dos grandes Reinos a exemplo de Ifé, Congo e Mali, a segunda África, é aquela que teve seus filhos arrancados pelos invasores, colonizadores europeus nos séculos XVIII/XIX. Ingleses, portugueses entre outros, devastaram a população e a cultura africana importando o produto humano como base principal do tráfico negreiro pelo oceano Atlântico. Este fenômeno resultou na dominação europeia, dividindo territórios e criando a terceira África, a África contemporânea, transformada pelo capitalismo.

O imenso continente ficou dividido pelas linhas dos mapas traçados nos gabinetes europeus. Como resultado deste processo, reinos, clãs e famílias foram desmembrados, e todo um leque de sistemas educativos, idiomas estrangeiros, novas religiões e diversas versões de todas estas inovações se transformaram na origem das modernas nações africanas, com traços distintivos que são consequência direta do regime imposto dentro de suas fronteiras, e não o resultado de fatores étnicos e culturais preexistentes (MURRAY, 2007, s./p.).

Em diferentes momentos históricos o continente africano resiste em suas especificidades, são países distintos caminhando para o futuro entre várias influências: econômicas, religiosas, políticas, ambientais e sociais. Interessante notar que também aparecem nos livros didáticos referência a duas Áfricas, sendo:

A do norte e a negra. A primeira, ao norte do Saara, faz parte das civilizações mediterrâneas da antiguidade clássica, e tem o beneplácito da historiografia, também chamada clássica. A segunda, ao sul, é a parte sob a qual recaem as referências depreciativas (PEREIRA, 2006, p. 20).

No entanto essa divisão que já foi denominada de África branca e África negra acabou por generalizar entre uma África pobre e outra rica, provocando certo descaso com a historiografia sobre o continente. Imperativo ressaltar que existem critérios da ancestralidade africana que são específicos e perpassam as gerações, visíveis nas escolhas do jeito de viver, rezar, comer, amar, falar ou movimentar o corpo de negros(as), brancos (as).

Porém, essas características da tradição africana no Brasil incomodavam e causavam estranhamento aos olhos patriarcais e coloniais das lideranças brancas e repletas de caprichos que seriam os reis, os bandeirantes, representantes da igreja, fazendeiros e vários membros da sociedade da época. Lembrando que a expectativa de obediência do corpo negro perante a sociedade ainda é vista como regra “natural” para muitos(as) dos(as) nossos(as) contemporâneos.

A obra de Michel Foucault<sup>17</sup>, filósofo interessado na história daqueles (as) que foram condicionados (as) aos caprichos da política do poder de outrem, ajuda-nos a entender a capacidade de alcance dos discursos na dominação de uma sociedade. Foucault em seus estudos demonstrou que o nascimento do discurso, da confissão, entre outros dispositivos de poder, eram construídos para controlar, disciplinar, punir e vigiar, sendo praticados com a consentimento público.

Sendo assim analisamos a disciplinarização dos sujeitos definida quanto a cor da pele e procedência étnica.

A grande importância estratégica que as relações de poder disciplinares desempenham nas sociedades modernas desde o século XIX vem justamente do fato de elas não serem negativas, mas positivas, quando tiramos desses termos qualquer juízo de valor moral e pensamos unicamente na tecnologia política empregada. E então surge uma das teses fundamentais da genealogia: o poder é produtor de individualidade. O indivíduo é uma produção do poder e do saber. (FOUCAULT, 2012, p. 24).

---

<sup>17</sup> Livros de Foucault que nos ajudaram a entender quanto à supremacia de um sujeito/grupo perante o outro: “As palavras e as coisas” (1966); “Microfísica do Poder (2012)”; Os cuidados de si (1969); “A verdade e as formas”(1975); “Vigiar e Punir” (1975); “A história da sexualidade: a vontade de saber” (1976) e a “Hermenêutica do Sujeito” (1982).

O poder disciplinar exercido pelo colonizador branco no dia a dia de milhares de escravizados no recente passado da história do Brasil destituiu o uso da escravidão para afirmar-se no capitalismo. O poder servia para ambos os lados, dominadores e dominados, não faltaram abolicionistas encarregados de mudar o discurso que subjugava a liberdade dos negros e implantar as leis que culminariam na Abolição da escravatura no ano de 1888.

Vejamos o efeito dos levantes, rebeliões e insurreições praticados pelos escravizados (as) contra o poder dos seus ditos proprietários e do estado, culminando na conquista da Abolição, conheceremos uma parte da história com (MOURA, 1959, p 41):

O certo é que o problema abolicionista nunca mais saiu da pauta política e passa a ser equacionado com insistência crescente à medida que o tempo avança. O abolicionismo deixa de ser um movimento confinado às ideias de meia dúzia de teóricos para ganhar a opinião pública. Dele se ocuparão, oprimidos pelas circunstâncias, todos os Gabinetes que se sucedem. Inúmeros serão os trabalhos, memórias, artigos, discursos parlamentares e principalmente projetos que abordam o problema procurando como resolvê-lo ou atenuá-lo. Algumas medidas parciais serão concedidas, em consequência das lutas parlamentares e da posição da opinião pública em face do problema. Uma delas será a lei Cotegipe, de 1845, protegendo alguns direitos dos escravos prometendo garantias de integridade às suas famílias. A Lei do Ventre Livre de 28 de setembro de 1871, segue-se na sequência de concessões. André Rebouças, Saldanha Marinho, Joaquim Nabuco, Ruy Barbosa e inúmeros outros de várias maneiras debatem a questão. As sociedades abolicionistas surgem em todo o território nacional. A Associação Central Emancipadora e a Sociedade Brasileira Contra a Escravidão, a última presidida por Joaquim Nabuco, entram a funcionar. Outras ligas abolicionistas, como a Associação Central Emancipadora, promovem conferências sobre o momentoso assunto. Surgem, acompanhando o movimento, os primeiros órgãos da imprensa abolicionista.

Devido a grande mobilização dos quilombos (havia vários, o maior e mais divulgado historicamente foi o quilombo de Palmares) e com o apoio de alguns políticos, vários comerciantes e intelectuais abolicionistas, dos líderes negros, o governo brasileiro do século XVIII, foi pressionado a findar com as violências e humilhações contra os negros(as) permitidas pela escravidão. No Rio de Janeiro havia os Quilombos do Jabaquara e o Quilombo do Leblon, este último era governado por um fabricante de malas e cultivador de flores, entre elas destacava-se a Camélia. Na afirmação de Silva (2003, p. 8):

O quilombo do Leblon, a história secreta do movimento abolicionista, revela o papel decisivo do próprio escravo na conquista da Abolição. Na verdade, sem a adesão franca dos cativos, manifestada pelas fugas em massa, a 'avalanche negra', o projeto abolicionista não teria a mínima chance de êxito.

A luta dos escravizados e dos abolicionistas tinha como um dos seus símbolos a flor de Camélia, que aparecia na lapela daqueles que apoiavam o movimento ou nos jardins das casas que serviriam de abrigo para ajudar os descendentes de africanos escravizados em fuga. Foi enaltecendo a flor Camélia nos próprios vestidos, fazendo competições de flores para angariar fundos de ajuda aos abolicionistas que a Princesa Isabel entrou para história. Ela assinou a Lei Áurea, já que era uma militante contra a escravidão e protetora de muitos negros(as) fugitivos. Ficou conhecida como libertadora dos escravos a redentora.

A filha do regente de Portugal na visão de muitos aparece historicamente como uma frágil mulher que fora pega desprevenida e acuada assinou o notável documento. No entanto o movimento abolicionista instaurado desde que os primeiros cativos aportaram nas terras brasileiras, contavam com o apoio da princesa, resultando ao gesto de assinar a Lei que legitima a mudança das relações de poder do senhor sobre o escravizado. No livro as Camélias do Leblon de acordo com Silva (2003, p. 28):

A princesa Isabel também protegia escravos fugidos em Petrópolis. Temos sobre isso o testemunho insuspeito do engenheiro André Rebouças, que tudo registrava em suas cadernetas implacáveis. Só assim podemos saber hoje, com números precisos, que no dia 4 de maio de 1888,

“almoçaram no Palácio Imperial catorze africanos fugidos das fazendas circunvizinhas de Petrópolis”. E mais: todo o esquema de promoção de fugas e alojamento de escravos parece ter sido montado pela própria princesa. André Rebouças sabia de tudo porque estava comprometido com o esquema.

A história da abolição perpassa pela origem dos quilombos, que vai além de Palmares, foram vários os redutos de proteção, de resistência, “[...] no modelo tradicional à escravidão, o quilombo-rompimento, a tendência dominante era a política do esconderijo e do segredo de guerra” (SILVA, 2003, p. 11). Depois surgiram os quilombos abolicionistas com líderes preparados para debates e argumentação política, portadores de toda documentação legal.

Não mais os grandes guerreiros do modelo anterior, mas um tipo novo de liderança, uma espécie de instância de intermediação entre a comunidade de fugitivos e a sociedade envolvente. Sabemos hoje que a existência de um quilombo inteiramente isolado foi coisa rara. Mas no caso dos quilombos abolicionistas, os contatos com a sociedade são tantos e tão essenciais que o quilombo encontra-se já internalizado, parte do jogo político da sociedade mais ampla (SILVA, 2003, p. 11).

Ao analisar este fenômeno entendemos que num dado momento a própria sociedade se uniu aos abolicionistas e colaborou de diferentes maneiras, com recursos financeiros ou apoio de proteção, deste modo voltamos à atenção para o pensamento de Foucault e aos mecanismos de poder que moldavam as relações humanas.

Foucault entendia que a luta política não deveria ser travada apenas contra as grandes organizações capitalistas, pois estas só podem funcionar se houver aparelhos, instituições e práticas que favoreçam a governabilidade através de numerosas estratégias e táticas existentes nas mais íntimas relações de saber, de poder e de produção de verdade. Seus últimos escritos tematizam o poder sobre a vida, a instigação à confissão de si,

a medicalização da sexualidade. A preocupação com estes temas produziu uma visão nova do poder e um novo enfoque de crítica social e política (ARAÚJO, 2000, p. 5).

De acordo com Araújo (2000), a obra de Foucault aponta para o quanto os sujeitos contribuem para a injustiça entre os seres humanos, para tirar a liberdade do outro. Sem perceber que são soldados de uma batalha contra si mesmos, ao entregar na mão de ardilosos produtores de discurso o poder sobre o destino de uma sociedade da qual ele(a) é integrante. Cabe aqui a análise de Judith Revel afirmando que os estudos de Foucault buscavam justiça e mudaram radicalmente a história da loucura e da sexualidade. Também a partir dos seus escritos surgiram novas interpretações a respeito do sujeito e as relações de poder.

Pensar um pouco da diáspora negro africana no Brasil e no estado catarinense, a partir de declarações vividas e repensar o movimento de descolonização existente, exige conhecer bem os termos e as palavras discriminatórias que assujeitaram os descendentes do povo africano, o(a) negro(a) escravizado(a). Este estudo pode servir para refletir e combater o aumento das classificações sociais desiguais que vivemos. Seja no campo da Educação, recreação ou do trabalho.

Deste modo, perceber como se manifesta a ancestralidade africana que perpassa as atividades culturais e profissionais dos negros do sul Brasil e de que forma ela é vista e recebida no estado catarinense, principalmente pela fala de negros(as) em Lages, ajudar-nos-á a compreender o porquê da existência de um plano governamental para conhecer mais a história dos negros.

Estas fontes não conseguem reproduzir integralmente a vivência concreta partilhada por indivíduos ou classes sociais no cotidiano de seu trabalho, de seus envoltimentos sentimentais, de suas crenças religiosas, de seus enfrentamentos políticos, e do conjunto de representações que formulam a partir destas experiências. Mas é exatamente por este motivo que é preciso submeter estas fontes a um duplo tratamento: de um lado, recuperar tudo aquilo que elas expressam formalmente, por si mesmas, e de outro lado procurando interpretar o que elas trazem de subjacente, o que elas sugerem sem dizer claramente (PEDRO, 1988, p.10).

É válido ressaltar que passados 128 anos da abolição da escravidão, existe no Brasil a distinção no tratamento dado as pessoas negras, no acolhimento das relações sociais. Os(as) negros(as) continuam lutando por direitos de expressar as religiosidades de matriz africana, seguem recebendo salários inferiores aos brancos e compoem a massa de excluídos do ensino superior enfrentando olhares negativos, devido sua estética corporal.

Muitos(as) negros(as) vêm de famílias empobrecidas e lutam para sobreviver, devido a necessidade do trabalho ainda na infância, ficam afastados do meio educacional, situação no mínimo contraditória. Longe da escola, distantes do ensino superior continuam desconhecendo o motivo das dificuldades de ascensão profissional do pós-abolição ainda existirem. Negar a discussão sobre o histórico das oportunidades provenientes da educação e do trabalho para o sujeito negro no Brasil fortalece a indiferença e o racismo. Para compreender é preciso conhecer; concordamos que para melhor convivência entre os seres humanos é importante o estudo da trajetória de todas as etnias e das identidades de grupos.

Ao escolher textos da obra de Michel Foucault, ativista na luta do direito a ter direitos, que escreveu contra o sofrimento dos excluídos, de pessoas que foram qualificadas infames, estaremos aproximando a temática do racismo com o poder do Estado. Lendo alguns dos seus discursos e livros, encontramos amparo nas explicações deste filósofo moderno de como o poder é relacional. Segundo Foucault (2012, p. 20) “[...] o poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. E é esse aspecto que explica o fato de que ele tem como alvo o corpo humano, não para supliciá-lo, mutilá-lo, mas para aprimorá-lo, adestrá-lo”.

A dificuldade de apresentação e aceitação do negro para a sociedade em geral é consequência do discurso racista que permeou a construção do povo brasileiro. A situação de restrição do estudo e consequente nível de pobreza deste segmento, antes e depois da abolição, é provida de discursos de poder, discursos que exacerbaram os valores europeus e desqualificaram tudo que vinha da África.

Face a isto, muitos(as) professores(as) deixaram de discutir criticamente a origem, a participação dos negros(as) e sua importância histórica na sociedade brasileira. Sobretudo, deixam de contribuir para os movimentos de consciência negra, cujos componentes vêm lutando no sentido da superação de todas as formas de preconceito e opressão em nosso país. Os bancos escolares restringiram o conhecimento para milhares de estudantes sobre a história dos povos africanos distribuídos

pelo vasto território, ignoram fatos das culturas existentes na África e as descobertas científicas que favoreceram o próprio invasor, dito colonizador.

Os povos invasores do continente africano estavam à procura de artífices da carpintaria, ourivesaria, entalhadores, entre outras técnicas de trabalho. Os colonizadores árabes, franceses, portugueses e ingleses saquearam os tesouros africanos e usaram diferentes estratégias para convencer os reis africanos a vender seus escravizados. Do século XVI ao XVIII, devido à força bélica e o discurso manipulador, acontecia uma das maiores crueldades contra os seres humanos de cor escura.

Foram anos de negociação e resistência, mas os europeus conseguiram fazer alianças em troca de produtos como fumo, bebidas, tecidos e especiarias. E, claro, suas armas de fogo tinham grande poder de convencimento. Assim, a partir do século XVI, deu-se início ao maior comércio de seres humanos que a história já conheceu. O tráfico negreiro durou quase quatro séculos (MELO; BRAGA, 2010, p. 52)

Os colonizadores sequestraram, destruíram, escravizaram milhares de africanos(as) e inconsequentemente transformaram séculos de história e condenaram à miséria milhões vidas deste continente, em benefício do capitalismo que surgia com força total. É inegável que ainda hoje o reflexo desta diáspora repercute em distinções de classe no desenvolvimento do Brasil e na situação de desemprego dos negros(as) pelo mundo.

É a proposta da genealogia de Foucault, entender o discurso no ponto de vista da significação, a história do presente, do que é o negro hoje, como o tráfico de escravos africanos e a colonização constituíram esses sujeitos. Os discursos de poder que o colonizador incutiu a respeito dos indígenas e dos negros trouxe prejuízos à autoestima destas pessoas e aos avanços educacionais e econômicos para esta grande parcela da população. Ainda hoje esses conceitos culturais alimentam o racismo e constroem uma massa de excluídos, denominados de minorias, não obstante ser este grupo étnico a metade da população no país.

## 1.2 RACISMO

A escravidão negra serviu aos interesses financeiros do colonizador, porém, os mesmos países europeus que dela se beneficiaram, viam como um problema misturar as três raças matrizes na formação genética da população, pois acreditavam que a raça branca seria degenerada pelas demais.

Sim, com efeito, no momento em que os historiadores da nobreza como Boulainvilliers cantavam o sangue nobre dizendo que ele trazia em si qualidades físicas de coragem, de virtude, de energia, houve uma correlação entre as teorias da geração e os temas aristocráticos. Mas o que é novo, no século XIX, é o aparecimento de uma biologia do tipo racista, inteiramente centrada em torno da concepção da degenerescência. O racismo não foi inicialmente uma ideologia política. Era uma ideologia científica que podia ser encontrada em toda parte, em Morel como em outros. E foi usada politicamente primeiro pelos socialistas, por pessoas de esquerda, antes de ser pelos de direita (FOUCAULT, 2012, p. 399).

Para Foucault (2012), a ideologia do racismo era inicialmente científica. A medicina usou medidas de crânio, análise psicológica da mente de assassinos para distinguir e supostamente comprovar que uns seres humanos eram mais ou menos qualificados geneticamente, promoveu pelos discursos o chamado “sangue azul” digno da realeza. Desta forma o poder sobre a crença da herança genética foi responsável pela continuação das mesmas famílias no alto da pirâmide social.

O poder não tem dono específico, ele se constitui nas relações. No caso desta pesquisa envolvendo relações étnicas, os discursos direcionaram o poder para uns (brancos, homens, ricos), assujeitando outros (mulheres, pobres, indígenas e negros(as)). O segmento negro teve tratamento distinto em todas as instituições sociais, foram sujeitos reprimidos e servis por várias gerações. Interessa-nos analisar a repercussão disso na década de 50 em Lages, Santa Catarina. Racismo e poder, como se relacionam, o que diz Foucault (2012, p. 282):

Em primeiro lugar: não se trata de analisar as formas regulamentares e legítimas do poder em

seu centro, no que possam ser seus mecanismos gerais e seus efeitos constantes. Trata-se ao contrário, de captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações, lá onde ele se torna capilar, captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais. Principalmente no ponto em que, ultrapassando as regras de direito que o organizam e delimitam, ele se prolonga, penetra em instituições, corporifica-se em técnicas e se mune de instrumentos de intervenção material, eventualmente violentos.

Durante a presença da humanidade o encontro de interesse por terras, riquezas, assuntos políticos e religiosos aproximaram tribos, nações, países, chefes, reis e líderes. Quais eram seus alvos de poder, onde era implantado, a ponto desta união das forças políticas resultarem em terror para as minorias, desumanizando os empobrecidos, os discriminados. Com o discurso do preconceito e da superioridade de raças apoiados pelas ciências e pela igreja católica, reis europeus invadiram o continente africano criando a rede do escravismo resultante na diáspora do século XV ao século XIX. Para pensar as faces do racismo é preciso voltar às origens, conhecer a história para o entendimento dos fatos.

Em 1441, Antão Gonçalves levou ao infante D. Henrique alguns pretos apanhados na Guiné. E oficializou-se, com a licença que a Portugal concedeu o Papa Eugênio IV para a guerra a infiéis, o direito de cativar os mouros e com eles todos os africanos de todas as raças, contra quem caía o preconceito bíblico de que nasceram com este destino. A partir de 1500, o comércio de escravos negros tornou-se de interesse e uma grande fonte de renda. Os países da Europa: Inglaterra, França, Holanda, Espanha e Portugal, disputavam nessa época a primazia desse rendoso mercado. E muitas feitorias foram criadas na costa africana do Atlântico (ATAÍDE, 1988, p. 14).

Milhares de seres humanos foram arrancados da África para serem escravizados nas Américas. O índice de africanos (as) trazidos para o Brasil como escravizados foi assustador, segundo Moura (1959, p. 22).

No século XVIII que — segundo Calógeras — foi o de maior importação negreira, a média chegou a 55.000 entrados anualmente. Essa imensa massa escrava irá impulsionar a economia colonial e esmagará quase inteiramente o trabalho livre que existia antes do seu aparecimento. O trabalho manual passa a ser considerado infame. Somente praticável por escravos. A economia brasileira irá assentar suas bases na grande agricultura monocultora, no trabalho escravo produzido para os senhores de terras e engenhos, sob o monopólio comercial da Metrópole.

A escravidão não foi exclusividade brasileira, “[...] a escravização não se deu somente no continente africano. Muito antiga e sem origem certa, essa prática remonta à Idade Antiga e ocorreu principalmente em Roma, na Grécia, na Mesopotâmia e no Egito” (MELO; BRAGA, 2010, p. 51), a história da humanidade sempre contou com senhores e cativos. Revendo a história, sabemos que os povos da antiguidade ocidental, assim como na África antiga, os Ashanti, Baulê, Yoruba, Bambara, Benin, povos representantes da diversidade cultural da África nos seus primórdios, já seguiam o hábito de usar os outros povos vencidos nas batalhas como escravos servis. Mas não sufocavam a origem e cultura dos conquistados.

Em toda a Europa e no Oriente médio houve períodos em que os poderosos aprisionavam pessoas sem posses e as obrigaram a trabalhar em construções gigantescas, como as pirâmides do Egito, e na agricultura. Os escravizados também eram a frente de batalha das guerras. Assim na antiguidade, os povos escravizados não eram de uma etnia nem separados por cor. A França, por exemplo, na Baixa Idade Média, era um polo exportador de escravizados. Entre a população eslava, por sua vez, os considerados pagãos também eram alvo de cruzadas implacáveis que os capturavam e os vendiam a países estrangeiros (MELO; BRAGA, 2010, p. 52).

O diferencial que subjogou todo continente africano a ser alvo do escravismo mercantilista é um dos fatos que contribuiu para a permissão

da escravidão negra foi o mito bíblico relativo aos filhos de Can<sup>18</sup>. Um texto que aceita os povos africanos a serem escravizados por descenderem de Can, filho de Noé que foi amaldiçoado pelo pai. Uma lenda usada como justificativa para perseguir e aprisionar as pessoas de pele escura. Uma regra aceita pela Igreja Católica Apostólica Romana e escolhida por séculos para dominar e “libertar do mal” aquelas pessoas ditas estigmatizadas pelo pecado de Can. Esta era uma das desculpas atendida aos ímpetus reais dos países Europeus com o consentimento da Igreja Católica para a escravidão dos(as) negros(as).

A história da escravidão é disseminada nos livros didáticos, biografias, romances e de Historia Geral, mas, suas consequências muitas vezes traumáticas para esta população nem sempre são publicadas. Os vestígios seculares de violência e inferiorização ainda perpetuam no íntimo de muitas pessoas que evitam reconhecer-se com a identidade negra.

A escravidão no Brasil foi aterrorizante e dramática para o segmento negro, este fenômeno social deixou marcas que continuam influenciando ainda hoje no desenvolvimento das classes sociais.

---

<sup>18</sup> A Bíblia diz que os filhos de Noé que saíram da arca eram Sem, Cam e Jafet. Cam foi o pai de Canaã, que deu origem aos cananeus, fidedignos inimigos de Israel. Teria dado origem também aos povos de pele negra, que emigraram para a África. Sem foi o pai dos povos semitas, que habitaram a região dos vales dos rios Tigre e Eufrates, entre os quais se incluem os israelitas, os persas, os assírios e outros antigos povos que habitaram aquela região. Jafet, o caçula, teria dado origem aos povos do oriente, como os hindus e também emigraram para o ocidente, dando origem aos gregos e outros povos que habitaram a Anatólia, atual Turquia, de onde sairia, um dia, os antepassados dos romanos, através dos sobreviventes da destruída Tróia.

A forma como essa povoação se deu é contada pelos cronistas bíblicos de uma maneira bem bizarra. Seria bastante imaginativa se não contivesse nela uns componentes de odioso racismo, que até hoje vem contaminando as relações entre os povos da terra.

Essa informação está em Gênesis, 9;18, Ali se diz que Noé, que era agricultor, plantou uma vinha. Tendo bebido muito vinho, embriagou-se, e apareceu nu no meio de sua tenda. Can, o pai de Canaã, vendo a nudez de seu pai, saiu e foi contá-lo aos seus irmãos. Sem e Jafet, tomando uma capa, puseram-na sobre os seus ombros e foram cobrir a nudez de seu pai, andando de costas. Quando Noé despertou de sua embriaguez, soube o que lhe tinha feito o seu filho mais novo, amaldiçoou-o, dizendo: "Maldito seja Canaã, disse ele; que ele seja o último dos escravos de seus irmãos!" E acrescentou : "Bendito seja o Senhor Deus de Sem, e Canaã seja seu escravo! Que Deus dilate a Jafet; e este habite nas tendas de Sem, e Canaã seja seu escravo". (NATALINO, 2016, s.p).

Milhares de pessoas negras sofreram com este calvário que só foi extinto em 1888, tendo durado trezentos anos. Mérito possível graças aos movimentos de resistência, a coragem dos abolicionistas pretos e brancos que mesmo em passos lentos devido à oposição dos latifundiários e políticos racistas, conquistaram a extinção da escravidão no país. Eles contavam com o apoio da Inglaterra, pois naquele momento abolir a escravidão era útil para o capitalismo.

Pode-se, finalmente, ouvir grito de liberdade por parte da população negra, desacorrentados (as), toda esta população de libertos foi jogada num sistema político e econômico de abandono e descaso para eles (as). Hoje, gritam os negros contra o racismo e a exclusão social proveniente deste desfecho histórico.

Os estudos sobre o negro brasileiro, nos seus diversos aspectos, tem sido mediados por preconceitos acadêmicos, de um lado, comprometidos com uma pretensa imparcialidade científica, e, de outro, por uma ideologia racista racionalizada, que representa os resíduos da superestrutura escravista, e, ao mesmo tempo, sua continuação, na dinâmica ideológica da sociedade competitiva que a sucedeu. Queremos dizer, com isto, que houve uma reformulação dos mitos raciais reflexos do escravismo, no contexto da sociedade de capitalismo dependente que a sucedeu, reformulação que alimentou as classes dominantes do combustível ideológico capaz de justificar o peneiramento econômico-social, racial e cultural a que ele está submetido atualmente no Brasil através de uma série de mecanismos discriminadores que se sucedem na biografia de cada negro (MOURA, 1988, p. 17).

A citação de Clóvis Moura deixa claro o poder da educação em partilhar estereótipos nascidos de mitos raciais que acabam invisibilizando a capacidade de pessoas negras, a não desconstrução do discurso de desqualificar a cultura negra permeia grande parte dos trabalhos acadêmicos que deixam de trazer “dados referentes a linguagem e a literatura e também dos saberes científicos, tendo em vista a análise dos discursos que configuram a ordem inferior de subjetivação do negro” (QUEIROZ, 2013, p.30).

Somente a partir da década de 1940 o Movimento Negro conquistou mais visibilidade, teve influência na produção de materiais didáticos, reconhecimento da sociedade e conquistas nacionais. Todavia o problema da discriminação racial é muito forte nas diferentes áreas educacionais ou profissionais. Os negros foram libertos das correntes, mas a devastação que o colonialismo causou na mente dos afro-brasileiros (as) diferencia-se pela dimensão, o assujeitamento ao olhar da elite branca, e a baixa autoestima de pessoas negras são maiores no sul brasileiro.

Acontece no Brasil segundo o Mapa da violência 2015<sup>19</sup>, um genocídio negro, a morte por armas de fogo é maior entre os jovens negros. Nossa percepção é de que, à medida que o pertencimento étnico e classificação racial sejam respeitados, a ascensão social dos afro-brasileiros também o será, diminuindo provavelmente os índices de violência e pobreza no país.

O antropólogo negro Kabengele Munanga no prefácio do livro de Carlos Moore, declara que a problemática do racismo e a modernidade ocidental derivam das noções de raça que teriam dado sustentação, e a condição inferior destinada aos corpos negros.

A obra *Racismo & Sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo*, de Carlos Moore, ao contrário de algumas obras manipuladoras da opinião do cidadão brasileiro que circulam recentemente, nasce com a intenção de revelar e ensinar coisas nunca ditas entre “nós” sobre as origens mais profundas do racismo na história da Humanidade, visando a esclarecer nossas opiniões e consciências deturpadas por uma literatura e um discurso produzidos a partir da torre de marfim da academia e da imprensa, vista como símbolo da competência e da verdade. Vem se contrapor aos discursos daqueles que desqualificam a demanda do movimento social negro e que, como bons paternalistas, querem

---

<sup>19</sup> Mapa da violência aponta que também perversa é a seletividade racial dos homicídios por armas de fogo e sua tendência crescente. As taxas de homicídios de brancos caem 23%: de 14,5 em 2003 para 11,8 em 2012; enquanto a taxa de homicídios de negros aumenta 14,1%: de 24,9 para 28,5. Com esse diferencial, a vitimização negra do país, que em 2003 era de 72,5%, em poucos anos duplica. Em 2012 é de 142%: morrem 2,5 vezes mais negros que brancos vitimados por arma de fogo. (MAPA DA VIOLENCIA, 2015, s./p.)

ditar, como faziam os colonialistas, o que é bom e ruim para “seus negros”, objetos de pesquisa e não sujeitos (MURRAY, 2007, p. 16).

Os autores citados atestam que a situação problemática do racismo é desencadeada pelo sortilégio da cor e as relações de poder. Ambos revelam o quanto o quadro histórico e a construção social usou a aparência e o fenótipo do negro para diminuir sua importância perante os demais seres humanos. Eles afirmam que a origem do racismo está na apresentação visual, a diferença incomoda e causa estranhamento para muitas pessoas.

Reforçando com olhares preconceituosos e promovendo o ato discriminatório que, muitas vezes, é despertado como resultado do poder, segundo nosso entendimento do que dizia Foucault quando trata da governamentalidade, para o poder racional do Estado. Ou seja, para garantir a segurança e a supremacia do estado os sujeitos são envolvidos num conjunto de procedimentos, discursos, táticas que vêm das instituições (escola, hospital, exército, fábrica, etc...) no intuito de garantir a obediência de todos para com o Estado focado na economia política, uns são os fiscalizadores dos outros, deduzindo-se que existem os mais ou menos importantes na pirâmide social. O preocupante é verificar que o grupo de pessoas negras no Brasil historicamente é a base desta pirâmide, como se isso fosse algo natural.

O racismo é o xeque mate da separação entre as pessoas, é uma ideologia que parte do pressuposto da desigualdade biológica como referência à humanidade, ou seja, é acreditar que as diferenças corporais distinguem a capacidade dos grupos humanos. É uma doutrina que afirma ser a “raça”, uma determinante da cultura, preconizando ou não a segregação racial ou até mesmo a extinção de determinadas minorias. Por muito tempo acreditávamos que não havia racismos no Brasil, mesmo na época da escravidão o relacionamento da senzala com a casa-grande era harmonioso. Estudiosos sobre a negritude no Brasil já afirmavam que o brasileiro tinha vergonha de se dizer racista, assim a mídia e a academia mascaravam situações de intolerância com a afirmação que a maioria dos cidadãos (ãs) viviam em harmonia com as pessoas negras no pós abolição.

O livro Casa Grande e Senzala (1933) é uma obra que ajudou a disseminar este pensamento. A intenção de Gilberto Freire era discutir nacionalidade, entender o que nos faz brasileiros(as), mostrar o lado positivo da miscigenação racial. No entanto este autor descreveu os (as) negros(as) como apáticos e conformados vivendo sob as ordens de uma

sociedade que, na visão do autor era bondosa, pois permitia o acesso dos(as) negros(as) em alguns espaços familiares e sociais.

O racismo velado brasileiro refere-se a não aceitação deste fenômeno com forte presença na população. Muitos brasileiros(as) acham exagero dizer que existe racismo no dia a dia das pessoas negras. Mas infelizmente na nossa época ainda persiste o implacável racismo classificatório e institucional,<sup>20</sup> apesar dos avanços na educação das relações étnico-raciais. Na expectativa de mudança foram criadas leis que favorecem a orientação quanto à diversidade e o ensino da história e cultura africana e afro brasileira nas escolas. O racismo não se detém as diferenças de classe social ou gênero, acontecem na sociedade brasileira inúmeros casos de racismo devido ao impacto causado pelo corpo negro, o cabelo cheio, pelo fenótipo da face. Como crianças e adultos de pele escura transitam por espaços sociais durante uma vida toda convivendo com a discriminação? Quais as consequências destas situações nos seus sentimentos?

O Movimento Negro e alguns sociólogos, quando usam o termo raça, não o fazem alicerçados na ideia de raças superiores e inferiores, como originalmente era usada no século XIX. Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação, que se baseia na dimensão social e política do referido termo. E, ainda, usam-no porque a discriminação racial e o racismo existentes na sociedade brasileira se dão não apenas devido aos aspectos culturais dos representantes de diversos grupos étnico-raciais, mas também devido a relação que se faz na nossa sociedade entre esses aspectos físicos observáveis na estética corporal dos pertencentes às mesmas (GOMES, 2005, p. 45).

Vivemos num mundo de refugiados espalhando-se por toda Europa e América. Nesta última década chegaram ao Brasil muitos haitianos, eles (as) estão mesclados entre a população brasileira e é preciso garantir seus direitos humanos. Por isso ter interesse em conhecer melhor todas as etnias, ter um olhar simétrico para os negros e

---

<sup>20</sup> “Racismo institucional se refere às operações anônimas de discriminação em organizações, profissões, ou até mesmo sociedades inteiras” (CASHMORE, 2000, p. 469).

a cultura afro-brasileira, são atitudes de respeito e trarão significativas transformações para o cotidiano das pessoas. Ainda sobre o racismo Gomes (2005, p. 52) anuncia:

O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc. ele é por outro lado um conjunto de ideias e imagens referentes aos grupos humanos que acreditam na existência de raças superiores e inferiores. O racismo também resulta da vontade de se impor uma verdade ou crença particular como única verdadeira.

Nesse contexto, o esclarecimento de termos e conceitos propiciará melhor diálogo entre os depoimentos e as produções acadêmicas, trazer explicações sobre o mal causado por atitudes racistas ajudará a esclarecer o porquê das ações afirmativas<sup>21</sup>, Santos (2005, p. 6):

As ações afirmativas, de acordo com o ministro Joaquim Gomes, definem-se como políticas públicas (e privadas) voltadas à concretização do princípio constitucional da igualdade material e à neutralização dos efeitos da discriminação racial, de gênero, de idade, de origem nacional e de compleição física'. Portanto, as ações afirmativas voltam-se para a neutralização daquilo que – de acordo com o status quo sociorracial – não se quer neutralizar da frequente adaptação da diversidade racial na sociedade.

Segundo Santos (2005) e Gomes (2005), as ações afirmativas resultaram das revoluções históricas dos negros inconformados com as injustiças que foram direcionadas para essa gente “[...] é importante

---

<sup>21</sup>Ações afirmativas no Brasil seguem exemplos das ações afirmativas americanas, são projetos que deram início à Lei de cotas para ingresso no Ensino Superior, maior porcentagem de vagas para negros(as) nos concursos estaduais e federais, entre outros benefícios exclusivos a este segmento populacional.

destacar o papel dos movimentos sociais, em particular do Movimento Negro, os quais redefinem e redimensionam a questão social e racial na sociedade brasileira, dando-lhe uma dimensão e interpretação políticas” (GOMES, 2005, p. 39). O conjunto de decretos governamentais das ações afirmativas busca minimizar os prejuízos das diferenças de classe, raciais e de gênero na sociedade brasileira, no grupo de atendidos o foco é para os negros e as mulheres. Reafirmamos com referência ao Dicionário de relações étnicas e raciais o que significa ação afirmativa:

Esta política é voltada para reverter as tendências históricas que conferiram às minorias e as mulheres uma posição de desvantagem, particularmente nas áreas de educação e emprego. Ela visa ir além da tentativa de garantir igualdade de oportunidades individuais ao tornar crime a discriminação, e tem como principais beneficiários os membros de grupos que enfrentaram preconceitos (CASHMORE, 2005, p. 31).

A questão social e racial que historicamente coloca o (a) negro(a) à margem da sociedade, está cheia de desculpas — ora o próprio negro se discrimina, ora não existe racismo no Brasil porque não haveria segregação de espaços públicos (escolas, transportes, repartições públicas, igrejas, etc.). As ações afirmativas propõe criação de espaços para discussão e desconstrução de ideias que segregam pessoas. A justiça brasileira está voltada para a defesa dos negros(as) no que diz respeito ao racismo. Conforme afirmação de CANDAU et al. (2013, p. 123):

No texto constitucional, a discriminação racial passou a ser considerada crime sujeito à pena de prisão, inafiançável. Essa norma foi tratada como um caminho para o fortalecimento da cidadania da população negra. Os dispositivos em prol da igualdade, da não discriminação, da preservação dos Direitos Humanos estão previstos no artigo 1º sob a rubrica de direito fundamental. Em consonância com esta dinâmica, o Congresso aprovou a proposta do deputado Luiz Alberto Caó (Lei n.7.716/89), conhecida como Lei Caó.

Na contemporaneidade, racismo é crime inafiançável e isso trouxe diferença na relação entre brancos e negros. No que tange a orientação de novas atitudes das pessoas e o preconceito, entende-se que a implementação das Leis 10.639/03 e 11.645/08 presentes na educação formal ou informal, os indivíduos podem rever a classificação social do negro brasileiro, reconhecer sua capacidade intelectual, sua beleza étnica.

Entendemos que discursos criados para ridicularizar a população negra afetam também os brancos, pois em função do pensamento preconceituoso muitas pessoas negras e brancas se distanciam e perdem anos de convívio entre si. Nas palavras da jornalista Maria Julia Coutinho, “Os negros têm talento igual aos brancos, com oportunidades inferiores [...] mesmo que cheguem cambaleando à faculdade, com base acadêmica menor, dão o sangue e se põe no páreo com os não cotistas” (REVISTA CLAUDIA, 2015, p. 115) Maju, como é popularmente conhecida é tão competente, linda e famosa quanto, Taís Araujo, Sheron Menezes e Cris Vianna, atrizes que assim como Maju foram durante este ano atacadas com ofensas racistas pela internet. Abuso dos ignorantes, dos intolerantes de plantão. Para esta situação a jornalista se posicionou respondendo:

[...] eu já lido com essa questão do preconceito desde que me entendo por gente [...] fico muito indignada, mas não esmoreço, não perco o ânimo [...] eu sei dos meus direitos [...] Medidas legais serão tomadas para evitar novos ataques a mim e a outras pessoas [...] a militância que faço é o meu trabalho, com carinho, dedicação e competência (REVISTA CLAUDIA, 2015, p. 114).

Esta jornalista de um canal de TV famoso representa a mulher adulta negra empoderada, admirada e torna-se referência principalmente para as meninas negras. O reflexo deste acontecimento na mídia trouxe a chance do debate e levantou novamente a questão de ser, sim, o Brasil um país racista, de ser percebido pela sociedade o quanto anônimos e famosos são subestimados pela sua competência no dia a dia. Devido ao discurso colonial, o preconceito contra negros(as) e indígenas ainda impera, muitos descendentes dos escravizados precisam provar constantemente seus conhecimentos, eles(as) sofrem na pele o que representa a sua cor.

[...] o discurso colonial acentua o papel de dominação, exploração e banimento envolvidos na construção de qualquer artefato cultural, incluindo conhecimento, linguagem, moral ou atitude. Seu sentido deriva da análise de Foucault sobre o poder exercido por meio das práticas discursivas (discurso, escrita, conhecimentos — texto) como oposto a força coerciva. Assim o discurso é constituído de práticas comunicativas e representacionais que são, elas mesmas, uma força de poder (CASHMORE, 2005, p. 173).

Trouxemos acima um exemplo atual e recordamos que em várias tentativas de apresentar seus talentos e criações, negros(as) na história brasileira foram humilhados e proibidos. Pintores negros neoclássicos do século XIX na Academia Imperial jamais conseguiram uma medalha de primeiro lugar, mesmo que seu trabalho plástico superasse em técnica e desenho a qualidade dos demais. Trazer os nomes de Luiz Gama, dos irmãos Rebouças, Machado de Assis, Cruz e Souza, entre outros, servem de exemplos do quanto os negros tiveram coragem e competência intelectual para contribuir com o desenvolvimento nacional. Quando a mídia, a imprensa e/ou a escola divulgam sobre a vida e obra dos vultos negros estão contribuindo para fortalecer a equidade entre as etnias e para as famílias negras e brancas verificarem que somos todos iguais em capacidades e valor.

Afinal, este sentimento ainda é complexo para muitos (as) negros(as), pois a cautela, a desconfiança, o cuidado no trabalho, na política, na igreja, entre outros espaços de poder ainda são lugares embranquecidos. Percebe-se que os negros podem até entrar, mas sem fazer barulho. Ou seja, sem se fazerem aparecer. Quanto mais elitizado o local (Shopping, restaurantes caros, hotel de luxo, etc.) é mais difícil para pessoas negras serem tratados com aceitação e normalidade. As regras de submissão entre negros e brancos no Brasil foram transmitidos de geração em geração. É benéfico para certas pessoas que haja a distinção de tratamento pela cor dos negros perante os brancos, afastando os primeiros, e destacando como exemplos de beleza e perfeição as criações do segundo.

### **1.2.1 Racismo e educação**

As ações afirmativas e as Leis 10.639/03 e Lei 11.645/08, simbolizam uma tentativa de acerto histórico que propõe minimizar a

dívida com milhares de pessoas negras e indígenas que tiveram suas gerações tratadas diferencialmente, com descuido e exploração. Como um alerta contra o silenciamento — ou invisibilidade — deste problema social, trazemos a citação da educadora Eliane Cavalleiro (2005, p. 11):

O silêncio sobre o racismo, o preconceito e a discriminação racial nas diversas instituições educacionais contribui para que as diferenças de fenótipo entre negros e brancos sejam entendidas como desigualdades naturais. Reproduzem ou constroem os negros com sinônimos de seres inferiores.

A citação acima reforça que não bastam ações afirmativas sem o comprometimento social. Os não negros quando enxergam os prejuízos provenientes do racismo para os (as) negros(as) que no seu cotidiano sentem-se discriminados (as), tratam de mudar a atitude e colaboram para a construção de uma nova mentalidade. É preciso muita coragem para negros e brancos posicionar-se contra o racismo e a discriminação, o convívio dos (as) negros(as) com este dilema vem justificando as desigualdades sociais no campo da educação e dificuldade de empregabilidade destes nas atividades de melhor remuneração. Até quando?

Em estudos anteriores, foi possível comprovar que a existência do racismo, do preconceito e da discriminação raciais na sociedade brasileira e, em especial no cotidiano escolar acarretam aos indivíduos negros: auto-rejeição, desenvolvimento de baixa auto-estima com ausência de reconhecimento de capacidade pessoal; rejeição ao seu outro igual racialmente; timidez; pouca ou nenhuma participação em sala de aula; ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial; dificuldade no processo de aprendizagem; recusa em ir a escola e, conseqüentemente, evasão escolar. Para o aluno branco, ao contrário acarretam: a cristalização de um sentimento irreal de superioridade, proporcionando a criação de um círculo vicioso que reforça discriminação racial no cotidiano escolar, bem como em outros espaços da esfera pública (CAVALLEIRO, 2005, p. 12).

Sustenta a autora sobre a necessidade de novas atitudes no ensino brasileiro para mudança de hábitos das pessoas que discriminam por causa da cor. Longe de ser uma utopia, acreditamos que novas atitudes servirão para o crescimento da harmonia entre os seres, por fim na desigualdade e o desenvolvimento mais saudável da criança e do(a) jovem negro(a).

A pessoa negra se reforça contra o racismo, quando encontra ações protetivas da equipe diretiva da instituição educacional, recorre a redes de apoio como a família, amigos e nestes se ampara contra a discriminação. Conhecer mais sobre histórias de homens e mulheres que resistiram à discriminação e enfrentando adversidades venceram na vida, serve de estímulo para muitos jovens negros(as).

### **1.2.2 Racismo e a teoria do branqueamento**

Os discursos que afastam o continente africano e seus descendentes da prosperidade financeira ou conhecimentos científicos foram à base da filosofia de poder dos regentes e governantes brasileiros, desqualificando o jeito de ser e a cultura negra, o país se desenvolveu, e muitos de nós cresceu aceitando e dando mais valor ao que provinha da cultura do branco. Sem se dar conta da disciplinarização em favor da superioridade europeia, imposta nas relações sociais.

Foucault entre seus escritos observou os dispositivos de controle na domesticação dos corpos, entre eles a sexualidade. Ao tratar da sexualidade o filósofo denuncia que este dispositivo de poder, o controle da sexualidade foi fundamental para evolução do racismo quando nos diz:

Através da economia política da população formase toda uma teia de observações sobre sexo. Surge a análise das condutas sexuais, de suas determinações e efeitos, nos limites entre o biológico e o econômico. Aparecem também as campanhas sistemáticas que, à margem dos meios tradicionais, exortações morais e religiosas, medidas fiscais tentam fazer do comportamento sexual dos casais uma conduta econômica e política deliberada. Os racismos dos séculos XIX e XX encontrarão nelas alguns de seus pontos de fixação (FOUCAULT, 1988, p. 29).

Para Foucault (1988), o poder surge numa rede microfísica, pensando nessa perspectiva o domínio dos corpos é um assujeitamento populacional. Com campanhas de vacinação, esterilização entre outras condiciona-se os grupos que avançam e os que deveriam se reduzidos ou até extintos.

A importância do sexo como foco de disputa política é porque ele se encontra na articulação dos dois eixos da tecnologia política da vida. De um lado as disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição de forças, ajustamento das economias de energia. Do outro, o sexo pertence a regulação das populações por todos os efeitos globais que envolve. Insere-se simultaneamente, nos dois registros dá lugar vigilância infinitesimais, a controles constantes, a ordenações espaciais de extrema meticulosidade, a exames médicos ou psicológicos infinitos a todos um micro poder sobre o corpo, mas também dá margem a medidas maciças; as estimativas estatísticas, a intervenções que visam todo o corpo social ou grupos tomados globalmente (FOUCAULT, 1988, p. 137).

Trazendo este pensamento para o contexto brasileiro, podemos recordar que a mulher negra foi violentada, vista como objeto de produção para aumentar a população na época do Brasil escravista. Pensando nos dias atuais é pertinente analisar como é o tratamento de saúde pública para a mulher negra e a branca, quem tem maiores índices de mortalidade na hora do parto, quem tem acesso a planos de saúde. Pensarmos se já existiu alguma campanha que trate da ampliação de registros nos cartórios de nomes das crianças com referência africana, mesmo se o casal for negro, isso raramente acontece. A união matrimonial de pessoas da mesma cor, reforça uma etnia, tem mais chances de cultivar as tradições, e isso serve para todas. Mas o discurso de misturar as raças para clarear a população brasileira reduzindo estatisticamente o número de pretos, foi uma estratégia política.

Antigamente apoiavam explicitamente a união entre brancos e negros, era o Brasil mestiço, lembramo-nos da filosofia de embranquecimento para o progresso nacional com as futuras gerações, conhecida por Teoria do branqueamento.

A teoria brasileira do ‘branqueamento’ [...] [é] aceita pela maior parte da elite brasileira nos anos que vão de 1889 a 1914, era peculiar ao Brasil [...] baseava-se na presunção branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos ‘raça mais adiantada’ e ‘menos adiantada’ e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, em parte porque o gene branco era mais forte e em parte porque as pessoas procurassem parceiros mais claros que elas (SKIDMORE, 1989, p. 81).

A ideologia do branqueamento tinha a pretensão de tratar da incorporação dos negros no Brasil via assimilação dos valores brancos e teve como objetivo propagar que esta raça era mais forte e superior as demais. Este pensamento cristalizou nos séculos seguintes, dificultando ainda hoje sua mudança. Em finais do século XIX o Brasil era apontado como um caso único e singular de extremada miscigenação racial (SCHWARCZ, 1993, p. 11), somos descendentes de mestiços no sangue, falta dar equivalência à mestiçagem na busca por sua visibilidade em todas as áreas.

O relacionamento entre casais era fiscalizado pelo estado brasileiro com auxílio das famílias burguesas impedindo a aproximação de companheiros(as) de outra cor para seus filhos e filhas. Já os(as) mais humildes pelo contrário deveriam unir-se aos pretos(as) para aprimorar lhes a inteligência e gradativamente clarear a pele das gerações seguintes. Dessa maneira para “melhorar” o aspecto visual e mental do negro(a) no século XVIII de forma deliberada o estado conduzia a estratégia de incentivar a miscigenação de casais pretos e brancos para evitar o aumento da população de pele preta e dita inferior.

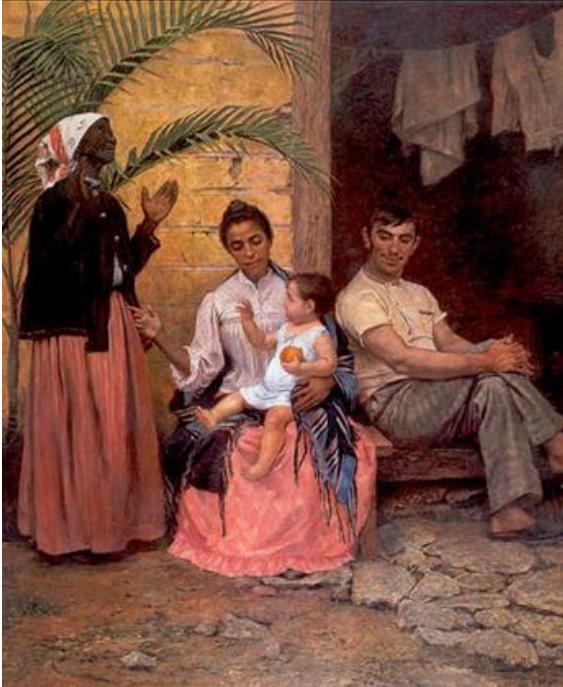
No discurso feito em 1911, João Batista Lacerda então Diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, percebemos a crença nesta estratégia quando ele dispara “[...] o Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução” (SCHWARCZ, 1993, p.11).

A pintura de época é considerada um documento (Figura 1), pois seus registros congelam um momento que transparece modos e contexto específico. Na pintura realista a Redenção de Can (1895), de Modesto Brocos, foi retratada no quadro a cena do ideal de constituição da nova geração, a eugenia. Os eugenistas buscavam uma limpeza racial pela seleção natural. Para cientistas ingleses o acúmulo de raças inferiores era culpado do atraso do Brasil. (teoria de Francis Galton<sup>22</sup>). Em nossa interpretação da imagem, em frente à porta de uma casa simples, num quintal com arbusto e roupas no varal estão quatro personagens de uma família. Podemos pensar que a avó preta está erguendo as mãos para o céu em agradecimento pela filha de pele mais embranquecida ter um marido branco que observa o filho mais claro ainda que a mãe.

Naquela época, tanto negros, quanto brancos aceitavam o branqueamento pelo casamento como a solução de um problema segundo o discurso de estado, mais uma arma da governamentalidade. Atualmente estamos em uma era de transformações sociais que apoia a diversidade e a tolerância, mas isso já não basta, exige-se respeito a todas as etnias e identidades.

---

<sup>22</sup> Eugenia era um movimento social originado por Francis Galton(1822-1911), autor de *Hereditary Genius*. O termo é correntemente definido como uma ciência voltada para o melhoramento das potencialidades genéticas da espécie humana: “[...] Galton argumentou que a habilidade mental era herdada diferentemente pelos indivíduos, grupos e raças. Ele mostrou que essa habilidade, assim como as características físicas, altura, por exemplo, seguiam uma curva normal de distribuição na população e que parentes de pessoas notadamente capazes tendiam a ser muito capazes também. Galton investiu seu próprio dinheiro para criar uma sociedade de pesquisa e um laboratório eugênico na Universidade College em Londres, que foi dirigido por seu amigo Karl Pearson. A sociedade de educação Eugênica foi fundada em Londres em 1908, e outras sociedades similares seguiram-se em muitos outros países”. (CASHMORE, 2000, p.204)

**Figura 1: Redenção de Can**

Fonte: Cardoso (2008).

Em vistas de analisar como a disciplinarização sufocou o racismo, como atingiu a historiografia do negro no Brasil e suas narrativas, fomos ao encontro do esclarecimento de termos e conceitos para então refletir no próximo subcapítulo a respeito da (in) visibilidade cultural dos negros e no terceiro capítulo sobre os discursos dos(as) participantes da pesquisa relativo a disciplinarização, assujeitamento e invisibilidade da identidade negra na Serra Catarinense.

### 1.3 (IN) VISIBILIDADE E O(A) NEGRO(A) NA HISTÓRIA BRASILEIRA

A ausência da História da África, da importância dos negros(as) na formação de professores(as) e até mesmo nas demais profissões, reforça a gravidade da situação histórica sobre a inclusão da etnia negra no campo educacional. A invisibilidade dos negros nas áreas da

tecnologia, educação entre outras é uma temática permeada de preconceitos e estereótipos.

Deste modo é muito forte a apreciação quase exclusiva que se faz do talento negro para a dança, esporte ou na sensualidade como representatividade. Discute-se hoje nos congressos de pesquisadores negros sobre o uso de termos pejorativos, como a expressão mulata, que lembra a palavra mula. Discussões a respeito de expressões populares que diminuem a condição do negro estão na ata de reuniões dos grupos militantes por uma nova relação entre os brasileiros. Talvez com uma revitalização das relações raciais se reduza o estranhamento da sociedade quando se depara com uma pessoa negra em cargos de destaque, alto escalão governamental ou negros(as) Magistrados, cientistas, doutores(as) como se não fosse possível que esta população tivesse competências para essas áreas.

Não é demais dizer que entre todos os campos sociais e científicos, a educação esteve muito atrás no quesito relações étnicas, o interesse educacional por esta temática é recente, um pouco mais de uma década. No setor pedagógico ligado à pesquisa esta temática ganhou espaço depois de vários encontros e congressos dos escritores negros.

O Grupo de Trabalho (GT) 21 da ANPED, intitulado Educação e Relações Étnico-Raciais, foi criado oficialmente na 24ª Reunião Anual da Associação, em 2001, na gestão da professora Nilda Alves. Ele é integrado por pesquisadores e pesquisadoras negros e não negros, cuja produção científica está localizada na área das Relações Étnico/Raciais e Educação. No entanto, desde o ano de 1996, a ANPED contou com a presença de intelectuais negros e não negros, pesquisadores da temática étnico-racial e indígena, que demandavam outro lugar para a discussão e debate sobre relações étnico-raciais e educação no interior da Associação, nas suas produções, pesquisas e posicionamentos político-acadêmicos.

A invisibilidade dos(as) negros(as) é resultante da visão colonialista que aprisiona o negro em estereótipos negativos construídos segundo os modos como a sociedade lidava com os africanos escravizados e seus descendentes, perpassa também olhares que, querendo-se críticos, endossam os valores defendidos no passado escravocrata. Na visão de Queiroz (2013, p.28) os mesmos discursos, que confinam o:

negro numa ordem inferior de subjetivação, são impeditivos que lhe dificultam acesso ao conhecimento científico e tecnológico. A partir

desta premissa vários questionamentos sobre o passado, presente e futuro dos(as) negros(as) no Brasil e na América Latina estão em debate, na pauta do dia, seja em congressos acadêmicos e/ou no Congresso Nacional. O sucesso destes debates abre caminho para dar visibilidade à população negra, além do conhecimento empírico para valorizar seus talentos científicos.

Mesmo em configurações que se dizem afastadas de preconceitos e com as quais se busca assegurar o direito de o negro se colocar como sujeito de seu discurso, percebem-se configurações herdadas do sistema de compartimentação própria da sociedade escravocrata. Ainda quando se quer transgredir a tipificação do chamado homem de cor e ultrapassar os estereótipos negativos divulgados no senso comum, por exemplo, chamar pessoas negras de macacos, de sujos, cabelo de Bombril, pixain, beijudo, entre outras expressões que configuram a marginalização desta etnia. As representações do negro ditas como positivas tendem a cair nas armadilhas de justificativas ou na idealização de qualidades. A estética do atleta vigoroso ou da mulher exuberante e sensual serve bem a esse propósito. Resume-se o foco de admiração ao corpo negro como máquina de força e modelo de curvas firmes, esquecendo a psique e a intelectualidade que o acompanham.

Percebe-se que a distância entre a posição que se pretende justificar a exclusão do negro e a que o celebra, desde que assuma um lugar predeterminado, é, às vezes, insignificante.

Daí, o perigo de se fortalecer numa visão que aprisiona o negro em lugares em que sua identidade só pode ser delineada através de utopias e anacronias que desarticulam a sua efetiva integração na sociedade como cidadão. (FONSECA, 2000, p. 95).

É bem recente o histórico de avanços das ações educativas voltadas para negros(as). Quanto mais estudantes universitários se interessarem pela pesquisa sobre o povo negro, mais desenvolveremos cuidados sobre a saúde, geração de emprego, cultura e registros da história desses brasileiros(as).

Com urgência o quadro educacional de evasão das crianças e jovens negros da escola brasileira

precisa ser modificado, novas atitudes de seus componentes e desenvolvimento das orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais tornam-se fundamentais em nosso século. Somente na última década é que se implantaram Leis e ações educativas destinadas a esta etnia (ROMÃO, 2009, p. 37).

Por outro lado, o tema do negro se fez presente no cenário acadêmico e intelectual do Brasil de duas formas. Primeiro, enquanto categoria jurídica, ou seja, o escravizado. Depois, com a abolição da escravatura, especialmente nas construções sobre as relações raciais no Brasil até o cenário construído sobre o que é ser brasileiro(a), o que é a democracia racial. Ainda assim, em que pese que várias áreas da ciência debatessem o problema trazido por discursos preconceituosos a respeito do negro, prejudicando o cotidiano social destas pessoas - Antropologia, Direito, Medicina, Psicologia, etc. O mesmo não ocorreu com a educação, esta demorou em perceber a necessidade de modificar a invisibilidade da história e cultura africana e afro-brasileira nos conteúdos oferecidos.

O entendimento da academia em abrir as portas das Universidades para o pensamento negro está sendo conquistado lentamente. O surgimento do Teatro Experimental do Negro (TEN), no contexto político da década de quarenta veio cobrar com a voz de intelectuais, com a performance, talento de atores e atrizes, como Abdias do Nascimento, Milton Nascimento e Ruth Souza uma ressignificação da presença negra no Brasil. Os resultados obtidos com a militância a favor dos direitos civis para os(as) negros(as) vividos no espaço artístico e político do TEN, trouxeram forte inspiração. Outra vertente a favor da descolonização, do pensamento europeu de inferiorização do negro, que chegou até os militantes no Brasil foi o movimento da Negritude implantado na França na década de 30.

[...] movimento político-literário que ganhou força principalmente na terceira década do século passado. Entre os nomes mais proeminentes dessa vertente, estão os de Léopold Senghor (primeiro presidente do Senegal), o martiniquense Aimé Césaire e Léon Damas, nascido na Guiana Francesa, os escritores pertencentes a esse movimento tinham em comum a rejeição à dominação colonial francesa, à ênfase na

solidariedade e na unidade do mundo negro e a denúncia do racismo (SERRANO, 2007, p. 234).

Dizia Aimê Cesaire “minha negritude não é uma torre ou uma catedral, ela mergulha na carne vermelha do solo”. A negritude é a alma que faz brotar a Arte afro-brasileira. Com o uso das Artes plásticas, da dança, da música, da moda busca-se criar um olhar que destaca a beleza e força da estética negra, exercendo um papel magnetizador para a unidade do mundo africano espalhado entre os demais continentes. Era a re-construção da identidade negra no momento em que o Brasil libertava-se da ditadura e a população buscava por todas as formas de expressão e liberdade.

Assim, como em outros processos indenitários, a identidade negra se constrói gradativamente, num movimento que envolve inúmeras variáveis, causas e efeitos, desde as primeiras relações estabelecidas no grupo social mais íntimo, no qual os contatos pessoais se estabelecem permeados de sanções e afetividades e onde se elaboram os primeiros ensaios de uma futura visão de mundo. Geralmente este processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece (GOMES, 2005, p. 43).

Os dados mais recentes do IBGE (2015)<sup>23</sup> apontam para o crescimento do pertencimento racial das pessoas negras. Lembrando que a terminologia oficial da pesquisa do IBGE usa pretos e pardos, essa união forma o grupo dos negros. Nesta compreensão o termo negro agrega parte da população denominada afro-brasileira. Este grupo étnico tem em comum características físicas e o apreço pela origem e cultura africana. Na última década a presença deles (as) disparou para mais da metade da população brasileira se auto identificando como negras e negros, isso por que talvez muitos destes sujeitos tiveram essa percepção após atividades originadas do resgate que a Lei Federal 10.639/03 tem realizado com a Educação formal e informal. Esta Lei já proporcionou

---

<sup>23</sup> Cresce número de quem se diz 'preto' e 'pardo'; grupo chega a 53% no país. (uol, 2015, [s.p.]

em muitas instituições escolares a tomada de consciência em favor de temas voltados para a ancestralidade africana, a inclusão da história e cultura afro-brasileira, causando mudanças de olhares sobre o que é ser negro(a).

Com a obrigatoriedade de leis educativas várias pessoas aprendem sobre o quanto estamos impregnados da cultura afro brasileira em nosso cotidiano. Congressos, simpósios e palestras pelo Brasil afora trazem diálogos sobre a cultura africana e o respeito a ancestralidade, reconhecendo na ancestralidade uma força vital para toda a comunidade. Força esta vinda de quem já nasceu e morreu, de quem vive e daquele (a) que ainda nascerá. Este é um exemplo dentre vários que a cultura africana ensina. Para cuidar e proteger os mais velhos precisamos desta sensibilidade para entender e respeitar os simbolismos de matriz africana, afinal 53% da população brasileira é afrodescendente.

Entre os países latinos americanos o Brasil contém o maior número de negros(as) em sua população. Como a escola trata a visibilidade dos negros na história, professores (as) quebram o silêncio a respeito deste tema, enriquecem suas aulas com a cultura afro-brasileira. Várias instituições educacionais têm revisto seus currículos para alterar e incluir o estudo, e o debate sobre preconceito que leva à discriminação e ao racismo nas relações humanas.

De acordo com o Dicionário Escolar Afro-brasileiro a expressão Negro significa:

A denominação genérica do indivíduo de pele escura e cabelo encarapinhado e, em especial, dos habitantes da África profunda e seus descendentes de africano, em qualquer grau de mestiçagem, desde que essa origem possa ser identificada pela aparência ou assumida pelo próprio indivíduo (LOPES, 2013, p. 119).

O Brasil é constituído por culturas africanas, asiáticas, indígenas e europeias, o que chamamos de “caldeirão multicultural”. O respeito a todas as culturas requer atitudes de igualdade e orientação a respeito da valorização da diversidade. Neste sentido a visibilidade sobre a cultura e história dos negros tende a crescer para chegar a equivalência com as demais. O livro resultante de curso proporcionado pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), Educação das Relações Étnico-raciais nos esclarece que:

A população negra corresponde a cerca de 50% do total do país, segundo dados do IBGE, que trabalha com uma classificação de cor/etnia contendo grupos: branco, preto, pardo, amarelo e indígena. O mesmo instituto convencionou utilizar o termo 'negro' como correspondente ao agrupamento dos grupos de cor 'preto' e 'pardo', o que foi, em grande medida, incorporado pelos movimentos sociais negros (SILVA, 2014, p. 71).

A citação confirma a maior probabilidade de identificarem-se com a ancestralidade africana, de se considerar negro(a) os brasileiros(as) pretos e pardos, palavras estas, escolhidas pelo colonizador e que ainda determinam a classificação de cores/raças na população. O cabelo e mais o fenótipo, agregados à atitude e personalidade destacam as pessoas negras em todos os lugares do mundo, eles(as) dispensam carteirinha de apresentação, de uma forma positiva ou negativa são recebidos e atendidos, conforme a visão democrática do lugar e consciência de cada sujeito quanto a igualdade.

O respeito à pluralidade constitui requisito fundamental na construção da cultura dos Direitos Humanos, pois implica reconhecimento do Outro, de seus valores e costumes. A igualdade, assim como a diversidade, são princípios fundamentais da democracia, e as escolas bem como demais instituições educativas podem fomentar a interação e a convivência social nesta perspectiva. Através do reconhecimento de que não pode haver discriminações que excluam determinadas pessoas ou grupos do acesso a bens de cidadania as instituições trabalham para a afirmação da igualdade (CANDAUI et al., 2013, p. 128)

Partindo do pressuposto que o preconceito de raça (classificação IBGE) e de etnia (identidade cultural do indivíduo) é uma construção social, destituída de fundamentos biológicos, ou seja, cientificamente existe uma única raça, uma espécie, a humana. Podemos através da educação desconstruir e reconstruir o discurso da igualdade de direitos.

No entanto, a conscientização da população requer o entendimento que desde os primórdios da construção histórica da humanidade, o ocidente tratou de distinguir as pessoas com atributos da cor quanto à raça/etnia. São anos de um mesmo discurso que engrandece o branco como ator principal e submete os negros e índios a papéis coadjuvantes.

Os negros, ao longo da História do Brasil, têm sido, juntamente com os índios, os mais discriminados. Essa questão deve ser abordada na escola, incluída objetivamente no currículo, de tal forma que o aluno possa identificar os casos, combatê-los, buscar resolvê-los, fazendo que todos sejam cidadãos em igualdade de condições, a despeito das diferenças e especificidades que possam existir (LOPES, 2008. p. 183).

No Brasil do século XVIII, o colonizador português tinha uma eficiente fiscalização da sociedade brasileira, quase todas as pessoas tratavam de manter os indígenas e os (as) negros(as) submissos. Os anos passaram e a fiscalização acompanhou cada tentativa de levante, revolta ou rebelião dos escravizados dificultando e adiando a mudança do drama resultante da escravidão. Foi à custa de muitos anos de luta e a perda de milhares vidas negras que a abolição da escravatura aconteceu. A virada histórica da liberdade destas pessoas se moldou a partir das incessantes lutas políticas dos abolicionistas, interesses externos a favor do capitalismo e a força dos quilombos.

Pela história sabe-se que os acontecimentos são encadeados, numa sucessão de reconfigurações. Assim, uma nova forma de governo, por exemplo, não surge do nada; uma nova ferramenta se desenvolve a partir de sucessivos deslocamentos de uma ferramenta já existente; relações de domínio e de poder são criadas em contraste com outras relações de domínio e de poder que a antecedem (CANDIOTTO; D'ESPINDULA, 2012, p. 28).

A abolição foi legalizada, mas a população negra continuou sendo massacrada, não pela chibata e sim com estratégias diversas que resultaram na morte precoce dos(as) negros(as). Um exemplo de erradicação de grupos humanos específicos aparece na Guerra do Paraguai, os lanceiros negros abriam o combate e juntamente com os indígenas não recebiam armas de fogo para defesa, desta forma, foram estes segmentos étnicos os mais dizimados.

Durante toda a história da América Latina e do Brasil, o assujeitamento da pessoa negra foi sendo construído com violência e temor. Muitos espaços públicos destinavam a eles tratamento

diferenciado. Durante o século XVIII nas igrejas de construção barroca, os negros ficavam ouvindo a missa do lado de fora, nas escolas o atendimento para as crianças negras era assistencial e não propulsor de formação profissional. Aprisionamento, casas de caridade, prostituição, trabalhos que exigissem esforço físico demais para este segmento populacional eram discursivamente destinados, por quê?

O problema de uma relação específica de poder sobre os indivíduos enclausurados que incidia sobre seus corpos e utilizava uma tecnologia de controle. E essa tecnologia não era exclusiva da prisão, encontrando-se também em outras instituições, como o hospital, a caserna, a escola, a fábrica, como indicava o texto mais expressivo sobre o assunto, o Panopticon, de Jeremy Bentham. Panopticon permite ver tudo permanentemente sem ser visto. Foi esse tipo específico de poder que Foucault chamou “disciplina” ou ‘poder disciplinar’. E é importante notar que a disciplina nem é um aparelho nem uma instituição, à medida que funciona como uma rede que o atravessa sem se limitar a suas fronteiras (FOUCAULT, 2012, p. 21)

A disciplinarização das pessoas acometeu ao povo negro, uso de espaços delimitados, tempo controlado, direitos civis como escolher com quem casar, poder votar, estudar, comprar, vender foram violados. Podemos pensar que isso só acontecia na época da escravidão, porém o conhecimento produzido pela disciplinarização dos sujeitos prossegue nos dias atuais de diferentes formas e constantemente.

Ao identificar a luta por visibilidade do povo negro, os contrastes educacionais de formação deste segmento étnico analisamos como estas questões vêm sendo trabalhadas no âmbito social e escolar. Ao trazer os depoimentos de quem percebeu ou não o racismo, o tratamento diferenciado na escola e/ou no trabalho estaremos embasando debates para formação docente e fortalecendo os estudos sobre a história e cultural local, memória, diversidade, etnia/raça e relações raciais. Segundo Velho (1989, p. 131):

Embora familiaridade não seja igual a conhecimento científico, é fora de dúvida que representa também um certo tipo de apreensão da realidade, fazendo com que as opiniões, vivências,

percepções de pessoas sem formação acadêmica ou sem pretensões científicas possam dar valiosas contribuições para o conhecimento da vida social, de uma época, de um grupo.

Como a pessoa negra letrada ou não, organiza seu núcleo familiar, seu desejo de desenvolvimento profissional, seu olhar para as relações raciais. Pelas declarações da época de escolarização, as atividades profissionais encontraremos sinais da disciplinarização dos corpos e saberemos se a ancestralidade africana se faz presente em nestas famílias negras ou não.

Conhecer a história da África, aproximar o reconhecimento das raízes que formam o jeito de ser e viver dos brasileiros a o trabalho de resgatar a memória dos entrevistados sobre os marcadores sociais como educação e trabalho, nos levará a discutir a respeito da disciplinarização e subjetivação dos sujeitos negros no passado e na atualidade. Levantar questões no intuito de trazer mais subsídios para pensar a posição atual dos(as) negro(as) brasileiros(as) no local da pesquisa.

### **1.3.1 (In)visibilidade dos negros catarinenses**

Propomos uma reflexão sobre a (in) visibilidade do negro serrano catarinense como temática desta uma pesquisa acadêmica, buscando suporte teórico em pesquisas sobre identidade étnica e relações raciais. É escassa a produção sobre a escravidão negra em Santa Catarina e qual o resultado dela para os descendentes de escravizados. Raramente a academia dedica estudo sobre os malefícios do tráfico negreiro e das relações dos descendentes destes com os marcadores sociais do trabalho e educação.

Na historiografia catarinense, uma ausência notável é aquela das populações de origem africana. Se não chega a haver omissão total, têm sido bastante reduzidas as iniciativas nesta direção. Podem-se contar nos dedos as obras que enfocam esta temática, as quais, em sua maior parte, dedicam-se ao período da escravidão; mesmo assim, apenas algumas têm buscado explicações para a permanência, nos dias atuais, do preconceito racial e da discriminação (LEITE, 1996, p. 233).

O Estado de Santa Catarina tem afro-brasileiros fazendo parte da sua população, quais contribuições a historiografia das regiões catarinenses oferecem para o fortalecimento da identidade racial dos negros(as). De acordo com o Núcleo de Estudos Negros (NEN) entidade ativa na militância negra do estado, os descendentes de africanos ainda vivem confinados à invisibilidade mesmo que as estatísticas oficiais apresentadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) informem a presença de 12%, o que corresponde a 600 mil catarinenses negros. (NEN, 2015).

A invisibilidade tem sido, portanto, mais um dos atributos pagos por populações de origem africana em Santa Catarina. Além da historiografia, os meios de comunicação de massa vêm construindo uma imagem de loira Catarina, um pedaço da Europa no Sul do Brasil, e, desta forma, acaba-se acrescentando, mesmo que involuntariamente, mais uma forma de discriminação: a negação da existência e da memória (LEITE, 1996, p. 233).

Não é difícil encontrar pessoas de outros estados que estranhem associar a gente do sul do país, com a figura do (a) negro(a). Por exemplo, entendemos que a atenção voltada para as festas de outubro neste estado, recebe grande repercussão nacional. Esse destaque oferecido pela mídia poderia buscar comparativos das festas étnicas de outros grupos a fim de dar visibilidade para todos.

Embora a historiografia incline-se a creditar número proporcionalmente menor de escravos em Santa Catarina - sempre em comparação com outra imigração as regiões - ao sucesso imigração europeia com base na pequena propriedade, sobretudo de alemães, italianos e poloneses, tal imigração, segundo aquela versão, teria não apenas dispensado a utilização da mão-de-obra escrava, como, sobretudo, demonstrado a superioridade do trabalhador livre no cultivo da terra. Em conformidade com estes argumentos, as relações entre senhor e escravo foram descritas, na maioria das vezes, como relativamente brandas, tendo sido, em boa medida, superadas pelo espírito magnânimo das elites locais (LEITE, 1996, p. 238).

O pouco que foi registrado sobre negros catarinenses em jornais e livros do período escravista era sobre anúncio de escravos fugitivos, não se tinha interesse em destacar o oprimido, não era assunto atrativo para os leitores daquela época, fato natural destacado na citação acima. Apesar de divulgarem “harmoniosas relações raciais”, existiram aqui defensores do fim da abolição.

Entretanto, a documentação mostrou-nos que não eram raras as evidências da presença de escravos... Mais ainda: a leitura de jornais e de processos criminais da época revelou a inconsistência da crença nos bons tratos e na bondade dos proprietários de escravos catarinenses. Afinal, é preciso ter em conta que o processo de abolição da escravatura não foi, aqui, menos sinuoso do que em outros lugares do país (LEITE, 1996, p. 238).

Se no passado não haviam neste estado quilombos abolicionistas reconhecidos pela história, na Santa Catarina dos dias atuais os movimentos sociais, a favor da população negra, são legitimados e caminham para uma maior representatividade. Lembramos que muitos autores defendem o conceito de negro para o conjunto de representantes pretos e pardos que assim se percebam. Como exemplo citamos a existência na cidade de Içara da Pastoral Afro Chico Rosa, em Blumenau o Grupo Cisne Negro, em Florianópolis a Marcha das Mulheres Negras, entre outras localidades catarinenses com seus grupos de Movimento Negro ativo e organizados.

Entretanto, a invisibilidade da história e cultura dos(as) negros(as) catarinenses para a direção de política empresarial e cultural, precisa ser mais explicitada no que tange às pesquisas sobre o racismo e sua influência, sobre a contribuição histórica do povo afro-brasileiro na formação e composição da população do estado.

[...] a invisibilidade do negro é um dos suportes da ideologia do branqueamento, podendo ser identificada em diferentes tipos de práticas e representações. A noção de invisibilidade, utilizada por vários autores para caracterizar a situação do negro, foi utilizada pela primeira vez na literatura ficcional americana por Ellison (1990) para descrever o mecanismo de

manifestação do racismo nos Estados Unidos, sobretudo na entrada dos ex-escravos e seus descendentes no mercado de trabalho assalariado e as relações sociais decorrentes de sua nova condição e status. Ellison procura demonstrar que o mecanismo da invisibilidade se processa pela produção de um certo olhar que nega sua existência como forma de bani-lo totalmente da sociedade. Ou seja, não é que o negro não seja visto, mas sim que ele é visto como não existente (LEITE, 1996, p. 41).

Esta autora nos explica que a invisibilidade pode ocorrer no âmbito individual, coletivo, nas ações institucionais, oficiais e nos textos científicos, faz de conta que existe, mas não se concretiza de fato, não interessa para muitas pessoas essa participação do negro nos diferentes setores, não aparecem nos bancos de dados o interesse significativo dos pesquisadores por esta área. Os estudiosos, pesquisadores sobre o negro no Brasil, sentem na pele a diferença, são eles(as) que dedicam esforços para revelar a história desta etnia. Tivemos sociólogos e pesquisadores brancos importantes como Nina Rodrigues e Artur Ramos, mas, geralmente são os(as) negros(as) intelectuais que vêm buscando saber mais sobre suas origens.

Ao oferecer para os educadores/as a possibilidade de distanciar-se do modo habitual, condicionado e ter outras leituras e impressões do que rodeia o cotidiano da pessoa negra, permite-se a possibilidade de se reconhecer quem oprime, e porque o sentimento de opressão ocupa espaço.

A hierarquia organizada mapeia, portanto cada categoria social tem o seu lugar através de estereótipos como a marginalização do corpo negro, o desprezo pelos favelados, a crença que todo negro(a) tem baixa instrução, o estranhamento ao ver uma pessoa negra no campo científico, etc. Acrescentamos que a dimensão do poder e da dominação é fundamental para a construção dessa hierarquia e desse mapa social da desigualdade. Ainda permanece uma maneira diferente dos brancos dirigirem-se às pessoas negras, existem as expectativas de olhar submisso e atitude reservada. Uma reconstrução da identidade nacional ajudaria na tarefa de superar a invisibilidade cultural e histórica de negros e indígenas nos espaços de poder.

## 1.4 EDUCAÇÃO, RACISMO E DISCIPLINARIZAÇÃO

No que concerne ao entendimento, maior desenvolvimento da educação e as relações raciais, não se pode mais fazer de conta que a sociedade e a escola brasileira são justas. Não basta o estudante estar sentado em sua carteira na sala, ele(a) precisa sentir-se parte da escola, da universidade, precisa ser recebido com suas histórias, religiosidade e jeito cultural de ser. Inclusive o alunado negro(a) que traz o impacto do ser diferente em relação à cor da pele perante os demais alunos(as) brancos. É válido ressaltar que principalmente no ensino superior o número de estudantes negros é reduzido nas turmas em geral.

Direito dos negros, assim como de todos os cidadãos brasileiros, cursarem cada um dos níveis de ensino, em escolas devidamente instaladas e equipadas, orientados por professores qualificados para o ensino das diferentes áreas de conhecimentos; com formação para lidar com as tensas relações produzidas pelo racismo e discriminações, sensíveis e capazes de conduzir a reeducação das relações entre diferentes grupos etnicorraciais, ou seja, entre descendentes de africanos, de europeus, de asiáticos, e povos indígenas. Estas condições materiais das escolas e de formação de professores são indispensáveis para uma educação de qualidade, para todos, assim como o é o reconhecimento e valorização da história, cultura e identidade dos descendentes de africanos (BRASIL, 2004, p 10).

Para a prática docente contemporânea, saber mais sobre a disciplinarização dos corpos nas histórias de vida do(a) negro(a), basta compreender o peso racista da influência colonial na formação psicológica da população brasileira, especificamente dos (as) negros(as). No entendimento da expressão disciplina ressaltada por Foucault, Diez (2008, p. 120), nos esclarece:

A disciplina diverge da escravidão, domesticidade, vassalagem e das disciplinas de tipo monástico: a escravidão baseia-se na relação de apropriação dos corpos; a domesticidade na dependência dos caprichos de cada patrão para ser uma dominação completa; a vassalagem realiza-se

sobre o resultado do trabalho e na obediência, e não no movimento do corpo; as disciplinas monásticas visam o autocontrole do corpo, e mais a renúncia do que a utilidade.

Estudiosa da obra de Foucault, Diez (2008), ensina-nos que o corpo negro sofreu pela escravidão e continuou assujeitado ao poder do Estado e da sociedade após a abolição, devido à disciplinarização que o qualificou para determinadas funções. Trabalhos e atividades que usassem o esforço físico e o restringisse das funções de chefia, das decisões. Talvez a transformação das relações raciais entre negros(as) e brancos(as) que objetiva ultrapassar as ideias de disciplinarização histórica que lhes é imposta, pode ser conseguida pelos depoimentos de vida resgatados pela história oral associados ao ensino da cultura, história africana e afro-brasileira.

A sociedade muda quando a escola muda, toda a equipe escolar ao conhecer e respeitar a cultura e a etnia uns dos outros poderá dar mais chances de participação igualitárias para todas as crianças e jovens. Já dizia Paulo Freire que devemos considerar que a dominação de consciências faz parte do jogo de interesses de grupos, classes e nações para submeter uma minoria sob controle.

Os artistas da Semana 1922<sup>24</sup> já mostravam com a Arte Moderna Brasileira, o caminho pela antropofagia<sup>25</sup> que podemos receber as ideias do colonizador, porém, é preciso misturar o que vem de fora com nossas raízes e dar novo rosto às teorias e conceitos, um rosto de Brasil e não cópia da Europa. Os primeiros intelectuais que trataram da questão histórica do negro brasileiro fizeram-na embasados nos ideais europeus conforme no declara (MOURA, 1988, p. 18)

Nina Rodrigues [...] embebido e deslumbrado pela ciência social oficial europeia que predominava no seu tempo e vinha para o Brasil, via o negro como biologicamente inferior, transferindo para ele as causas do nosso atraso social [...] essa

---

<sup>24</sup> Semana de 1922, aconteceu em São Paulo no Teatro Municipal com apresentações artísticas e exposição de obras intituladas modernas, por fazerem uso de novas técnicas, estilos e temáticas apreendidos dos encontros de artistas nacionais com a vanguarda europeia.

<sup>25</sup> Antropofagia: O movimento antropofágico pregava que os brasileiros deviam absorver todas as ideias dos países estrangeiros, aproveitar o que fosse necessário e então livrar-se do resto. (MANGE, 2002, p.48)

característica que até hoje perdura nas ciências sociais do Brasil: a subserviência do colonizado aos padrões ditos científicos das metrópoles dominadoras.

As interpretações históricas dos negros(as) e a sociedade serão gradativamente modificadas principalmente com apoio da escola, da universidade. As instituições escolares, em todos os níveis de ensino, poderiam proporcionar reflexões de estudo que permitisse aos sujeitos reconhecerem a si próprios e o seu valor. Cumprindo o papel de ensino de qualidade proposto pelo Plano Nacional de Implementação de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, documento que está atento para a disseminação das diversas manifestações culturais e artísticas que compõe a história da identidade nacional brasileira.

De acordo com o Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura afro-brasileira e Africana de 2013, é atribuição dos sistemas de ensino a implementação das Leis Federais<sup>26</sup> que promovem este conhecimento.

As exigências legais conferidas aos sistemas de ensino pelas Leis 10639 e 11645, Resolução CNE/CP N° 01/2004 e Parecer CNE/CP 003/2004 compartilham e atribuem responsabilidades entre os diferentes atores da educação brasileira. Compõe essa segunda parte das atribuições, por ente federativo, sistemas educacionais e instituições envolvidas, necessárias à implementação de uma educação adequada às relações Etnicorraciais (BRASIL, 2013, p. 25).

Neste sentido os atores citados no plano referem-se ao Ministério da Educação; Conselho Nacional de Educação; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); Instituto

---

<sup>26</sup>Marcos legais para o ensino afro: Lei Federal 10.639/03 altera a Lei 9.394/96; a Lei Federal 11.645/08 altera a 10.639; Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira Africana, homologada em 18 de maio de 2004, do Parecer 03/2204, de 10 de março, do Conselho Pleno do CNE aprovando o projeto de resolução dessas diretrizes. Em 21 de março de 2003 criou-se a Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial — SEPIIR

Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP); Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação(FNDE); Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial (SEPPPIR), ou seja, são atores principais os Órgãos Federais e Secretarias das diferentes instâncias unidas a escola brasileira. Desta forma todos(as) temos o compromisso na divulgação e produção de conhecimentos, de valores e atitudes para o desenvolvimento integral das pessoas, independente da etnia a qual se identifica.

Nossa proposta de reflexão baseia-se na estratégia de usar depoimentos de história oral de pessoas negras, para rever fatos ligados às relações sociais de seus parentes, antepassados e eles próprios com a região serrana catarinense. Histórias de um passado recente que denunciam, desabafam e trazem outra compreensão para o que é ser negro(a) no Brasil. Foucault, ao escrever *A vida dos homens infames* (2003) resgatou nos arquivos do Hospital Geral e da Bastilha francesa, histórias reais de pacientes criando uma antologia de existências. Vidas marcadas pelo poder.

O poder que espreitava essas vidas, que as perseguiu, que prestou atenção, ainda que por um instante, em suas queixas e em seu pequeno tumulto, e que as marcou com suas garras, foi ele que suscitou as poucas palavras que disso nos restam; seja por ter querido dirigir a ele para denunciar, queixar-se, solicitar, suplicar, seja por ele ter querido intervir e tenha, em poucas palavras, julgado e decidido. Todas essas vidas destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas só puderam deixar rastros - breves, incisivos, com frequência enigmáticos - a partir do momento de seu contato instantâneo com o poder. De modo que é, sem dúvida, para sempre impossível recuperá-las nelas próprias, tais como podiam ser “em estado livre;” só podemos balizá-las tomadas nas declamações, nas parciaisidades táticas, nas mentiras imperativas supostas nos jogos de poder e nas relações com ele (FOUCAULT, 2003, p. 207).

Guardadas as devidas proporções, o trabalho desenvolvido nesta dissertação de procurar vidas marcadas pelas relações sociais entre negros(as) e brancos(as), traz o resultado provocado pelo poder em uma

sociedade de época e a naturalização do preconceito racial na história de vida dos primeiros. Recorremos novamente a Foucault (2003, p. 208):

Essas vidas, por que não ir escutá-las lá onde, por elas próprias, elas falam? Mas em primeiro lugar, do que elas foram em sua violência ou em sua desgraça singular, nos restaria qualquer coisa se elas não tivessem, em um dado momento, cruzado com o poder e provocado suas forças.

Nossa abordagem procura relatar como um grupo específico, no caso os(as) negros(as) serranos em Santa Catarina lidaram com a marginalização e a rejeição social. Fazendo uso dos marcadores sociais da família, escola e trabalho, trazemos o ponto de vista destas pessoas no que tange à formação de sua identidade étnica. Em se tratando de grupos distintos Moura (1998, p. 116) diz:

Quando nos referimos a um grupo diferenciado numa sociedade de classes, temos em vista uma unidade organizacional que, por um motivo ou uma constelação de motivos ou racionalizações, é diferenciado por outros que, no plano da interação, compõe a sociedade. Isto é: constitui um grupo que, por uma determinada marca, é visto pela sociedade competitiva dentro de uma ótica especial, de aceitação ou rejeição, através de padrões de valores, mores e representações dos estratos superiores dessa sociedade... Procuramos, com este termo, designar, do ponto de vista interno do grupo, os padrões de comportamento que são criados a partir do momento em que os seus membros se sentem considerados e avaliados através da sua marca pela sociedade.

Estamos fazendo uma crítica aos historiadores que engrandeceram a imagem de instituições e etnias hegemônicas, desprezando as sabedorias contidas na vida dos(as) subordinados(as) destas instituições e/ou etnias correspondentes aos padrões da elite dominadora. Eis a importância da história oral e da análise de impacto do poder, da disciplinarização dos corpos negros nesta parte do estado catarinense, em uma época de regras de convivência e mitos sociais em ascendência, com o poderio das oligarquias nos campos em cima da serra. Quais mazelas de ser negro(a) e viver num espaço e tempo

discriminatório, quais famílias representavam a resiliência sobre a condição de ser negro(a) na década de 50. Qual foi o papel da escola na vida deste grupo específico e na luta contra o racismo.

#### **1.4.1 Relações raciais no contexto educacional**

No início do processo de constituição da rede escolar brasileira - final do período imperial e início da República Federativa (1889) - os (as) negros(as) também eram proibidos de frequentar a escola, não obstante, com a abolição da escravatura, esse direito tenha sido adquirido. Afinal, os (as) negros(as) precisavam saber ler para obedecer à legislação imposta pelo colonizador português.

Os (as) negros(as) foram libertos, alfabetizados, mas, ainda lutam para avançar e permanecer no campo educacional seja aluno(a) ou professor(a). Como resume a frase de ditado popular: “Tem que pôr o pé na porta, antes que ela feche e entrar”. Apesar dos avanços de estudos sobre a população negra na historiografia nacional, o espaço escolar nem sempre trata da contribuição desta etnia no currículo escolar com equivalência em relação à história do branco europeu e/ou dos indígenas.

No pós-ditadura, a partir dos anos 80, a sociedade vai às ruas lutando por mais democracia. O Movimento Negro em suas várias representações insistiu no respeito aos direitos da população afro-brasileira, exigindo do governo federal mais atenção a esta população, pois o desemprego, a violência policial, exclusão social e a pobreza no Brasil recaí em maior grau na população negra. Na esperança de transformar esta realidade, o governo Lula seguindo as ideias do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, possibilitou à implantação das ações afirmativas, que são medidas especiais para minimizar o prejuízo cultural, moral e econômico a grupos discriminados e vitimados pela exclusão social ocorridos na história do país.

Em 1983, foi criado um projeto de Lei nº 1.332, que propunha ações compensatórias para a população negra; entretanto, o projeto não foi aprovado pelo Congresso Nacional. Segundo (GAGUEIRA, 2015) “somente a partir de 2001 foram aprovadas políticas públicas para os mais empobrecidos, grande parte desses sujeitos compõe a população negra”.

Políticas públicas, com ações afirmativas possuem como objetivo eliminar a desigualdade, aumentar a participação dos grupos discriminados em determinadas áreas de emprego ou no acesso à educação, por meio de maior oferta de bolsas de estudo, no caso das

cotas; prioridade em empréstimos e contratos públicos; distribuição de terras e moradias; medidas de proteção diferenciada para Quilombolas. São estratégias de governo, medidas compensatórias, importante salientar que os resultados trazidos pelos dados estatísticos são positivos. Existem hoje mais jovens negros(as) na universidade, talvez esses médicos (as), advogados(as), engenheiros(as), etc. façam a diferença no futuro para a melhoria da qualidade de vida deste segmento populacional.

Acontecem em nossa época mais ofertas de apoio e incentivo ao estudo para as camadas mais baixas, para negros, especificamente, projetos que buscam a construção positiva da identidade étnica do afro-brasileiro em seu ambiente escolar. Conforme Nei Lopes no Dicionário Escolar Afro-Brasileiro o “significado de afro-brasileiro é qualificativo do indivíduo brasileiro de origem africana e de tudo que lhe diga respeito. Relativo, ao mesmo tempo, à África e ao Brasil, como o indivíduo brasileiro de ascendência africana” (LOPES, 2006, p. 15).

Nossa preocupação em relação ao ensino para os afro-brasileiros se dá pelo fato das ações afirmativas serem recursos paliativos. A pessoa é afro-brasileira, mas, não é necessariamente auto reconhecida como negra, um dos benefícios das ações está na descoberta do seu próprio eu. Para o segmento dos afro-brasileiros, tanto os que se veem negros ou não, elas vem minimizar uma parte do problema. Todavia é por certo tempo, já que a qualquer momento esses direitos podem ser suspensos, afinal nem todas as ações afirmativas são leis. Existem ainda outras ações governamentais que podem ser consideradas como Ações Afirmativas no âmbito social, como por exemplo: Luz para todos, Minha casa minha vida e Bolsa família, tais programas buscam reduzir as desigualdades sociais no país, possibilitando condições de igualdade e melhor condição de subsistência aos cidadãos mais pobres.

No campo da educação, atividades escolares orientadas por profissionais que buscam selecionar imagens e conteúdos antirracistas, é provavelmente resultado de uma percepção construída recentemente — entender que as crianças e jovens negros(as) precisam reconhecer na escola a presença de personagens familiares. A partir desta premissa, ter contato com as narrativas dos mais velhos — que tão bem exploram a origem afro-brasileira em sua existência — assim ter a chance de debater o que ela conhece bem, suas experiências familiares, culturais e religiosas, inseridas em vários conteúdos escolares é primordial.

Um dos espaços onde o não dito relativo à problemática racial funciona de modo eficiente é

no ambiente escolar. Dos níveis relacionais, passando pelos conteúdos produzidos no interior da instituição escolar, até os sinais em que o implícito da linguagem e das imagens e eivado de mensagens que ratificam o discurso racista, a questão está presente (CANDAU et al., 2013, p. 123)

Em concordância com a afirmação acima, percebemos que transitar por anos em cada etapa escolar e não ter espaço para suas manifestações étnicas, em sala de aula desfavorece o indivíduo negro. Justificamos a necessidade de afirmação étnica positiva porque ainda existem professores(as) que insistem em apresentar a ideia do negro sem história, indolente e ignorante, uma visão errônea do século passado que fora impregnada no pensamento do senso comum. Os próprios negros(as) conhecem pouco de sua história, tem dificuldades de lidar com sua herança étnica, sua negrura. Como diria Fanon: “O negro é um homem negro; isto quer dizer que devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo”. (2008, p. 26). Levando em conta a distinção ancestral proveniente do continente de origem dos negros(as) brasileiros(as), a África multicultural, torna-se impar transitar pelo maior número de aprendizados ligados aos dois continentes que forneceram nossas matrizes genéticas, África e Europa. Caso contrário, “para o negro, há apenas um destino. E ele é branco”. (FANON, 2008, p. 28).

Contudo, para que a pessoa negra se liberte dos discursos contrários a sua potencialidade, e que se rompa o complexo de inferioridade dos negros em relação aos brancos, causado pelo processo econômico faz-se urgente acabar com o silenciamento e a negação da discriminação racial nas escolas, há que atentar para as práticas racistas existentes entre alunos(as) e professores(as) (CANDAU et al., 2013, p.128).

Corroborando com este pensamento acreditamos que, tanto o sujeito negro que ensina ou aquele (a) que quer aprender, precisam ter resiliência, que é a capacidade de superação não individual, mas social.

Desta forma os(as) estudantes negros(as), serão capazes de partir para o enfrentamento do racismo, da estigmatização negativa, do preconceito racial. Prejuízos sociais herdados devido à colonização

sofrida, da construção histórica que subjogou as culturas indígenas e africanas do país. Na afirmação de Moura (1988, p. 23):

Em vista disto a imagem do negro tinha de ser descartada da sua dimensão humana. De um lado havia necessidade de mecanismos poderosos de repressão para que ele permanecesse naqueles espaços sociais permitidos e, de outro, a sua dinâmica de rebeldia que a isso se opunha. Daí a necessidade de ele ser colocado como irracional, as suas atitudes de rebeldia como patologia social e mesmo biológica.

Entre outros fatores, na historiografia brasileira, as violências dirigidas à população negra, tanto físicas, quanto emocionais ,eram resultantes de discursos como o da citação acima. Portanto resgatar lembranças da história e cultura de pessoas negras pode promover na sociedade e nas instituições escolares uma educação que demonstre e respeite mais esta etnia. Com o aceno da constante luta do Movimento Negro, a justiça brasileira é forçada a posicionar-se referente à ressignificação social da população negra.

Durante toda a história da humanidade as relações étnicas motivaram causas políticas, econômicas, sociais e intelectuais. As vitórias em favor do segmento raça/cor, que assistimos hoje, vêm da luta de Zumbi, dos abolicionistas, da luta pelos direitos humanos e do desejo de livrar-se da opressão do branco colonizador, ou seja, descolonizar-se, acreditar no novo humanismo proposto por Frantz Fanon. A ideia de Fanon (2008), para o novo humanismo, traz a percepção do médico e estudioso, que franceses não viam os martinicanos com fraternidade, mesmo humanidade. Ele também discordava da bandeira iluminista levantada pela revolução francesa, liberdade, fraternidade e igualdade. Pensava e alertava, que estas palavras não eram consideradas, quando se tratava da verdadeira situação dos(as) negros(as) na França.

Ele nos forneceu o pensamento da liberdade sobre o humanismo racista europeu para dar sentido à humanidade. Citando Queiroz, “o novo humanismo perspectivado por Fanon (2013, p. 126), a partir dos lugares sociais dos povos oprimidos em processo de libertação configura uma necessidade vital para a sustentação do projeto emancipacionista”.

Uma nova tomada de consciência do povo colonizado se difere de acordo com as classes sociais sobre as etnias dominadas. Segundo esta compreensão, os burgueses da terra imitaram o pensamento europeu, e

um grupo menor continua servindo dos próprios caprichos, sufocando os ideais populares.

Várias instituições governamentais vêm articulando atividades que contemplam não só a oferta de formação especializada para atender ao mundo do trabalho, mas também, ações que atendam às necessidades sociais e culturais dos sujeitos. Com intuito de colaborar na conscientização quanto à pluralidade étnico racial brasileira. Na afirmação de Gomes (2000, p. 86):

Em certos momentos, ‘as práticas educativas que se pretendem iguais para todos acabam sendo as mais discriminatórias. Essa afirmação pode parecer paradoxal, mas, dependendo do discurso e da prática desenvolvida, pode-se incorrer no erro da homogeneização em detrimento das diferenças’.

De acordo com a autora, o discurso de que “somos todos iguais” não condiz com o ensino da pluralidade étnico racial, com a atenção multicultural do currículo ideal. Para a escolarização destinada aos diferentes grupos étnicos que formaram o povo brasileiro, se faz necessário a integração de brancos e negros no conhecimento histórico. As particularidades dos indígenas, negros e brancos quanto às atividades religiosas, alimentares, artísticas, precisam ser apresentadas de forma equivalente durante os anos de vida que o aluno dedica à escola. Citando Candau et al. (2013, p. 124):

No início do século XXI, o Brasil tem avançado na construção democrática e na superação das desigualdades sociais e raciais. é também um dever democrático da educação escolar e das instituições públicas e privadas de ensino a execução de ações, projetos, práticas, novos desenhos curriculares e novas posturas pedagógicas que atendam ao preceito legal da educação como um direito social, incluindo nesse o direito à diferença.

Nos últimos anos aconteceram avanços na mudança de discurso sobre o direito dos negros(as) em nossa sociedade. Questões relacionadas à invisibilidade do (a) aluno (a) negro(a) em sala de aula, e a falta de referências positivas para construção de uma identidade afro-

brasileira, ainda contribuem significativamente para a dispersão destes da escola, e, conseqüentemente, um futuro de desigualdade financeira e profissional.

O descaso ainda existente com a progressão escolar dos negros incentivou mais fortemente a luta do movimento negro pela democracia e resultou na inserção da Educação Étnico-racial nos currículos escolares. Segundo o Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana é importante, também, explicar que o emprego do termo étnico, na expressão étnico-racial, serve para marcar as relações tensas advindas das diferenças na cor da pele e nos traços, fisionômicos. “Demonstra, ainda, a raiz cultural plantada na ancestralidade africana, que difere em visão de mundo, valores e princípios das de origem indígena, europeia e asiática” (BRASIL, 2013, p. 16).

Esse ensino aparece para desempenhar importante papel da configuração de uma identidade nacional, buscando minimizar o preconceito racial, e também como um elemento de incentivo à formação de uma sociedade “estruturada” e “preparada” para o domínio de um modelo econômico, não excluindo suas características étnicas e culturais, mas tornando uma sociedade esclarecida a respeito de etnicidade, do ser indiferente na diferença.

O respeito à pluralidade constitui requisito fundamental na construção da cultura dos Direitos Humanos, pois implica reconhecimento do Outro, de seus valores e costumes. A igualdade, assim como a diversidade, são princípios fundamentais da democracia, e as escolas bem como demais instituições educativas podem fomentar a interação e a convivência social nesta perspectiva. Através do reconhecimento de que não pode haver discriminações que excluam determinadas pessoas ou grupos do acesso a bens de cidadania as instituições trabalham para a afirmação da igualdade (CANDAU et al., 2013, p. 128).

A constituição da nação brasileira, inicialmente formada por índios, brancos e negros, reflete em diversas áreas e situações o modo africano de ser, viver, conhecer, saber e, na atualidade reconhece-se a contribuição cultural africana também na ciência, arquitetura e em toda forma de aprendizado envolvendo o corpo humano e sua história.

Fundamentamos esta dissertação com o termo identidade negra, essa expressão aproxima-se do termo negritude divulgado pelo intelectual da Martinica Aimé Césaire na década de 30. No entendimento do filósofo e político negro, a palavra negritude engloba a visão do movimento negro de provocar a autoestima na população afrodescendente, um termo surgido na França moderna, para significar a circunstância de se pertencer a este grupo, [...] assenta-se na afirmação da identidade africana, no entendimento de que os negros do continente africano e da Diáspora devem lutar por seus direitos fundamentais, e de que os negros do mundo inteiro têm compromisso ideológico uns com os outros (LOPES, 1996, p.119).

Este novo olhar produzido por grupos de militantes, que assim como na filosofia do professor Aimé Césaire, fortaleciam a estética visual do negro. Iniciava-se uma nova era, onde muitas pessoas negras passavam a assumir o cabelo “black power”, a força negra, o slogan “O negro é lindo” ajudou a desatar as amarras colonialistas das gerações seguintes, no sentimento da baixa autoestima de pessoas negras.

Tratar de identidade negra num país que tem o Carnaval como grande espetáculo, é dizer que não basta uma festa no ano para garanti-la, que a diferença de investimentos financeiros, envolvimento humanos do carnaval baiano e do Rio de Janeiro para as demais capitais é muito diferente. Por isso se faz uma constante para aqueles (as) que estão fora destes pólos culturais afro-brasileiros o desvelar das influências africanas na formação da população negra, reiterar a identidade étnica do negro com o orgulho da diferença, fugir da alienação, do embranquecimento forçado, seja no visual, na fala ou escolhas culturais.

A identidade pode ser vista como uma espécie de encruzilhada existencial entre indivíduo e

sociedade em que ambos vão se constituindo mutuamente. Nesse processo, o indivíduo articula o conjunto de referenciais que orientam sua forma de agir e de mediar seu relacionamento com outros, com o mundo e consigo mesmo. A pessoa realiza esse processo por meio de sua própria experiência de vida e das representações da experiência coletiva de sua comunidade, aprendidas na sua interação com outros. A identidade coletiva pode ser entendida como o conjunto de referenciais que regem os inter-relacionamentos dos integrantes de uma sociedade ou como o complexo de referenciais que diferenciam o grupo e seus componentes dos “outros”, grupos e seus membros, que compõem o restante da sociedade (NASCIMENTO, 2003, p. 31).

Existe a alienação de natureza intelectual, pessoa estuda tanto a cultura do outro que pode acabar se alienando, e a mais grave é o exemplo dado por Fanon (2008), do sujeito trabalhador negro explorado e disciplinado que se assujeita ao discurso do outro dito superior, dito por quem? Se houver uma aceitação constante, maior valorização repetidamente de uma cultura em especial, o restante fica assujeitado a esta. Quando tentamos enfrentar os discursos monopolizados, estamos construindo novas percepções e olhares sobre algo que é diferente, mas não errado.

O ensino da contemporaneidade requer envolver todas as disciplinas na equivalência de oferta sobre estudo das etnias que compõem a matriz nacional, índio, branco e negro. Ressaltar outras posturas que denunciem o preconceito e tragam respeito e valorização ao ser humano independente da cor, gênero ou classe pode deixar de ser utopia se toda a escola tiver esse entendimento. A escola tem a possibilidade de espalhar pela comunidade o que ensina para suas crianças e jovens, pois geralmente estes comentam em casa o que ouviram na aula.

Transformar a ingenuidade de algumas pessoas negras que se acham incluídas, como no exemplo da mãe negra que coloca a filha no balé, porém não percebe que a criança dela é sempre posicionada na fila de trás ou nos cantos, raramente no centro das apresentações; “Diante do branco, o negro tem um passado a valorizar e uma revanche a

encaminhar” (FANON, 2008, p.186) Ampliando o debate sobre identidade étnica, sobre autoconhecimento, no campo educacional proporcionamos a junção de um feixe de galhos forte o suficiente para não se romper perante acusações racistas que cortam como lâmina o corpo e a alma dos(as) negros(as).

#### **1.4.2 Políticas educacionais para negros(as) no Brasil**

O debate em torno das políticas públicas para a população negra inicia com as Leis Federais para as relações raciais que esta dissertação propõe. Hoje a geração de 20 a 30 anos pode afirmar sua negritude com mais liberdade, amparada por textos legislativos designados nos diversos documentos federais construídos a partir da década de noventa, são eles:

Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual, 1997; Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte, 1998. - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, 2004 - Educação Africanidades Brasil. Ministério da Educação, 2006 - Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais, 2006 - Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, 2013.

O Ministério da Educação, Associações, Instituições e Centros de Estudos ligados ao Movimento Negro produziram esses documentos. Cabe aos professores (as) conhecer e discutir o que dizem as orientações sugeridas. Igualmente para fazer acontecer determinações coerentes com os direitos da população negra e divulgar o conteúdo organizado para mudança de estereótipos e paradigmas negativos sobre esta população.

Militantes, intelectuais e alguns dirigentes políticos a favor do movimento negro construíram essas ferramentas de Políticas Públicas. Os documentos já citados comprovam o esforço dos protagonistas da história de resistência negra em dar visibilidade ao conhecimento científico e empírico trazido pelos negros escravizados da África para o Brasil e para a América. O desenvolvimento da identidade dos/as afro brasileiros/as durante muito tempo era acompanhado do discurso que não havia intelectuais negros, que a África não produzia muito e que o racismo era natural. Esta imagem de inferioridade sobre o continente africano foi produzida pelo discurso eurocêntrico.

Estas ações buscam assegurar o combate à pobreza e ao racismo, tais como as Leis a Lei 10.639/03 e a Lei 11.645/08 para o ensino étnico

racial, estas propuseram a obrigatoriedade da oferta sobre a História e Cultura africana, afro-brasileira e Indígena em todos os níveis escolares.

Além delas, podemos citar a Lei de Cotas no Ensino Superior, a Portaria Normativa Nº 18, de 11 de Outubro de 2012 o Decreto Nº 7.824, de 11 de outubro de 2012 e o Estatuto da Igualdade Racial.

Contemplando as reivindicações suscitadas pelo Movimento Negro, as leis têm o propósito de obter para o conjunto das populações atingidas pelo escravismo europeu uma atenção especial no âmbito educacional. Elas estão representadas nos documentos antirracistas e multiculturalistas que regulamentam dispositivos concernentes à Constituição Federal (1988).

O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2013) afirma: “a Lei 10.639 é um marco histórico. Ela simboliza, simultaneamente, um ponto de chegada das lutas antirracistas no Brasil e um ponto de partida para a renovação da qualidade social da educação brasileira” (p.13). Ao se preocupar com a promoção de uma perspectiva igualitária, pluralista e realmente democrática em nossa sociedade, a Constituição brasileira dá relevância à história do povo negro, reconhecendo a problemática racial.

Entre os ideais de emancipação dos negros no Brasil, a educação é a chave mestra, no entanto o resultado das avaliações nacionais quanto à evasão escolar dos jovens negros, percebeu-se como uma das causas a ausência em muitas escolas, de se dar ênfase ao estudo dos povos africanos como primeiros habitantes do Brasil, tornando relevante a criação da lei que contempla o Ensino da História e a Cultura Afro-brasileira e dos Indígenas brasileiros nas escolas. Diante desta situação foi implantada a Lei 10.639/2003 e posteriormente substituída pela Lei 11.645/2008. Estas leis vieram assegurar os conteúdos da história e cultura africana, indígena e afro brasileira em todos os níveis de Educação Básica em nosso país.

Nos dias atuais o grito dos negros por igualdade ecoa mais alto, não passa despercebido. Diferente da época colonial em que citando Pedro consideramos “ o negro era antes de tudo, um estranho, uma espécie de intruso no meio do convívio social, que precisava ser tolerado, mas, nem por isto considerado como um igual” (BRASIL, 1988. p. 07).

É importante perceber que insistimos nesta discussão, pois ainda para muitas pessoas, os negros não são iguais, não merecem a mesma distinção de tratamento atencioso. São vistos como inferiores na pirâmide humana e frequentes são as queixas em boletins policiais por ofensas racistas e discriminação contra crianças, jovens e adultos afro-brasileiros.

No tocante a educação étnico racial é importante à equivalência da oferta de conhecimento nos currículos, quanto às etnias que povoaram o Brasil, de acordo com o Plano Nacional:

A lei 10639 e, posteriormente, a lei 11645, que dá a mesma orientação quanto à temática indígena, não são apenas instrumentos de orientação para ao combate à discriminação. São também Leis afirmativas, no sentido de que reconhecem a escola como lugar da formação de cidadãos e afirmam a relevância de a escola promover a necessária valorização das matrizes culturais que fizeram do Brasil o país rico, múltiplo e plural que somos (BRASIL, 2013, p.5)

Para construção de uma sociedade mais democrática precisamos ter educadores desenvolvendo projetos que contempam a história do povo negro, preservando a cultura, a religiosidade e resgatando a memória junto aos alunos e a comunidade escolar. A mestiçagem está em qualquer pessoa, faz-se urgente à atenção do estado para o segmento negro, na tentativa de mudar paradigmas resultantes do preconceito e da discriminação contra essa camada da população.

Novas reflexões podem ser oferecidas aos estudantes e toda a sociedade, a UNESCO em 1980 produziu oito volumes denominados “[...] História Geral da África, e continuam plenamente vigentes e atuais. Com efeito, esses volumes apresentam uma visão panorâmica, diacrônica e objetiva desse continente, rompendo com a racialização binária sistemática”. (WEDDERBURN, 2005, p.141).

No ano de 2013, sob a responsabilidade de Valter Roberto Silvério foi desenvolvido-se uma versão brasileira intitulada Síntese da coleção História Geral da África, oportunizando em dois volumes o resumo da primeira coleção para maior acessibilidade enquanto material pedagógico. O sucesso desta exigência para participação da escola na verdadeira democracia perpassa pela reconstrução de uma identidade positiva de negros e negras, bem como o esclarecimento da cultura e história africana e afro-brasileira para todos (as).

O contexto de vida dos descendentes dos africanos, das pessoas com a pele mais escura representa a diversidade cultural brasileira e também as diferenças sociais e de classe. A reeducação das relações entre negros e brancos na última década passou por um grande avanço com a implantação de Secretarias específicas na construção de documentos que atendem políticas públicas para negros no Brasil, considerando a necessidade de reparações, reconhecimento e valorização da identidade, da cultura e da história desta etnia. A seguir traremos informações e dados que apontam o lugar do negro(a) na empregabilidade e profissionalização da história financeira do Brasil de ontem e de hoje.

A partir do século XVI, as populações negras desembarcadas no Brasil foram distribuídas em grande quantidade nas regiões litorâneas, com maior concentração no que atualmente se denomina regiões Nordeste e Sudeste, cujo crescimento econômico no decorrer dos séculos XVII, XVIII e XIX foi assegurado pela expansão das lavouras de cana-de-açúcar. Esse processo garantiu aos senhores de engenho e latifundiários um grande patrimônio, enquanto em precárias condições de vida, coube ao povo negro, em sua diversidade, criar estratégias para reverenciar seus ancestrais, proteger seus valores, manter e recriar vínculos com seu lastro histórico, a 'África genitora' (LUZ, in BRASIL,1997, s.p.).

Essa afirmação aparece no material de Orientação e Ações para a Educação das Relações Étnico - Raciais distribuído pelo Governo Federal para as escolas e universidades nacionais, justificando específica atenção nas leis educacionais para uma juventude profissionalizada, independente do seu pertencimento racial.

### **1.4.3 Um pouco de arte educação na reflexão do ensino das relações raciais**

Países colonizados como o Brasil ouviram e ensinaram por anos nas suas escolas o repertório do europeu colonizador, desconhecendo ainda hoje grande parte da história, da cultura e da arte dos demais continentes. Geralmente, quando se estudava algum tópico ligado aos negros(as), diziam que os povos africanos eram indolentes e preguiçosos, além de serem acomodados com o destino da escravidão. Várias gerações de brasileiros (as) acreditaram nessas afirmações, mas, seria realmente verdade? Qual criança negra gostaria de se identificar com este discurso, por muitos anos ele serviu para espantar alunos (as) negros(as) das salas de aula. Assim nos esclarece Goss:

Além disso, o preconceito de colegas e professores e os estereótipos negativos relacionados aos afrodescendentes por meio da mídia, de piadas etc, também exercem severa influência na baixa performance das crianças negras na escola, levando muitas vezes, a internalização de uma autoimagem negativa (GOSS, 2006, p.153).

Conforme o esclarecimento, notamos que para muitas pessoas os anos escolares provavelmente foram acompanhados da vergonha e desconforto por causa de piadas racistas, alguns só tiveram compreensão do dilema histórico das relações raciais ao ocupar o espaço do ensino superior. Acadêmicos (as) envolvidos com a pesquisa tiveram novas possibilidades, um novo olhar sobre a história do negro brasileiro e as relações sociais. No entanto, há milhares de pessoas que mesmo frequentando anos de faculdade, quase nada sabem sobre os valores africanos na gente do Brasil. Algumas disciplinas que tratam do multiculturalismo revitalizam a equivalência quanto à importância das três matrizes culturais que somos descendentes e constroem um novo discurso. Lembrando que todas as culturas latinas sofreram a transformação histórica sendo dominadas por povos europeus, seus idiomas, credos e valores ficaram sufocados quando foram invadidas pelos detentores de riquezas e força militar de séculos atrás.

Percebemos que a Educação nos países latino americanos colonizados requer a nova versão, estudiosos e pesquisadores querem transmitir a

narrativa do colonizado, trazer a tona as lutas, vitórias e sabedorias milenares não só da Europa mas também da América, da África, da Ásia e da Oceania. Todavia, são poucos os autores que têm retratado a história da participação efetiva dos escravizados africanos no processo de formação do povo brasileiro e da real herança cultural que nos deixaram (MELO; BRAGA, 2010, p. 12).

Chama-nos a atenção a pouca compreensão da sociedade relativo à história, à Arte e à cultura afro-brasileira, em saber como o negro colonizado percebe seu lugar na história e as relações sociais. Como afirma Murray (2007, p. 8) ao abordar o resultado devastador em seus escritos pelo contato do colonizador europeu com povos africanos:

Esta ignorância agravou-se com a presença de regimes coloniais distintos, com a implantação de diferentes idiomas europeus e as consequentes restrições ao acesso à informação por razões linguísticas. Por outro lado, a história do homem no continente africano remonta a milhões de anos, e tanto as tribos Massai da África Oriental, um povo de elevada estatura dedicado ao pastoreio, quanto os pigmeus, habitantes dos bosques da África central, demonstram a capacidade física do homem de se adaptar a diferentes meios e modos de vida.

Trabalhar a questão do africano e do afro descendente partindo da medicina, estrutura humana, ou da religiosidade, da Arte, da História e Cultura Africana e Afro-brasileira contribui para ressaltar a riqueza destes povos, desviando do foco da escravidão, tão comum dentro das escolas. São muitas as informações resgatadas por estudiosos do século XX sobre a África, sobre a consciência negra e a formação do povo brasileiro, podemos incluir estes conteúdos o ano todo e não reservar um só dia no calendário para lembrança e resgate histórico. Trataremos no segundo capítulo desta dissertação o tema África e sua história. Pensando em nova tomada de consciência, indagamos aos professores (as):

Quando se pensa em levar a África para a sala de aula, de qual “África” estamos falando? Quais “Áfricas” são essas? A África tem grande variedade de países, idiomas, riquezas e a tentativa de modificar as concepções equivocadas a respeito da cultura e história dos afro

descendentes, dos negros(as), dentro das escolas pode ser a diferença entre acolher e conviver “versus” recusar e discriminar.

Devemos aos africanos, e aos seus descendentes em nosso país, importante contribuição artística desde o período colonial aos nossos dias atuais, através de um patrimônio material e imaterial que, em muitos momentos, foi forjado e proibido de ser manifestado, e em outros, enaltecido e valorizado, quer pelo talento das mãos e mentes negras, quer pelo tema que o negro sempre gerou no imaginário brasileiro, o que não seria diferente na História da Arte oficial (BELLÈ, 2012, p. 57).

Os mitos negativos que o colonialismo criou a respeito da África envolvem todos os aspectos daquele continente e sua influência no Brasil escravista. Sua Arte, sua geografia, seus habitantes e religiosidade foram interpretados e disseminados durante séculos de forma errônea como primitivo, pouco evoluído. Isto afetou o histórico deste povo em outras partes do planeta, provocando na vida de muitos indivíduos situações de aspereza num mundo branco e hostil. Fanon (2008, p. 26) nos aponta: “[...] o negro não é um homem. [...] O negro é um homem negro [...]”. Sabemos que ainda em pleno século XXI, a maioria dos(as) negros(as) no Brasil enfrentam atitudes e olhares reprovadores nas diferentes etapas da vida, resquícios da colonização, principalmente, portuguesa com suas casas de engenho e senzalas.

O discurso colonial na sociedade brasileira ainda é forte, as relações raciais foram orientadas de forma hierárquica e patriarcal. Em relação a tal aspecto o Dicionário de Relações Étnicas e Raciais nos esclarece o significado de discurso colonial.

Conceito empregado como alternativa às formas de estudo humanístico, o discurso colonial acentua o papel de **dominação, exploração e banimento**<sup>27</sup> envolvidos na construção de qualquer artefato cultural, incluindo conhecimento, linguagem, moral ou atitude. Seu sentido deriva da análise de Foucault sobre o poder exercido por meio das práticas discursivas (discurso, escrita, conhecimentos - texto) como

---

<sup>27</sup> Grifo nosso.

oposto à força coerciva. Assim o discurso é constituído de práticas comunicativas e representacionais que são, elas mesmas, uma forma de poder (CASHMORE, 2000. p.173).

Abordar a questão do negro a partir do discurso colonial esclarece a dificuldade que muitas pessoas têm de aceitar que somos todos iguais em direitos junto à sociedade brasileira partindo de um foco positivo em relação aos antepassados dos afro-brasileiros, questionar as narrativas do colonizador sobre o dito primitivismo africano contribui para mudar o olhar sobre este continente.

Pesquisar para saber qual é o valor aos atributos específicos dos Griôs, que na África eram contadores de história e mestres da oralidade, envolver nos conteúdos uma explanação da vida dos tecelões (ãs), da religiosidade diversificada, nos faz desvelar o que o discurso colonial não ofereceu sobre a grandeza cultural africana.

É fundamental que o aluno afrodescendente se reconheça nos espaços escolares, através de seus pares e das práticas pedagógicas que contemplem a história e a produção cultural e artística afro-brasileira e africana, realizadas por professores que buscam romper o currículo oculto, o qual, em alguns casos encontra-se mascarado em situações de omissão e/ou discriminação (BELLÊ, 2012, p. 42).

Ao compreender a importância dos signos e símbolos das múltiplas comunidades, tribos africanas do passado ao presente enriqueceremos nosso conhecimento de mundo e assim não ficaremos com olhar reduzido, negros associados apenas a imagens da escravidão. Por vários séculos os europeus anunciavam que a África não tinha história e inculcaram na maioria das pessoas brancas o desprezo por tudo que era do continente africano. Criando a gênese da visão estereotipada a respeito da Arte Africana, por exemplo.

Quem seriam então os responsáveis pelas terracotas de Ifé e Nok<sup>28</sup> realizadas na Nigéria há uns 2000 anos, e quem teria fundido os bronzes de Benim? A Arte Africana não é apenas de cunho religioso, possui funções políticas, econômicas e utilitárias. (CUNHA, 1983), bem diferente dos modelos gregos e romanos, os objetos africanos vêm

---

<sup>28</sup> Regiões situadas ao norte da Nigéria, na África Ocidental.

impregnados da estética de cada povo distinto que os inventou, mas sua serventia abrange um código visual e segundo o mesmo autor, nos séculos XVII e XVIII: no desenvolvimento da arquitetura e escultura no Brasil os negros mostram o melhor de sua capacidade criadora.

Usamos o exemplo da Arte, sabendo que outras ciências dominadas desde a antiguidade por pesquisadores e estudiosos africanos são pouco consideradas devido à colonização europeia na América latina. Se todo professor(a) tivesse o compromisso de exibir, discutir, interpretar e preservar os acervos artísticos culturais de todos e para todos, ele próprio os buscaria pela “interação da experiência”, reforçando o conceito de que a escola é uma organização aprendente.

Os(as) profissionais da educação ao perceberem que ser negro(a) exige resistência, que o embranquecimento forçado por vezes é a única alternativa de crianças e adolescentes para serem vistos na sociedade e que a diferença traz riqueza, poderão tratar do assunto nas salas de aula com mais amorosidade e valorização das contribuições africanas para o mundo.

Antes os livros de história ressaltavam como primeiras civilizações, geralmente a trajetória dos gregos, romanos e assírios, mas, com a implantação das novas leis de ensino sobre história e cultura negra, vivemos num momento de transição entre o paradigma da organização curricular e a valorização da diversidade. Os livros didáticos mais recentes trazem conteúdos exemplificando que antes mesmo que os europeus, os africanos já desenvolviam tecnologias para medicina, arquitetura e Arte. Pinturas rupestres em Djerat na Algeria, toda a história do Egito, comprovam o valor científico dos conhecimentos na África antiga.

## 1.5 TRABALHO E EMPREGO PARA NEGROS(AS), PECULIARIDADES E LIMITES

Toda história de vida contempla o trabalho como subsistência, definindo trabalho como “toda atividade na qual o ser humano utiliza a sua energia física e psíquica para satisfazer suas necessidades ou para atingir um determinado fim”. (COTRIM, 2006, p.23)

Assim ao refletir a historicidade dos negros(as) associado ao trabalho veremos o quanto esse marcador social, indispensável, consegue segregar grupos sociais para determinadas atividades. O continente africano sempre fez uso do trabalho escravo, sendo escravos(as) uma fatia natural da pirâmide social daquele continente que repetidas vezes fora invadido por exércitos mais potentes. “Com efeito,

desde meados do primeiro milênio a.C até o período recente de dominação colonial pela Europa Ocidental, a África tem sido o lugar do mundo que sofreu as mais prolongadas e devastadoras invasões de diferentes povos e civilizações” (WEDDERBURN, 2005, p. 138).

Ora, as fábricas, as fazendas, a construção civil, são espaços especializados em programar atividades grupais para maior rendimento do esforço físico, dentro deste contexto a população negra encontra-se na grande maioria dedicando uma vida inteira para o trabalho e restando a estes o mínimo de lazer nessa trajetória. “De maneira que cada indivíduo se encontra preso numa serie temporal que define especificamente seu nível ou sua categoria” (FOUCAULT, 1984, p. 144).

Os (as) negros(as) ocupam a parcela mais baixa na hierarquia de classes, apresentando níveis inferiores de instrução, ocupação social e renda, encontrando-se assim, ainda excluído da estrutura social existente. Onde estão as pessoas negras ocupando cargos de chefia, quantos tem carteira assinada, como é a aposentadoria destes (as). O interessante da análise é justamente sugerir que o histórico de vida dos(as) negros(as) é resultante dos poderes sociais, políticos e econômicos. Esses poderes, segundo Foucault (2012), não estão localizados em nenhum ponto específico da estrutura social. Funcionam como uma rede de dispositivos ou mecanismos a que nada ou ninguém escapa, a que não existe exterior possível.

Daí o importante é a polêmica ideia de que o poder não é algo que se detém como uma coisa, como uma propriedade, que se possui ou não. Não existem de um lado os que detêm o poder e de outro aqueles que se encontram alijados dele. Rigorosamente falando, o poder não existe; existem práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona não é um objeto uma coisa, mas uma relação (FOUCAULT, 2012. p. 17).

Às relações de poder da população branca sobre a população negra, desenharam uma história social do Brasil repleta de estereótipos negativos sobre trabalho e negros(as) ligados a preguiça, rebeldia e indolência. O(a) negro(a) na sociedade é associado(a) a coisas negativas, feias.

[...] imaginem a repercussão desses estereótipos na cabeça de uma criança em seu processo de formação, e que necessita de modelos para construir seu próprio eu. E um adolescente, que experiencia uma fase de definições, de construção de valores e afirmação pessoal (FRANCO, 2006, p. 200).

Foucault (2012) nos alerta quando diz que, o poder gera saber e o saber gera poder. Destinar o que é discursivamente apropriado aos brancos e relacionar o que é construído discursivamente como não apropriado, é deixar à “mercê da sorte” a formação profissional de um(a) jovem negro(a) é restringir suas oportunidades. A busca de emprego para as pessoas com a pele mais escura, é uma sequência de frustrações, as colocações distantes das salas de recepção, da aparência tida “como cartão de visitas” da empresa quase nunca se veem pessoas negras. As funções de pouca visibilidade, integrando massas humanas em fábricas e serviços gerais são normais encontrarmos os rostos negros. No entanto os (as) jovens negros(as) que buscam trabalho no atendimento direto ao público (balconista, vendedor (a), recepcionista, modelos, [...]) tendem a ser mais excluídos, mesmo aqueles que comprovam inclinação para a função e têm formação para o cargo.

Não se importar com inserção e permanência de estudantes negros(as) na formação profissional, é acreditar no conceito do mérito, pensar que qualquer um pode chegar ao ensino superior independente do contexto vivido. É dar destaque para a inteligência ou capacidade, desconsiderando as dificuldades de parte da população negra, no acesso à educação desde o Brasil colonial, a ajuda restrita da família, até então analfabeta, para criança negra desenvolver seus processos de aprendizagem, bem como reconhecer as sequelas do preconceito e discriminação racial que prejudicam a inclusão.

Da África para o litoral brasileiro vieram milhares de seres humanos, destes, uma pequena parte foi trazida para o desenvolvimento do trabalho no sul, principalmente na costa litorânea. Deixa estar, que o serviço das charqueadas e a construção das taipas para o caminho das tropas recrutou o serviço de africanos escravizados, semeando inclusive no planalto serrano futuras gerações de afrodescendentes.

Retornando aos dados históricos para entender a categorização de trabalho entre brancos negros em Santa Catarina, servimo-nos do texto de Ataíde, (1988. p. 22):

Em 1658, chegam a Santa Catarina os primeiros negros escravos. Quando aqui se estabeleceu o explorador Manuel Lourenço de Andrade, fundador da póvoa de Nossa senhora da Graça do Rio São Francisco. Mais tarde Laguna e Desterro (Florianópolis) A maior concentração deu-se no litoral, pois as armações de pesca da baleia exigia o trabalho escravo. A distribuição nos estados da região sul foi feita com negros vindos da África para Bahia e Rio de Janeiro, e posteriormente introduzidos nesta região. Foram grupos sudaneses, iorubas, Mina, Gegês e Bornus.

É sabido que o sul do país não detinha a riqueza natural do ouro em suas terras, nem contava com a exploração da cana-de-açúcar em abundância como acontecia no nordeste. Porém o litoral catarinense reservava a pesca, naquela época autorizada, de baleias, espécie que renderia muitos lucros aos cofres reais de Portugal.

Os negros brasileiros descendem das tribos anunciadas na citação acima, apesar da imensidão geográfica e a multiplicidade cultural do continente africano, traremos no próximo capítulo um breve resumo da história desse lugar que expandiu suas raízes para o nosso país, considerando os pontos estratégicos de embarque dos povos/tribos capturadas para o comércio de almas.

Desta forma apresentamos uma reflexão das estratégias sociais e políticas que alimentaram o preconceito e o racismo contra os negros e que dificultam sua ascensão social. Revemos especificidades da sua história social e cultural, buscando compreender os problemas que eles encontram hoje na sociedade brasileira. Apontamos propostas educativas (Leis) ligadas à temática africana e afro-brasileira que visam contribuir para a formação de sujeitos capazes de atuar e intervir na sociedade da qual fazem parte.

## 2 DIÁSPORA NEGRA

Apresentamos nesse capítulo uma reflexão sobre a chegada e a vida das pessoas negras no Brasil, para tanto recorreremos ao Continente Africano e a história dos grupos étnicos que vieram no tráfico de escravos para as Américas.

### 2.1 UMA ABORDAGEM SOBRE A HISTÓRIA DA ÁFRICA E A ESCRAVIDÃO

Neste subcapítulo foi discutiu-se a presença dos povos africanos na história da humanidade, por que a origem das demais populações partiu deste continente e o mercado de escravos já era difundido entre as civilizações que moldaram o passado. As consequências da colonização e o tráfico de escravos. Nos subcapítulos seguintes buscamos o entendimento e as consequências desta aproximação, da ligação do continente africano com nosso país, a escravidão e a diáspora negra para o estado de Santa Catarina e a cidade de Lages.

A escravidão era uma forma de exploração, suas características específicas incluíam a ideia de que os escravos eram uma propriedade; que eles eram estrangeiros, alienados pela origem ou dos quais, por sanções judiciais ou outras, se retirara a herança social que lhes coubera ao nascer; que a coerção podia ser usada à vontade; que sua força de trabalho estava à completa disposição de um senhor; que eles não tinham o direito à sua própria sexualidade e, por extensão, às suas próprias capacidades reprodutivas; e que a condição de escravo era herdada, a não ser que fosse tomada alguma medida para modificar essa situação. Esses vários atributos precisam ser examinados muito detalhadamente para tornar mais claras as distinções entre escravidão e outras relações servis (LOVEJOY, 2002, p. 30).

O fenômeno da escravidão redesenhou o continente africano, este fato sempre ocorreu na história conforme já afirmamos, mas, as concubinas, eunucos, escravos e escravas tinham tratamento na África menos violento no que diz respeito a suas origens do que a escravidão no Brasil. Capturados na África alguns reis e rainhas, milhares de

guerreiros, crianças, idosos, passaram a ser exportados como escravizados(as) para as Américas em situação desumana nos tumbeiros<sup>29</sup>. No Brasil colonial foi expressivo o aumento demográfico de africanos e afro-brasileiros segundo Moura:

Para o biênio de 1817-1818 as estimativas de Veloso davam, para um total de 3.871.000 habitantes a cifra de 1.930.000 escravos dos quais 202.000 eram pardos e 1.361.000 negros. Havia também uma população de negros e pardos livres que chegava a 585.000. Há quem estime em 50.000 o número de negros importados anualmente. Foi quando o escravo negro passou a ser chamado “pés e mãos dos senhores” e Angola “nervo das fábricas do Brasil”... Rocha Pombo estima em quinze milhões o montante de negros entrados pelos diversos portos durante a escravidão (MOURA, 1988, p.22).

A grande população de africanos (as) e seus descendentes é responsável pela terça parte da cultura nacional, dividindo com os indígenas e europeus os primeiros séculos da construção de um país. Discutir as consequências da escravidão é um assunto extremamente importante e pouco problematizado, necessário para compreensão das ações afirmativas.

De maneira geral, a escravidão se expandiu em pelo menos três estágios -1.350 a 1.600, 1.600 a 1.800 e 1.800 a 1.900 - durante os quais o escravismo se tornou fundamental para a economia política africana. Essa expansão ocorreu em dois níveis ligados ao comércio exterior. Em primeiro lugar, a escravidão ocupou uma área geográfica cada vez maior, difundindo-se para fora daquelas regiões diretamente envolvidas no comércio exterior de escravos. Em segundo lugar, o papel dos escravos na economia e na sociedade tornou-se crescentemente importante, do que resultou a transformação da ordem social, econômica e política. Também nesse caso, o

---

<sup>29</sup> Tumbeiros — navios negreiros que realizavam o transporte de forma desumana dos africanos escravizados para a costa brasileira.

comércio exterior esteve associado a essa transformação (LOVEJOY, 2002, p. 29).

Salientamos que o berço da humanidade é o continente africano, já que saíram desta região os primeiros humanos de que somos todos (as) descendentes. Séculos depois devido ao tráfico de escravos, foram escolhidos (as) de acordo com seu potencial milhares de homens e mulheres africanos(as) para suprir a mão-de-obra nos países colonizadores. Desde os primórdios da história, povos africanos já dominavam a agricultura, a pecuária, a tecelagem e a fundição. O continente africano foi o ponto de partida da distribuição humana no planeta terra. Os fósseis humanos mais antigos foram achados no Vale da Grande Fenda<sup>30</sup>, podemos dizer que toda a espécie humana descende dos primeiros homens e mulheres que habitavam aquele continente.

No entanto, a trajetória histórica de uma das regiões povoadas, mais antigas da terra é pouco considerada. Ainda em nossos dias, várias pessoas pensam e discursam que a África não é um continente, é apenas um país miserável, transmissor de doenças e primitivo. Grande e prejudicial engano esse estereótipo perpetuado pelo senso comum, por que cria uma imagem negativa e errônea do lugar a partir do qual se efetuou o início da nossa história, “[...] a história da humanidade começa precisamente com os primeiros seres humanos africanos; seres dotados de consciência, de sensibilidade, e não somente de inteligência” (WEDDERBURN, 2005, p. 135). História cultural, geográfica, religiosa, política, dos 53 países e das seis ilhas que compõe o continente e estão chegando às escolas brasileiras depois da implementação das leis federais da educação. O discurso do movimento negro em favor da valorização e da participação negra nas etapas históricas, e o próprio “modismo” de misturar o “exótico” com o contemporâneo, estão mudando gradativamente alguns conceitos sobre as verdades e os encantos da história e cultura africana, nossa descendência.

A mais marcante das singularidades africanas é o fato de seus povos autóctones terem sido os

---

<sup>30</sup> Vale da Grande Fenda — trata-se de uma grande depressão, caracterizada por vulcões extintos ou inativos e lagos tectônicos, que se inicia no norte de Israel e termina nos lagos da África. Os fósseis mais antigos de nossos ancestrais foram encontrados nesse vale, formação que atravessa a Etiópia, o Quênia e a Tanzânia. (MELO; BRAGA. 2010. p.28)

progenitores de todas as populações humanas do planeta, o que faz do continente africano o berço único da espécie humana. Os dados científicos que corroboram tanto as análises do DNA mitocondrial quanto os achados paleontológicos apontam constantemente nesse sentido (WEDDERBURN, 2005, p. 135).

Ao estudar sobre a África, estaremos estudando a origem da humanidade e dos (as) negros(as) brasileiros(as). Entendemos que a diáspora do período da escravidão deixou para trás um continente rico, imenso e diverso, tanto geograficamente quanto cultural. São Áfricas dos Bantos, das nações Kêtu, dos Iorubás<sup>31</sup>, “[...] a existência e a interação de mais de 2.000 povos com diferentes modos de organização socioeconômica e de expressão tecnológica” (WEDDERBURN, 2005, p.135), que impossibilitam requerer uma única identidade. São muitos grupos étnicos num extenso território, com diversificada variedade climática, topografia extremamente variada que se reconfigurou com as divisões provocadas pelos colonizadores europeus, culturas violadas e readaptadas ao mundo moderno.

A África sempre foi rica em tecnologia, natureza, fauna, tipos de linguagem, religiões, variedade de fenótipos humanos e culturas diferentes em cada tribo. Tudo isso era ignorado nas publicações científicas do século dezoito, criando a impressão que o continente africano era sem história, um conjunto de territórios ocupado por aldeias primitivas, simples habitat de uma espécie humana singular. Séculos passaram e esta ideia ainda perpetua no senso comum, os africanos são vistos mergulhados num presente eterno, como se o continente não tivesse produzido história, arte, tecnologia, aspectos religiosos, estudiosos renomados a exemplo de Hegel<sup>32</sup>, espalharam afirmações que dividiam a humanidade em povos com históricos e povos não históricos.

Outro engano seria não dar atenção acadêmica acerca dos impérios ligados às rotas saarianas do ouro, escravos e produtos exóticos que circulavam pelo mundo árabe antigo.

---

<sup>31</sup> Bantos, Ketu, Iorubás — grupos tradicionais africanos do período pré-colonial.

<sup>32</sup> “No mundo sem história foi colocada a África negra que segundo os defensores dessa tese, entre os quais o filósofo Hegel, não deu nenhuma contribuição na história universal da humanidade...”(MUNANGA;GOMES, 2004, p.37).

Igualmente, “há que ser consignada a persistente resistência com que os africanos opuseram-se aos europeus, em lutas que de modo algum restringiram-se ao século XIX. Ainda que inferiorizados em número e em armas, nem assim os africanos se deixaram intimidar” (SERRANO, 2007, p. 225). Igualmente reconhecer que o comércio de escravos acontecia de forma natural entre africanos e europeus, que as sociedades africanas davam mais valor a posse de escravos do que a posse de terras. Resultante desta aproximação tiveram os europeus a chance de invadir muitos territórios do continente africano e com armamento superior, dizimar centenas de integrantes dos países conquistados para colonizar os que restassem.

Se os africanos não eram proprietários de um fator de produção (a terra) eles poderiam possuir outro, o trabalho (o terceiro fator, o capital, era relativamente insignificante antes da revolução industrial). Portanto, a propriedade privada do trabalho facultou ao empreiteiro africano uma geração de riqueza estável. A propriedade ou o controle do trabalho poderia ser desenvolvido por meio da linhagem, em que os membros mais jovens subordinavam aos mais velhos, apesar de isso ser menos perceptível na documentação mais antiga (THORNTON, 2004, p. 138).

A riqueza privada dos ricos mercadores, funcionários dos estados ou governantes - era proveniente da quantidade de escravos, esposas e filhos que estivessem aptos ao trabalho, à posse da mão-de-obra era sinal de status no período pré-colonial africano.

Assim os escravos eram encontrados em todas as partes da África atlântica, desempenhando todo tipo de tarefas. Quando os europeus chegaram na África e se ofereceram para comprar escravos, não é surpreendente que tenham sido imediatamente aceitos. Além de escravos serem encontrados em profusão na África, existia um comércio de escravos bem desenvolvido, como evidencia o número de escravos nas mãos de proprietários privados. Qualquer pessoa com recursos podia obter escravos do mercado doméstico, embora algumas vezes necessitasse de permissão real ou do Estado...em virtude de os mercadores que

vendiam ouro, produtos de marfim, esteiras, pulseiras de cobre, pimenta e outras mercadorias na África, também se interessaram pelo comércio de escravos, os mercadores europeus achavam rapidamente suas fontes. Esse fato não ocorreu porque os africanos eram comerciantes inveterados de escravos, mas em razão de a base legal da riqueza jazer na ideia de transferir propriedade de pessoas. Essa estrutura legal disseminou a escravidão e o mercado de escravos, e criou mecanismos legais secundários para assegurar e regulamentar a venda de escravos, os quais podiam ser utilizados tanto pelos europeus quanto pelos africanos (THORNTON, 2004, p. 149).

Conhecer a história da África pré-colonial, mais necessariamente das regiões que estiveram envolvidas com a diáspora negra para o Brasil, o entendimento das articulações internas e externas do continente africano com a Europa, amplia a nossa compreensão da sociedade que pertencemos. A construção do pensamento racista e a origem das matrizes étnicas nacionais perpassa o tema da escravidão, vejamos como ele se apresenta no chão brasileiro, na ótica hierarquizada dos grupos raciais.

## 2.2 DA ÁFRICA PARA O BRASIL, DE ESCRAVIZADOS A DISCIPLINARIZADOS(AS)

A história nos ajuda a entender a cultura de um povo. Se toda história tem um começo, a dos negros(as) no Brasil nos remete à África, mais necessariamente ao litoral africano. O continente africano é múltiplo em falares, crenças religiosas, culturas e povos distintos. Portanto, não podemos pensar em uma África, ela é multicultural e geograficamente imensa. “O continente africano só é superado em extensão pela Ásia. Possui uma superfície de 30.420.000 Km<sup>2</sup>, que equivale a três vezes a da Europa e quatro vezes a dos Estados Unidos” (MURRAY, 2007, p.10). Não faremos deste subcapítulo um atlas cultural de toda a África, apenas nos deteremos a estudar sobre os povos negros que foram escravizados no Brasil e aqui perpetuaram sua cultura e descendência.

As rotas de navegação dos compradores de escravos, eram segundo Fraga e Albuquerque (2013, p. 16), “os rios Níger, Gâmbia e

Senegal...mas era justamente no interior do continente, nas rotas que atravessavam o deserto do Saara, que aconteciam os negócios mais lucrativos da região e encontros muito intensos". Na África Ocidental existia a cidade de Tomboctu, sede principal do império Mali, rica em arquitetura típica de adobe nas Mesquitas, templos que pregavam o Islamismo por forte influência árabe. Lá, impressão, compra e venda de livros religiosos no século XII prosperou até o século XIX. No comércio, desta grande cidade africana, ponto de encontro dos viajantes, as pedras de sal eram a moeda de troca para os europeus levarem escravos e ouro daquela região. Centenas de povos africanos foram colonizados, escravizados, reorganizados<sup>33</sup> e distribuídos para os continentes americanos e europeu, confinados em navios negreiros.

[...] a partir do século XVIII, fortes vínculos entre certos pontos do litoral africano e as costas atlânticas das Américas, como consequência do tráfico de escravos. O comércio de braços

---

<sup>33</sup> O Continente Africano foi reorganizado de acordo com os interesses dos colonizadores europeus. De acordo com Wikipédia (2015)

No princípio do século XIX, com a expansão do capitalismo industrial, começa o neocolonialismo no continente africano. As potências europeias desenvolveram uma "corrida à África" massiva e ocuparam a maior parte do continente, criando muitas colônias. Entre outras características, é marcado pelo aparecimento de novas potências concorrentes, como a Alemanha, a Bélgica e a Itália.

A partir de 1880, a competição entre as metrópoles pelo domínio dos territórios africanos intensifica-se. A partilha da África tem início, de fato, com a Conferência de Berlim (1884), que institui normas para a ocupação, onde as potências coloniais negociaram a divisão da África, propuseram para não invadirem áreas ocupadas por outras potências. Os únicos países africanos que não foram colônias foram a Etiópia (que apenas foi brevemente invadida pela Itália, durante a Segunda Guerra Mundial) e a Libéria, que tinha sido recentemente formada por escravos libertos dos Estados Unidos da América. No início da Primeira Guerra Mundial, 90% das terras já estavam sob domínio da Europa. A partilha é feita de maneira arbitrária, não respeitando as características étnicas e culturais de cada povo, o que contribui para muitos dos conflitos atuais no continente africano, tribos aliadas foram separadas e tribos inimigas foram unidas. No fim do século XIX, início do XX, muitos países europeus foram até a África em busca das riquezas presentes no continente. Esses países dominaram as regiões de seu interesse e entraram em acordo para dividir o continente, misturando as tribos africanas, gerando assim muitas guerras internas.

humanos não se aproximou apenas as praias que ficavam frente à frente, mas estendeu sertão adentro o seu alinhado, uma vez que muitos escravos trazidos para o Brasil e que foram trabalhar em Minas ou Goiás vieram de regiões do interior do continente africano, das savanas e das bordas dos desertos. (COSTA; SILVA, 1994, p.16).

As navegações portuguesas, em contato com traficantes de escravos, trouxeram milhares de africanos para servir de mão-de-obra nas lavouras e cidades do Brasil colonial. Por volta de 1.900, a Inglaterra era responsável por articular todo o comércio europeu que navegava rumo à África e já dominava algumas ilhas africanas, introduzindo grande choque cultural, "[...]Todo avanço em política acaba por adquirir dinâmica própria. Ao pretender controlar informalmente a África, através da esquadra de cônsules que protegeriam o comércio e as pessoas e os lucros dos negociantes britânicos" (ARAÚJO, s.d. p. 19). A ingenuidade do africano em pensar que estava negociando empréstimo ou aluguel da área invadida daria espaço para os britânicos ocuparem territórios e logo serem acompanhados de países europeus.

O que se chamou de “missão civilizadora” e, mais tarde, de “fardo do homem branco”, máscaras de um darwinismo sociológico que se traduzia, nas relações humanas, em racismo e arrogância cultural. Não havia a menor compreensão pela diferença de modos de vida: tudo o que se afastava dos padrões europeus era uma demonstração de selvageria e barbárie. ” (ARAÚJO, s.d. p.19).

O povo africano escravizado era destituído de humanidade e cultura na interpretação de ingleses e europeus. Legitimando a violência dos responsáveis pelo navio negreiro, comerciantes de escravos, fazendeiros da cana-de açúcar, do café, donos de minas de ouro, capitães-do-mato, e funcionários da corte portuguesa em solo brasileiro. Tratados como animais, reis e súditos, adultos e crianças misturam-se na agonia da diáspora negra para as Américas.

“No território brasileiro, reis, nobres africanos, vendidos por seus desafetos como escravos, buscaram, muitas vezes, reconstruir as

estruturas políticas e religiosas das terras de onde haviam partido” (COSTA; SILVA, 1994, p.17). No Maranhão, Salvador e Rio de Janeiro, alguns altares e corte africana se refizeram nos terreiros de Candomblé, entre a rigorosa fiscalização e perseguição do colonizador. Com a estratégia da disciplinarização dos corpos, tudo era proibido aos africanos escravizados, menos trabalhar de sol a sol. No esforço de construir um país novo, os brancos europeus invadiram e conquistaram as terras dos indígenas e usaram da tecnologia humana proveniente do continente africano.

Esse encontro repleto de diversidade foi marcado por tensões, conflitos e adaptações. Por conta da condição de escravizados dos africanos e de seus descendentes, suas práticas e costumes não eram reconhecidos, já que só era considerada cultura o que fosse criado pelos europeus (FRAGA; ALBUQUERQUE, 2013, p. 7).

Segundo Nascimento (1978, p. 49) “edificar um novo país, com suas características próprias, tanto na composição étnica do seu povo quanto na especificidade do seu espírito - quer dizer, uma cultura e uma civilização com seu próprio ritmo e identidade”. Mesmo negando a presença cultural dos negros, foi essa mistura das três matrizes étnicas que forjaram o jeito de ser brasileiro. A equivalência merecida de pesquisas sobre nossas origens cabe aos estudos sobre as populações indígenas, europeias e africanas. Ao dar visibilidade a história e contribuição dos povos negros africanos esperamos ajudar no conhecimento de nossa identidade brasileira.

Os grupos étnicos africanos da diáspora e os afrodescendentes imprimiram suas culturas pela resistência, “[...] daomeanos e os nagôs, os gegês (ewes) e os haussas, os tapas e os congos”, (NASCIMENTO, 1978, p. 54) eram retirados da África junto com o marfim, o ouro, especiarias como o azeite-de-dendê e a noz-de-cola (ingrediente principal da bebida Coca-Cola) e desembarcados nos portos brasileiros.

Durante o século XVI, os escravos vinham em sua maioria, da Costa da Guiné, que abrange atualmente o Senegal, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné e Serra Leoa. No desembarque, eram levados para as províncias de Pernambuco, da Bahia, do Maranhão e do Grão-Pará. No século

XVII, a principal região onde se praticava o tráfico passou a ser a Costa de Angola, onde hoje encontram-se a Guiné Equatorial, o Gabão, o Congo-Brazzaville, o Congo Kinshasa e Angola. Os africanos trazidos dessa região foram encaminhados para o Maranhão e o Grão-Pará, e também para os atuais estados do Rio Grande do Norte e da Bahia... Da Costa da Mina, que atualmente compreende a Costa do Marfim, Gana, o Togo, O Benim, a Nigéria e Camarões. Os africanos de lá foram levados para a Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio de Janeiro, São Paulo e toda a região Centro-sul do Brasil (ARAÚJO, 2003, p. 12).

Do nordeste ao Centro-Sul, eram desembarcados milhares de pessoas negras escravizadas das diferentes idades. Destes pontos elas espalharam pelo Brasil a cultura africana. “De maneira muito simplificada, foi adotada uma classificação baseada na delimitação geográfica. Esta dividia os grupos em bantos (os povos que viviam ao sul do Saara), e sudaneses (os que ficavam ao norte dessa região)” (ARAÚJO, 2003, p. 14). É basicamente o que se resgatou da origem de nossos ancestrais negros, porque não foi permitido o alcance a elementos indispensáveis para pesquisa e estudo dos negros(as) africanos(as) e afro-brasileiras pós-abolição.

[...] o ato de 1899, do Ministro das Finanças Rui Barbosa, ordenando a incineração de todos os documentos- inclusive registros estatísticos, demográficos, financeiros, etc,- pertinentes à escravidão, ao tráfico negreiro, e aos escravos; assim se apagaria a ‘mancha negra’ da História do Brasil (NASCIMENTO, 1978, p. 78).

É justamente essa mancha negra que desejamos realçar, para dar visibilidade ao segmento negro na história brasileira, pois a cultura é transmitida de geração em geração. Conforme Nascimento (1978, p. 112): “[...] as concepções metafísicas da África, seus sistemas filosóficos, a estrutura de seus rituais e liturgias religiosos, nunca mereceram o devido respeito e consideração como valores constitutivos da identidade e espírito nacional”.

[...] ao chegar às fazendas e entrar em contato com pessoas de diversas partes da África e com gente nascida no Brasil, eles percebiam que para sobreviver seria preciso criar vínculos e redes de amizade tanto com outros africanos como com os brasileiros. Nesse contato influenciavam profundamente as formas de viver e sentir das populações locais. (FRAGA; WLAMYRA, 2009, p. 35).

“[...]desprezando a cultura que os africanos trouxeram, os europeus reforçaram a teoria e a prática da rejeição étnica. Todos os objetivos do pensamento, da ciência, das instituições públicas e privadas, exibem-se como provas desta conclusão”.(NASCIMENTO, 1987, p. 112).Com a justificativa de progresso prometido, o invasor europeu saqueou as riquezas minerais e culturais, juntos Portugal, França, Inglaterra, Irlanda, Bélgica, Espanha, Itália e Alemanha, depois da colonização dividiram o território africano, desfiguraram os mapas étnicos, causando guerras entre vários povos que geram miséria e atraso ainda nos dias atuais. Lembrando que a guerra, fome e a pobreza estão concentradas em alguns países africanos (Serra Leoa, Eritreia, Niger, Somália, Burundi<sup>34</sup>), enquanto outros lugares da África são fortes potências financeiras (Ilhas Seycheles e Maurícia, Tunísia, Cabo Verde, Argélia<sup>35</sup>).

Ao longo da história do Brasil, o negro passou por várias fases – desde o período em que foi trazido escravizado, de varios países do continente africano para cá até os dias atuais. Sua historia foi contada por diversos escritores, que retrataram sua contribuição cultural no processo de colonização ou sua participação, de forma submissa, como escravizado que esperava, de maneira muito natural, ser libertado e integrado à sociedade (MELO; BRAGA, 2010, p.11).

Um olhar preconceituoso e diminutivo em relação à África e aos sujeitos negros(as) desenvolveu-se na constituição da sociedade brasileira, devido ao regime colonialista que supervalorizou o que

---

<sup>34</sup> Países mais pobres do mundo — (ÁFRICA URGENTE, 2015).

<sup>35</sup> Países africanos ricos — (REVISTAESCOLA, 2015)

provinha dos países Europeus. O mito da inferiorização africana foi propagado pelos discursos do governo português, e também por 24 anos de domínio holandês nas regiões de Pernambuco, ficou definido naquele tempo que as ciências, as descobertas, o estilo de vida, entre outras atividades mercantis ou sociais desses países seriam o exemplo ideal e exclusivo a ser seguido na construção do Brasil.

Durante anos, trabalhou-se politicamente no Brasil a ideia de que ser negro atrasava e distanciava da perfeição a nova geração de brasileiros, isso foi absorvido por famílias negras e brancas que desde a década de 20, com o movimento modernista, são convidadas a mudar este pensamento. A predisposição em conhecer os mitos, religiões, cultura e história da origem dos afro-brasileiros, acaba revelando com apreço os bens culturais provenientes da África para cá, seja na aparência, no linguajar, religiosidade, artesanato e Arte, ciências e muitas outras sabedorias que o cotidiano utiliza.

Mais que falar das raízes do povo negro no Brasil, ressaltar as consequências desta cultura para o desenvolvimento e jeito de ser brasileiro seria um discurso de reconhecimento a esta etnia, afinal, somos a mistura dos diferentes grupos indígenas, africanos e do colonizador europeu. As formas de poder sobre o segmento negro eram construídas com o uso de regras austeras, qualquer cidadão branco submetia os sujeitos negros ao trabalho e obediência. As leis do Brasil colônia previam a disciplinarização do corpo negro para atender aos interesses de Portugal.

No século XV, os países europeus dominavam a cartografia, a navegação e conquistavam a força novos territórios, inculcando sua forma de pensar e viver aos nativos. Assim no caso brasileiro, devido à colonização portuguesa e holandesa, quase nada de cultura indígena e africana era aceita. Ainda no século XVIII, era considerado crime desenvolver e disseminar o conhecimento africano, tais sabedorias eram usadas, mas não declaradas. A carpintaria, ourivesaria, música, entalhe e escultura, além da culinária foram algumas das áreas influenciadas pela cultura africana trazida pelos escravizados. Mesmo assim para suprir a mão - de - obra no interior ou no litoral do Brasil, o estado explorou os(as) negros(as) e a sociedade brasileira não escapou do contágio cultural. Essas sabedorias, culturas e raízes presentes em todos os(as) africanos(as) escravizados(as), segundo o dominador português não poderiam e não deveriam assumir espaço na construção do nosso país. Fato impossível, pois mesmo vigiados os negros inseriram o misticismo de sua terra natal no cativoiro.

Não apenas os remanescentes de quilombos vivenciam práticas afro-brasileiras, elas aparecem em muitas situações, inclusive nos dizeres dos brasileiros em geral. Muitas pessoas insistem em reconhecer e transmitir apenas a imagem criada do negro pós-abolição, o retrato de um povo alijado da economia capitalista que representava mão-de-obra barata e descaso nacional.

Os retratos do Brasil pintados nesses projetos esboçam imagens do negro produzidas a partir de diferentes tensões: as que se produzem no interior do regime escravocrata, marcando o ajustamento possível entre senhores e escravos; as que se mostram nos modos como a sociedade brasileira, do fim da escravidão até os dias atuais, lida com as imagens de si que vão sendo produzidas. Tais imagens revelam formas de silenciamento sobre a questão do negro que, num sentido geral, foi deixado, desde a abolição da escravatura, à mercê do ajuste possível a nova ordem social, relegado à própria sorte e engrossando o grupo de excluídos que se fazia visível, principalmente nos grandes centros urbanos (FONSECA, 2000, p. 91)

A autora recorda que o povo negro escravizado no Brasil, ao ser liberto das correntes, não teve atendimento, atenção do estado, igreja e ou fazendeiros na sua reorganização social e/ou trabalhista. Os sobreviventes da escravidão perderam suas famílias, seus bens e muitos deles o direito de serem cidadãos(ãs) dignos de usufruir da educação, trabalho, moradia e atendimento de saúde. A partir do século XX, o Brasil passou a se ver mestiço, porém o fenótipo e a classe social continuam produzindo discrepâncias na qualidade de vida entre os brasileiros, semelhante a outros povos colonizados que são submetidos a falar outro idioma, incorporar a cultura do colonizador e viverem tratados como a base piramidal da valorização hierárquica.

Passados muitos anos, essa tradição de inferiorizar o que diz respeito aos negros(as) ainda precisa ser desafiada. A disciplina História da África começa a aparecer nos cursos técnicos e de formação superior para preencher a lacuna do desconhecido sobre nossos ancestrais. Todo profissional no seu trabalho (saúde, educação, cultura, segurança...), de alguma forma estará envolvido nas relações humanas e raciais, como enxergará e/ou lidará a identidade étnica do outro. Cada sujeito requer

tratamento específico, o não conhecimento da cultura de alguém pode provocar confusões no tratamento ou na atenção a esses destinada.

A África antes da invasão dos europeus. Essa África tradicional, também chamada de pré-colonial, foi durante muito tempo desprezada pelos historiadores. Era como se nada de importante existisse antes da chegada do homem branco. Esse eurocentrismo acabou contribuindo para que o censo comum adquirisse uma imagem preconceituosa do continente africano e seus habitantes (MELO; BRAGA, 2010, p. 37).

As sabedorias, culturas e raízes africanas segundo o dominador português não poderiam, não deveriam assumir espaço na construção do nosso país. Desejo impossível por que tudo isso veio incrustado no coração e no pensamento dos nossos ancestrais africanos. Na educação das gerações seguintes, o respeito pelos mais velhos, a alegria pela vida estiveram presentes moldando a essência do ser negro(a).

Os reinos africanos mostravam, assim, organização e estrutura política e econômica. Muitos deles tinham a economia centrada na tributação, na agricultura e na produção de artesanato. Diversos reinos dominavam a ciência, a astrologia e a medicina, além de várias outras áreas do conhecimento. A economia de muitas dessas nações era autossuficiente (MELO; BRAGA, 2010, p. 40).

No legado referencial de Frantz Fanon (2008, p. 3) entendemos que:

Todo povo colonizado - isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural - toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana.

As descrições dos colonizadores a respeito do continente africano trataram de criar ideologias como África branca e África negra. Separando a história destes povos em estagnação e progresso.

[...]uma mitologia preconceituosa erigida por seus sucessivos conquistadores (hicsos, assírios, gregos, romanos, persas, turcos, árabes, indonésios e europeus), que sobrevive atualmente na maioria das obras eruditas produzidas pelos africanistas de todos os continentes, e pelos historiadores em particular. (WEDDERBURN, 2005, p.139).

Em concordância com esta afirmação relativa aos prejuízos de tratar dos povos africanos, como gente sem história, sem moeda, sem escrita, de sociedades desorganizadas, fez com que os afrodescendentes cultivassem sentimentos de baixa autoestima pela própria identidade.

É pertinente observar que, em decorrência do modo como a sociedade brasileira lidou com a questão escravocrata, as imagens de negro e de negrura continuam a ser modeladas por uma gama imensa de preconceitos que podem ser percebidos em diferentes lugares sociais ainda que, muitas vezes encobertos por eufemismos que contornam o fato do país haver decidido ver-se, particularmente a partir do século XX, como mestiço e a reconhecer a pluralidade étnica de sua população. (FONSECA, 2000, p. 92).

Acontece em nossa época um discurso de apoio à diversidade e maior crítica às teorias globais, teorias que serviram de cartilha para os países subdesenvolvidos. Foucault atribuía ao marxismo e à psicanálise esse despertar. Vejamos a eficácia dos discursos majoritários e como se constroem:

Mas creio que elas só forneceram esses instrumentos à condição de que a unidade teórica do discurso fosse como suspensa ou, em todo caso recortada, despedaçada, deslocada, invertida, caricaturada, teatralizada. Em todo caso, toda volta, nos próprios termos, à totalidade conduziu de fato a um efeito de refreamento (FOUCAULT, 2012, p. 265)

Aqui Foucault (2012) descreve a estrutura de uma unidade teórica, ele não está criticando quem é superior ou não, entendemos que este autor dá o mesmo peso aos saberes epistemológicos empíricos e aos

científicos. “[...] para que dessas relações surjam, em uma mesma época ou em épocas diferentes, compatibilidades e incompatibilidades que não sancionam ou invalidam, mas estabelecem regularidades, permitem individualizar formações discursivas” (FOUCAULT, 2012, p. 8). Não se limitar ao nível do discurso, mas sim atender aos olhares de todos(as) que envolvem a questão. Concomitante à coragem e à sabedoria dos africanos, os indígenas e os imigrantes europeus deram as características que tornam peculiar o jeito de ser dos brasileiros. Pensando de maneira equânime, devemos dar atenção ao ensino por igual aos três primeiros grupos que formaram nosso país. O que a história conta sobre a escravidão negra e as lutas pós abolicionismo em Santa Catarina?

### 2.3 DIÁSPORA NEGRA EM SANTA CATARINA

Escrevemos no capítulo anterior algumas reflexões sobre a origem do negro brasileiro, trouxemos um breve resumo da escravidão na África, à colonização destes povos. Sabemos que metade da população brasileira é descendente dos milhares de homens e mulheres africanos(as) escravizados(as) e trazidos para o Brasil entre os séculos XVI e XIX, durante os 300 anos de escravidão no Brasil. Como este fenômeno atingiu Santa Catarina, qual a especificidade do estado catarinense quanto às relações raciais, cenários sociais e a (in) visibilidade do povo negro? Qual o olhar destinado para registros históricos dos negros(as) do Estado catarinense?

Como é forjada esta historiografia? Quem são as vozes autorizadas para representá-la? Quais os suportes que referendam esta construção? Que preocupações ela revela, ao mesmo tempo em que o desvela? (ZAMPOLI, 2006, p.15). As cidades catarinenses guardam fatos peculiares da cultura afro-brasileira, nas construções barrocas de Laguna, da antiga Desterro, hoje Florianópolis ou [...] a partir das respostas da historiografia negra em Criciúma, SC, estendemos as indagações para perceber a participação da população negra neste Estado de falsas certezas a exemplo; “uma Europa incrustada no Brasil” (LEITE, 1991, p.7).

Para entender a cultura que os(as) negro(as) representam no sul do Brasil, trataremos neste capítulo das origens e participação da comunidade negra em Santa Catarina, estado muitas vezes confundido - na visão do senso comum - como um pedacinho da Europa no Brasil. Muitos pensam que é moradia proeminente de pessoas loiras, deixando os(as) negros(as) mais vulneráveis ao preconceito.

[...] na literatura sobre Santa Catarina nos deparamos com trechos ou passagens, em sua maioria de inspiração positivista, que explicam o sucesso econômico do Estado sempre atribuindo-o exclusivamente à colonização com europeus, superdimensionando o imigrante (LEITE, 1991, p. 15).

Inclusive propagandas e projetos publicitários na maioria das vezes que tratam do estado catarinense, incentivam a interpretação de um recanto europeu brasileiro, apresentando muito mais as fotos da arquitetura alemã enxaimel, das festas de origem europeia, de imagens com pessoas loiras, assujeitando os(as) negros(as) a invisibilidade.

Essa identidade vai ser naturalizada e cultuada pelos diferentes grupos sociais que compõem a cidade. Pois, como vimos, ela cumpre a função social de legitimar o mito fundador, sendo esses registros uma prova de que a cidade foi construída através do empenho “destes bravos colonizadores italianos”, que o progresso para cá trouxeram, sendo portanto, um exemplo a ser cultuado por outras gerações. Seu registro alimenta o imaginário social e desperta o sentimento de identificação com a cidade, pois é constantemente lembrada, revisitada e cultuada (ZAMPOLI, 2006, p. 21).

Santa Catarina foi distinta no acúmulo de riquezas no começo de sua história, não havia aqui ouro para extrair, nem as de casa de engenho para exploração do açúcar ou café, consequentemente, no sul do país as comunidades negras do pós-abolição viviam em pequenos grupos dividindo a pobreza e a exclusão. As melhores terras e o emprego remunerado eram destinados aos imigrantes.

Esta realidade indica que o processo de integração social das populações de origem africana, em Santa Catarina, não foi fácil ou mais ameno em relação ao ocorrido em outras partes do país. Pelo contrário, tudo leva a crer que a entrada de um significativo contingente de imigrantes europeus, a partir de meados do século passado, reforçou, desde aquela época e até após o fim da escravidão,

as dificuldades encontradas pelos negros para uma plena e efetiva incorporação social na condição de trabalhadores livres e cidadãos. (LEITE, 1996, p.243).

Além de a população negra disputar por postos de trabalho, aqueles que já estavam atuando nas diferentes funções foram substituídos por homens brancos.

[...]sobretudo, com reiteradas tentativas de negar sua própria existência. Tudo isto em razão do afã de fazer acreditar que Santa Catarina, para além de todas as suas dissonâncias, é mais propriamente um pedaço da “alva e loira Europa” incrustado no Brasil. (LEITE, 1996, p.243).

Anos mais tarde, com a inserção do capitalismo e vocação para o turismo, é que o estado prosperou, justamente com o discurso de atrair visitantes para o lugar mais europeu do país.

Sem querer desmerecer a importância da participação das demais etnias, discutir a ausência dos registros acadêmicos e científicos apontando a presença negra na construção histórica catarinense, requer atenção. As construções importantes para o desenvolvimento de uma sociedade vão além da arquitetura, locais para comer, rezar, morar, são ainda mais imprescindíveis às construções morais, ideológicas que aparecem impressas na história de um lugar, é onde nasce a identidade de um povo. Os quilombos<sup>36</sup> certificados de Santa Catarina e os que

---

<sup>36</sup> Quilombos certificados no Estado de Santa Catarina: Cidade de Abdon Batista Campos Novos - Invernada dos Negros 01420.000155/2004-08, certificada 04/06/2004. Balneário Camboriú - Morro do Boi 01420.003621/2008-22, certificada 05/05/2009.

Capivari de Baixo - Ilhotinha 01420.016444/2012-21 certificada 18/03/2014. Florianópolis - Vidal Martins 01420.005775/2013-16 certificada 25/10/2013. Garopaba - Aldeia 01420.002423/2009-22 certificada 27/12/2010. Garopaba - Morro do Fortunato 01420.002661/2006-95, certificada 13/12/2006. Monte Carlo - Campo dos Poli 01420.000236/2007-42, certificada 02/03/2007. Paulo Lopes - Santa Cruz 01420.000121/2007-58 certificada 02/03/2007. Porto Belo - Valongo 01420.000528/2004-32 certificada 10/12/2004. Praia Grande - Mampituba - São Roque 01420.000381/2004-81 certificada 10/12/2004. Santo Amaro da Imperatriz - Caldas do Cubatão 01420.000595/2010-03 certificada 06/07/2010. Santo Amaro da Imperatriz - Tabuleiro 01420.000009/2009-89 certificada 05/05/2009. Treze de Maio - Família Thomaz 01420.003429/2008-36 certificada 05/05/2009. (PALMARES, 2016, s.p).

aguardam reconhecimento, guardam as lembranças culturais dos antepassados africanos que pra cá vieram sequestrados, desconhecendo as condições de vida e sem dominar a língua portuguesa. Os escravizados(as) ainda assim fizeram história, constituíram famílias e os quilombos são lugares que apresentam marcas da resistência dessa gente.

Trazemos outros espaços catarinenses de lutas, de resiliência, como a Marcha das Mulheres Negras de Florianópolis, o NEN, os NEAB's das Universidades e as Pastorais Afro, atuantes em Tubarão, Içara, Criciúma e Lages que objetivam o protagonismo negro nos dias atuais. Neste sentido apontamos outros grupos religiosos organizados por/para negros(as) em Santa Catarina:

Pastorais negras, as Comissões de Padres Negros e o Grupo União e Consciência Negra, que organizou-se nacionalmente e também teve a formação de um núcleo na capital catarinense. É importante mencionar a influência da Igreja Católica, pois sua 'ala progressista' atuou em vários campos, por meio da organização de diversos movimentos, além de ter funcionado como escola para a formação de muitos militantes (GOSS, 2006, p. 144).

Na cidade de Criciúma a visibilidade negra acontece nos seguintes espaços, segundo Zampolli (*in*: NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS, 2006, p. 37):

Instituições como o grupo Étnico IAKEKERÊ, "Mãe pequena" no idioma Yorubá, criado em 1933, que se apresenta em diversos momentos na cidade, como a Quermesse ou o carnaval, sempre abordando temas referentes a história da África, pelo projeto ACR (Anarquista contra o Racismo) que promove debates, palestras na cidade evidenciando a luta, não apenas contra o racismo, mas, como toda forma de intolerância. Ou pela ENEB (Entidade Negra Bastiana), criado em 1999, e que, desde 2000, promove com o apoio do Clube União Operária (conhecido desde da década de 1950 como o "Clube dos Negros), anualmente no mês de novembro durante a Semana da consciência Negra, o CRIZOMBA, um espaço

para debates e reflexões referentes a saúde, educação religiosidades entre outros temas relacionado à população negra.

Enquanto mobilização social o segmento negro busca apoio nos Conselhos Municipais, nas ONGs, Secretarias de Educação e Cultura, empresas privadas, não ficando estagnado, pelo contrário suas denúncias dos efeitos das desigualdades raciais requer atenção da população em geral para minimizar o preconceito e reforçar as influências africanas nas ciências e cultura brasileira. Em nível de país a população negra é a metade, predominam milhares de pretos e pardos pelo norte e nordeste , enquanto no sul e mais especificamente em Santa Catarina essa representatividade se modifica para um número menor, contudo significativa. O povo negro catarinense constitui-se em uma força política capaz de defender a livre expressão das manifestações culturais de origem africana e ocupar espaços de decisão e poder. Essa crença aos poucos vai se disseminando na nova geração que frequenta o ensino superior.

Em Santa Catarina, os descendentes de africanos, quando comparados com outros grupos, de outras origens étnicas, têm sido, de um modo geral, considerados como um grupo minoritário, tanto do ponto de vista demográfico, quanto do ponto de vista político. O primeiro sentido, o demográfico tem sido reafirmado pelos últimos censos, e o segundo expressa-se através das pesquisas histórico-sociológicas e dos discursos dos militantes e lideranças negras (LEITE, 1996, p. 37).

Em Santa Catarina por muitos anos, o governo local fez a campanha da imigração, recebeu os açorianos, chamados luso-brasileiros, imigrantes, alemães, austríacos e italianos em grande quantidade. O Paraná apresenta forte influência polonesa e o Rio Grande do Sul é conhecido pela presença marcante das colônias italianas, esses povos vieram somar, mas não sozinhos, a população negra veio também, sofreu preconceito e ainda assim colaborou na construção e desenvolvimento desses estados.

Os precursores dos estudos sobre a formação histórica catarinense reforçaram a superioridade racial branca e a invisibilidade dos(as) negros(as), prevalecendo a crença de que a presença dos afro-brasileiros

era inexpressiva ou insignificante, autores(as) apoiados no discurso eurocentrista. Estas pesquisas para Zampolli (2006, p. 29):

[...] quando se fundamentam em dados e fatos, não submetendo-os a uma análise ou cruzando-os com outras fontes, os autores estão expondo a única versão que lhes é interessante, que acaba se cristalizando na história oficial e conseqüentemente, invisibilizando a história de outros sujeitos.

As narrativas que apresentam a história de formação do estado catarinense reforçam a superioridade racial branca e valorizam a imigração, desmerecendo a presença dos donos da terra. Na serra, por exemplo, habitavam os índios Xoclengs e Kaingangos. Os autores analisados não registraram a participação dos(as) negros(as) com maior ênfase devido as teorias raciais, o pensamento de supremacia europeia que inferiorizava os negros e indígenas e dominava os discursos pelo Brasil todo.

No livro “O espetáculo das raças” a autora revela as compreensões de uma época sobre as teorias darwinistas e as teorias raciais que determinavam o embranquecimento como solução para fugir do futuro pessimista previsto na mestiçagem.

Ao branco, cabia representar o papel de elemento civilizador. Ao índio, era necessário restituir sua dignidade original ajudando-o a galgar os degraus da civilização. Ao negro, por fim, restava espaço de detração, uma vez que era entendido como fator de impedimento ao progresso da nação [...] (SCHWARCZ, 1993, p. 112).

Esta é a questão, trazer para o interesse acadêmico e científico o desejo de desvelar a participação e os registros que comprovam a contribuição positiva seja pelo trabalho ou pela cultura, a interação de negros(as) e brancos(as) no desenvolvimento do estado. Conforme essa citação sobre a presença negra no espaço rural.

Neste ambiente, extremamente dialético e de luta de classes permanente focalizamos a questão racial, é onde está a população afrodescendente, que nos meados do século XVIII, XIX e na

primeira metade do século XX foi um componente importante da formação da identidade catarinense, no entanto invisível na pesquisa historiográfica e demográfica existente. Quando há um esforço de vislumbrar este importante personagem da identidade catarinense, aparecem sobre a esfinge de “caboclo, “peão” ou “brasileiro” (SILVA, 2006, p. 103)

De fato, as narrativas históricas catarinenses respeitavam a hierarquia e desigualdades biológicas do final do século XIX. A história dos negros é silenciada em nome das outras, avaliadas como responsáveis pelo desenvolvimento da região (GOSS, 2006, p. 175). Quando lemos sobre a Guerra do Contestado, autores citam a expressão caboclo, baseado no cruzamento do índio com o branco, quanto à expressão mestiço, recai para a mistura das três raças, já cafuzos ou negros(as) é pouco usado. Na recente pesquisa “As presenças negras nos territórios do sul brasileiro”, encontramos:

Os Cafuzos convivem numa comunidade formada pelos descendentes de Jesuíno Dias de Oliveira (filho de escravos africanos) e de Antonia Lotéria Oliveira (filha de uma nação indígena desconhecida). Tiveram uma participação forte na Guerra do Contestado (1012-1916). A presença deste grupo étnico termina quando, sob a mira das armas das milícias paulistas, são obrigados a descerem a Serra Geral em busca de refúgio e terras para viver, no Médio Vale do Rio Itajaí (SILVA, 2006, p. 107)

No início da história de Santa Catarina, nos primórdios do século XVI, foram os bandeirantes e os indígenas locais que disputavam território e surgiam as vilas de São Francisco e Laguna. Mais tarde, com a presença de africanos(as) escravizados(as), por volta do século XVII na capital Desterro, as lideranças políticas incentivavam a imigração europeia. É ingênuo acreditar que os negros e negras escravizados eram usados somente nos serviços domésticos, eles(as) também participaram das guerrilhas, desbravaram florestas abrindo estradas e introduziram técnicas de pecuária, lida no campo e agricultura essenciais para o desenvolvimento. No entanto, as lideranças estavam atentas ao projeto de governo que incitava o branqueamento da nação, e incentivavam a

imigração europeia e a miscigenação de casais para clarear com o passar dos anos a cor da pele do povo brasileiro. Acreditavam na ideia de um grupo superior, o ariano sobrepor a outro grupo dito inferior, o negro africano, apoiados pelos caminhos da genética.

Apesar da ideia de harmonia ter sustentação no branqueamento, essa noção de convivência cultural miscigenada não contempla os efeitos perversos produzidos nos africanos e seus descendentes que passaram pela experiência da escravização. A história mostra igualmente a sistemática negação da cidadania cultural sofrida por este segmento da população engendrada pela sociedade e pelo Estado mesmo após a abolição da escravatura. (CANDAU et al., 2013, p. 120).

Como relatado, ainda se tem um longo caminho a percorrer para saber [...] quais foram os papéis vividos por homens e mulheres negros e negras na formação populacional do território catarinense (SILVA, 2006, p.103), para o conhecimento da cultura africana e afro-brasileira nas escolas catarinenses, inclusive na academia. A escolha do objeto de pesquisa dos estudiosos e líderes políticos raramente contempla a negritude brasileira, ainda é restrito o material existente sobre a escravidão negra em Santa Catarina, e o que se pesquisa nas instituições educacionais catarinenses a respeito das populações de origem africana na contemporaneidade e sobre o combate ao racismo.

Na historiografia catarinense, uma ausência notável é aquela das populações de origem africana. Se não chega a haver omissão total, têm sido bastante reduzidas as iniciativas nesta direção. Podem-se contar nos dedos as obras que enfocam esta temática, as quais, em sua maior parte, dedicam-se ao período da escravidão; mesmo assim, apenas algumas têm buscado explicações para a permanência, nos dias atuais, do preconceito racial e da discriminação (LEITE, 1996, p. 233).

Esta situação é muito séria, pois a busca pela mobilidade social dos(as) afrodescendentes passa por uma trajetória de formação profissional sustentada por uma identidade reconhecida. Esta formação de identidade negra tem como características “a crítica às visões de

mundo eurocêntricas, a recusa do ideal do embranquecimento, um retorno às raízes, uma adesão à negritude e uma revalorização da África de origem”. (GOSS, 2006, p. 143). Sobre a identidade negra vejamos a próxima reflexão.

[...] a construção da identidade negra não pode prescindir da discussão sobre a identidade enquanto processo mais amplo, mais complexo. Esse processo possui dimensões pessoais e sociais que não podem ser separadas, pois estão Interligadas e se constroem na vida social (GOMES, 2005, p. 42).

A diversidade étnica e racial demanda amplo debate e compreensão na sociedade e nos espaços educacionais. Assim investigar quanto às formas de trabalho desenvolvidas por pessoas negras na participação da economia local e identificar nos relatos as contribuições desta população na constituição do estado catarinense, bem como compreender como homens e mulheres negras percebem sua identidade étnica, a discriminação racial, o racismo e o valor dos dias 13 de Maio<sup>37</sup> e do 20 de Novembro<sup>38</sup>, dia da Consciência Negra, é o intuito desta pesquisa. Na compreensão de Silva Júnior (2002, p. 22):

A discriminação racial é o racismo e o preconceito materializados em ações e condutas que desqualificam e inferiorizam um grupo em detrimento de outro. No Brasil, temos legislação que proíbe a discriminação racial, ou seja, o ato de discriminar o outro por conta de suas características étnico-raciais.

Cabe aos estudiosos investigar com igual interesse o histórico participativo de todas as etnias que compõem o caldeirão cultural existente no Brasil. No caso catarinense trazemos mais uma contribuição relativa a militância negra em Florianópolis:

---

<sup>37</sup> 13 de maio - Segundo o Plano nacional de Implementação das Diretrizes curriculares atualmente o 13 de Maio é Dia Nacional de denúncia das repercussões das políticas de eliminação física e simbólica da população afro brasileira na pós-abolição e de divulgação dos significados da Lei Áurea para negros (BRASIL, 2013, p. 95)

<sup>38</sup> O 20 de novembro será celebrado o Dia Nacional da Consciência Negra. (BRASIL, 2013, p. 95).

As primeiras organizações na capital catarinense formaram-se nas décadas iniciais do século XX como sociedades recreativas e culturais, cuja principal função era criar espaços para socialização dos afrodescendentes, visto que em vários locais do Estado não era permitida a entrada de pessoas negras em espaços frequentados por brancos. Há informações de que entre os anos 1940 e 1950 houve a intenção de criar um Núcleo da Frente Negra brasileira em Florianópolis, mas a proposta não se concretizou. A partir de 1960, foram criadas organizações como o Centro Cultural Cruz e Souza e a União Catarinense dos Homens de Cor (UCHC) [...] (GOSS, 2006, p.145).

Segundo a autora, antes da década de 70 já havia organizações políticas a favor da militância negra. Cabe-nos apontar que nesta mesma época, as Escolas de Samba já ocupavam as ruas com adereços e trajes singelos, demonstrações que revelam um pouco mais da expressiva mobilização política e cultural do segmento negro neste estado.

### **2.3.1 A diáspora negro - africana na Serra Catarinense**

Escrevemos este subcapítulo com o intuito de conhecer melhor a origem do negro brasileiro na Serra Catarinense, após um breve resumo da história da escravidão na África e a escravização deste povo no Brasil e no estado de Santa Catarina, refletimos sobre as consequências e lutas de libertação que resultaram na abolição. Se no passado o número de negros(as) era tido como minoritário em Santa Catarina, temos hoje um olhar global, da miscigenação. Somos na grande maioria catarinenses descendentes dos milhares de homens e mulheres escravizados e trazidos para o Brasil.

Vimos como este fenômeno atingiu Santa Catarina, queremos saber qual a especificidade do Planalto Serrano, especificamente na Lages, cidade da região serrana catarinense, quanto às relações raciais, cenários sociais e a (in) visibilidade do povo negro. Ao tratar dos campos da Serra e a população negra, escolhemos um recorte da cidade de Lages, a partir do século XIX.

Compõe o Planalto Serrano Catarinense os municípios de Lages, Anita Garibaldi, Bocaina do Sul, Bom Jardim da Serra, Bom Retiro, Campo Belo do Sul, Capão Alto, Cerro Negro, Correia Pinto, Otacílio

Costa, Painei, Palmeira, Ponte Alta, Rio Rufino, São José do Cerrito, São Joaquim, Urubici e Urupema. O Planalto Serrano, aqui é compreendido pela organização geopolítica conformada na Associação dos Municípios da Região Serrana (AMURES), reúne tais municípios obedecendo a critérios de identidade étnica, atividades econômicas, espaço geográfico, podemos considerar Lages a cidade sede desta organização.

São centenas de famílias negras, descendentes de escravizados, vivendo no Planalto Serrano, aqui elas se alojaram e trabalharam resistindo ao frio, vieram criando gerações de negros capatazes, domadores, agricultores, rodeados por campos, araucárias, fabricando queijo, lidando com o gado. Alguns donos de sua terra e muitos ainda agregados, à maioria das famílias negras atravessaram as etapas da vida assujeitando-se ao trabalho e moradia que lhes restasse.

Nosso foco principal nesta pesquisa é a memória escolar e de trabalho dos (as) negros(as) na cidade de Lages, porém lembramos haver vários espaços científicos a serem revelados por pesquisadores (as). Entre eles, a linguagem particular da religiosidade ou outras temáticas ligadas à cultura negra serrana. Então, o NEAB presente na UNIPLAC está aberto a todos (as) os docentes e discentes para dar apoio às pesquisas, projetos de extensão e o ensino da história e cultura afro-brasileira, intencionando contribuir com a construção da cidadania e mobilidade social desta população.

Ao longo de sua história de colonização desde o século XVIII, a população do Planalto Serrano se constitui numa singular diversidade étnica: povos indígenas, afro-brasileiros, caboclos, descendentes europeus como alemães, italianos, seguidos de segmentos oriundos do leste europeu, como letos, sírio-libaneses, e por último, mais ao oriente, os japoneses. Diferentes tradições e matrizes culturais, diversas também são suas representações, assim se compõe a gente serrana.

Com essa ampla miscigenação, no período que abrange essa pesquisa após a década de quarenta, a cidade de Lages aparece envolvida num contexto da escravidão e repleta de mitos que sucumbiram às lutas da democracia racial. As crenças sobre a escravidão no Sul do Brasil, de acordo com Leite (1996, p. 41) eram:

A de que a escravidão ai teria sido mais branda porque o senhor possuía menor numero de escravos e trabalhava lado a lado com seu escravo. A de que no Sul houve menos

discriminação racial e se construiu um sistema de posições sociais mais igualitárias porque os negros eram raros e não ameaçaram os interesses dos brancos. Esses mitos beiram a ingenuidade, o simplismo, mas muitas vezes por trás deles se esconde uma justificativa para o “esquecimento”, para a aceitação da desigualdade, ou para a afirmação da suposta democracia racial.

Uma época de imigração alemã para Santa Catarina e forte extração madeireira na serra. Com imensa quantidade de campos, os escravos viviam em propriedade das famílias Ramos, Vieira e Ataíde, enquanto se desenrolava a história. Na sequência nosso interesse recai sobre como viviam nas fazendas e na cidade os descendentes de escravos trazidos para cá. As famílias de estancieiros eram descendentes de bandeirantes paulistas e do colonizador português, definiam assim os personagens protagonistas da história e o grupos que ficariam como coadjuvantes.

Os colonos estrangeiros, estes de caráter tardio chegam com uma política colonizadora determinada para efetuar o reordenamento da produção agrícola. Esta política foi executada de forma escalonada e progressiva combinada com a expulsão de posseiros, agregados e peões que em sua maioria eram afrodescendentes e mestiços denominados de brasileiros ou caboclos (SILVA, 2006, p. 105).

Veremos que os(as) negros(as) que habitavam em Lages, na década de 40, tal como a maioria dos afro-brasileiros daquele período eram analfabetos, mas conhecedores da lavoura, criação de gado, transporte de tropas e administração de fazendas. Conforme Branco (2002, p. 9) “Dividida entre o meio rural e urbano, após a abolição essa população de negros e mulatos, desempenhavam as mais variadas atividades. No meio rural, dentre outras funções, eram os lavradores, os pastores, os agregados e construtores de taipas”. Essas lidas do campo e a fabricação de arreios, pelegos, culinária típica, técnicas de doma de cavalos e fabricação das taipas, são heranças que desenham o trabalho do negro e a cultura da Serra Catarinense.

A vila virou cidade, e alguns homens negros conseguiram emprego no paço municipal. A prefeitura contratava-os para retirar

excrementos das casas e lançar no Rio Caveiras, cuidar da iluminação pública, acendendo e apagando manualmente os postes de luz a querosene. Outros picavam lenha para vender, mulheres negras eram lavadeiras, passadeiras, cozinheiras e domésticas.

Neste contexto, as famílias negras aglomeraram-se especificamente no bairro “dos pé preto”,<sup>39</sup> a Brusque. Ali os negros precisaram unir-se ainda mais para sua sobrevivência e para a construção da representatividade étnica do afrodescendente junto ao imigrante europeu. Ao observar a história da invisibilidade e resistência negra nesta cidade recorremos a Marcon que nos diz:

[...] a partir da aglomeração de famílias negras na periferia e da criação de sociedades recreativas, percebemos alguns exemplos de sentimentos de solidariedade étnica entre os descendentes de africanos. O ‘ser negro’, portanto diferente, no complexo que formava a pluralidade social na região e no País, contestava, e contesta no presente, o discurso de unidade e “democracia racial” (MARCON, 2010, p. 119).

Lages tinha uma organização social que distinguia fortemente os pobres dos abastados, os brancos dos negros, homens e mulheres. Então o poder sustentado pela oligarquia política dos Ramos, dos Costa, entre outras famílias de fazendeiros, nasceu e se perpetuou por anos baseado no discurso de desqualificação do outro para supremacia do patriarcalismo e submissão dos negros(as) perante os(as) brancos(as). Na tese de doutorado de Renilda Vicenzi verificamos um panorama amplo da constituição humana e geográfica da antiga vila de Lages, que preconiza o futuro dos descendentes de escravizados(as).

Apesar das lacunas presentes nesses estudos, como a falta de análise sobre a presença de homens pardos como proprietários de terras e de escravos, a participação de agregados nas atividades de cultivo e criação, é possível afirmar a partir deles, que a história colonial dessas paragens está ligada ao avanço da fronteira, à busca por um caminho terrestre seguro entre os

---

<sup>39</sup> Bairro dos pé preto — alcunha popular direcionada aos frequentadores do Clube Cruz e Souza e moradores da Brusque em Lages.

campos de Viamão e Sorocaba, ao troperismo, as atividades de lida com o gado e ao comércio de almas com centros fornecedores de escravos (VICENZI, 2015, p. 26).

Para garantir pouso e descanso dos viajantes, além de povoar os campos da serra, em defesa da terra contra o interesse espanhol, a corte portuguesa enviou seus representantes para a instalação da vila, ainda no período escravista. No começo da história de Lages percebe-se que a economia da região estava ligada à produção agrícola e a pecuária. Naturalmente os escravizados das fazendas e agregados não tinham terras e seus descendentes deram continuidade às famílias de poucos recursos que cuidavam do gado, lavouras e calejaram as mãos com a construção de quilômetros de taipas<sup>40</sup>. Na cidade o serviço do lar e a construção civil absorveram esses(as) trabalhadores(as).

Do passado para o presente, Lages hoje é um município que possui 158,846 habitantes, conforme estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de agosto de 2014, e faz parte da mesorregião (política) e região (geográfica) serrana do estado.

O historiador Licurgo Costa menciona em poucas páginas dos quatro volumes escritos em 1982 dedicados à história de Lages sobre a presença negra na história local. Podemos reconhecer o papel do(a) negro(a) na constituição urbana, na realidade social e a distinção de classes conforme ele afirma:

A mais importante das duas vias iniciais, era chamada Rua de Baixo, que teve sucessivamente, os nomes de Rua da Cadeia, do Rosário, Presidente Paranaguá, Marechal Deodoro e, finalmente Correia Pinto. Da pracinha de junção com a outra rua ela chegava, nos seus primeiros anos de vida, até a atual Rua Fausto de Souza, onde o fundador localizou seu sobrado residencial, que segundo Fernando Atahyde, foi levantado exatamente no ponto que veio a ser a esquina das duas referidas vias, em frente a atual sede da Delegacia do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem. Depois que o sobrado foi

---

<sup>40</sup> Taipas — construções verticalizadas com acúmulo e encaixe de pedras em formato natural e variado, sem o uso de argamassa. Resultando em muros de proteção e divisão de limites.

demolido, em seu lugar construíram a Capelinha do Rosário, desaparecida em princípios de 1940. Era uma das relíquias da cidade, sacrificada por um descuido imperdoável das autoridades. A outra rua começava no campo da Matriz, atual Praça João Ribeiro, e terminava no seu encontro com a Rua de Baixo. Chamou-se sucessivamente Rua de Cima da Palha, Rua Direita, Presidente Araujo, Rua Grande, 15 de Novembro e, finalmente Rua Presidente Nereu Ramos. A rua principal, onde moravam os maiores da Vila, era a de baixo. A outra era habitada por gente mais modesta, de menores posses, inclusive escravos (COSTA, 1982, p. 59).

Pessoas brancas pobres (indígenas), pretos e pardos dividiram o tempo e espaço dos primórdios de Lages com tropeiros, fazendeiros e líderes políticos paulistas representantes da elite portuguesa. Quando Licurgo Costa menciona a Capelinha do Rosário e o descaso dos administradores municipais daquela época, resultante do desaparecimento da igreja serve para lembrarmos que esse espaço de culto religioso foi construído em 1859 por negros e por eles era frequentada, porque naquela época aos escravos não era permitida a entrada na mesma igreja que os brancos.

Não perdeu tempo a Irmandade, e como o prazo era curto entregou o serviço a um escravo do Fazendeiro Manoel Joaquim Pinto, posteriormente fundador de São Joaquim do Cruzeiro de Cima da Serra. Era conhecido por “Pai João”, preto velho que viera de Angola e era bom pedreiro (COSTA, 1982, p. 357).

Lages foi fundada em 1766 é a mais antiga cidade que integra o Planalto Serrano de Santa Catarina, parada de tropeiros que saiam do Rio Grande do Sul rumo a São Paulo, uma região de baixas temperaturas, propícias à geada e neve.

Era uma imensa e única área selvagem, de clima rigorosíssimo no inverno, habitada por índios aguerridos, animais selvagens e a maior concentração de cobras venenosas provavelmente de todo Brasil; Jararaca, Coral, Cutiara, Urutu, e,

nas barrancas dos rios Pelotas e Lavatudo, as temíveis Cascavéis. Quase toda população daquele período morava em fazendas praticamente isoladas uma das outras e da cidade. A maioria das famílias possuía uma residência na vila ou na praça (sede), para onde se deslocavam quando o inverno se tornava rigoroso ou em ocasiões especiais, tais como batizados, casamentos, enterros, nas eleições, pelo Natal e nas festas de São Sebastião, do Divino e Bom Jesus (LIZ, 2011 p, 25)

Com melhor condição financeira, era comum os fazendeiros terem uma casa no campo e outra casa da cidade, sendo bem distintas as divisões de classe neste lugar desde o século XVII ao XIX, uma época onde a exploração humana era habitual e muitas pessoas pobres buscavam se adequar resistindo ao clima rigoroso a maior parte do ano.

As declarações recebidas nesta pesquisa são de homens e mulheres que passaram a infância ouvindo dos pais sobre o contexto anterior ao deles (filhos) e com a citação de Licurgo Costa, podemos imaginar o quanto era forte o poder colonial sobre o cotidiano dos fazendeiros naquele tempo.

Um pormenor a anotar sobre a vida dos primitivos fazendeiros lageanos é o referente à moradia. Não eram todos que tinham casa na vila. Em geral viviam o ano inteiro na fazenda, mesmo no inverno, quando nada havia a fazer. E só apareciam se precisavam levar a esposa para dar à luz, ou quando deviam tomar providências indispensáveis ao poder público. Isto naturalmente, prejudicava o desenvolvimento da Vila, a tal ponto que o Fundador, já em 1776, tratou do problema com o Governador da Capitania, Martim Lopes Lobo Saldanha, e dele recebeu uma ordem draconiana no sentido de determinar “por edital e públicas notificações particulares a todos os moradores deste continente” para dentro dos meses que a cada um fosse possível, se comprometessem a construir suas casas arruadas na Vila, com as combinações que parecessem justas ao Capitão-Mor, “sendo infalivelmente uma delas”, rezava ameaçadoramente a dita ordem, “remetermos V.

Mce, presos em ferros com escolta competente, paga às custas dos mesmos presos, donde não mandarei soltar nem deixar voltar para esse continente, enquanto legitimamente não mostrarem terem mandado fazer as ditas casas e estarem com efeito feitas”. (COSTA, 1982. p. 1473)

O Coronel Correia Pinto foi o fundador da Vila das Lagens, primeira nomenclatura da cidade serrana. Podemos observar na citação acima que havia também no interior do estado catarinense a violenta influência da corte portuguesa, imaginamos a dureza de sobrevivência para os pobres, sendo que até mesmo os fazendeiros viviam sob domínio do poder colonial no século XVIII. Com o passar dos anos, a Vila virou cidade e outros distritos organizados também se emanciparam. Atualmente a pecuária e o turismo rural, são as maiores fontes de renda para esta população que vive nos campos da serra. A população afrodescendente muito contribuiu para a emancipação financeira deste lugar e ao conhecer melhor sua história, irão sentir-se participantes dela, “[...] sentindo orgulho da sua ancestralidade e construindo, a partir de suas tradições, as alternativas próprias para o seu desenvolvimento e o acesso aos direitos básicos de cidadania” (GOMES; LIZ, 2006, p. 72). O resgate das raízes, amplia o conhecimento de quem somos e reforça a identidade individual e social.

### **2.3.2 Negros(as) na dinâmica do mercado de trabalho**

O domínio da carpintaria e da construção civil foram especialidades trazidas de África pelos escravizados, entre outros saberes como a olaria e a cerâmica, lidas agrícolas e pastoris. Atividades que contribuíram para o desenvolvimento do Brasil. Era destinado aos negros erguer portais, casas, capelas entre outros serviços de construção. Submetidos às ordens de pedreiros e carpinteiros brancos esses trabalhos eram aptidões desenvolvidas pelos negros como auxiliares naquele tempo. Além de serem comandados e vigiados, os negros(as) de Lages em 1.800 tiveram o direito de manter suas festividades religiosas num ponto referenciável sucumbido, foi o caso da Capelinha do Rosário, extinta sem maiores explicações.

Para as comemorações anuais havia sempre um festeiro, escolhido de um ano para o outro, e que era o responsável pelo seu êxito. Em geral os seus

senhores os prestigiavam e ajudavam no que lhes fosse possível. As comemorações de 10 de outubro começavam com a missa solene, de manhã cedo, na capelinha e, em seguida, a procissão percorria as principais ruas da cidade, com um grande andor de Nossa Senhora do Rosário, muito bem enfeitada de flores e conduzida pelos escravos e escravas. (COSTA, 1982. p. 357)

Os administradores municipais daquela época deram a construção da igreja, as procissões e a fé dos negros e suas festividades católicas pouca atenção. Sendo escravizados e cativos com pouca ou sem remuneração, é provável que a falta de apoio financeiro levasse à ruína a Capelinha do Rosário.

A cidade de Lages custou muito para se desenvolver, e as gerações de famílias negras do pós-abolição buscavam trabalho independente da qualidade do ofício. Em Lages, não faltou união e irmandade entre os negros, eles eram capatazes de fazenda, trabalhadores da construção civil, pintores de parede, pedreiros, doceiras, empregadas domésticas, vivendo sob a ótica da ancestralidade africana.

Essa gente simples lutava para sobreviver e naturalmente desconfiados da recente liberdade construíram suas casas e constituíram laços de amizade com seus pares, atentos ao sofrimento histórico provocado pela escravidão de seus antepassados. Essa união provocou a aglomeração de pessoas negras em terrenos doados pela prefeitura. Nascia o bairro da Brusque<sup>41</sup>.

Os antigos moradores negros de Lages marcavam seu espaço com a preocupação de sobrevivência, muitas vezes trocando sua jornada de serviço pela comida e sentimento de obrigação para com os homens de posse, Peixer (2002, p. 92) nos esclarece:

Na “cidade dos coronéis”, existem fissuras, traços de conflito e de projetos que se escondem por detrás dos discursos de progresso, modernidade e intervenção urbana. O que permanece dessa cidade são as práticas de invisibilidade e exclusão dos grupos populares, sempre reprimidos e deslocados para a periferia.

---

<sup>41</sup> O Bairro da Brusque é assunto mais aprofundado no capítulo seguinte.

A autora refere-se à hierarquia social existente na cidade, resultante no bairro da Brusque, lugar onde a maioria dos moradores eram pobres e negros. O lugar tem as moradias de pessoas simples e humildes que, com o passar dos anos vêm insistindo em ocupar espaços elitizados como a universidade, por exemplo. Para tratar do debate sobre a presença negra na Serra Catarinense, escolhemos o bairro da Brusque, para esse fim fizemos várias visitas nas casas de alguns representantes que se auto identificam como negros(as).

Conversamos com pessoas que enfrentaram o estigma da cor nesta região catarinense. Embora passados 128 anos da abolição da escravidão, o negro no Brasil ainda luta por respeito e construção de uma identidade positiva. Porém, especialmente em Santa Catarina muitas pessoas de pele escura desconhecem a importância desta identificação, o que é ser negro no século XXI. O que é pertencimento e identidade racial, sua importância na construção da sociedade capitalista que vivemos.

### **2.3.3 Os(as) negros(as) e o bairro da Brusque: Território e identidade.**

Lages é um município, conhecido pela criação de gado, por suas madeiras e lavoura, sendo um dos mais importantes municípios de Santa Catarina pela sua participação econômica.

Em fins de abril de 1939, na presidência de Caetano Costa, a Conferência iniciou a construção de um prédio em que pudesse recolher numerosos desvalidos, que viviam de esmolas e perambulavam pela cidade, sem lar. Pouco antes da conclusão do prédio foi feito um convênio com as irmãs da Divina Providencia, para administrarem o Asilo. Assim ao ser ele inaugurado, em 1º de Fevereiro de 1941, já se encontravam em Lages para assumir o encargo combinado as Irmãs Leonárdia — superiora — Bertolina e Isarina, que também se incumbiram da instalação de todos os seus serviços. Foram grandes benfeitores da instituição Don Daniel Hostin e o prefeito Vidal Ramos Júnior, mas a verdade é que, na fase mais difícil da instalação da “Vila Vicentina”, à Rua José do Patrocínio, no bairro denominado Brusque, a população lageana,

atendeu prontamente aos apelos da Diretoria para contribuir com donativos em dinheiro ou material de construção (COSTA, 1992, p. 1406).

A citação de Licurgo Costa revela a existência do bairro da Brusque, lugar de escolha político administrativa. A venda de terrenos a baixo preço e a tática de doação destes, foi providencial para instalar moradias e agrupar os negros e pobres, aqueles sem a sorte de herdar terras, fazendas, chácaras ou sítios do colonizador, do bandeirante ou do tropeiro que aqui estiveram depois de 1776.

Dessa forma, o referido bairro teve seu início como um espaço de maior visibilidade da população afrodescendente - o mesmo consistia num território genuinamente negro (GOMES; LIZ, 2006, p. 61). Havia no começo da história do bairro, muitos moradores carentes, porém notava-se uma seleção maior de famílias negras beneficiadas com os terrenos. Seria talvez uma forma de segregação, de fiscalização deste grupo étnico pelas lideranças locais da época? Temos aqui uma problematização, na análise foucaultiana segundo (REVEL, 2005, s./p.):

Foucault gostava de falar de “problematização” e não entendia, nessa ideia, a representação de um objeto pré-existente nem a criação, por meio do discurso, de um objeto que não existe, mas “o conjunto de práticas discursivas ou não-discursivas que faz entrar alguma coisa no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui com o objeto para o pensamento (quer isso seja sob a forma da reflexão moral, do conhecimento científico, da análise política etc.).

A vila das Lagens virou cidade de Lages e o território negro, a Brusque, foi o segundo bairro criado na cidade, localizado na área central, inicialmente direcionado para os trabalhadores mais pobres. Nas palavras de Marcon (2000, p. 99):

Nos bairros Brusque e Lagoão, também concentraram-se vários descendentes de africanos que migraram para cidade após a Abolição da Escravatura, em busca de oportunidades de sobrevivência. Na sua maioria jornaleiros e

lavradores, homens e mulheres, viviam de vender a lenha que recolhiam de matas próximas, do excedente de suas lavouras, do serviço doméstico para terceiros, da lavagem de roupas às margens do rio Lagoão, da venda de quitutes, velas de cera e sabão caseiro, e ainda de serviços esporádicos diversos pela venda de sua jornada de trabalho. Outros, como funcionários do poder público, exerceram atividades como recolhimento do lixo e material fecal, o acendimento da iluminação a gás das ruas da cidade e o serviço de praças da força pública policial.

**Figura 2: Mapa do município de Lages: Bairros**



Fonte: Folder municipal de abrangência do CRAS<sup>42</sup>

Abordaremos sobre o bairro da Brusque no contexto do século XX. O bairro era assim chamado por estar composto em sua maioria de negros, contrapondo ironicamente com a cidade também catarinense Brusque predominantemente habitada por imigrantes europeus. Do livro

<sup>42</sup> CRAS — Centros de referência de assistência social.

Visibilidade e resistência negra em Lages, resgatamos o depoimento para o autor, do já falecido escritor Sebastião Ataíde sobre as origens do nome Brusque para o bairro, disse ele:

Existem certas versões [...] A única informação meio certo que se sabe, é que veio...quando o senhor Caetano Vieira da Costa foi prefeito de Lages, ali por 1927, 28, ele parece que contratou um engenheiro para fazer um levantamento topográfico da cidade, e, esse engenheiro “Brusk”- eu não estou lembrado bem do primeiro nome-, ele residiu numa casa ali mais ou menos onde está o Pronto Socorro, do outro lado- até a casa eu conheci-, e, parece que tinha uma placa lá, como o nome dele, né...Agrimensor...o nome total...”Brusk”, e começou, parece, que a chamar: - Ele mora lá pra “Brusque”, lá perto da “Brusque”...”Brusque”, “Brusque”. E outros dizem, é o seguinte: que foi devido à quantidade de mulatos, servidores da Prefeitura e gente que foram requerendo terras ali e fazendo casas; como tinha muito moreno, muita gente de cor, dizia:- Isso aqui parece Brusque...a nossa Brusque, aqui no Estado, que eram Franceses e alemães, gente loira né. Era uma pilhéria. Também existe isso aí não é? (MARCON, 2010, p. 99)

Organizaram-se neste bairro de terreno acidentado com várias bicas d'água, muitas pessoas negras eram lavadeiras, trabalhadores da limpeza municipal e construção civil. Neste lugar, posteriormente ficaram instalados o Asilo Vicentino e a cadeia, hoje 1º Distrito Policial, uma região central bem próxima ao Pronto Socorro Tito Bianchini, Hospital Nossa Senhora dos Prazeres, Colégio Franciscano Diocesano, Colégio Santa Rosa e a Catedral Nossa Senhora dos Prazeres. É um espaço da cidade que traz uma característica específica, o jeito de ser e viver predominante da cultura negra.

**Figura 3: Padroeiro da comunidade do bairro Brusque: São Vicente.**



Fonte: Produção da própria autora (2015)

A imagem do quadro acima está localizada no interior da Capela São Vicente (protetor dos pobres e escravos), a obra de estilo pictórico acadêmico, autoria de K. Klinger (1945. 2.0 X 1.6). Provavelmente o quadro tenha sido oferecido à capela pela família de Raul Solon Vieira da Costa, a quem o pintor atribui dedicatória. A pintura centraliza e coloca a presença do padroeiro da comunidade o São Vicente flutuando entre os descarnados no reino celeste. Abaixo dele, doentes, órfãos e

pobrezinhos **negros e negras**<sup>43</sup>, próximos a uma casinha simples de madeira. Aparece ainda o navio de chegada do colonizador, que pode ser entendido também como um navio negreiro e a arquitetura (ainda hoje conservada) do Asilo e da Capela, sob a proteção em primeiro plano de um homem branco com vestes católicas.

**Figura 4. Detalhe do quadro**



Fonte: Produção da própria autora (2015).

Fica a quem olha o quadro, a mensagem da supremacia do gênero masculino e da proteção do colonizador europeu aos descendentes de africanos, ditos inferiores.

No próximo capítulo, os depoimentos de pessoas negras com mais de 60 anos afirmam o enfrentamento ao preconceito em contrapartida à aceitação das regras sociais mantidas pelas oligarquias e pela hegemonia branca. Percebemos nos relatos dos entrevistados, o orgulho dos negros da Brusque ao revelar o talento profissional das lavadeiras, doceiras e pedreiros, serviços que davam fama ao bairro, diziam ser a Brusque o recanto das melhores fazedoras de acolchoados de lã, engomadeiras e cozinheiras.

Nos últimos anos, o desenvolvimento da cidade de Lages oportunizou o crescimento do bairro, atualmente a Brusque possui comércio supermercadista e diversificado, a maioria das suas ruas estão com calçamento e recebendo transporte urbano.

<sup>43</sup> Grifo nosso.

O bairro modificou-se na mistura da gente moradora, a miscigenação racial é nítida. Atualmente diferentes classes sociais e etnias dividem em harmonia aquele espaço ora destinado aos pobres e negros(as).

Em que pese os movimentos de afastamento da população negra em direção a outros bairros periféricos, resultantes da pressão que é exercida pela população com maior poder aquisitivo, há ainda os que resistem a esse processo e permanecem em suas moradas como uma forma de demarcação de um território negro. Essa atitude representa a preservação de um patrimônio sociocultural vivo (GOMES; LIZ, 2006, p. 63).

As autoras chamam a atenção sobre o deslocamento de várias famílias antigas do bairro em função da especulação imobiliária e representação existente da população negra no local, caracterizando a predominância cultural afro-brasileira, como a existência de duas escolas de samba, oriundas do mesmo bairro. A Escola de Samba Princesa Isabel e a Escola de Samba Acadêmicos da Brusque.

Como referência étnica encontramos ruas no bairro batizadas com nomes de personagens ilustres da história e heróis negros que se dedicaram a causa abolicionista, por exemplo - Rua Cruz e Souza, Rua Princesa Isabel, Rua José do Patrocínio e Rua André Pinto Rebouças.

A creche municipal existente no bairro é denominada “Vó Marieta” lageana, nonagenária negra, fervorosa cristã, benfeitora do bairro, inclusive voluntária na lavagem de roupas dos asilados, falecida há doze anos, sendo que aos noventa e cinco era lúcida, ainda colocava linha na agulha e visitava a creche, segundo conta sua filha Eloir Branco<sup>44</sup>.

As melhorias em sua estrutura urbana, sanitária e habitacional, levaram à valorização dos terrenos, incentivando várias famílias negras a venderam seu lote de terra e mudar-se para outros bairros mais distantes, como a Habitação e o Popular que na contemporaneidade contém um forte contingente de famílias negras. O grupo de entrevistados desta pesquisa contempla alguns moradores e de forma indireta pessoas ligadas ao bairro, seja por laços de parentesco com atuais moradores e/ou participantes das festas lá realizadas ou por

---

<sup>44</sup> Dona Eloir Branco fez o relato em conversa informal sobre a pesquisa.

aproximação da identidade negra, identidade esta, construída social, cultural e historicamente.

O bairro da Brusque apresenta atualmente uma significativa parcela da população negra em Lages, que pouco foi visibilizada diante dos poucos registros encontrados sobre a história e a cultura do povo negro na Região Serrana. Desta forma, se faz necessário conhecer mais a fundo sobre a situação destas famílias que estão residindo atualmente nesse bairro a fim de identificar o perfil sociocultural desse segmento populacional e se obter dados mais precisos, que possam subsidiar novos estudos e possibilitar o desenvolvimento de projetos de intervenção, os quais poderão contribuir para a melhoria das condições de vida da população residente local. (GOMES; LIZ, 2006, p. 63).

Consideramos importante analisar segundo os depoimentos de idosos negros(as) que nasceram antes de 1956 e frequentadores do bairro citado, como era a vida destas senhoras e senhores, o cotidiano destes no passado, como eles percebiam sua identidade, era a Brusque um “quilombo urbano”? Quais as configurações de lazer, trabalho e educação que fizeram parte da vida destes negros(as). Habitantes contribuintes de uma cidade pequena e de forte histórico de dominação patriarcal, branca e coronelista.

Os depoimentos presentes nesta pesquisa servirão para contribuir com o registro da história dos (as) negros(as) locais, possivelmente nos ajudarão a conhecer os motivos que fizeram deste lugar um território negro, território não apenas geográfico, mas principalmente identitário, tanto histórico quanto cultural, desde o início de Lages como município.

Nesse contexto as famílias negras sempre viveram com resiliência, criaram seus filhos com dignidade, mesmo sem emprego fixo e com baixa renda. Indagamos se a Brusque é ainda hoje o espaço de referência negra na cidade de Lages? Este espaço existe? Conhecer histórias de algumas pessoas de pele escura da nossa região nos faz refletir sobre a necessidade dos avanços na luta contra o racismo, da democratização na educação nacional, as ações afirmativas. Pois só quem sente na pele o problema do racismo pode dizer do mal que ele causa.

Intencionalmente selecionamos para esta dissertação, pessoas ligadas ao bairro da Brusque que junto à própria história de vida, trabalho e escolarização, atuaram como liderança comunitária negra na cidade de Lages. Estamos cientes que é de fundamental importância para a veracidade de uma concepção histórica, considerar todos(as) como sujeitos construtores da sua história e da historiografia de sua região.

Este estudo servirá para ampliar o conhecimento que se tem até hoje sobre a participação dos negros na cultura e no crescimento da cidade de Lages, pois durante muito tempo a história oficial omitiu a participação daqueles(as) que não se enquadravam nos padrões elitizados. Uma preferência das lideranças lageanas pautadas nos gostos e costumes da cultura europeia, “[...] o qual está presente em diversos setores da cidade, em suas ruas, escolas, praças, governantes e habitantes” (NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS, 2006, p.41), de acordo com Zampolli.

Queremos aprender mais sobre Lages, constatar a posição social e o olhar crítico dos(as) negros(as) nas narrativas de vida que guardam nossos entrevistados(as), dar visibilidade ao enfrentamento do preconceito racial. Trazer talvez sugestões para a melhoria das relações raciais nesta cidade. Conforme Gomes e Liz

O fato é que Lages vivenciou em sua organização a segregação geográfica definida pela condição racial e social. Dessa forma, pode-se observar que no Bairro da Brusque concentraram-se vários descendentes de africanos, os quais migraram para a cidade após a abolição da escravatura em busca de oportunidades para sua sobrevivência (NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS, 2006, p.62).

Com os relatos pudemos verificar que os pais e avós dos entrevistados (as), foram os agregados, empregados dos fazendeiros, que eles não tiveram carteira de trabalho assinada, sendo a recompensa pelo serviço que desempenhavam, o empréstimo de um pedaço de terra para plantio próprio ou um animal de pequeno porte para abate depois de um ano de serviço. Histórias de pessoas negras, que passaram a vida inteira trabalhando para a família de um mesmo fazendeiro. Conforme a citação acima no pós-abolição e tempos depois na fase idosa, com a idade avançada, para tratar da saúde e superar as adversidades, os pais e avós

de nossos entrevistados(as) saíram da zona rural (Capão Alto, Índios, Coxilha Rica) e vieram viver na cidade de Lages junto aos filhos então crescidos.

A diversidade étnico/racial demanda amplo debate e compreensão na sociedade e nos espaços educacionais. Consideramos o discurso de enaltecer a raça ariana em detrimento da origem africana e/ou afrodescendente, como impedimento para a mobilidade social e educacional dos(as) negros(as), segundo os textos analisados e a citação: Promover a invisibilidade negra foi um dos suportes da ideologia do branqueamento. A intelectualidade brasileira concluiu como prioridade para a nação atingir “foros de civilizada”, a eliminação gradual da barbárie que o negro e o índio representavam (MARCON, 2010, p.19)

Assim ao investigar quanto às formas de trabalho desenvolvidas por pessoas negras na participação da economia local e identificar nos relatos as contribuições desta população na constituição da cidade de Lages, pudemos compreender como homens e mulheres negras percebem sua identidade étnica, a discriminação racial, e o racismo. Refletir sobre isso é colaborar para a desconstrução da invisibilidade deste segmento étnico.

A abolição da escravatura deveria ter abolido também o racismo. No entanto é este o fenômeno que tranca as portas da convivência harmoniosa e democrática entre negros e brancos. É o racismo que traumatiza nossas crianças e jovens negros(as) mesmo em nossa época. (MARCON, 2010, p.21).

Para os negros, a abolição da escravatura significou o direito jurídico à liberdade física, porém deveria ser a legitimação de sua inserção no mercado de trabalho (fato que demorou para acontecer, por que muitos trabalhadores negros foram dispensados para dar espaço aos trabalhadores imigrantes). A abolição abriu caminhos para a renovação das manifestações e tradições culturais africanas e afro-brasileiras, possibilitou a reformulação dos objetivos a serem alcançados para a sobrevivência, melhor qualidade de vida e conquista de novos espaços sociais, políticos ou econômicos.

As manifestações cotidianas de negro (as) ainda causam estranhamento e até aversão em nossos dias, o preconceito e o racismo acompanham as diferentes fases da vida de uma pessoa negra.

Um país, estado, município com pessoas seguras e felizes por sua origem é mais uma tarefa da educação, tanto formal como informal - educação no lar, nas escolas, fábrica, igrejas, enfim, em qualquer lugar onde exista o preconceito, a discriminação ou atos de racismo, precisa haver vozes que impeçam seu contágio e alastramento, fazendo uso da educação. A educação envolve a cultura e a história para aproximação dos sujeitos com o conhecimento. Fizemos uma abordagem sobre a diáspora negra da África para o Brasil colonial e apresentamos algumas representatividades negras catarinenses. Ainda apontamos a importância do bairro da Brusque para a cultura negra lageana.

### 3 RACISMO E RESISTÊNCIA NEGRA EM LAGES: REVELAÇÕES DA BRUSQUE

Neste capítulo dedicamos a análise dos discursos de antigos moradores e frequentadores do bairro da Brusque para compreender e explicar as relações raciais que os(as) negros(as) lageanos(as) vivenciaram a partir da década de 20. Anterior a isso, na época dos ancestrais negros de milhares de brasileiros(as) era proibido considerar, divulgar, socializar o que pensavam as pessoas negras. Com a vitória abolicionista e o espaço hoje dedicado à diversidade na educação e cultura nacional, podemos analisar as mudanças econômicas e sociais da Serra Catarinense com os discursos por parte da população negra.

Contribuíram com esta pesquisa, trazendo o conteúdo genealógico do grupo étnico em estudo: Hercílio Oliveira da **Silva**<sup>45</sup>, 96 anos; Jaci **Alcântara**, 71 anos; João **Campos**, 81 anos; Maria Odete da **Costa**, 71 anos; Rogerio Gerônimo **Medeiros** 71 anos; Ema Maria dos **Santos Costa**, 81 anos (in memoriam); Marina de **Oliveira**, 71 anos; Neli Maria Lima **Ataíde** 81 anos; Uratã **Trindade**, 71 anos.

**Figura 5: Entrevistados (as)**



Fonte: Produção da própria autora (2015)

<sup>45</sup> Grifo nosso.

As portas das casas se abriram para o resgate das lembranças, sentimo-nos a vontade para entrar e ouvir pessoas negras em falar com sabedoria a respeito de si mesmas. Cada visita serviu também para fazer jus à memória e ao esforço de antepassados negros e brancos que lutaram pelo fim da escravidão e pela democracia racial. Com muito respeito e conscientes da importância de cada palavra dita, intitulamos o último capítulo da dissertação de “Racismo e resistência negra em Lages: revelações da Brusque”, revelando pelas narrativas de vida, a presença negra nos campos serranos. Para Foucault (2012, p. 267):

Pode-se dizer que existe um estranho paradoxo em querer agrupar em uma mesma categoria de saber dominado os conteúdos do conhecimento histórico, metucioso, erudito, exato e os saberes locais, singulares, esses saberes das pessoas que são saberes sem senso comum e que foram deixados de lado, quando não foram efetiva e explicitamente subordinados. Parece-me que, de fato, foi o acoplamento entre o saber sem vida da erudição e o saber desqualificado pela hierarquia dos conhecimentos e das ciências que deu à crítica dos últimos anos sua força essencial.

O pensador francês chama a atenção para a valorização dos saberes locais, para a importância de se agregar os discursos no objetivo de um saber comum, [...] nessas duas formas de saber sepultado ou dominado, se tratava na realidade do saber histórico da luta (FOUCAULT, 2012, p. 267). Essa mudança é resultante da luta e da vida dos antepassados, a liberdade de expressão que acreditamos ter, apesar de ainda hoje, haver guerras, combates e execuções pelo mundo afora, em nome da liberdade de expressão. Como no recente caso do Jornal Charlie Hebdo e a morte de 12 caricaturistas franceses.

Delineou-se assim o que se poderia chamar uma genealogia, ou melhor, pesquisas genealógicas múltiplas, ao mesmo tempo redescoberta exata das lutas e memória bruta dos combates. E essa genealogia, do acoplamento do saber erudito e do saber das pessoas, só foi possível e só se pôde tentar realizá-la na condição de que fosse eliminada a tirania dos discursos englobantes com

suas hierarquias e com os privilégios da vanguarda teórica (FOUCAULT, 2012, p. 267).

Estamos seguindo os passos de outros(as) pesquisadores(as) que trouxeram novos discursos, construíram os primeiros degraus de escada para o conhecimento das relações raciais em Santa Catarina. Com esta metáfora intencionamos aqui apresentar e debater as consequências do preconceito racial e a situação social do(a) negro(a) lageano(a).

De acordo com dados do grupo de entrevistados, procuramos saber quais são os atributos que provocam a baixa autoestima, ou o sentimento contrário de segurança pessoal quanto à aparência, a cor da pele, nas diferentes etapas da vida.

Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados, contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los, ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome de uma ciência detida por alguns. (FOUCAULT, 2012, p. 268).

Reafirmamos o pensamento foucaultiano, acrescentando que o sufocamento histórico das lutas, aos sentimentos das pessoas negras no sul do Brasil, empobreceu nossa literatura e fortaleceu o poder centralizado da hegemonia branca. Importante salientar que a hegemonia se constrói, segundo a perspectiva de Foucault, a partir da microfísica do poder, das redes capilares de poder. Não que o poder não se exerça, claro que se exerce, sabemos que os grandes se aproveitam dos pequenos, os brancos representem mais superioridade que os negros, mas para chegar lá houve toda uma construção, das quais todos participaram, não é uma política criada de repente, por um grande governante que é imposta sobre todo mundo. São as pequenas coisas os olhares, o consentimento da sociedade que formam o pensamento hegemônico.

### 3.1 A (IN)VISIBILIDADE DO SEGMENTO NEGRO: UMA REFLEXÃO DA MEMÓRIA SOCIAL DESTA POPULAÇÃO NO PLANALTO SERRANO.

Na elaboração deste subcapítulo, analisamos como se mostra a identidade negra e quais dramas vividos a respeito da cor e da classe social, na fase de escolarização e profissionalização de representantes

dos negros locais. Relataremos primeiramente — comparando com os discursos de Foucault o efeito discriminatório na memória destas pessoas utilizando o marcador social da educação. Logo em seguida, nos demais subcapítulos, iremos associar as entrevistas com as categorias trabalho, racismo, família e identidade étnica.

Vejamos a visão que se cria pela recusa ou aceitação de alguém a partir da aparência física. O fenótipo<sup>46</sup> negro está vinculado ao racismo e o preconceito, as dificuldades de relacionamento são denúncias frequentes na vida destas pessoas. Carlos Moore (2007, p. 22) anuncia “[...] desde seu início, na Antiguidade o racismo sempre foi uma realidade social e cultural pautada exclusivamente no fenótipo, antes de ser um fenômeno político e econômico pautado na biologia”. É a questão da (in)visibilidade, pois muitas pessoas preferem fazer de conta que não veem a discriminação racial. A história divulgada sobre a sociedade brasileira, afirma que não existem problemas e sequelas de racismo no Brasil contemporâneo.

*Passei muitas dificuldades, mas não sei o que a gente causa nas pessoas, sabe aquele bichinho que você não conhece, mas não gosta ou aquela coisa do sapo... Já te disseram que ele não morde, não é nocivo, mas a gente não quer está perto... é sapo<sup>47</sup>, assim era eu a boca muito grande baixinha pulando de um lado pro outro. Não era branca, o que, que essa redondinha ta querendo, consegui me formar por teimosia, me formei em 2006 e penso que mundo é esse, isso que nem era um curso de elite como Medicina, era um curso onde as pessoas eram da mesma camada social que eu (COSTA, 2015)*

Ao conhecer o que sente aquele que é diferente de nós, estaremos conhecendo a nós mesmos, ao saber como se davam as relações de educação e trabalho de pessoas descendentes da matriz africana em Lages a partir de 1.900. Vimos o que estes pensam sobre o passado e o

---

<sup>46</sup> Fenótipo é a aparência visível ou mensurável de um organismo quanto a um ou mais traços, o fenótipo é o que se vê, a aparência ou o comportamento de um organismo em contraste ao genótipo ou constituição genética elementar. [...] A aparência externa dos humanos quanto à cor da pele, tipo de cabelo, estrutura óssea etc. é mais bem identificada como variação fenotípica; um modo relativamente livre de conceitos culturais designar as diferenças em oposição à palavra raça, cujo sentido varia de um período histórico e cultural para outro. (CASHMORE, 2000, p. 217)

<sup>47</sup> Grifo nosso

presente, confirmamos a presença forte das marcas da discriminação em suas vidas.

Analisando os depoimentos dos entrevistados com a compreensão do poder na ótica de Foucault, entendemos a eficácia do discurso que desmerece as pessoas negras. Mesmo que elas hoje em dia usufruam das cotas raciais ou avancem no sistema empresarial e capitalista. Em seu comentário, Alcântara nos alerta o quanto é dificultoso para as pessoas não se seduzirem pelo poder da mídia que tenta incutir certas “verdades” e atrapalham a inserção das pessoas negras no ensino superior.

*Quando a imprensa chega a criar consciência nas pessoas é um perigo, ela não pode formar ela tem que ser uma despertadora de consciência, porque a consciência é nossa. Se a nossa educação não constrói o conhecimento, não desperta consciência é lamentável. No Brasil não era pra nós termos cota, era para nós termos uma educação na escola pública de qualidade, a ponto que eu pudesse optar em estudar na UFRGS ou em qualquer universidade particular (ALCANTARA, 2015).*

Com os depoimentos deste grupo de pessoas negras naturais da “Princesa da Serra”<sup>48</sup>, pudemos analisar suas lembranças com uma perspectiva histórica, porque relembram espaços arquitetônicos, autoridades, famílias tradicionais. O cotidiano de uma cidade interiorana e as relações entre negros(as) e brancos(as) com a crítica aguçada no sentido de discutir de que maneira as pessoas negras foram assujeitadas e disciplinarizadas.

Mais do que uma descrição dos fatos, com o relato da história oral nos aproximamos de situações de resiliência, de coragem, ouvimos de que forma cada um(a) atravessou ou não as etapas escolares, seus ofícios, diversões, se recebiam ou não provocações racistas. Reconhecemos pelas histórias contadas, o esforço destes negros e negras, sujeitos que tiveram muita influência no seu meio familiar e participaram do desenvolvimento da sociedade local.

### 3.2 A EDUCAÇÃO COMO FATOR DE AFIRMAÇÃO PARA PESSOAS NEGRAS

Esta etapa da pesquisa serve para pensarmos como pessoas negras resolvem emocionalmente a sensação de perceber que causam desconforto todo dia ao se aproximar do outro, branco(a), independente se é estudante ou professor(a) negro(a). Pensarmos o que sente um(a)

---

<sup>48</sup> Princesa da Serra é um apelido carinhoso dado à cidade de Lages.

afro-brasileiro(a) com a pele bem escura no meio social, estudantil. Uma criança negra enquanto esta sob atendimento e convivência exclusiva da família tem tratamento natural e sente-se integrante, sua aparência é semelhante. Quando passa a se socializar com outras pessoas no ambiente escolar, começa a sentir, mesmo novinha, o impacto e o poder da discriminação ou da indiferença, pois a semelhança desaparece e dá lugar ao estranhamento, ao contraste de aparências. Seria mais saudável se os relacionamentos sociais não declarassem intolerância e invisibilidade para essa criança, mas sim respeito por sua etnia.

No capítulo II do livro *Saberes Pedagógicos. Educação em Direitos Humanos e a formação de professores(as)* seus autores abordam a necessidade de toda a sociedade olhar com o devido respeito as diferentes culturas e etnias que compõe nossa época. No entender dos autores conforme a citação abaixo, a função dos documentos criados pelo governo para implementar a Lei 11. 635/08 — tratam da formação de professores, materiais didáticos, livros de contos africanos que podem ser usados para as diferentes faixas etárias e abrangem todo o universo escolar.

As sugestões funcionam como recomendações e mostram que a articulação entre educação, relações raciais e Educação em Direitos Humanos implica vários investimentos. Também apontam para a escola como um território sensível em que ideias, comportamentos e imagens racistas se atualizam, se retroalimentam, mas que podem ser trabalhadas e reconstruídas. (CANDAUI et al., 2013. p. 134)

As consequências de vivenciar o preconceito e a discriminação durante toda uma vida, diferencia o jeito de ser e as escolhas profissionais das pessoas negras. Elas geralmente aparecem em número reduzido na classe, ou série escolar, acontecendo a chamada solidão étnica, “*A minha sobrinha Simone filha da Silvia estudou no Santa Rosa, a única preta da época dela a estuda lá*” (ATAIDE, 2015); Passados mais de 20 anos e a situação é parecida, juntando as quatro escolas particulares de Lages, o número de alunos(as) negros(as) não chega a uma dezena, são ainda espaços embranquecidos.

Na época em que nossos entrevistados frequentaram as primeiras etapas escolares, eles relatam que percebiam o tratamento diferenciado para negros(as) que professores(as) destinavam.

*Então assim, eu tava com varicela, só eu negro na sala e ai dormindo numa aula de catequese dessas assim, ela disse: “olha ai tá com o diabo no couro, estamos falando em Jesus, e ele dormindo.” Dai fui pra casa fiquei 15 dias em casa com varicela e ameaça de pneumonia. Quando voltei, voltei todo manchado de varicela, então, pra criança negra o colégio é terrível. Porque assim. Tu tinha vergonha de perguntar por que tu tava mal vestido [...] aquilo e nós iam pro colégio com uma tamanhinha no frio ou uma chinela de couro feita no Gurgel Camargo. Negro, mal vestido e pobre num colégio só de branco. (ALCANTARA, 2015).*

Essa narrativa nos faz pensar que a falta de recursos e a construção de uma baixa autoestima dos(as) estudantes negros(as), somada a pouca sensibilidade e amorosidade de certos profissionais da educação, transformam o cotidiano escolar das crianças negras, num drama marcante para toda a vida. Na infância dos entrevistados a situação de pobreza era mais forte, a acessibilidade aos bens de consumo, muito mais restrita. Se no pós-abolição usar calçado foi conquista para as pessoas negras<sup>49</sup>, na década de 50 ainda era raro ver crianças negras com os pés protegidos.

*Nasci atrás do morro grande, só não sei que horas que eu nasci, né, quando meu pai morreu em 1923 eu tinha quatro ano, então quer dizer eu era o mais novo, eram oito irmãos, cinco homens e três mulheres. A escola era ali onde era o GD, chamavam o Coleginho São José, até o quarto ano. Eu aprendi a matemática assim, era bom estudá. Eu sai lá do morro grande e vinha com o pezinho no chão e o calçadinho na mão pra calça quando chegasse na escola.*

*Olha, eu lembro muito da professora mais velha, era a dona Amália, as outra não tenho mais lembrança do nome, naqueles tempos, tinha padre chamava... era brabo a gente fazia um pouquinho de arte eles puxavam um cordão e batiam na gente, quando brigava né, as vezes discutia um guri com o outro daí eles tinham raiva e vinham com aquele cordão pra bate na gente. (SILVA, 2015).*

Os métodos educacionais rigorosos e as dificuldades financeiras deixaram marcas na vida dos entrevistados, as informações relatadas nos

---

<sup>49</sup> Só os forros, ou seja, negros que possuíam a carta de alforria, podiam andar calçados pelas ruas do Brasil colonial. Durante a escravidão, negros(as) andavam descalços. Ter calçados era sinônimo de status social.

impulsionaram a refletir sobre racismo, classe social e preconceito quanto à cor em sala de aula.

*Eu na escola fui bem inteligente, só não continuei porque a gente era muito pobre naquela época, até agora né, mais eu fui bem inteligente só não pude frequentar mais a escola devido a pobreza, até o quarto ano antigamente, eu estudei muito, eu estudei ali no Coleginho São José que nem existe mais, era na frente do hotel Lages do lado Correio... A dona Carmosina ela era pessoa muito boa marcou, porque graças a Deus pra burro eu não servia, as próprias professora diziam que era uma pena eu não poder frequentar a escola por não ter condição, naquele tempo parei por que não tinha né, do quarto ano “indiante” era só pra rico, era tudo pago, tinha que paga não existia eu não tinha condição (CAMPOS, 2015).*

O estudo gratuito beneficiava somente até o quarto ano, assim os mais empobrecidos partiam para o trabalho ainda crianças e sobre estudar descalço e a condição econômica dos negros lageanos, na década de 50, Campos diz — “*eu não usava sapato ia descalço pra escola, não tinha né. A pobreza pegou ali e não largou mais, mais depois não, nós começamos a crescer e a trabalhar, ai veio o sapato e a roupa*” (CAMPOS, 2015).

Em documentos de uma antiga instituição escolar de Lages, Escola de Educação Básica Vidal Ramos (1912), encontramos guardados no seu acervo as atas de reunião da Escola de Educação Belizária Rodrigues (hoje extinta) o registro da secretária Zulma Ferreira ocorrido dia 10 de novembro de 1956 que representa o entendimento dos professores naquela época sobre os alunos carentes, diz o documento:

Queixam-se os professores dos próprios alunos, pois são bem poucos os professores que têm na sua classe alunos, que dentro de uma família acomodada e boa sem miséria, que vão à escola levados pelo afã de aperfeiçoarem-se. Na maioria, nossos alunos vêm de camada social bastante inferior, composta de crianças entregues a si mesmas, sem assistência dos pais, crianças fatigadas pelo trabalho remunerado, crianças pouco assíduas, cujos pais são inimigos do professor e que só se lembram de procurá-lo para reclamar ou tirar satisfações, protestando quando

seu filho não apresenta o progresso desejado.  
(ATA DE REUNIÃO, s.p)

O relato é da secretária na ata de reunião, foi feito com apontamentos clássicos e elaborados para perfeita uniformização da escrituração de livros de Registro Escolar daquela época. Observamos, porém que a família do estudante era desconhecida pelos professores, talvez mesmo os pais ou mães dedicados não se sentissem à vontade para dialogar com a escola. Para os (as) professores (as) o fracasso escolar, a falta de esmero, naquele contexto teria sido justificada pela pobreza que levava ao trabalho infantil e ao distanciamento entre pais e escola. Naquela época, não se declarava a importância de um envolvimento mais amplo entre família, currículo, professor e alunos. Um atendimento mais humanizado que fizesse os (as) estudantes sentirem-se identificados com os conteúdos escolares, situação presente ainda nos dias atuais em muitos espaços escolares.

*Eu era piá né, tinha uns 14 anos. Mas olha pra fazê uma matemática eu era coisa de louco, no meu trabalho, metrage, isso aí eu não perdi. Só com pintura, calculava tudo com uma facilidade que nossa, mas não deu mais né tive que trabalhar, pobreza é coisa triste (CAMPOS, 2015).*

Mesmo com pouco tempo de escolarização e de aprendizado muitos negros lageanos vieram a destacar-se em trabalhos na construção civil. Com oitenta e um anos de idade João Campos, seu Jango como é conhecido, lamenta o afastamento que teve da escola para poder trabalhar quando jovem e reconhece o potencial intelectual que lhe serviu na profissão de pintor de paredes. Em entrevista posterior, Seu Jango é citado como exemplo de perseverança, dedicação e empreendedorismo.

*[...] os pintores eram da família Bruder, eram os pintores de Lages, aí a família Campos, o seu Jango, começaram carregando lata de tinta na rua para eles pintarem. O Jango Campos, o Leonidas Campos, o Lauro Campos e depois tinha o Aniceto que já trabalhava com outra profissão e o Carlos Campos era de marcenaria e carpintaria, né. Esses três irmãos seguiram esse caminho da pintura, eles eram empregado ali, depois eles se transformaram em donos da empresa deles (ALCANTARA, 2015).*

Hoje a democratização do ensino aos jovens, oferece mais oportunidades para ascensão profissional. Face a isto os(as) jovens negros(as) podem se favorecer das políticas públicas e educacionais

direcionadas para esta etnia e para os indígenas, podem usufruir de ações que objetivam a superação da pobreza.

Qualquer disciplina, pode ser trabalhada usando temas que envolvam as diferentes etnias e culturas com equidade, assim o estudante irá talvez se identificar com algum exemplo e ao conhecer profundamente suas “raízes” se sentirá motivado em descobrir sua participação real na construção do presente e futuro histórico e social do seu destino.

Conforme explica a declaração da UNESCO sobre a Raça e os Preconceitos Raciais, na primeira parte do Artigo 9º:

O princípio da igualdade em dignidade e direitos de todos os seres humanos e todos os povos, independentemente da respectiva raça, cor e origem, constitui um princípio de direito internacional geralmente aceito e reconhecido. Por conseguinte, qualquer forma de discriminação racial praticada pelo Estado constitui uma violação do direito internacional que dá origem a responsabilidade internacional (UNESCO, 2015).

Os seres humanos são diferentes, na cor, gênero, classe, mas iguais enquanto criaturas humanas. Para ajudar no entendimento do que é ser diferente e igual ao mesmo tempo, apresentamos neste subcapítulo os desafios que discursos hegemônicos permeados, inclusive na documentação de pobres e negros para reconhecimento de sua cidadania.

*Em 1958 a gente foi pro Coleginho São José, que era colégio de padre, aonde é hoje o Shopping Gemini, até então eu não tinha certidão de nascimento, eu me assinava Rogerio Alcantara que era o apelido que meu pai tinha, meu pai era Pedro Jeronimo. Mas como ele era um homem grande eles associavam um homem grande com D. Pedro I de Alcantara, então apelidaram ele de Pedro de Alcantara, Pedro Grande, aquele negocio tudo, então tem irmãos meus que tem na certidão de nascimento como Alcantara, eu por muito tempo fui Alcantara depois que ela trocou por Jeronimo Medeiros. A minha mãe tinha uma capacidade muito grande de convencimento das pessoas, ela era analfabeta, mas ela ia lá e conseguiu me colocar na escola sem certidão de nascimento eu e meu irmão (MEDEIROS, 2015).*

Após verificar a fragilidade da documentação de identidade, como nome da pessoa era criado a partir de características, localização ou personagens, lembramos que na África, desde os primórdios, o nome é importantíssimo, havendo uma escolha para nominar a criança feita em grupo com rituais sagrados.

Sendo mais restrita a inserção de alunos de pele mais escura nas escolas da cidade de Lages, ficamos cientes que os ofícios acompanharam a vida dos mais antigos moradores negros deste lugar, foram de carpinteiros e pintores de parede. Aqueles que tiveram acesso a mais tempo de estudo, concluíram seus cursos e saíram diplomados.

*Minha mãe foi e disse, olha: eu queria que os meus filhos estudassem aqui, só que eu não posso pagar Frei Capistrano, Frei Humberto e tal. Eles falaram o seguinte: a senhora vai lá na delegacia e pega um **atestado de miserabilidade**<sup>50</sup>, que seus filhos vão estudar aqui. Já existia Lei e ninguém sabia, até isso minha mãe conseguiu. E eu fui pra lá e fizemos o chamado ginásio Diocesano, sem pagar. Primeiro a gente fez admissão depois a gente foi pra noite, né (MEDEIROS, 2015).*

A personalidade forte e a iniciativa desta mãe negra, permitiu aos seus filhos uma criação humilde, porém repleta de senso crítico. Chama atenção nosso entrevistado, que naquela época já havia leis de proteção para o direito de estudar a qualquer brasileiro. Também nos contava ele, que estudar podia significar apenas aprender a assinar o nome de batismo.

*Foi assim, as fazendas eram muito grandes e tinha lá uma quantidade de peão lá e os coronéis chegavam e diziam assim; vocês vão vota em fulano. Quando passava uma professora por lá era só pra ensina a assina o nome pra pessoa ter a condição de votar. Eles não eram alfabetizados eles só sabiam escrever o nome, então a coisa era assim (MEDEIROS, 2015).*

Ainda quanto a oferta de estudo há sessenta anos atrás, para muitas pessoas pobres e/ou negras, vimos que fazendeiros e patrões da Serra Catarinense, oportunizavam alguém que ensinasse aos agregados, apenas assinar o nome, para depois votar. Mais grave ainda, a educação da década de 50 aprovava metodologias tradicionais, inclusive castigos corporais. Após um século da fundação da cidade a divisão e a hierarquia social entre as pessoas era muito presente — para termos ideia das relações de poder no ambiente escolar do passado desta cidade, observaremos os três depoimentos a seguir:

---

<sup>50</sup> Grifo nosso

*Até o quarto ano tinha a irmã Rahigalda, era uma freira muito braba, a gente chegava não sabia as coisas ela dava reguada na mão, na cabeça, naquela época não ensinava nada da África e era em qualquer criança que elas batiam independente da cor, a gente tinha muito medo dela (OLIVEIRA, 2015).*

A autoridade da freira instrutora ficou gravada na memória das entrevistadas pelos gestos de violência aplicados. Não que um fato deste seja exclusivo do local pesquisado, mas talvez gesto comum no contexto de escolas antigas, especialmente para pessoas carentes.

*O Colégio Imaculada Conceição era ali onde é o ginásio de esporte do Santa Rosa, conheci a Irma Rahigalda que era pá, pá, na mão de régua, ali que eu estudei, foi um horror porque eu tinha que ficar longe da minha mãe e meu pai tinha morrido. Quando meu pai era vivo ele vinha de mês a mês trazer dinheiro pra minha irmã mais velha, compra sapato e eu não, ficava ali até terminar o sapato, não tinha o papai que fazia isso, mamãe ficou com dificuldade, sem salario porque naquela época não tinha pensão ela ficou vivendo do que papai deixou e fazia queijo (COSTA, 2015).*

Não foi preciso indagar sobre esta personagem agressiva do período escolar, naturalmente as entrevistadas lembravam de momentos tristes na infância e relacionavam a falta de recursos e a apreensão resultante do medo causado pela presença desta freira nas lembranças que tinham.

*A senhora vê o meu pai botou nós na escola do coleginho da irmã Rahigalda nós tinha que ir cedo na aula e depois vim na vó almoça, nos comprava um pãozinho estrela e repartia pra depois voltava pra aula e a Irmã Rahigalda era muito braba ela tinha uma régua grande e pá nos alunos. Uma vez ela trancou um piá no porão de castigo no grão de milho, senão ela metia aquela régua. Uma vez eu até chorei sem ser comigo, toda a vida tive dó dos outros, não é que uma cobra mordeu a criança do castigo (SANTOS COSTA, 2015).*

Os primeiros anos escolares são definitivos para o entendimento e raciocínio humano, imaginamos como foi difícil para as pessoas citadas acima superarem as adversidades vividas no período escolar. Como elas conseguiram sonhar e idealizar um futuro melhor para si e sua família. *“Das minhas professoras não tenho recordação, naquele tempo ele é ele, você é você” (TRINDADE, 2015).* Existem vários casos de passagem pela escola, sem aproximações mediadas pelo professor(a) que envolvam os(as) estudantes com aprofundamento na diversidade

cultural do planeta, do país, quicã da região, minimizando possibilidades de construção de parcerias amigáveis entre aluno e professor para o aprendizado.

Vamos analisar com a citação seguinte a disposição das carteiras que comumente sentavam negros(as) nas escolas de Lages da década de 50. Será que essa situação se modificou? Geralmente nas apresentações artísticas escolares, negros(as) são figurantes, são dispostos(as) no fundo do palco, nos corredores da escola os murais e cartazes, antes da Lei 10.639/03 não traziam figuras de pessoas negras, ao observar estes detalhes concordamos que a invisibilidade da pessoa negra fica(va) explicita. Com exceção de demonstrações do Samba ou Funk geralmente estudantes negros(as) são pouco solicitados e os livros didáticos, tem sido reformulados para se adequar a Lei.

*O grande problema negro, ficava acanhado e sentava lá atrás que é um grande pecado a pessoa sentar lá atrás na sala de aula, porque ali na frente sentam aqueles cara que tão olhando no olho do professor, questionando o professor, o professor fica com medo, aqueles cara que tão vendo dentro dos olhos dele. E aqueles cara que tão lá no meio, lá atrás, o professor não. Ele dá aula pra aqueles cara que tão ali perguntam, questionam, complicam, o professor tem que tá afiado pra responder pra aqueles ali, uns do meio, mas os de traz é balela (ALCANTARA, 2015).*

Quando a pessoa não se sente segura ou à vontade, ela prefere isolar-se, ficar camuflada para não chamar a atenção. Ou seja, os parâmetros educacionais vigentes precisam despertar a autonomia e participação de todos(as), inclusive ressignificando a presença do negro na história, lembramos da importância do uso de exemplos de pessoas negras nos campo artístico, político, da biografia de pessoas negras como identificações de profissionais “gabaritados”. Atitude diferente da visão colonialista que supunha os negros sempre como ignorantes, subalternos e indolentes.

Para melhor entender as formas de tratamento direcionada para as pessoas negras, recorremos a Foucault (2012), ele entendia que para o domínio de um grupo a disciplinarização do corpo seria estratégica. A fila, a forma como um ambiente institucional é pensado, possui separações daquele que lidera, dos destaques e do restante que observa, “numa sociedade como a do século XVII, o corpo do rei não era metáfora, mas uma realidade política: sua presença física era necessária ao funcionamento da monarquia”. (FOUCAULT, 2012, p. 234).

A partir dessa premissa entendemos que no século XIX o corpo da sociedade é o novo princípio filosófico de procurar entender a evolução da humanidade. Esse corpo deveria ser protegido ou afastado, seriam selecionados aqueles ditos saudáveis dos outros vistos como contagiosos, delinquentes, fora dos padrões greco-romanos.

Abre-se espaço para a eugenia, criminologia e a medicina decidirem quem ocupará determinadas instituições, do presídio até as universidades. Ainda Foucault (2012, p. 235),

[...] eu acho que o grande fantasma é a ideia de um corpo social constituído pela universalidade das vontades. Ora, não é o consenso que faz surgir o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos.

Tudo isso somado aos castigos corporais, representa para a história dos(as) negros(as) uma batalha em defesa da locomoção do corpo, da exposição e proteção da corporeidade.

Na expectativa de protagonismo dos excluídos, da presença de corpos negros nos espaços de decisão e poder, de uma alfabetização com consciência crítica e direitos iguais para todos, recorremos a Paulo Freire, ele salienta, “Alfabetizar-se não é aprender a repetir palavras, mas a dizer a sua palavra, criadora de cultura (FREIRE, 1987, p.18). Para erradicar histórias de opressão, exploração e violência na educação, é que a obra de Paulo Freire se direciona. É válido lembrar que Paulo Freire usava como referência a obra de Frans Fanon, por sua teoria quanto ao complexo de inferioridade do negro como resultado da opressão branca.

O aprendizado para Freire e para Fanon é emancipador, libertador da ignorância e da submissão dos homens e mulheres negros(as) que foram inferiorizados(as) por conta da teoria do embranquecimento. Entre outros fatores, os(as) negros(as) foram alicerce de muitos conhecimentos e mão de obra para a modernização da região serrana de Santa Catarina. Ainda crianças essas pessoas eram exploradas nos serviços domésticos e quanto ao estudo foram deixadas a própria sorte.

*Então eu fui pra lá, pra cuidar do nenê pra ela com seis anos de idade. Mas ela não de me deu aula, a primeira professora que eu tive foi a dona Julieta depois eu não fui mais, eu tive no Imaculada Conceição quando eu tava com a minha mãe, depois com a dona Julieta era ali perto do Correio, pra cima, era uma escola a noite, era de graça e eu já era grandinha tinha uns doze anos. Estudei ali no Vidal Ramos também a noite dai, mas era só umas duas três semana, dai eu tinha muita dor de dente e tinha*

*que lava louça pra depois ir pra aula essa começava a 1 hora eu chegava lá já tinha terminado, ela dizia assim - mas o que que adiantou você vir a essa hora, naquele tempo não era tarefa, era deveres, você leva os deveres e faz em casa. Eu pra estudar a tabuada tinha que colocar o caderno pra cima da pia enquanto lavava louça, pra pode estudar e pra depois dizer no outro dia. Ai a dona Emília Araujo, essa senhora que eu tava lhe falando, ela me dava um caderno e um lápis só, e eu tinha que trazer aquilo ali em dia sem estraga, eu tinha muita dor de dente, [...]* (SANTOS COSTA, 2015).

Na declaração acima, temos o retrato de uma época, famílias patriarcais, entre abastadas e “remediadas” tinham domésticas que moravam desde crianças, mas não eram adotadas e nem remuneradas. No caso acima, a menina negra não teve a atenção de saúde odontológica e nem educacional suficiente. Em suma, o pequeno grupo entrevistado retrata as dificuldades que as pessoas negras e pobres enfrentavam para poder estudar. Talvez nem percebessem naquela época a segregação que os afastava do direito à educação.

Negros(as) vencedores(as) amparados pela moral e ética, ensinados no seio da família, declaramos que cinco dos nove entrevistados chegaram até o final do Ensino Básico e quatro conquistaram diploma superior. No próximo depoimento reconhecemos o enaltecimento que a sociedade serrana dedicava ao templo cristão, as denúncias vividas no ambiente escolar e a coragem fortalecida por uma professora na vida da criança negra.

*Domingo na missa da Catedral, por exemplo, se nós fosse com o uniforme da semana na missa e molhasse o uniforme não tinha como ir na aula na segunda-feira, então minha mãe colocava uma capa, uma capinha de chuva assim nas costas e nos íamos de calça curta e pés descalço pra ir na missa, por que tinha que marcar presença na igreja. A gente se administrava muito bem isso ai, a gente sabia o lugar da gente só que a discriminação era muito grande. A gente não podia falar com as pessoas, na aula só ouvia, a gente notava que os professores dava uma atenção maior para o filhinho de papai do que pra gente. Tinha lá um ou outro professor como a Danusia que foi minha professora. A Danusia tinha um tratamento especial com a gente, pergunta pra ela do Rogerio Geronimo. A Danusia foi fantástica, ele foi uma pessoa muito especial na minha vida, muito especial. Ela nunca perdeu a gente de vista, ainda hoje onde ela vê a gente ela faz uma festa, no terceiro ano ela foi minha professora, eu com nove*

*anos e ela uma menina muito nova, eu me lembro, uma pessoa muito bonita ela era* (MEDEIROS, 2015).

Pelas entrevistas concedidas, notamos que a memória revela lembranças marcadas de sentimentos, ora de angústia, ora de alegria. Para o bem do ensino local a professora lembrada pelo seu Rogerio Medeiros, continua firme, hoje atuante na formação universitária de centena de serranos(as), sendo reconhecida na cidade por sua trajetória profissional. Com as narrativas apresentadas foi possível constatar que a dificuldade financeira e a distância geográfica, eram o empecilho para o desejo de frequentar a escola. Observamos também, que a atuação do(a) professor(a) embasado no respeito às relações raciais, impede a vitória e expansão do preconceito e reforça a autoestima da pessoa negra, conforme esta lembrança relatada:

*[...] mas tem uma professora minha aqui de Lages que eu nunca esqueço o nome dela: professora Inalva Maria Rafaelli, essa professora eu tinha vontade de encontrar ela, um dia eu fui pro quadro fazer uma expressão daquela de travessão e matemática, eu nunca me esqueço aquilo. E eu tava com as calça bem limpinha assim mas tava remendada no joelho e de chinelo, e uma guria loira do olhos azul começou a rir, ela mandou eu parar mas ela deu uma queimada nessa guria que foi coisa seria* (ALCANTARA, 2015).

Quando o(a) estudante negro(a) ganha apoio por suas origens e valor, fortalece-se emocionalmente, assumindo muitas vezes condições de liderança e criatividade nas atividades escolares e na vida. Situação necessária, pois geralmente este(a) estudante é visto como um indivíduo desacreditado de suas potencialidades intelectuais. Na sabedoria de Seu Jaci, *“os negros são assim; aqueles que têm oportunidade crescem”*<sup>51</sup> (ALCANTARA, 2015).

*Esse Silvio Ramos trouxe meu irmão para Lages, dai colocou ele aqui até o quarto ano primário com a professora famosa a Professora Aída Shimith, professora vip, pegava só três, quatro aluno, e ele então trabalhava na casa dos patrões e um período ele ia pra casa dessa dona Aida Shimdit. E ele então ia busca vaca de madrugada, levava pra tira leite, vinha pra Aida Shimdit. Dai quando chegou numa idade ali, o quarto ano ali, o patrão dele falou: tá muito caro a escola pra você, parece ele pagava 40 mil reis por mês, eu vou troca isso pra você vou coloca você no serviço. Dai colocou ele na Internacional, ele trabalhava na casa*

---

<sup>51</sup> Grifo nosso

*e na Internacional que era uma oficina mecânica em Lages* (MEDEIROS, 2015).

No relato acima, conhecemos a história de um menino negro que teve amparo e estudo na sua criação, quando adulto destacou-se como militar, auxiliando significativamente o restante da família. Nossos entrevistados valorizam seus ancestrais e repassam a preocupação do exemplo positivo e resiliência dos(as) negros(as) ser disseminado entre os mais jovens. *“Usaram a inteligência deles, seu Jango mostrou um caminho para os filhos, formou os filhos tudo a partir dali, seu Leonidas tudo. Hoje em dia tá cheio de doutor negro economista negro, advogados negros, mas esses negros que tão hoje aí, não sabem o que foi o início dos pais deles”* (ALCANTARA, 2015).

Em busca de documentos sobre a presença negra na educação de Lages, visitamos a escola mais antiga ainda em funcionamento, a Escola de Educação Básica Vidal Ramos, construída em 1912, oferecendo ensino das séries iniciais ao oitavo ano, foi à primeira escola pública da cidade. Antes dela, a instituição escolar que atendia as crianças pobres era o Colégio São José, só para meninos e no Colégio Imaculada Conceição para as meninas, ambos gratuitos até o quarto ano (séries iniciais) e mantidos por congregações religiosas. Ao buscar no acervo da Escola Vidal Ramos tivemos acesso aos diários de classe a partir de 1961, nestes percebemos que nada consta quanto à preocupação em destacar a cor ou etnia do aluno.

O que se encontra é a divisão de gêneros na lista dos diários, ou seja, primeiro a relação de nomes masculinos e em seguida a relação de nomes femininos, quanto à classificação documental relativa à distinção racial nada encontramos. Dessa forma, impossibilitou saber quantos e quem seriam os negros que integravam a lista de alunos(as) daquele educandário.

Hoje é diferente, muitas instituições de ensino cadastram no ato da matrícula a informação etnia, dado este, que ajuda no retrato da escola brasileira. A educação atual visa refletir sobre as problemáticas e perspectivas que discutam e venham senão solucionar, pelo menos reduzir os problemas de relações étnicas e racismo na escola. Contrapondo felizmente com o pensamento do século XIX, onde havia um ensino tradicional de herança colonial que reprimia e excluía o segmento negro da democratização escolar.

*O serviço de dentro de casa, mal pude estudar, tinha uma professora chamava-se dona Ana, era uma escola ali perto do Correio, quando a gente vinha do sítio eu frequentava as aulas ali, era um coleginho, a dona Ana morava na Brusque, era*

*solteirona, era uma pessoa muito boa, me lembro que era Ana mas não lembro o sobrenome. Funcionava à noite, ali fui aprendendo um pouquinho* (ATAIDE, 2015).

Havia professores(as) que trabalhavam em casa, ficamos sabendo da existência e da atuação do professor negro João Bento<sup>52</sup>, que dava aulas particulares também. Segundo depoimento da filha dele a Sra. Bernadete da Silva - o Sr. João Bento foi estudante seminarista da Igreja Católica, era lageano e começou a dar aulas em Vacaria no Rio Grande do Sul. Em 07 de janeiro de 1922 foi nomeado no Magistério Catarinense, lecionou no distrito de Capão Alto até 1931, posteriormente nas cidades de Anita Garibaldi até 1936 e Campo Belo do Sul até se aposentar em 1947.

A filha Bernadete, uma professora aposentada, contou-nos que o pai dizia que por ser moreno algumas escolas achavam que ele não era suficiente, por este motivo deixou a cidade de Vacaria e retornou para Lages, vindo morar na Brusque. Na sua residência recebia meninos para instrução, tanto crianças carentes como filhos de classe elitizada, que precisassem de auxílio para a prova de admissão.

Nesta retrospectiva do ensino para e por negros em Lages, novamente citamos a existência da escola Vidal Ramos (Colégio Rosa), local onde os filhos dos ricos e dos pobres tiveram acesso a uma educação de qualidade e integração social. No discurso de inauguração, em 1912, o governador lageano Coronel Vidal Ramos anuncia: “Se estas paredes receberam o ouro dos ricos, também foram erguidas com o suor dos pobres”.

---

<sup>52</sup> Professor João Bento — João Bento da Silva (1892 - 1980) , constituiu família com Maria Gertrudes Gomes da Silva, na década de 30, morava no bairro da Brusque e dava aula particular em sua residência para as pessoas que iriam fazer teste de admissão nos colégios particulares. Foi um pai exigente, tendo influenciado as quatro filhas a seguirem a carreira do Magistério, inclusive falava que podia morrer descansado porque as filhas eram professoras e três dos filhos, Tipógrafos.

Viveu até os 89 anos sendo referencia como pessoa negra na cidade, apto para instruir crianças e jovens na disciplina de História e Geografia, era conselheiro de algumas famílias e admirado pela comunidade afro-brasileira. Aposentou-se como professor estadual e depois de reconhecida suas potencialidades — foi professor no Colégio Franciscano Diocesano. Católico fervoroso ele pertenceu à Irmandade do Santíssimo Sacramento da Catedral, sendo provedor da mesma entidade por um ano. Exemplar chefe de família deixou uma árvore genealógica, composta por dez filhos, cinquenta e um netos, setenta bisnetos, dois tataranetos. Fonte: Jornal Correio Lageano, de 18 de Julho de 1980.

*[...] fui trabalha com 16 anos e meus amigos que fomos criados tudo junto, tinha as mãe de leite. Lotamos um caminhão que saiu ali do Barulhão, um barzinho no centro, saiu dois caminhões lotados pra construir ponte na Br 116. Era num lugar que só tinha mato e máquina trabalhando, era muito difícil e a proposta que nos fizeram não cumpriram, trabalhamos por quinze dias e voltamos por Curitiba sem nada. Fui engraxate, trabalhei vendendo madeira pra fogo, que sobrava do Batistella, vendi pão, carreguei cesta no mercado (TRINDADE, 2015).*

Vemos novamente as dificuldades financeiras traçando o destino dos jovens negros lagueanos na década de 20, as atividades que aparecem na citação acima eram comuns. Serviam tanto para ocupar o tempo das crianças quanto ajudar nas despesas da casa. Havia muita união entre estas pessoas, vizinhos de bairro, principalmente para arrumar trabalho, que servia para afastar a miséria e consequentemente criava uma identidade étnica.

*O próprio Valdomiro, pai dos rapazes, dos Medeiros ali seu vizinho, esses guri foram menor aprendiz do Batalhão, muitos deles que começavam de menor lá eles chamavam de “pinante”<sup>53</sup> depois, eles trabalhavam lá fazendo fogo, carregando água pra coloca nas maquina, depois começavam a aprender a operar a maquina, desde muito cedo. Muitas famílias foram salvas por esse sistema (MEDEIROS, 2015).*

Educação e trabalho caminham juntos, a palavra pinante<sup>54</sup> foi uma surpresa entre outras reveladas na pesquisa. Acusamos a importância do Batalhão para os meninos negros, pois para ser pinante, tinha que frequentar a escola, assim o aprendizado era duplo e famílias inteiras tiveram um futuro melhor. Apesar de serem raros os(as)negros(as) frequentando o espaço escolar, as mudanças vieram com a modernidade e hoje a democratização do estudo, incentiva a inserção deste grupo étnico nos espaços educacionais, resta-nos criar a cultura da permanência e continuidade destes.

Na direção de uma escola democrática e o aumento/permanência de jovens negros(as) no ensino superior, torna-se imprescindível à receptividade para novas visões de mundo, mais respeito para a diversidade étnica, almejando assim à conscientização, transformação e atualização constante de toda a comunidade, estudantes, da gestão escolar e dos(as) professores(as). O universo escolar precisa aproximar-

---

<sup>53</sup> Grifo nosso

<sup>54</sup> Pinante — expressão de época para meninos auxiliares nos serviços gerais.

se cada vez mais das famílias e vice versa, conhecer a origem do estudante, trazer para dentro das salas os mais velhos e seus causos, receitas e outros saberes. Valorizar o modo de ser de cada aluno(a) poderá ajudar nesta tarefa.

### **3.2.1 Arquitetura da disciplinarização entre espaços de resistência**

Desde a constituição de Lages, as gerações subsequentes de administradores da cidade projetaram prédios com a intenção de organização social e empoderamento da hegemonia branca. Citamos o projeto urbano desenvolvido a partir de 1900 que foi construído em localização estratégica, no ponto mais alto e centralizado da cidade, era o tripé da obediência: Educação, Política e Religião. Encontram-se lado a lado, a primeira Escola Pública Grupo Escolar Vidal Ramos, a Catedral Nossa senhora dos Prazeres e a Prefeitura Municipal, construções imponentes, de arquitetura clássica, ícones de uma época áurea da extração madeireira. Para os moradores negros e negras restava muito trabalho e pouca instrução, raros os negros(as) que sentiam-se à vontade para frequentar aqueles locais.

Havia documentos que legitimavam os discursos de poder, tais como o Código de Posturas Municipais de 1845, “representava a tentativa de esboçar formas de intervenção no espaço urbano estabelecendo normas que denotavam preocupações com a estética, racionalidade e movimentação na área urbana”. (BRANCO, 2002, p. 10). A autora recorda que não eram permitidos bailes nas residências, em função disso foi criado o Clube Cruz e Souza, para, segundo a elite lageana, trazer civismo para a população negra do lugar. Os códigos de posturas, eram regras de condutas sociais, intencionavam afastar bêbados e desocupados, organizando um espaço urbano limpo e ordeiro. Quem escolhia a forma de viver e comportar-se para os diferentes grupos étnicos eram as oligarquias, pequenos grupos sociais que monopolizavam o mercado econômico, político e cultural da região serrana.

Aprovados pela Câmara do Município, tais códigos significavam a organização em forma de legislação, dos preceitos de civildade reconhecidos por um seletivo grupo de pessoas (fazendeiros, comerciantes, profissionais liberais e públicos) que por força da publicização de seus atos através de jornais, das suas posses, das suas

relações com outras pessoas tidas como ilustres, e principalmente dos seus envolvimento políticos, se constituem na elite municipal (BRANCO, 2002, p. 10).

Neste contexto, a sociedade serrana cresceu e a população negra até então invisibilizada, com a criação do Centro Cívico, ganha pela primeira vez espaço nos jornais e conversas populares porque haveria um lugar de diversão e instrução dedicado a eles. Maquinas de trabalho no campo e na cidade, as palavras de Sebastião Ataíde (1988) “[...] valorizo meus ancestrais e compatriotas, sem depreciar o branco, que ainda hoje caminha com as pernas do negro”, ou seja, pelo trabalho realizado nas diferentes áreas percebemos a participação e importância dos afrodescendentes em Lages.

Para construir um lugar de memória e identidade, a comunidade negra daquela época recebeu das mãos do jornalista e deputado estadual, Caetano Vieira da Costa, a letra e a música do Hino do Centro Cívico Cruz e Souza, assim também sob o governo de Belizário José de Oliveira Ramos, os chamados “homens de cor” ergueram no centro da cidade, com apoio e recursos municipais um salão de baile, com a denominação de Centro Cívico para adequar os sócios ao patriotismo, civismo e regras de postura coloniais. Espaço conquistado para uns e política para outros, nascia a casa dos negros lageanos.

**Figura 6: Quadro da primeira diretoria**



Fonte: Produção da própria autora (2015)

Naquele tempo a sociedade lageana se encontrava nos Clubes Princesa, Quatorze de Julho e Serrano Tênis Clube, mas as famílias negras eram vistas com estranheza se chegassem naqueles locais. Na época da República, sob influência das teorias raciais.

[...] com base nos modelos europeus, os costumes, os hábitos, as práticas culturais dos lageanos, passaram a solicitar por parte dessa elite, mudanças que também incidiram na demarcação

de uma linha imaginária a separar o espaço público, do espaço privado, espaço urbano e espaço rural. (BRANCO, 2002, p. 12).

Conseqüentemente a sociedade daquela época, quando nossos entrevistados eram crianças, demarcou uma linha imaginária de separação de classes que até hoje os(as) negros(as) cientes de seu valor, insistem em ultrapassar.

Ultrapassar para usufruir seus direitos de cidadãos(ãs), diminuir a distância de acesso aos bens de consumo e melhor qualidade de vida, poder usufruir de locais de diversão ou trabalho com mais dignidade e, principalmente para acabar com a violência contra os jovens negros. Citamos a problemática da violência para negros(as) embasadas na afirmação do relatório anual das desigualdades raciais no Brasil:

A incidência de homicídios entre a população jovem, especialmente de 15 a 24 anos de idade, assumiu características de uma epidemia, mais uma vez, destacando-se sua importância entre os pretos & pardos do sexo masculino. Em 2005, a razão de mortalidade por 100 mil habitantes por essa causa, na mesma faixa de idade, entre os homens pretos & pardos, foi de 134,22. Entre os jovens brancos, foi de 66,8(menos da metade) (PAIXÃO; CARVANO, 2008, p. 181).

Devido aos estereótipos negativos incorporados pela população brasileira a respeito do jovem negro, quando a situação é de tráfico e violência, são eles, o alvo principal. O contexto da desigualdade social entre negros e brancos, abordado nesta dissertação confirma a grande presença da etnia negra nos conflitos, porém a preocupação do movimento negro é justamente o discurso de que todo bandido é negro, aliás, a mídia e o cinema nacional reforçam isso. Os jovens negros estão mais expostos às violências, são os mais atingidos por armas de fogo, geralmente a polícia não faz uma abordagem de reconhecimento e distinção, basta ser negro para perder os direitos civis. Os jovens negros é que estão a margem, eles serão recolhidos para carceragem, assim como já acontece com adultos negros. É a consequência da governabilidade que deixou ao abandono este segmento étnico, para depois isolar estes corpos do convívio social, lotando cadeias e presídios.

### 3.2.2 Apadrinhamento de crianças negras: ou trabalho ou educação

Não era exclusividade de Lages e nem novidade a atitude dos pais empobrecidos e oriundos de grupos étnicos discriminados, entregarem suas crianças em adoção, acreditando que a família mais favorecida financeiramente, geralmente padrinhos teriam amor e consideração pela criança. Trazemos esse assunto frequentemente ocorrido em todas as regiões do Brasil porque é um fato que marcou a vida dos entrevistados. Com mais dramaticidade ainda marcou a vida das crianças negras adotadas, pois na verdade eram levadas para morar na casa e serem serviçais das famílias que decidiam acolher os(as) negrinhos(as). Situação modificada hoje em dia, quando a erradicação da pobreza é meta federal. Citando Fonseca (2010, p. 514):

Hoje, existe uma proliferação de programas que visam garantir os subsídios básicos para a convivência familiar de toda criança na sua família de origem. Citando o próprio ECA (art. 23), os profissionais insistem que “A falta ou a carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para a perda ou a suspensão do pátrio poder”.

O controle da natalidade era inexistente, uma casa cheia de crianças e com recursos escassos, levava os pais mesmo contrariados a doarem suas crianças. Em nome da possibilidade de uma vida melhor para elas, mas, geralmente estas crianças negras e pobres cresciam no abandono emocional e longe da família e da escola.

*Eu e o Rogerio conseguimos escapar de ir para outras famílias porque na nossa época a mãe lavava roupa pra oito família, e tal, elas ai (irmãs) foram parar em casa de família com três anos de idade, elas iam pras casas dos ricos, ela (M<sup>a</sup> Joaquina) foi pra família Araujo Arruda com 4, 5 anos de idade, daqui foi pra Curitiba. O Anilto foi morar com o Silvio Ramos com 5 anos, o Alicia morou com o Andre criado com o velho Alvaro Ramos Vieira, pai do Laerte Ramos. O Andrino se criou maiorzinho em casa e depois foi morar com o Armando Ramos, o Pedro morou bastante tempo quando era novo com o Mario Bianchini. Tu morava lá e eles chegavam e diziam: queria aquele negrinho ali pra mora lá, pra ser o babá dos meus filho, diziam que ia dar estudo depois não davam nada (ALCANTARA, 2015).*

Antigamente não tinha distribuição gratuita de métodos anticoncepcionais, isolados no campo ou sem recursos, os pais mais empobrecidos aumentavam a família e não podiam sustentar. “Sugerimos que essa falta de opções é reflexo da extrema desigualdade que atribui um peso político negligenciável às famílias de nascimento”. (FONSECA, 2010, p. 515).

A partir dessa premissa, vemos a força de trabalho das pessoas negras exigida, explorada, já na infância, além do fator desigualdade, essas pessoas para sobreviver e serem visibilizadas apelavam para o marcador social do trabalho. “*Meus pais eram muito pobres, uma época que meu pai nem profissão não tinha...era carreteiro, não é de caminhão - tinha carroça, faziam frete essas coisas assim, aqui em Lages e a mãe trabalhava em casa*” (CAMPOS, 2015).

Fatos reais de injustiça jamais deverão ficar no esquecimento, pelo contrário, podem servir para o estudante independente da cor, reconhecer os avanços de uma educação mais democrática que buscamos hoje.

*Minha família era uma família enorme, meus pais moravam no interior, os pobres lá eram agregados dos ricos, sabe, frequentei muito pouco tempo a escola eu tive problema de asma então ficava mais resguardada e quanto a gente ia pra escola tinha que caminhar assim uns sete quilometro era bem longe, bem no interior, não tive a oportunidade de estudar então* (ATAIDE, 2015).

As desigualdades da classe social, foram motivo da saída de muitas crianças da casa dos pais. Geralmente com seis anos elas eram responsáveis por serviços de limpeza e de babás dos filhos de fazendeiros, a falta de interesse dos patrões resultava na exclusão desses brasileiros ao sistema de ensino. O governo federal atualmente utiliza as ações afirmativas, como a bolsa família para reduzir este problema.

### 3.3 REMINISCÊNCIAS SOBRE O TRABALHO DO(A) NEGRO(A) SERRANO(A)

A cidade de Lages atualmente é considerada o ponto de unificação política e industrial do Planalto Serrano. Seja com a economia do campo ou da cidade outros municípios investem no comércio e na educação lageana grande parte dos seus lucros.

Neste subitem reconhecemos o valor dos trabalhos braçais de pessoas pobres e/ou negras. A eles(as) eram destinadas as funções de carregar, erguer, cortar, construir, limpar tudo aquilo que fosse

excessivo para a sociedade patriarcal e branca que implantou a antiga vila das Lagens. Nossas entrevistadas dedicaram-se ao labor doméstico e bordados artesanais, duas senhoras aposentaram-se, uma como enfermeira, e outra contadora administrativa. Três dos homens entrevistados foram trabalhadores da construção civil, um técnico industrial e outro funcionário do serviço público de saúde. Todos já aposentados.

*[...] trabalhei muito tempo nos prédio, nas casa que eu fiz, o prédio mais apresentado foi o Mondadori, o Willi João Brum fez o projeto, eu comecei lá bem do chão, eu sabia tudo, eu sabia a fundura daquele prédio, o Mondadori perguntou pra mim se eu tinha coragem de levanta o prédio. Eu disse que tinha então ele disse pegue a planta e acompanhe eles ai. Eles furando e eu consegui terminar ele (prédio), num ano e pouco, com o Lucas (SILVA, 2015).*

Ao privilegiar a historiografia local, resgatando histórias de vida de uma etnia, resgatamos também a história da arquitetura de Lages. Do suor dos pobres, na sua maioria negros(as) brotaram as primeiras e maiores edificações da cidade. Autodidatas negros como Seu Hercilio acompanharam as mudanças de transformação econômica e urbana. Eles construíram prédios e casas geometrizados, com platibandas expostas, cantos curvos, de estilo como *Art Déco*.

Entre as décadas de 40 e 70 houve uma alteração substancial no estilo da cidade, novos prédios e novas residências, com linhas que remetiam ao estilo *art déco*. Foi um período de forte transformação econômica com novos grupos estabelecendo-se na cidade, todavia, a hegemonia política e econômica ainda se mantinha nas mãos dos antigos fazendeiros e aliados (PEIXER, 2002, p. 149).

Era a Lages da extração madeireira em abundância, cidade que desde a fundação amparou e comercializou produtos e tratamento de saúde para os habitantes das localidades vizinhas. “Cidade administrativa, cidade religiosa, cidade residência, cidade passagem. Todos os espaços bem estruturados” (PEIXER, 2002, p. 99). Uma hierarquia social definida.

*Só que era muito terrível porque a gente estudava a noite e trabalhava de dia numa serraria, eu tinha 11 anos por ai.*

*Quando eu terminei o ensino lá, eu já trabalhava na serraria, como a serraria era um serviço que exigia que trabalhasse a noite às vezes eu saía do Diocesano às dez horas da noite, vinha em casa jantava e ia pra serraria. Trabalhava da meia-noite ao meio-dia do outro dia e tarde eu ia para o colégio de novo. Tanto que uma vez tinha o professor Adélio, foi meu professor e vizinho de vocês ele dava desenho pra nós lá. E eu dormi na aula, de certo ele me viu com cara de cansado e tal, ele disse pra turma deixa ele descansa, deixa ele descansa, eu dormi de baba na aula dele e ele disse deixa o guri descansa. Já pensou um guri trabalha doze horas da noite e serrando madeira, né. Eu vivia cansado e ele entendeu aquilo ali e deixou (MEDEIROS, 2015).*

Por necessidade financeira o trabalho era colocado na frente do estudo para negros e pobres, então, o dilema da exaustão para os adolescentes que frequentavam a escola era dramático, considerando a declaração acima. O espaço escolar marcou de forma dolorosa a vida dos antigos moradores pobres e negros desta cidade, tais quais vários outros afro-brasileiros. Não é novidade que o trabalho infantil já interrompeu o processo de estudo de muitas crianças, mas deve-se considerar que a falta de preparo do corpo docente para incentivar estas pessoas na possibilidade de fazer as duas coisas trabalhar e estudar foi também providencial. Provavelmente gesto do professor para o menino não devia ser diário, porém significou para o estudante um amparo momentâneo que o manteve estudando até o fim do ano e marcou na sua memória.

É pelos discursos presentes na memória de nossos entrevistados que percorremos os acontecimentos mais comuns de vidas excluídas na hierarquia social. Suas lembranças escrevem uma história fortemente ligada a discriminação, essa estava presente em diferentes lugares e fases da vida, na época de escola, nos anos de trabalho.

*Você tem que ser melhor do que os outros pra poder sobreviver nas empresas, senão você não para de pé. Depois de uns vinte dias pra frente esse português me deixou em paz, mas nos primeiros dias, ele perguntou meu nome todo dia, eu fui saber que ele fez a mesma coisa com outros negros, até ele conhecer melhor, ele era extremamente racista (MEDEIROS, 2015).*

O preconceito causa situações de alguém, que se sente apoiado por um grupo, achar-se superior a ponto de classificar pela cor o “semelhante”, e este, o “homem de cor” viver precisando provar diariamente competência e honestidade. Ficar com as sobras, com o mais pesado. *Naquele tempo ali, quem não era da pintura, era pedreiro,*

*assistente de pedreiro, era isso, não é como agora, agora tem facilidade, agora os piá não aprende a fazer as coisas porque são sem vergonha já digo (CAMPOS, 2015).*

*Não pude mais estuda e começo a trabalha com 14 anos, comecei a trabalha lá naquele colégio que eles querem desmanchar (Aristiliano Ramos) ali que eu comecei a trabalha, ali eu era servente de pedreiro, ali que eu aprendi a trabalha de pedreiro, quando os pedreiros saiam pra almoço, nós ficávamos lá e a gente pegava as colher pra senta tijolo, quando eles chegavam diziam aquelas palavra braba em italiano ‘negros, negros’<sup>55</sup> (SILVA, 2015).*

A naturalidade de exclusão para os negros era tão comum na história do Brasil, que é difícil para as pessoas mais velhas, aceitarem a mudança, reconhecerem que é falta de sabedoria distinguir o outro pela cor da pele. Há esperança de que a geração de hoje, encerre esta prática de exclusão e violência via conscientização.

*O Seu Hercílio e Seu Constancio, eles edificaram o primeiro edifício de Lages que é o Ed. Macedo. Depois junto com um projeto do Dr. Hugo Ramos Vieira e a construtora Comercial Ltda. que ficava ali na rua XV de novembro, agora é a Presidente Nereu Ramos, sai da Catedral e desce, antigamente quando nos éramos crianças era XV de novembro depois passou Presidente Nereu Ramos. Aqui ficava o Banco da Lavoura e aqui ficava a construtora e aqui pra cá ficava a casa do Alvaro Ramos Vieira que era a dona Altina Vieira filha do ultimo grande coronel de Lages, que foi o Coronel Belizário Ramos.*

*Depois na mesma construtora Seu Hercílio e Seu Constancio, participaram do maior projeto arquitetônico daquela época, que foi o edifício Inco (Industria e Comercio de Santa Catarina) hoje, Banco Mercantil. Eles executaram um projeto inédito, nunca tinha tido uma construtora em Lages pra fazer aquilo ali. (ALCANTARA, 2015).*

*Pedreiro era quase tudo branco o negro era servente de pedreiro, na prefeitura nunca trabalhei tinha um amigo meu o nome dele era Celso e o apelido dele era “Celso fubá” era o motorista do prefeito, era negro (SILVA, 2015).*

Na memória de Seu Hercílio a satisfação de ter tido apoio para demonstrar o seu talento e capacidade transpareceu na sua fala: *Eu trabalhava, nesse tempo voltando um pouco atrás, fui trabalhar com*

---

<sup>55</sup> Grifo nosso

*patrão chamava João Pedro Arruda (engenheiro), então ai eu era o pedreiro do João Pedro Arruda, eles me queriam muito bem (SILVA, 2015).*

Destacamos que na década de 40 em Lages, os engenheiros e pedreiros, eram brancos, cabendo aos negros cumprirem a função de ajudante de pedreiro. De forma autodidata, vários negros dominaram o ofício de pedreiros, marceneiros e carpinteiros, vindo a ocupar vagas que antes lhes eram negadas. Estes homens negros superaram as expectativas, as dificuldades de relacionamento e foram considerados os melhores na construção civil. *Em 1949, fui trabalha no morro do posto no Posto Agropecuário, sabe aquele que tem um portão de pedra assim, o portal eu que fiz, bem ali (SILVA, 2015).* O portal mencionado com orgulho tinha curvas e volutas e chamava a atenção por sua beleza, resistiu ao tempo, até nova entrada ser construída para o local.

*Ali em frente ao Quatorze era o 1º de Junho (clube) dai um senhor vendo lá do outro lado da rua, a gente batia no caixão pra vim a massa né, dai um homem velho foi e contou pro meu patrão que eu tava brincando, quando foi no dia do pagamento ele cortou meu pagamento, fui recebe ele não quis, fiquei brabo, peguei a minha colherzinha que tinha lá e sai, bem em frente tinha uma relojoaria e ele queria fazê um servicinho lá e eu já comecei a trabalha de pedreiro já não era empreitada mas já fiquei trabalhando por ali, depois vim ali naquela esquina do Jorge Lacerda, pra cá do INPS, na esquina do café Natal, eu fui faze um serviço lá, já ganhando por conta, ali já fiquei mais bonzinho um pouco. Ai trabalhei no Batalhão, fazer bueiro nas estradas, não era fichado naquele tempo, mas fui ganhando melhor (SILVA, 2015).*

Enfrentando discursos de menosprezo ao segmento negro e driblando as dificuldades provocadas por outras pessoas que não toleravam e ainda prejudicavam o trabalho do homem negro, pelo exemplo acima, dá para imaginar o que era a vida destas pessoas nas décadas de 50/60. Um número menor de representantes da população negra lageana, conseguiu ajuda financeira para concluir curso superior. Então as escolhas empregatícias também mudaram, acompanhadas do preconceito racial, mas mudavam. Era a presença de gente da pele escura enfrentando espaços geralmente ocupados por trabalhadores(as) só brancos. E a gratidão que aparece no depoimento permanece aos ancestrais e destaca a força do matriarcado.

*Hoje em dia eu já sou 36 anos funcionário do serviço publico de saúde entrei no ano de 1970, agora com esse negocio da*

*municipalização da saúde eu trabalho no município de Porto Alegre. Então eu tenho 35 anos só na área da saúde pública sem fala no resto. Há quase 17 anos eu trabalho em patologia clínica em laboratório. Eu sempre gostei muito de ler, ele (Rogerio) fez essa carreira de técnico em indústria trabalhou muitos anos na Papel e Celulose Catarinense andou por ai tudo e a gente conseguiu estudar um pouco mais, pelo exemplo da mãe, pelos pais, pelos nossos ancestrais (ALCANTARA, 2015).*

Declaramos a chance de emprego com carteira assinada para as famílias negras de Lages que aconteceu com a chegada do Batalhão Ferroviário, apesar de privilegiar a contratação do gênero masculino, de serem assalariados vendendo a força do trabalho, sentiam-se os negros cidadãos e a melhoria financeira acompanhava a melhoria da autoestima. Antes disso, alguns negros trabalhavam para a prefeitura nos serviços gerais.

*O Batalhão pra nossa comunidade negra foi fantástico, muitas famílias passaram pelo Batalhão Ferroviário, lá. Houve um caso que esse meu irmão quando chegou Sargento em Lages ele foi chefia uma oficina, houve um caso que um civil pediu a conta pra não receber ordens dele, ora sargento Negro (MEDEIROS, 2015).*

Mesmo com a presença de racistas, o quadro de trabalhadores negros do batalhão era significativo, inclusive o pai desta pesquisadora, conheceu a estabilidade e posteriormente o amparo da aposentadoria, graças ao Batalhão Ferroviário. Dona Ema também relatou que a situação financeira melhorou depois do Batalhão, o marido achava então desnecessário ela trabalhar fora. *Ele trabalhou no batalhão como armador e ajudou a fazer a ponte do Cachoeirão, depois a do Santo Cristo, e eu fui trabalha nas casas, mas ele não deixava eu ia escondido e voltava antes de ele chega (COSTA, 2015).* Conforme relembram nossos entrevistados foi a inserção na cidade de uma instituição governamental e/ou pública, que ampliou as chances de trabalho para negros e negras.

*O Batalhão, por ser um batalhão de Engenharia que nós servimos ele dava muita chance, ele valorizava a habilidade, a inteligência das pessoas, por ser Batalhão de Engenharia, então quando você tinha condições de fazer concurso, presar concurso lá dentro e se sair bem, realmente acabava esse problema de ser negro ou não, era avaliado pela competência. Tinha o major Irã que era um nordestino, um mulato, você entende, tinha lá outros capitães, o Capitão Machado, o Matuí que é japonês. O fato de*

*eles trabalharem com esse pessoal negro que tinha muita habilidade e tal, e valorizavam muito a mão de obra negra. Pelo menos no batalhão de Engenharia que eu servi não tinha esse problema, pessoal das oficinas que o teu pai trabalho junto com esse pessoal eram muito valorizado também, os civis negros da oficina (MEDEIROS, 2015).*

No ano de 1966, tendo diversas repartições, o batalhão acomodava negros em todas elas, transformando a integração destes com a sociedade e proporcionando melhor remuneração, vejamos os nomes citados pelo entrevistado;

*[...] depois vem o Vicente que passou a trabalhar na retifica e depois do Vicente vem o meu primo o Agenor Santos Medeiros que era um dos grandalhão. Dai vem a mecânica pesada né, lá quem comandava era o seu Hermilino, pai do Tio Rico, do Henrique, tinha o Romeu, um baita dum negrão, grandalhão ele era um cara que comandava, sabia tudo. Na fundição, o marido dela (irmã M<sup>a</sup> Joaquina) o cumpadre Luis Marciano, que aprendeu com o Adolfo e se transformou num grande fundidor. O seu Adolfo saia e o cumpadre Luis que ficava e comandava a retifica (fundição). Ai no lado na funilaria, quem comandava era o Valdemar ainda, todos negros, ai a gente ia caminhando no Batalhão chegava lá na contadoria, tinha um negro lá que mandava e os cara respeitavam que era o seu Sebatião Athaide, ele era o contador do Batalhão. (ALCANTARA, 2015).*

Houve casos de serviço autônomo, resultante talvez de personalidade já marcada pela resistência, uma capacidade da dinâmica da identidade, segundo a interpretação de Nascimento “o indivíduo se referencia e constrói a si e a seu mundo, dando-lhe um sentido de autoria” (2003, p. 35) são exemplos de homens negros independentes na profissão, construtores de seu destino com altivez, como exemplifica a história do tropeiro negro André Medeiros:

*[...] meu pai servia essa família Ramos Vieira, então eles tinham fazenda na Coxilia Rica e o meu vô que era filho da Catarina Medeiros, ele tava instalado na casa da Coxilia Rica e esse era descendente de índio, só que ele tinha uma outra filosofia de vida ele não era empregado de ninguém ele era prestador de serviços, ele fazia taipa, domava cavalo, ele fazia o trabalho de madeira, vendia café com pastel nas festas, mas ele nunca foi empregado de ninguém, ele tinha a terrinha de lá. Terrinha pequena, mas ele tinha, ele nunca se prestou a ser peão, sempre se virou por conta própria. Ele era um cara assim que tinha outra visão, o cara*

*queria levar uma tropa pra qualquer lugar ele ia e levava pro cara, mas não era empregado do cara, dá uma festa de igreja ele ia lá vender o café e o pastel, mas, pra ele, então chamavam pra ele o Andre Vendalse por que ele vivia vendendo uma coisa e depois outra e outra (MEDEIROS, 2015).*

Enfrentando a discriminação, viveu e compôs família na Serra Catarinense, sem títulos ou sobrenome famoso outro negro altivo e desafiador do destino de submissão histórica, vejamos:

*Meu pai foi sempre uma pessoa que lutou muito pra que a gente não fosse maltratada por outras pessoas, ele trabalhava de sol a sol na fazenda, ele era um homem muito inteligente, apesar de ser uma pessoa que só escrevia seu nome e fazia conta. Conta, meu pai sabia fazer, e tinha uma letra linda, uma letra bem talhada quando escrevia o nome dele e meu pai era cientista por excelência, ele conhecia tudo, tudo que ocorria na natureza, trabalhava o gado com muita precisão, sabia quando o gado tava doente ou quando não tava, fazia vacina, castrava, quando carneava uma vaca ele fazia o charque, muito bem lavado, muito bem cuidado. O sitio era na Coxilha Rica na fazenda do seu Zequinha Zuza, depois do Capão Alto entrando pra Santo Cristo, ele era capataz, administrador da fazenda, ele que dizia quantos bois tinha que vender naquele ano, quantos boi tinha que passar pra outro campo. Ele também foi capataz nos Gateado antes de casar com a minha mãe, com 17 anos ele já trabalhava em fazenda e foi um homem muito assim, ele deu pra nós. Essa personalidade que eu tenho hoje muito forte eu herdei do meu pai, essa coisa firme eu herdei de meu pai (COSTA, 2015).*

Orgulhosos de seus progenitores, não faltaram referências às mães nas falas dos(as) entrevistados(as). E a certeza da mão feminina na construção e desenvolvimento desta região catarinense. *Minha mãe era empregada dos fazendeiros da Coxilia Rica, ela continuou trabalhando, dai se tornou aquela cozinheira famosa, dai cozinhou no clube Quatorze, cozinhou no 1º de Julho, cozinhou pras festas das madames (TRINDADE, 2015).*

Naquela época a maioria das mulheres negras eram lavadeiras e passadeiras, em uma região de geada e frio intenso, este trabalho era feito ao ar livre na beira do lagoão e do rio Carah. No entanto casada com Sebastião Ataide, Dona Neli recorda que tivera uma vida mais tranquila, não precisou recorrer ao serviço pesado, mas também foi provedora do lar com a profissão de bordadeira.

*Hoje a gente não encontra mais a linha da Varicor, não encontra mais cambraia, não encontra mais nada...sabe que tem gente que eu bordei pras filha e agora to bordando pros netos, babeiro, vira manta e camisinha. Isso aqui a gente bota fitinha e amarra ainda, antigamente tinha umas linhas lindas e bordava com o ponto sombra e o rococó. Hoje eu faço pra dá de presente quando aparece alguém eu vendo, tenho que me ocupa. Quando nova eu trabalhei só com essa família e depois casada não precisei trabalhar com lavação de roupa, com os bordados tive um serviço mais leve (ATAIDE, 2015).*

*Com o bordado eu ajudava nas despesas da casa, uma vez eu comprei até um fogão com o meu dinheirinho, por que eu queria um fogão amarelo, agora já não, mais eu precisei muito do dinheirinho dos meus bordados. Ele o Sebastião trabalhava no Batalhão e ainda dava aula pros soldado, pagando aluguel tudo não era fácil depois graças a Deus meus filhos começaram tudo cedinho a trabalhá naquele tempo podia trabalha com quatorze ano e tudo são profissional, o negrão é torneiro mecânico lá na Celucat faz quase vinte anos, depois tem o Luis que é metalúrgico, o Francisco é dono da firma lá no Tormil ele e outro é micro empresário, a Marines e o Marcos professores, também tenho a Raquel, Pedrinho, Vicente, Terezinha e a Sonia que já faleceu (ATAIDE, 2015).*

É a (in)visibilidade negra contida nos rascunhos da história, procurando espaço para lembrar o esforço dos antepassados e conscientizar muitas pessoas no sentido de reconhecer que nada, nem festa, nem trabalho, aconteceriam da mesma forma se não fosse a presença da população negra.

Ampliando de Lages para pensar em contexto nacional, uma afirmação de reconhecimento a mulher negra, na feliz interpretação trazida por Alcantara.

*A história do negro em Lages tem uma coisa muito interessante que é a mulher negra, né. Elas que foram o grande baluarte, né. Porque a mãe lavava roupa pra oito casas, né pra manter a sobrevivência, porque quando pai morreu eu tinha 6 anos, ela manteve aquela estrutura. Todas as mulheres, a Dona Benta do Seu Hercílio, as irmãs dele, a dona Joana, dona Camila, essas pessoas, tudo muito batalhadora. As mulheres negras, basta dizer, que o comercio informal do Brasil nasceu com as mulheres negras, elas foram obrigadas a ir pra rua. Porque no momento em que foi feito a abolição no dia seguinte os homens não tinham*

*mais “emprego”, as mulheres foram e montaram essa rede de venda na rua, que são as baianas* (ALCANTARA, 2015).

Entre espaços urbanos ou rurais as alternativas de profissionalização, de atuação na área do trabalho vieram de encontro às necessidades do povo negro que vivia à margem da sociedade. Sem a intenção de generalizar o espaço profissional de uma etnia inteira, trazemos aqui exemplos que caracterizam em muitas semelhanças e conseqüentemente distinções a vida dos negros lageanos. No entendimento de Meihy (2002, p. 36):

Algumas histórias pessoais ganham relevo na medida em que expressam situações comuns aos grupos ou sugerem aspectos importantes para o entendimento da sociedade mais ampla. Essas histórias, contudo, não podem ser generalizadas ou consideradas típicas. Por suas características narrativas elas são mais completas e abrangentes pela capacidade narrativa ou pela coleção de fatos arrolados.

Elemento fundamental na formação de um cidadão, o trabalho melhor remunerado passa pela titulação do candidato, assim como o pertencimento étnico está relacionado às semelhanças nas narrativas de vida entre as pessoas. Histórias de herdeiros(as) de famílias ricas tiveram um ritmo e um caminho a percorrer na sua carreira estudantil e profissional. No caso dos nossos entrevistados negros, todos procedentes de famílias menos abastadas, o tempo, profissão e o estudo ganham outra proporção.

*Dai foi seguinte, eu me atrapalhei tudo, andei reprovando e coisa e tal tá, dai quando eu fui pro quartel recém tinha terminado a quarta série do ginásio no caso, fui pro quartel, sai do quartel, trabalhei por um período curto nos postos de gasolina ai, questão de um mês, um mês e pouquinho e entrei na Klabin dai e voltei a estudar, voltei pro Diocesano novamente, fui lá fiz parece-me o primeiro ano no Diocesano, dai me colocaram em regime de turno e eu tive que sai do colégio de novo e só voltei a estudar fazer o segundo grau com 25 anos, casado já dai. Eu trabalhava com manutenção industrial, com instrumentação entrei como ajudante dai fui fazendo treinamento, os cara me mandaram fazer um curso de especialização em São Paulo, eu fui, fui, tive promoção, fui pra especializada e fui desenvolvendo né. Até que*

*chegou num nível da Klabin que é o pessoal técnico hoje, casei muito cedo e os cara começaram a notar, olha esse cara não tem escolaridade, é uma função bastante técnica, aí eu não esperei os cara, voltei a estuda. Fiz mecânica geral no Industrial e depois já com 39 anos fiz técnico em eletrônica (MEDEIROS, 2015).*

As mulheres logo saíam de casa para trabalhar de babá ou doméstica. “Depois com 12 anos fui morar em casa dos patrões dos meus pais, A gente morava um pouco na fazenda, um pouco na cidade, os patrões dos meus pais eram gente de posse.” (ATAIDE, 2015). Escutamos algumas situações de generosidade recompensando os anos de dedicação intensa que era a vida da menina negra na casa dos patrões brancos.

*[...] quando eu fiz 50 anos de casada ela me deu uma sala ali na Rua Correia Pinto, hoje ta alugado pra um salão de beleza e todo mês eu tenho essa rendinha. Por que não tive carteira assinada, mas tinha roupa, casa, comida, tudo, elas se vestiam muito bem e as roupas delas ficava pra mim. Tinha sempre duas pessoas pra trabalhar na casa e eu ajudava as meninas pra se vestir, ajudava a encaminha o almoço, eu sempre gostei, eu fazia bolo, fazia tudo, morei dos 12 aos 17 até casar (ATAIDE, 2015).*

Nas duas narrativas seguintes, o texto conduz para uma infância da criança negra, dramática com exploração de trabalho e da discriminação racial.

*A gente não tinha opção, a gente era como era, ou morava com o patrão, eles chegavam lá e na verdade a escravidão continuou, agora que a gente ta vendo as empregadas domesticas tem garantia , tem tudo, antes elas trabalhavam não tinha sábado, não tinha, domingo, não tinha nada, nem salario certo, davam o que queriam. Hoje em dia as pessoas nem vão trabalhar de empregada doméstica, claro que tá difícil, antigamente a empregada doméstica se transformava de forma compulsória, não era uma escolha, ficava ali na casa do patrão do pai trabalhando ali, os pais davam e diziam a partir de agora tu é o pai da minha filha, pode surrar e já tinha aquela coisa né. Não aprendiam a ler, não estudavam nada, eles chamavam de padrinho e madrinha (ALCANTARA, 2015).*

A ocupação de doméstica continua sendo a alternativa destinada para as mulheres negras, seria a falta de esclarecimento, de estudo, ou o contraste social impregnado na vida de muitas negras brasileiras que faz essa etnia predominarem como empregadas domésticas. Em (PAIXÃO; CARVANO, 2008, p. 186) encontramos:

O emprego doméstico parece uma ocupação especialmente aberta para a mão-de-obra feminina preta & parda, englobando, deste grupo, uma em cada cinco ocupadas no mercado de trabalho. Para piorar, tal qual uma ação afirmativa às inversas, para as empregadas domésticas, ao contrário das demais categorias profissionais, não é assegurado o direito ao recebimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e do seguro-desemprego. Na verdade, propostas recentes de extensão destes direitos, para esta categoria profissional, receberam ora resistências, ora a complacência velada, de amplos espectros ideológicos da sociedade brasileira. O argumento utilizado é comumente baseado na falta de capacidade das famílias de classe média para o pagamento de remunerações mais condignas e demais benefícios sociais. Poucas vezes se levantam para lembrar que em países com maior desenvolvimento social, o emprego doméstico fixo (não confundir com o emprego doméstico na qualidade de diarista) é uma modalidade praticamente inexistente. Isto, justamente, pelo elevado valor da força de trabalho naqueles locais. O desenvolvimento da sociedade brasileira é incompatível com a própria existência do emprego doméstico tal qual se dá por hoje no país. não há motivo para que uma parcela tão significativa da força de trabalho feminina, composta tão especialmente por mulheres pretas & pardas, tenha que se direcionar para uma atividade tão precária e pouco prestigiada.

A citação acima revela muito sobre a injustiça social, declaramos que a reparação dos direitos trabalhistas para empregados domésticos aconteceu em 2015<sup>56</sup>. De acordo com o site do FGTS, são exemplos de

---

<sup>56</sup> A Emenda Constitucional nº 72/2013 ampliou os direitos dos trabalhadores domésticos e tornou o FGTS um direito do empregado doméstico. Com a publicação da Resolução do Conselho Curador do FGTS 780/20, da Circular Caixa 694/2015 e da Portaria Interministerial 822/2015, foi regulamentada a Lei Complementar 150, de 1º de junho 2015, que trata do regime do SIMPLES Doméstico, instituído pelo Artigo 31 desta LC. A regulamentação estabelece o recolhimento obrigatório do FGTS a partir da competência 10/2015, dentre

ocupações dos empregados domésticos: mordomo, motorista, governanta, babá, jardineiro, copeiro, arrumador, cuidador de idoso, cuidador em saúde. Os benefícios trabalhistas para domésticas, na maioria mulheres negras representam uma grande conquista devido à situação histórica enfrentada por estas mulheres, que desde a infância já eram exploradas no trabalho doméstico. O assujeitamento das negras lagueanas permitiu que diariamente, ano após ano, sua energia e saúde fossem usadas na organização das casas da elite e classe média brancas. Atualmente, ou elas recebem uma pensão no valor do salário mínimo ou vivem à custa dos familiares e filhos.

*Dali eu fui trabalhar com a irmã dela, mas a falecida Ziza não me deixava em paz, tive dez ano lá, bem dize criei as filha dela. Dai sai de lá, fazia todo o serviço da casa, sexta feira tinha que faze pão, tinha que enche aquelas lata toda sexta-feira pra fica o pão pra semana e o forno era lá fora e tinha que pegá vassoura pra varre o forno lá atrás da casa, pra tira aquela brasa e enfia o pão lá dentro e tinha que torrâ café ainda e sábado antes da gente sai tinha que mata galinha e deixa a galinha pronta, deixa temperada e macarrão feito (SANTOS COSTA, 2015).*

Como se pode ver nos depoimentos, a trajetória de cada um foi distinta, mas em comum os(as) negros(as) sentiram o posicionamento social imposto, as cruzezas da desigualdade e da discriminação, tanto na escola quanto nos trabalhos que puderam executar. A cidade na década de 50 era repleta de normas e regras de distanciamento entre classes, rua do pobre, rua do rico, escola do pobre, escola do rico, trabalho para os pobres e assim por diante. Contexto este, generalizado no país. Aonde a hegemonia branca e patriarcal seguia comandando, ano após ano sem discutir se era justo ou não. E a população negra vivia com simplicidade, pouquíssimos recursos, procurando adequar-se aos costumes do colonizador, às regras e princípios que todo cidadão devia ter segundo olhar dominante. Princípios estes ditados também pelo colonizador, como por exemplo, o subalterno não encarar com os olhos seu patrão. Outros negros, transgrediram essas regras e fizeram militância dos seus direitos, buscando mobilidade social via educação profissional.

---

outros, e da parcela relativa à indenização compensatória da perda de emprego.(FGTS, 2016, s.p)

### 3.4 RACISMO DESVELADO

A relação do ser humano entre si é muito complexa, os períodos históricos sempre foram escritos com paz e guerra, a guerra consequente da intolerância. O racismo, a segregação, caminham juntos com a humanidade desde os primórdios. Vimos o Continente Africano retalhado geográfica e culturalmente em função da teoria das raças e do tráfico negreiro. Na história nacional, a palavra racismo tomou forma em cada pelourinho brasileiro.

Nesta etapa da pesquisa, trazemos as recordações que marcaram de forma muito dolorida as pessoas negras com quem conversamos. Colocar-se no lugar de quem é discriminado, faz pensar duas vezes antes de aceitar atitudes racistas. Escola e sociedade podem unir-se fortemente contra aqueles(as) que pensam ser melhores que outro ser humano, em função da classificação da pele, cabelo, religião, gênero ou procedência étnica.

*Estou com setenta e três anos e desde os dezessete vejo o preconceito de preto pra preto, aparece um negrão de carro os outros já ficam assim, mas bah aquele lá tu viu o cara só anda de terno e gravata. Você vai no Rio de Janeiro, Campo Grande, vê negro doutores, dentistas, nos aqui não é assim, a gente se bate pra arruma um filho na faculdade. O racismo pra mim é o preto contra o preto, porque branco não faz mal você está sabendo que aquele que fala às vezes está pior do que você. Mas o que me dói no coração é o preto ter preconceito por preto, faz uma promoção hoje no Cruz dá só gato pingado (TRINDADE, 2015).*

A declaração acima representa a indignação de uma pessoa negra ao se deparar com outra pessoa da mesma etnia, contrária à valorização das atitudes, rotinas, cultura ou qualquer outra manifestação afro-brasileira. Passa pela falta de informação entre os semelhantes, existem muitos(as) negros(as) que consciente ou inconsciente preferem não se identificar com a etnia, outros passam a negá-la por culpa do estigma negativo que lhes fora imposto. Nas palavras de Boaventura Leite (1996, p. 49):

Esses trechos revelam-nos a reatualização do racismo, em uma narrativa cotidiana depreciativa do Outro, e que, reproduzida em até três gerações, é divulgada também por negros, sobretudo os que estão pouco escolarizados e politizados, ou que

tiveram, até o presente, poucas oportunidades de debater a questão.

Levando em conta a construção histórica negativa para as etnias indígenas e afro-brasileira perante a supervalorização das matrizes europeias como colonizadoras, resta-nos refletir e buscar a equiparação da valorização das três primeiras matrizes nacionais. Afinal a arquitetura da forma como é disposta num território educa, as normas disciplinares fazem as pessoas naturalizar hierarquias. O olhar preconceituoso de negro para negro, demonstra a eficácia da disciplinarização e o que foi a teoria do branqueamento no Brasil durante o século XIX.

Geralmente é a primeira argumentação quanto se discute racismo, sempre alguém já bombardeia, os próprios negros são racistas! Se pensarmos em que contexto esta máxima esta engendrada, podemos perceber o que envolve a construção do discurso histórico que desmerecia a aparência e valores dos negros. Todos(as), independente da cor, podem transformar sua história, podem mudar de posição social a partir da formação profissional. Lembrando que o dispositivo do racismo está em todas as classes. Quanto a isso, exige-se fortalecimento da autoestima para a pessoa prejudicada.

Durante muito tempo, trabalhou-se politicamente no Brasil a ideia de que ser negro atrasava e distanciava da perfeição a nova geração de brasileiros, isso foi absorvido por famílias negras e brancas que atualmente são convidadas a mudar este estereótipo. Na classificação da diferença, o branco pode tudo, o negro se sair do esperado leva críticas. O branco pode escolher uma negra e casar, o povo dirá: que sorte tem a moça. Se um negro escolhe uma loira para casar, vai ouvir em coro: ele é racista da própria cor. Ora, o amor não distingue cores, mas a sociedade com fortes resquícios coloniais, sim. E até hoje esse drama assombra as pessoas negras, seja nos relacionamentos pessoais ou profissionais.

Apesar da ideia de harmonia ter sustentação no branqueamento, essa noção de convivência cultural miscigenada não contempla os efeitos perversos produzidos nos africanos e seus descendentes que passaram pela experiência da escravização. A história mostra igualmente a sistemática negação da cidadania cultural sofrida por este segmento da população engendrada pela sociedade e pelo Estado mesmo após a abolição da escravatura (CANDAU et al., 2013, p. 120).

Os direitos humanos são para todos(as), mudar conceitos e atitudes racistas por qualquer etnia passa pelo maior conhecimento da cultura do outro. No caso da eliminação do racismo contra negros(as), aposta-se em uma educação reveladora dos bens culturais provenientes da África para cá, seja no linguajar, religiosidade, artesanato e Arte, ciências, e muitas outras sabedorias que aparecem no cotidiano dos(as) brasileiros(as). Transformar a disciplinarização e o assujeitamento incutidos na condição de vida de muitos negros e negras brasileiras em afirmação étnica e resistência.

Então, essa coisa de pensar que a diferença é simplesmente social, é claro que o social acompanha, mas e a geografia do corpo? Isso aqui também vai junto com o social, não tem como separar as duas coisas. Fui com o tempo respondendo à questão, por meio da vivência, com o cotidiano e as coisas que aprendi na universidade, depoimentos de pessoas da população negra, e entendi que a democracia racial é um mito. Existe realmente um racismo no Brasil, diferenciado daquele praticado na África do Sul durante o regime do apartheid, diferente também do racismo praticado nos EUA, principalmente no Sul. Porque nosso racismo é, utilizando uma palavra bem conhecida, sutil. Ele é velado. Pelo fato de ser sutil e velado isso não quer dizer que faça menos vítimas do que aquele que é aberto. Faz vítimas de qualquer maneira. (MUNANGA, 2014, [s.p]).

Dando a devida atenção ao tratamento diferenciado que acontece no Brasil, entre negros e brancos, como bem revela Munanga, repensamos o racismo encoberto, disfarçado, velado. Porque muitos brasileiros tem preconceito de se dizer racista, não acham errado serem racistas, porém, não declaram abertamente seu racismo. Fato que nada modifica a situação discriminatória que estes transmitem para a vítima do preconceito. Este fenômeno é um problema que transparece na conversa com Hercilio Oliveira da Silva, no auge dos seus noventa e seis anos. Ele recordava quantas vezes fora tratado com distinção e menosprezo devido sua cor/aparência. “*Quando criança me incomodava ,depois de grande não. A gente saia na rua e ouvia assim como*

*chupim*<sup>57</sup> faz, assobiavam e a gente só olhava, os outros se escondiam e eu já era moço.” (HERCILIO, 2015). O chupim é um passarinho preto, de belo canto, mas certamente a comparação daqueles que tentavam imitar o som do bichinho era para lembrar o homem negro da sua cor e da sua condição histórica de povo inferior.

Ao se reconhecer o estigma negativo que o corpo negro sofre, refletimos com CANDAU *et al* (2013. p. 121). A subalternização, a descaracterização e a dominação sociais e culturais, não apenas afirmam a superioridade do segmento branco como evidenciam um importante reservatório de assimetrias entre os segmentos da população brasileira [...].

As famílias negras brasileiras do século XIX não eram mais escravizadas, porém viviam sob o véu da tolerância. Relatos de nossos(as) entrevistados(as) nas lembranças da infância, afirmam a forte distinção de tratamento atribuída às suas famílias residentes no interior do Planalto Catarinense.

*Eu comecei a fazer um movimento dentro de mim com o que acontecia, comecei a ter uma percepção com o que acontecia a nossa volta, da maneira como eles tratavam meu pai, das pessoas, como ele reagia da postura do meu pai e da pessoa da minha mãe, que eu vi que tinha um contraponto nisso aí e era algo que me preocupava de certa forma. (COSTA, 2015).*

*A primeira coisa quando a negrinha chegava na fazenda, na casa do patrão era raspar a cabeça pra não passa piolho pras filha do patrão, raspava e cabeça e colocava um lençinho na cabeça, primeira coisa, foi assim com a Maria, com a Conceição, foi assim com a Nilda então e tal, o resto só Deus sabe. Dai você trabalhava nas casas sem horário sem nada né. E outra coisa os maus tratos, as agressões verbais, por exemplo, negro isso, negro aquilo, da pior espécie entende, não se falava em dinheiro, era pela comida. Ela não teve aposentadoria, né, carteira assinada, nem nada. Então tinha os maus tratos a comida eram sobras, isso é coisa de fato de pessoas que passaram por isso e tão aí, viva pra conta essas coisas. O que mais ouvia dos meus irmãos eram as agressões verbais, claro eles apanhavam também, a humilhação. Não tinha hora, nem onde falar, os coronéis que ditavam (MEDEIROS, 2015).*

Os maus tratos no pós-abolição para crianças, adolescentes negros(as), refletiam o caráter de desumanização atribuído por famílias

---

<sup>57</sup> Chupim é um pássaro de porte médio com plumagem preta e bico preto.

de fazendeiros da região. Vistos como peças de trabalho sem a justiça salarial, quem dirá a atenção ou carinho necessários para o desenvolvimento saudável. Não é de admirar que ainda hoje existam negros(as) desacreditados do seu valor. É para compensar o segmento negro de anos vividos com violência, assujeitamento e humilhação que a escola está amparada pela Lei Nacional 11.645 de 2008. Propondo a implementação de políticas de enfrentamento ao racismo e de promoção da igualdade como fatores essenciais à democracia plena e ao desenvolvimento com justiça social no Brasil. Mas de nada valem as leis se o pensamento, as atitudes e todas as pessoas não forem engajadas no mesmo raciocínio.

Ao falar de trabalho e racismo, S. Jango de voz tranquila, sentado em sua cadeira de balanço, por causa de problemas de saúde, respira fundo e declara que preferia apelar para o “deixa pra lá”, ele recorda;

*[...] as vezes eu ficava um pouco chateado com os próprio fregueses meu né, olha se te conta, ate o dia que eu morre de certo, se eu fiquei reinando assim nessa minha vida, aquela gente me tratava muito bem, o Dr. Galeno ali do hotel, eles me queriam bem o serviço ali eu fazia pra eles. Teve freguês que incomodavam, mas eu não me mixava pra eles também, não me mixava não, o resto tudo bem, estou vivo até hoje né. Não era muito de esquentar a cabeça com certos fregueses que a mesma coisa são vocês, por que a gente não deve, nós que precisamos dos outros não deve por qualquer coisinha tem que pensa pra fazes tuas coisas, ou você não pensa? Sabê né, ai você vai bem tudo mundo te quê bem (CAMPOS, 2015).*

A estratégia de S. Jango estava longe do conformismo, para ele ser o pintor requisitado que fora, além da competência para o trabalho, ainda teve jogo de cintura ao lidar com clientes elitizados da pequena cidade moldada pelo olhar colonialista. Atualmente as pessoas negras utilizam do enfrentamento mais explicitamente, porém o racismo sobrevive. Fazendo uma análise de racismo na atualidade, outro entrevistado repara que o desejo de venda e consumo podem até frear o racismo, mas este gesto de negação não desapareceu da vida dos brasileiros(as).

*Uma coisa que as pessoas se enganam muito hoje em dia, que o capitalismo avançou muito no nosso país, então hoje em dia com 50 reais, a sociedade capitalista se engana, o fato de eu ter 50 reais pra mim entrar num bar e tomar um chopp, entrar numa danceteria não significa dizer que o racismo não existe, o racismo continua sendo forte... porque uma coisa é eu poder*

*entrar numa loja e comprar o que eu quero comprar, mas outra coisa é eu ocupar o meu papel na sociedade.* (ALCANTARA, 2015).

Algumas coisas mudaram bastante no que diz respeito aos negros(as) e o acesso a bens de consumo, mas é como se as pessoas vissem o racismo impregnado na vida dos negros, mesmo para os grupos emergentes. Os pais de alunos negros já tinham no passado interesse em ver seus filhos na escola, se hoje mais negros ingressam nas instituições escolares, mas, não se mantêm é porque são reprovados com maior frequência. Seriam incapacitados ou incompreendidos? Se a avaliação deveria ser diversificada por que a população negra forma o maior número de estudantes que não concluem o Ensino Médio. Na tentativa de minimizar este problema, no ensino superior são oferecidas políticas públicas para que acadêmicos e pesquisadores negros ingressem e se mantenham até concluir a formação e então possam contribuir para a transformação das suas comunidades.

*Então eles respeitavam nós por causa do futebol [...] eu falando com uma colega minha lá [...], ela disse assim pra mim: os negro não tem o dote intelectual eles tem o dote artístico, respondi - mas tu tá com a teoria de Chaberleim que quando D. Pedro II queria fazer um país novo ele falou que os mestiços não era apropriado para fazer uma sociedade nova que tinha que trazer os europeu lá de fora. Tu tem que ler um pouco mais de história hem. Ai nós queimaram, e era assim.*

*No dia da minha formatura do ginásio, nós entramos no quatorze e dai quando nós entramos, passou todo mundo e o cara disse: esse aqui não pode entrar - por que ele não pode entrar... **Ele não pode porque ele é negro, não pode.** Dai o João Lelê disse, então ninguém vai entrar, me puxou e nós terminamos a noite, na festa na casa dele ali.*

*A formatura foi em 1966. Eu fui barrado em 66 e dois três anos depois o Renato quando fez a formatura em Economia eles não deixaram a festa sair lá no quatorze porque tinha um negro na turma que era o Renato e o Hercilinho foi barrado no Princesa, eles não falam isso ai, mas eu falo* (ALCANTARA, 2015).

Em Lages, os territórios de pretos e brancos eram demarcados. Os negros excluía rapazes brancos do Clube Cruz e Souza, acreditando que os mesmos iam lá apenas para diversão, não haveria intenções sérias, de casamento destes moços brancos com as moças negras frequentadoras do lugar. E os clubes mais elitizados da cidade Serrano,

Princesa e Quatorze de Julho, não se davam ao trabalho de rever conceitos e aceitar negros(as) em suas dependências.

*Tinha gente que puxava o tapete e eu entregava tudo na mão de Deus, não sofri tanto assim, não fiquei traumatizada, tipo piadinhas de colegas, tipo assim: piadinhas de colegas, brincadeiras há eu não vou lá naquele baile porque só dá uma negrada, negreiro, daí só dava uma olhada assim ficavam tudo vermelho, pediam desculpa assim, se tocavam depois que eu tava ali. É ótimo ter uma lei, tem que ser né pelo menos as crianças não vão se criar achando que o outro é pior pela cor da pele (OLIVEIRA, 2015).*

Dona Marina elucida bem a necessidade de uma educação direcionada à reaprendizagem das relações raciais. Afinal, acreditar ser culpa exclusiva do jovem negro(a) exercer uma curta carreira estudantil é sufocar o drama vivido por seus antepassados e os resquícios desta herança de submissão. Para atingir o final de cada etapa escolar, deve-se somar ao esforço do(a) estudante, a uma gama de ações e atitudes valorativas a autoestima, que incentivem este esforço. Uma situação diferente da vida que teve Dona Ema, morando como babá pobre e negra, numa casa de família renomada e branca.

*E naquele tempo não podia encosta a roupa do patrão na sua se você era preta e empregada, tinha que arrumá a roupa lá encima da cama e Deus o livre se encostasse no travesseiro, eles diziam que não podia por causa da cor, preto não tinha vez naquele tempo. Eu tenho uma prima que trabalhou com os Araújo, eles tinham um pretinho que eles criaram, a mulher jogava bolo lá fora pro pretinho pegá, pra ela não chega perto do pretinho. No fim morreram tudo pobre. E ela dona Amélia que a minha prima trabalhou, todo mundo sabia que ela era racista, daí um dia jogaram um urinol cheio de cocô na cama dela, mandou as empregada botá tudo no fogo. Nós ia lá busca essa minha prima que era a Leni, irmã da tia Nega, mais ela não mandava a gente entrar tinha que fica lá fora esperando a outra vim, e pensa que davam boa tarde, era uma casa perto da Capela que eles moravam, oque que adiantava uma coisa dessa. E a cama da gente eram tudo trapo, por isso tenho raiva de trapo, era tudo colchão duro a gente trabalhava muito, deitava cansada, dormia né, fazer o que, não tinha outra opção. Essa senhora que eu trabalhei nós ia pro sitio no Capão Alto e até nas férias eu gostava de ir, eu gostava de lavá roupa no rio, tinha o seu João um capataz e ela não deixava ele me dá camargo, ele tinha as*

*menina dele também, então ele me chamava lá, dizia: - venha aqui ligeiro que eu vou te dá camargo antes dela levanta, se eles faziam comida melhor, que eu cozinhava, a gente comia o que sobrava lá na cozinha e a gente ainda tinha os prato separado pra gente comer, ainda tinha mais essa, a vasilha pra toma café era tudo separado, não era igual a deles (SANTOS COSTA, 2015).*

Diante desta narrativa que representa a infância de muitas pessoas negras, podemos verificar o tratamento inferior que recebiam as pessoas negras na Lages antiga, podemos pensar como isso refletia na construção identitária daquelas pessoas. De lá pra cá grupos de movimento negro procuram desmistificar aos jovens negros(as) o discurso que sua cor seria empecilho para o sucesso pessoal ou profissional. A cor da pele, não pode ser motivo para alguém ter seus direitos impedidos, as pessoas estão apoiadas nas leis educativas e contra o racismo, mas para a mudança necessitamos também da sensibilidade e sensatez de toda a sociedade.

A letra da lei precisa ser vivificada pelo espírito da luta e pela reivindicação da sociedade organizada, pois os documentos em si mesmos não promovem igualdade ou garantem direitos. Para serem efetivos dependem de ações e investimentos, além dos decretos que os regulamentam (CANDAUI et al., 2013. p. 133).

Muitas regiões e escolas brasileiras têm avançado nesse sentido, afirma Trindade, enquanto afirma a necessidade de mais união dos(as) negros(as) contra o racismo. *Fora daqui é outro tratamento, preto com preto, preto com branco, não tem diferença, o dinheiro é o mesmo, eu já tive em muitas cidades, mais aqui eles falam. No tempo do seu Hercílio, seu Constâncio, seu Vito, Lilito, eram mais unido. (TRINDADE, 2015).*

Alcantara aponta a culpa pela existência em nossos dias do racismo velado, dizendo:

*O racismo velado é o grande problema nosso, porque no momento que não se abriu não se disse abertamente, nos não gostamos de negros, muitas pessoas negras se acomodaram, porque me aceitam entrar num bailinho, no EUA ficou claro, negro aqui não entra (ALCANTARA, 2015).*

O raciocínio das consequências negativas do racismo, da permanência da discriminação afastando pessoas umas das outras, pode

ser transformado. Para o ensino das relações raciais ser eficiente o(a) educador(a) necessita querer se aproximar do que lhe é estranho, diferente. Compreendendo que diferente nem sempre significa errado, mas sim um novo modo de ver os fatos. Principalmente os profissionais da educação devem ser motivados a pesquisar com seus alunos(as), tudo sobre nossa gente brasileira, descobrir outras histórias da cultura, famílias e contribuições afro-brasileiras.

*O futebol e a música eram a porta de entrada para as pessoas negras poderem se socializar, daí quando chegava o carnaval, a gente tinha a nossa Escola de Samba que era a Unidos do Ritmo Castro Alves e aí a gente era convidado pra ir em tudo os clube de Lages, um lugar que eles ficavam louco era quando a gente entrava no Quatorze, era a única data que nós podia entrar lá junto com toda a elite de Lages. Daí o que aconteceu, esses grande músicos da Escola de Samba fizeram uma banda e era uma banda só de negro. Era o João Vitor, era o Jucada, Marciano, o tio Rico. Daí também surgiu grandes músicos em Lages graças a eles ter começado, como um grande trombonista, tá louco, o Nadi (ALCANTARA, 2015).*

Podemos ver nesta declaração, várias possibilidades de envolver toda a turma para aprender como nasceu o carnaval lageano, para refletir o que ouve com a cultura negra local para esta festa popular ter se estagnado. Faz dez anos que a velha guarda apoia os jovens para renascer o desfile de carnaval. Eles resistem arrecadando verba com jantar, bingo e outras promoções beneficentes, atualmente o carnaval em Lages está reduzido a um desfile pequeno no bairro Habitação. O desfile tradicional na avenida não se realiza por falta de apoio do poder municipal e estadual. Os grandes bailes carnavalescos são substituídos, subestimados por dias de folga na tranquilidade do campo ou feriado propício para viajar.

Quando o assunto é cultura precisamos pensar com equivalência, sobre a importância do carnaval no contexto lageano, especialmente para a população negra. Reforçamos a necessidade de dar peso igual para as matrizes étnicas que formaram o país. Para a cultura afro-brasileira a importância do carnaval está na visibilidade das manifestações artísticas, do samba no pé, do batuque, do movimento de corpo negro, da música na bateria que concentra grande número de percussionistas, entre várias áreas que um desfile apresenta. Seja ele luxuoso ou popular. Lages e a região serrana possui um número significativo de famílias que se identificam culturalmente como negras. Estas pessoas vivem da resistência, porque senão estarão se distanciando

do que seus antepassados criaram. As crianças negras e brancas não irão valorizar o Carnaval, saber da história desta Festa Popular, por culpa de discursos racistas que querem desqualificar tudo que vem da etnia negra na região serrana catarinense. Precisamos pensar, se todos têm direito a Arte, então as mudanças em prol da cultura afro-brasileira precisam partir da união e consciência coletiva.

*O seu Hercílio foi um grande tocador de cavaquinho e de pandeiro. O irmão dele o seu Constâncio foi um grande tocador da grande tuba, o trombonão aquele, ele tocava aquilo. E aí os grandes músicos aqui de Lages também foram os Saldanha. O Ari Saldanha, Paulinho Saldanha, Luis Saldanha foram grandes músicos* (ALCANTARA, 2015).

Ao referenciar nomes de pessoas comuns, estamos escrevendo a história da música popular na região serrana, ela recebeu o talento desenvolvido de forma autodidata pelo grupo de negros que foram citados. É provável que estes músicos tenham influenciado não só outros negros como também lageanos(as) de outras etnias a desenvolver o gosto pela arte, e/ou embalado centenas de momentos marcantes para cidade no carnaval e demais bailes comemorativos. A Arte da música é como mágica, faz tristeza virar esperança, a solidão virar companhia e o desânimo se transforma em vontade de viver. Em qualquer época, para todas as pessoas.

O som da cuíca, do pandeiro e do tambor, soava e ressoava no Bairro da Brusque, caracterizando a alegria e disposição daqueles moradores negros(as) para vencer os obstáculos que a posição de classe, cor ou gênero lhes impusera. Citamos aqui o nome de alguns representantes que nos ensinaram o valor de gostar de si mesmo, da sua etnia.

Com apoio de alguns políticos daquela época, homens negros em Lages, construíram e fundaram o Clube Cruz e Souza (1918), para divertimento e encontro das suas famílias. Interessante dizer que era comum entre os sócios do clube, organizar excursões para participar como convidados dos grandes bailes de clubes negros em Criciúma, Porto Alegre ou Florianópolis. Demonstrando autonomia frente à opressão em Lages. A integração do segmento negro via diversão resultou na mudança de enfrentamento à desigualdade. A forma de mendicância, que a sociedade lageana destinava para os negros, foi significativamente extinta, juntos eles(as) buscaram trabalho especializado, inseridos nas diferentes atividades da construção civil, vivendo e lutando por seu espaço no meio social.

*O seu Hermilino, o seu Nadinho, o seu Hercílio, o seu Tomas, o seu Constâncio, o seu Arnaldo, o seu Saturnino Pilar, essa gente, o seu João Campos, quando eles saíam nos domingo nas festas, esses eram uma elite negra de Lages que nunca mais vai existir, porque eles mostravam pros filhos e pros outros um caminho, um respeito, em ver aquelas pessoas assim, como os Alencar eles tinham identidade negra. Queria que tu visse o seu Hercílio na rua, quer ver ele dançando a elegância do seu Hercílio, uma pessoa de uma apresentação que tá louco (ALCANTARA, 2015).*

Da infância até a constituição familiar, a ancestralidade africana definiu a personalidade de nossos entrevistados, seus ancestrais eram os malungos<sup>58</sup> que ensinaram o poder da união para resistência e transformação da vida cruel em vida justa.

*Então os negros se fechavam também pela discriminação, o negro era muito observado, tinha o famoso Bar Marrocos, as pessoas negras quando tentaram se chegar ao Bar Marrocos, bar da elite, o garçom às vezes não atendia, não perguntavam o que o cara queria, o cara tinha que se levantar e ir embora que não era notado, atendido. Houve um caso uma vez que um irmão meu chegou ao Bar Marrocos e o garçom não atendeu, daí esse meu irmão que era militar falou: vamos lá nesse Bar Marrocos, ele tava fardado, chegaram os cara se tocaram e daí atenderam eles. Senão eles não atendiam, deixavam a pessoa lá num gelo, a gente esperava, isso as pessoas não relatam. Muitos casos, tem coisas que as pessoas não observam né, eu que sou mais velho observo. Quando eu chego num ambiente comercial assim, eu observo a pessoa que vai me atender, se gosta da minha presença ou não, eu observo. Tem casos que você fica na frente do cara ali e o cara fica envolvido com outro negócio te ignorando, aí diz: - e o senhor, as pessoas não observam essas coisas (MEDEIROS, 2015).*

Este subcapítulo abordou o efeito causado pelo preconceito e o racismo nas histórias de vida dos entrevistados, revelando o tratamento social de uma época em que a naturalização das diferenças de classe e cor eram discursivamente construídas como normais. Na atualidade espera-se reduzir os contrastes entre grupos constitutivos da população

---

<sup>58</sup> Malungos significava companheiros(as) de viagem, para os(as) africanos(as) escravizados(as).

brasileira. Começar com novo olhar para a cultura negra, pode significar uma evolução social do local onde vivemos.

### 3.5 O BAIRRO DA BRUSQUE E AS FAMÍLIAS NEGRAS

Pesquisamos o envolvimento deste bairro que concentrou diversos moradores(as) negros(as), eram terrenos divididos em lotes que acomodavam duas a três casinhas de madeira da mesma família. No intuito de assegurar abrigo, proteção e facilitar o auxílio na criação, cuidado das crianças e proximidade entre os parentes. Mas por que, naquela época este grupo étnico fora reunido num mesmo local. De acordo com Leite (1996, p. 9):

[...] o significado do ser negro num contexto de explícito desprivilegiamento, seja através da ideologia do branqueamento, seja através das práticas de discriminação cotidianas. Esquecidos pelas políticas públicas e pelas pesquisas científicas, os negros deixaram de fazer parte, ou talvez nunca fizeram, do perfil étnico da região Sul, de sua identidade. Ou porque foram inviabilizados pelas várias formas de representação literária e política ou porque foram segregados social e espacialmente, de modo a serem tratados como não existentes.

Nas décadas de 20 a 60 o bairro da Brusque era um quilombo urbano, descendentes de escravizados viviam ali. Pesquisar o cotidiano de famílias negras para conhecer as lembranças dos(as) entrevistados(as) sobre as diversões da juventude a eles(as) possibilitado faz-nos saber um pouco mais do cotidiano da elite branca também, da origem das primeiras famílias de fazendeiros lageanos(as). Soubemos pelas narrativas a respeito da procedência de alguns negros que constituíram família em Lages. Coisa rara, pois muitos descendentes de africanos hoje, quase nada têm de informações seguras sobre sua árvore genealógica.

A história da escravidão condenava as pessoas negras ao serviço sem remuneração e extraviava seus familiares individualmente, tanto crianças como adultos, pelos cantos do Brasil. Entre as violências cometidas contra as pessoas negras, existia a regra de não aceitar o nome de origem africana trazido na memória. Em terras brasileiras africanos(as) escravizados(as) eram batizados conforme a determinação

que o novo comprador quisesse. “*O nome do meu bisavô era Jeronimo de Jeronimo o nome brasileiro dele, esse era escravo nascido na Província de Lago na Nigéria. Então o que eu soube, o meu avô se instalou aqui no Painel, tem vários negros da minha descendência aí no Painel*” (MEDEIROS, 2015). Nos arredores de Lages, pequenas localidades conservam cemitérios de fazendas e lugares na casa antiga (porões feito senzala) que comprovam a presença do negro.

*[...] o que mais chama atenção é o seguinte, o meu pai ele foi praticamente criado, ou quase escravo do então fazendeiro do Painel e Coxilia Rica, o Cândido Vieira que é o pai do Alvaro Ramos Vieira, né, da geração do Paulo Vieira Branco do Zé Vieira Branco etc, da Maria Luisa, então a geração lá do meu pai eles seguem a mais de cem anos essa gente aí do Ramos, Candinho Vieira, vem vindo, vem vindo* (MEDEIROS, 2015).

Entre as narrativas, é bem nítida a lembrança dos entrevistados quanto aos resquícios da escravidão. O sentimento de inferioridade aparece ao lado da esperança de conseguir a confiança de compadres ricos, para dar estudos e cuidar da criação das crianças negras em troca da servidão. O assujeitamento das famílias negras ao sobrenome, à profissão e à classe social dos brancos, eram para essas pessoas humildes uma garantia, uma chance de ajudar no futuro dos menores. O poder das oligarquias, imperava pelo sobrenome, poder e prestígio nas relações sociais. A gratidão e a fidelidade dos negros para o enriquecimento e poder político destas oligarquias fora essencial. Algumas famílias de fazendeiros eram mais generosas que outras, ou seja, era questão de sorte o reconhecimento trabalhista, a quem os(as) negros(as) fossem ser agregados.

*Meus pais ganhavam terra pra planta, tinha a vaca pra tira leite e uma vez por ano, me lembro no sábado de aleluia a gente ganhava uma vaca pra carne, era uma festa. Não ficava com a terra, era só pra planta, meus pais eram gente muito honesta e depois quando eles ficaram mais velhos vieram morar aqui, minha irmã tinha uma casa perto do Hotel Conte e eles moraram ali até morre, se aposentaram pela idade* (ATAIDE, 2015).

É o aprofundamento sobre a história de vida de integrantes de um grupo em comum, que dá visibilidade a outras etnias envolvidas na construção da história regional, assim, colhemos novas informações sobre os costumes, a geografia e sobre o desenvolvimento urbano também.

*A família do meu pai é do ramo dos Cascata que era uma negrada enorme descendente do velho Cascata que morava na*

*Fazenda Cascata, que é o ancestral maior, da onde originou o meu avô, o Julio, o velho Lucio, o Adão, o Atanázio, essa gente. Do outro lado os Ramos Ataíde que são portugueses da fazenda chamada o Bugiu, lá tá o Ramos Ataíde, como o meu avô, meu avô Andre Medeiros saia aqui de Lages com 16, 17 mulas e descia essa Serra do Rio do Rastro, que agora ai tá bom. Mas ele descia com mula, num despenhadeiro, ele era um homem muito brincalhão, ele dizia o seguinte que tinha lugares que tinha amigos deles que não só caíram com a mula como foram junto naquele despenhadeiro, tinha lugares com dois mil metro de altura. Ele descia aqui e ia lá nas Mina, nas Torres, no Costão do Arroio, ele carregava 20 mula pra todos os fazendeiros e trazia ele era muito disposto, determinado, ele não errava um troco, não faltava nada que ele levasse. E só criado é filho daquela gente, ele é filho dos Ataíde, a mãe conta que meu avô Andre ele era um sarara forte, né e a mãe conta que a mãe dele era bem clara com os olhos azuis, que muitos moraram ai no Escurinho<sup>59</sup>. A miscigenação é muito grande do lado do meu pai bem africano e do lado da minha mãe bem miscigenado (ALCANTARA, 2015).*

É típico, principalmente da cultura negra, os mais novos cuidarem bem dos seus idosos, vendo neles o altar da sabedoria, seguindo um provérbio africano, “eu te cuidei enquanto teus dentes nasciam agora tu cuidas de mim até que os meus dentes caiam”. Conviver com idosos, cuidar das crianças alheias, adotando, dividindo o que tinham entre seus filhos e dos compadres, era habitual, conforme muitas pessoas nesta pesquisa mencionaram. “[...] criei tudo essa marmanjada ai, eu e a dona Dora criamos eles só no pulso. Ela era muito trabalhadeira, coisa de louco, trabalha nas casas, tivemos quatro filhos fora os que nós criemos, ela gostava muito de pegar filhos dos outro, nunca vi daquilo, então teve ano que tinha uns seis ou oito, ela trazia pra morar aqui, às vezes era da família, outros não”. (CAMPOS, 2015).

Mulheres negras criavam os filhos de outras para ajudar, gesto ainda comum entre os afro-brasileiros. No subcapítulo Apadrinhamento de crianças negras e o estudo, já abordamos um pouco da problemática. O respeito e valor da família, transparece no desejo que tinham nossos entrevistados em contar quem foram seus progenitores, foi a atenção e a curiosidade deles(as) por seus entes queridos, que envolviam

---

<sup>59</sup> Escurinho é o nome de uma localidade dos arredores de Lages.

declarações de vida e momentos da amizade em companhia dos mais idosos.

*A minha mãe é lá do Rio Grande do Sul, ela é descendente de uma índia Paraguaia que se casou com um fazendeiro aqui gaúcho e acabou vindo pra Vacaria tal onde nasceu meu vô, daí que eles passaram pro lado de cá em função de revoluções e coisa, então os negros tem duas procedências os que vieram do RGS e os que vieram da África aqui pelo litoral. Creio que vieram ate Laguna nos navios negreiros e subiram a Serra pras fazendas de gado. Você veja, a criação de cavalo de origem árabe ele veio mais pra Argentina trazido lá pelos próprios gringos ingleses, essa descendência do cavalo. E esses negros do RGS que criaram, que cresceram nessa cultura do cavalo, eles já vieram pra cá como exímios cavaleiros, os de Paula é um exemplo disso ai, ai são varias gerações de cavaleiros. Começando pelo por esses De Paula o ginete que você vê falar ai, eles são bisnetos do Pedrinho do Limoeiro que é o vô do Volmir de Paula, Valmir, os grandes ginetes da Vacaria, esse Pedrinho Limoeiro tá lá as terras dele, ele voltou pro RGS (MEDEIROS, 2015).*

*Então uma prova que eles vieram como cavaleiros é que vieram grandes ginetes, adestradores de cavalo, já vieram pra cá prontos né. Conta a historia que esse Pedrinho Limoeiro quando tinha os cavalos xucros levavam pra ele doma. Dessa geração existiam campeões de ginetiada na Vacaria João de Paula Valmir de Paula depois vem ai, esses rapazes, a mãe desses rapazes é prima irmã do Volmir, daí vem o João Maria e o Silvio, o João Maria foi campeão da Vacaria como ginete aos dezessete anos, então descendência dos negros gaúchos na Vacaria como cavaleiros (MEDEIROS, 2015).*

A cultura gaúcha é componente significativo na história de Lages, vemos o envolvimento da gente negra nesta área também. As misturas étnicas que envolvem a população brasileira podem significar nossa maior riqueza cultural. A beleza está nos olhos de quem vê, no cérebro de quem pensa com respeito à igualdade.

*Faleceu a pouco tempo ai o Vidal Camargo, com 93 anos, esse Vidal Camargo conheceu a minha bisavó Catarina. E ela não era negra era índia, cabelo comprido, olho azul ele falava, ela não era negra. O meu avô marido da Catarina era negro, negro com certeza retinto, negro escravo, por que da minha etnia, meu avô tinha cabelo bem duro assim e tal tinha irmãs dela que eram bem*

*negras, cabelo bem duro, outras meio alisado assim. Então a Catarina casou com um negro retinto e alto. A minha mãe devia ter 1.75m e o meu pai 2m (MEDEIROS, 2015).*

Do interior para a cidade, o endereço de muitas famílias negras era o Bairro da Brusque, aqui citado; *“Tinha uma casinha de madeira velha, nasci ali e me criei aqui na Brusque, meu pais Antonio Marcos Trindade e Maria Rosa do Nascimento, tenho quatro irmãos, eu sou Uratã Trindade, meu irmão é Ubiratã dos Santos e tem a Rita de Cassia dos Santo e Luza Pia Trindade” (TRINDADE, 2015).* Na vida simples os encantos da infância numa cidade do interior, conhecemos a Lages moderna pela riqueza da extração madeireira e seletiva na inclusão social.

*Tinha o Marajoara, o Tamoio e o Poeira, eram cinemas. E o poeira você ia do jeito que tivesse, até de pé no chão, mas tinha que sentar no andar de cima, pra pagar vendia gibí na porta e entrava , jogava futebol com os amigos, bulica, caçava passarinho, roubava pé de galinha (plantinha comestível) e levava corredão dos padres (TRINDADE, 2015).*

O bairro da Brusque dividia espaço com o Colégio Diocesano, conhecido por “GD”, instituição era detentora de ampla área verde, conhecida na época como campinho dos padres. Atualmente condomínios particulares preenchem os lotes do terreno. Para quem conhece Lages, não imagina como era antes a aparência do bairro da Brusque, casas de madeira, ruas levando e trazendo pessoas negras com trouxas de roupa na cabeça, tabuleiros de doce de amendoim torrado e paçoquinha levados por moradores para vender no calçadão. Cenas assim estão na memória dos mais velhos, pois as fotos antigas nas paredes do principal museu local, o Museu Histórico Thiago de Castro não trazem imagens sobre este território negro. Lá os visitantes encontram expostos a foto de uma mulher escravizada de nome Euzébia e três instrumentos corroídos pela ferrugem, objetos que serviam de algema.

*Quando eu era criança só tinha a tia Lípia, uma das mais antigas moradoras, não tinha rua era só carreirinho, tinha o falecido Tino e cá pra cima era o seu Lotar e a falecida Luiza, tinha também a dona Glória. Aqui onde é a pracinha era o presidio, pegava lá frente tinha a casa do carcereiro e tinha lavoura ate no fim da pracinha com muro altão. As lavadeiras usavam bastante os tanques que tinha. Tinha muito mato e praticamente eu vi a Brusque cresce junto comigo (TRINDADE, 2015).*

Causos de alegrias e confusão entre as lavadeiras, resquícios pelo bairro de outras bicas d'água comunitárias. Um espaço recusado pela elite branca, transformado em recanto da união da etnia negra. É ali que irá nascer o envolvimento com carnaval e a presença do samba revelando parte da negritude serrana catarinense

*Os ricos moravam pro lado de lá, pra cá tinha morro, a tia Joana, a tia Branda, nós ia lá e dizia assim, mas como que a tia compra lá. Comprou nada foi posto ali, o Rio Carah ficava um mar quando enchia, agora tem uma avenida bonita, mas antes era um morro com mato que nem dava pra chegar lá. A minha irmã que é muito corajosa que mora em Curitiba, tinha uma pinguela, um perigo aquilo ali, a minha irmã muito teimosa passava por cima daquilo ali, com o Carah a toda, largando lá da Lomba Seca tudo quanto é agua lá, ali de atrás do Seminário vinha tudo aquela agua lá de cima, descendo a toda num dia de chuva, caísse ali, ia para lá no Rio Caveiras (ALCANTARA, 2015).*

Ter acesso a histórias de transformações da cidade de Lages, são interessantes para novas projeções, desviar rios, construir pontes, viadutos, bairros, enfim novos projetos e planos futuros de urbanismo servirão melhor para toda a comunidade se líderes políticos, arquitetos(as) e engenheiros(as) conhecerem amplamente nossa história.

*Aqui na Brusque essa negrada que se localizava ai, não porque queriam morar ali, moravam porque tinha o Lagoão pras mulher descer pra lavar roupa ali, a prefeitura deu os terrenos, quando nos viemos morar aqui no Vila Nova, tinha lugar na Brusque que você não conseguia descer, um barral, tu descia sentado. Eu lembro como se fosse hoje nessa Rua Cruz e Souza aquilo ali era uma pedra vermelha, e a mãe não queria que nos fosse por ali, mas nós não ia lá pela rua nova nos subia ali, por aqueles valo, aquelas coisa, pra sai mais ligeiro no Carah, um banhado e um mato. Tinha tanto mato que os Arruda Oliveira e o seu José Sutil convidava nós pra ir buscar lenha no domingo. Nós ia lá com os guri maior cortar lenha naquele mato e trazia nas costas. Eles traziam, nós os Ives e o Rogerio, nos íamos pra brincar e o Nei, o Salvio que eram os mais velhos vinham com a lenha nas costas. Tu saia de casa não comprava lenha, tinha ali, tinha tudo quanto é bicho ali. Porque a Brusque era lugar de negro pois era lugar acidentado que ninguém queria morar, você chega numa cidade os lugar mais bonito no presente é os lugar que antes ninguém*

*queria e os padre e as forças armada tomaram conta* (ALCANTARA, 2015).

Apesar do infortúnio de viver num local geograficamente desnivelado, a beleza e a doçura se fazem presente na narrativa de Seu Jaci, as recordações trazem o carinho proveniente do convívio com os seus pares. Ao tratarmos de família, costumes, mitos e vida simples do serrano, nos apropriamos das recordações de dona Ema para perceber os sentimentos despertados pelo nível de dificuldade enfrentado pela gente humilde da época.

*Quando eu chorava a irmã mais velha me acudia, ela era muito por mim, ele que bem dizê me criou. Era fogão de tijolo a casa da mãe, bem simples, o primeiro fogão da mãe fui eu que dei pra ela, nem sei de quem comprei aquele fogão, coitada ficou tão faceira, era um fogão preto. A gente lavava louça na gamela<sup>60</sup> por que não tinha bacia, no dia da Teresa ela ia deita e dizia que dava dor de dente e ia deita. Um dia a mãe deu uma surra nela dizendo que ia tira aquela dor de dente. Esquentava a água na chaleira pesada de ferro, tinha que tira a graxa e a lavagem pra dá pros bicho pra depois pode lava. O banco pras criança senta atrás da mesa a gente tinha que ariá, quando ela não podia compra esfregão de arame a gente tinha que pegar vassoura do Morro Grande e deixa bem limpinha a madeira. A mãe esmagava um tijolo pras panela de ferro que ficava bem limpinha, tinha que busca agua no rio, lá embaixo por que a água na Rua São Joaquin era salobra e a agua potável era no olho d'água* (SANTOS COSTA, 2015).

Ao procurar fazer uma reflexão sobre relações raciais a partir das origens familiares aqui contadas, queremos dividir com o(a) leitor(a), especialmente professores(as) e demais profissionais que estejam diretamente em contato com pessoas, a ideia que cada um tem seu jeito próprio de ser, devido ao contexto e ao meio em que foi criado. Não é novidade, porém se faz necessário alertar sobre isso a todo o momento. Continuamos esta pesquisa trazendo a construção e fortalecimento identitário como relevância para a cultura afro-brasileira. Direcionamos nossos esforços de busca por exemplos de resiliência, para contribuir com a historicidade local perante a participação dos descendentes dos(as) escravizados(as) de origem africana.

---

<sup>60</sup> Gamela é um recipiente côncavo, geralmente oval, feito de madeira para usar na cozinha ou na higiene pessoal.

### 3.6 IDENTIDADE

Usamos a expressão afro-brasileiro que “[...] qualifica o indivíduo brasileiro de ascendência africana” (LOPES, 2006, p. 15), mas na identidade étnica essa relação vai além do aspecto genético, busca caracterizar também as formas de agir e pensar no particular ou em grupo. Ao escutar depoimentos da história de vida de um grupo de pessoas negras de Lages, Santa Catarina, cidadãos(ãs) mais humildes e/ou desprivilegiadas de reconhecimento acadêmico, propomos garantir o registro destas interpretações diferenciadas sobre o lugar da escola, do trabalho e da identidade étnica de cada um. Quais identidades culturais atravessam o portão da escola, aquelas que não são convidadas, como fazem, como se manifestam? Segundo reafirmação da UNESCO, 2015, p. 3):

[...] a cultura deve ser considerada como o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças. Constatando que a cultura se encontra no centro dos debates contemporâneos sobre a identidade, a coesão social e o desenvolvimento de uma economia fundada no saber.

Em suma, a citação acima aponta para a equivalência de todas as culturas, para o entendimento do conceito de cultura que abrange todo o cotidiano de um grupo, sociedade e das famílias tal qual se apresentam. Seja pelo modo de repetir os ensinamentos dos mais velhos, seja na forma de falar, vestir, comer, rezar, ensinar, enfim, viver.

#### **3.6.1 Constituição da identidade étnica, Clube Cruz e Souza e o carnaval em Lages**

Em Lages por muitos anos o Centro Cívico Cruz e Souza, representa uma agremiação onde se reuniam as pessoas negras para revitalizar a amizade, união e alegria. Atualmente é mais conhecido por Clube Cruz e Souza e pessoas de qualquer origem pode frequentar. No passado, negros eram proibidos de entrar nos clubes elitizados da cidade, frequentados por pessoas brancas, devido ao preconceito da cor,

e os jovens brancos eram barrados na entrada dos bailes de gala do Cruz e Souza, porque a diretoria do clube entendia que eles queriam só diversão com as moças negras e não compromisso sério, de casamento. Devido ao racismo mais presente e declarado naquela época.

*[...] na verdade nossa diversão em Lages era o cinema e o Cruz e Souza porque nos outros clubes a gente não entrava, houve casos nos anos 60 que as pessoas tentaram entrar no Princesa e foram barradas, no Quatorze, 1º de Junho as pessoas nem arriscavam ir, depois surgiu o Serrano nem pensar, era mais elitizado ainda, né. Houve um caso do filho do S. Hercilio, o Hercilinho no dia da formatura dele mesmo, ele foi barrado no Princesa não deixaram entrar. Vinha as festinhas lá onde é o CAV hoje, nos domingos tinha festinha a gente não ia porque tinha um certo respeito, um sentimento de ser barrado, a gente já nem ia, era o Cruz e Souza mesmo e o cinema.*

*Ali que formavam as famílias, então tinha ali os bailes, tinha ali os Saraus, tinha as tardes dançantes, as coisa tudo. E as festinhas em casa de família, os aniversários, mas tudo dos negros, né, tinha lá um ou outro amigo branco nas festinhas também (MEDEIROS, 2015).*

Ressaltamos a importância para a comunidade negra lageana do Centro Cívico Cruz e Souza<sup>61</sup>, a necessidade de haver lugares e momentos de integração para o fortalecimento da identidade étnica, da cidadania. As famílias negras de Lages quebraram barreiras e se organizaram em nome do civismo. De acordo com Marcon (2010, p.106), a fundação de uma sociedade recreativa para “os homens de cor”, em Lages, foi imbuída pelo caráter cívico, por acontecer num momento em que o civismo latente no meio intelectual, nas elites, e até mesmo entre alguns setores populares.

Para seguir o novo discurso nacional, que propunha mais civismo na educação da gente brasileira, ter acesso à instrução moral e de valores, diversões e para constituir família, tal qual as demais pessoas, a população negra da Serra Catarinense buscava frequentar espaços sociais e recreativos. No entanto, proibidos pela polícia de realizar bailes nas residências, barrados nos clubes tradicionais (constava no estatuto a proibição de negros como sócios), eles construíram próximo à igreja Santa Cruz, com adesão de poucas autoridades da época o Clube Cruz e

---

<sup>61</sup> Mais informações sobre o Centro Cívico Cruz e Souza, consultar a dissertação de Eráclito Pereira.(Ver referências)

Souza. Seu Hercílio era da Diretoria e foi mestre sala, ou seja, cuidador dos bons modos e comportamento respeitoso na sala de dança, disse ele:

*No clube a gente era “mestre sala” cuidava quando os casais dançavam mal arrumados, eles chamavam a gente pra cuida da sala. Na função de manter a ordem. O Cruz e Souza que naquela época branco não entrava era só preto, entrava branco só seu “fulano”.*

*O Sebastião Bino era meu primo e cobrava o ingué. Eu fui segundo secretário o primeiro secretário chamava-se seu Lilito o presidente não lembro mais quem era, sei que era antes do Marciano, do Agenor, do Nona que foram presidente lá (SILVA, 2015).*

Hoje o comportamento dos ocupantes em espaços sociais mudou bastante, funções como a do Sr. Hercílio desapareceram. O Centro Cívico Cruz e Souza na década de 50 tinha personagens marcantes como o porteiro lembrado pelos entrevistados, ali era um reduto negro por excelência.

O Centro Cívico seguiu suas atividades, mas pelos idos dos anos 1990 começa uma fase de declínio. Os antigos sócios aliam esta ‘caída’ do clube à falta de interesse dos seus sócios, à falta de identidade, ao acomodamento dos negros. (PEREIRA, 2013, p. 76).

Atualmente esse espaço recreativo, encontra-se em crise financeira. Lá acontecem bailes para a terceira idade aos domingos e alugam o salão para pequenos eventos, mas segundo a atual diretoria faltam recursos. No entanto quando chega o mês de fevereiro a comunidade negra lageana se organiza e retorna ao clube para os ensaios diários da bateria da Unidos do Ritmo Castro Alves, a URCA. Como nos tempos dos nossos entrevistados(as).

*A única coisa que dava certo aqui era o Cruz e Souza. A festa da Santa Cruz já era festa particular, nós gostava de dançar, era bailarino. Tinha as data especial, que vê baile bom mesmo, baile de gala que se chamava antigamente, baile do dia 22 de setembro. As moças iam de vestido comprido cheio de coisinha, me lembro de um homem véio que era porteiro do Cruz e Souza, já é morto há muitos anos o Bastião Bino, então ele não deixava ninguém entra sem ingresso, claro, tinha que pagar né. Ele era meia língua as pessoas chegavam na porta ele dizia tem*

*“INGUÊ” se não tiver ingué não entra, tempo bom [...] (CAMPOS, 2015).*

*[...] outubro de 1954 e quando a gente encontrava o seu João campos, o seu Hercílio, o seu Arnaldo Campos, pai do meu sobrinho. O Arnaldo Pilar, seu Nadinho, a gente encontrava tudo essa turma aí, encontrava eles num domingo todos numa indumentária, naquela época, tudo vestido de preto e gravata, nós pensava que eles eram uns doutores, eram tudo homens simples, mas eles tinham uma elegância, sabe um traquejo, tinham moral e assim de apresentação pessoal que não se compara. Eles eram tão importante que eles faziam parte da Irmandade do Divino Espirito Santo da Igreja Santa Cruz. A igreja Santa Cruz tem uma coisa muito interessante na história dos negros em Lages, porque ali onde desce da igreja tem uma bica d'água e os empregados levavam água dali pra casa dos patrão, que ficava ali perto da Escola Vidal Ramos, ali moravam os latifundiários (ALCANTARA, 2015).*

“Sob a bandeira do civismo, o “Cruz e Souza” procurava ganhar o reconhecimento, a legitimidade, o respeito e o apoio da intelectualidade e da elite lageana, apesar da latente moral preconceituosa, nem sempre manifestada, da elite em relação a negritude” (MARCON, 2006, p. 107). Os trabalhos eram definidos e as recreações também, a oportunidade de aproximação com o restante da comunidade lageana, era na Festa da Santa Cruz, uma festa de igreja, festa popular. Se hoje em dia é sabido que o acesso dos(as) negros(as) a qualquer local é defendido pela Lei Afonso Arinos<sup>62</sup>, nossos entrevistados tinham que buscar outras alternativas na época da sua juventude.

*[...] você conhecia uma namorada, era nos baile de gala do Cruz e Souza e não tinha o calçadão era praça, tinha calçada e você ficava olhando as belezinha passar, de lá pra cá e os gatão só esperando sobrar pra ti alguma, então convidava elas pra ir no*

---

<sup>62</sup> Lei Afonso Arinos - Lei 1390/51 | Lei no 1.390, de 3 de julho de 1951— Art 1º Constitui contravenção penal, punida nos termos desta Lei, a recusa, por parte de estabelecimento comercial ou de ensino de qualquer natureza, de hospedar, servir, atender ou receber cliente, comprador ou aluno, por preconceito de raça ou de cor.

acesso em 11 de janeiro de 2016, <http://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/128801/lei-afonso-arinos-lei-1390-51>

*cinema, num bar com musica familiar e elas podiam ficar até as onze* (TRINDADE, 2015).

Saber respeitar as diferentes culturas continua sendo um desafio para toda a sociedade mundial, nossa educação tem como uma de suas metas, que toda escola consiga atingir a harmonia entre os povos que compõe a nação brasileira, por ser este um espaço que tem a chance de aproximar, unir saberes e culturas.

O desfile carnavalesco em Lages, também está marcado pela invisibilidade, grande parte da sociedade local não se envolve, acham desnecessário. Seria culpa do mito estereotipado “é coisa de negro”. Em Santa Catarina os maiores desfiles carnavalescos são em Florianópolis, Laguna e Joaçaba. No restante do estado, pouco ou nenhum apoio financeiro governamental, jogam a culpa para a falta de organização e transparência das próprias escolas de Samba. Um dos desafios para a mudança desta situação é sanar com as deficiências administrativas e contábeis. Junto às Secretarias de Cultura estaduais e municipais, seriam instruídos todos os líderes dos grupos carnavalescos, para saber como fazer a prestação de contas, participar de editais, entre outras ferramentas de arrecadação existentes, no propósito de viabilizar a cultura para todas as etnias.

Vejamos um pouco mais do surgimento das primeiras escolas de samba de Lages, a partir do bairro da Brusque.

*O Cruz de Souza não tinha escola ainda, mas aqui na esquina da Brusque saiu a Unidos do Ritmo Castro Alves - URCA, com cinquenta pessoas, quinze batuqueiro, mestre sala e porta bandeira e uma ala, então o falecido Rogerio Carneiro levou lá pra dentro do clube. A Escola de Samba Princesa Isabel foi fundada pelo Pirunga, o Sebastião, o Luis da cadeia e o Godoy.*

*O carnaval foi crescendo apareceu a Unidos da Vila, os blocos: Cravo Preto, do 1º de Maio e o Bola Preta do Quatorze, depois veio o Black White, o Popular* (TRINDADE, 2015).

Depois das escolas nascidas na Brusque, outras vieram, sendo seis Escolas de Samba em Lages na atualidade: Unidos do Ritmo Castro Alves, Princesa Isabel, Acadêmicos da Brusque, Acadêmicos da Vila, Protegidos de São Carlos e Sete de Setembro, além dos blocos carnavalescos. Com a proposta de organizar, difundir e resgatar o carnaval na Serra Catarinense, Fundação Cultural e Diretoria das escolas criaram a Liga das Escolas de Samba de Lages (LIESLA). Sobre a Escola De Samba Princesa Isabel, emocionado Uratã revela:

*[...] o negocio é o seguinte, queremos que você seja presidente da Escola. “Jogaram aquela criança no meu colo” em 1974, então*

*vamos lá, na base da amizade, eu te dou o pano e você faz sua fantasia, quem ajudava muito era o falecido Jofre da Radio Clube, dava uma ordem pra comprar nem cetim, nem brocado era failite, na cabeça não tinha nada, sem adereço, nem carro alegórico. Passados oito anos veio a cumadre Ondina, que já inventava - eu quero conguinha pra aproveitar pra minhas crianças, com tecido azul pra calça e branca pra camisa, pra usa depois no colégio. Tinha três pessoas que não diziam não, ajudavam nos instrumentos. O seu Carlos da Ediba, eu dizia que precisava de pele, compensado e ferragem, porque nos mesmo fazíamos os instrumentos artesanais (TRINDADE, 2015).*

Estes relatos trazem uma parte do registro histórico da cultura carnavalesca em Lages, se hoje ela está lutando para brilhar novamente é porque existem grupos familiares que sentem falta desta manifestação cultural. Em outros tempos, na Serra Catarinense a arte e cultura carnavalesca foram mais envolvente, mais atraente para a população local. Talvez por ter sido mais esplendorosa (não comparando ao desfile carioca, mas sim aos desfiles carnavalescos de cidades interioranas) ou porque no contexto das décadas de 70 e 80 o investimento em diversão tinha menos opções que hoje. O discurso de aproveitar o feriadão do carnaval com repouso e descanso atrai mais turistas para os hotéis fazendas, do que pular carnaval nesta região do Brasil. Ao revisitar o passado intencionamos resgatar ações que trouxessem visibilidade para a história e cultura afro-brasileira entre outras situações vividas por parte das pessoas negras da cidade e região.

No depoimento de Uratã Trindade, está o nome da dona Ondina, a ela destacamos o orgulho e garra de mulher negra, preocupada com a pobreza das famílias das crianças que desfilavam, ela não só associava o uniforme para usar na escola com a fantasia doada, como também, certa vez, comprou e decorou dezenas de bacias para adereço de cabeça da ala infantil, na intenção de ser útil para as mães usarem depois em casa.

É um exemplo de ação solidária, da união de várias comunidades que se identificam com a negritude para envolver a todas as pessoas nas manifestações artísticas afro-brasileiras. É a chance da criança, jovem ou adolescente negro(a) destacar-se positivamente perante a sociedade local, fortalecendo o talento artístico e principalmente construindo identidade étnica, segurança própria e auto-estima.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na abordagem do tema genealogia na perspectiva foucaultiana, estudamos as minúcias, ativemos-nos aos detalhes, para analisamos diferentes épocas (de forma não linear) da presença negra na constituição da cidade de Lages, intencionando perceber as relações de poder que sustentam a (in)visibilidade negra lageana, objeto desta dissertação. Vimos que os discursos, as declarações de antigos moradores negros de Lages trouxeram uma impressão peculiar dos fatos quanto ao pertencimento étnico. De acordo com a concepção que tivemos da obra de Foucault a respeito de poder e racismo, pesquisamos os discursos, dos (as) negros(as) locais, sobre suas experiências familiares, escolares, de lazer, trabalho e a identidade étnica a partir de 1920. Ficamos sabendo mais sobre a diáspora negro-africana na Serra Catarinense e pudemos analisar a questão do assujeitamento dos (as) negros(as) resultantes da percepção étnica e os discursos construídos entre as relações raciais.

A partir das narrativas da história oral obtivemos declarações de pessoas negras, que relataram como enfrentaram as adversidades de diferença de classe e cor, do racismo, preconceito e discriminação em suas vidas. Constatamos que as pessoas negras desta cidade, sofreram racismo na escola, nos locais de divertimento e para sobreviver com dignidade tiveram que ter muita garra, superar olhares e atitudes discriminatórias para se inserir no campo profissional. De acordo com o Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil (PAIXÃO; CARVANO, 2008, p. 183), alerta para a real situação:

Ocorreu entre 1995 e 2006, uma pequena redução na diferença entre os números médios das pessoas brancas acima de 15 anos em relação às pretas & pardas da mesma faixa etária: de 2,1 para 1,8 anos de estudo. Assim, a taxa média de crescimento anual do número de anos de escolaridade foi de 1,03 entre brancos e de 1,06 entre pretos & pardos. Porém, a queda nas diferenças entre os dois grupos vem ocorrendo a passos muito lentos. Mantido esse ritmo, essas desigualdades não cessariam em menos de 17 anos.

O momento que vivemos apresenta avanços na redução do contraste entre o número de anos de escolaridade de pretos e pardos, tidos como negros para o tempo de escolaridade dos brancos. Os

sistemas de ensino precisam ser mais criativos para garantir, além do acesso, a permanência dos jovens negros. Hoje a escola para atrair o interesse dos jovens precisa disputar com armadilha das drogas, com dificuldades de aprendizagem, problemas emocionais (depressão), com a violência urbana. No tempo da entrevistada seguinte era a pobreza o principal impedimento para o estudo.

O dia a dia de muitas pessoas negras na década de 50 aponta para o abandono e o desalento. São retratos da dificuldade de se manter na escola com problemas de saúde, com a carência de vestimentas e principalmente a falta de atenção e apoio da maioria dos patrões, “[...] *então tinha que ir cedo pra fila pra pegá a carne no açougue, só com um vestidinho fininho por cima da pele e a calcinha e só, descalço, eu fui calça calçado mesmo quando eu tinha quinze anos*”. (SANTOS COSTA, 2015).

Entendemos ao olhar para o passado e pensar no presente, como fator primordial para o processo de mudança nas relações étnicas, o apoio e envolvimento de toda a sociedade com a questão do tratamento especial para com a criança negra. Defendemos, “a dinâmica do preconceito e do racismo afeta o conjunto da sociedade, o que implica uma tomada de consciência por parte de todos os sujeitos sociais” (CANDAUI et al, 2013, p. 128).

Sendo assim, mesmo repetitivo, o tema “negros(as) e escolarização” necessita estar na pauta do dia em qualquer encontro político, educacional ou social. Para que a justiça da concorrência entre brancos e negros no mercado de trabalho seja justa e democrática.

Vimos também que bairro da Brusque ainda é um espaço de resistência da cultura negra, ali estão às pessoas que mobilizam alguma manifestação popular de origem africana (carnaval de rua, grupos de pagode) na cidade.

Esta pesquisa se deteve em conhecer mais sobre a história, participação e contribuição da negritude local, para a cidade e o estado, a especificidade dos territórios étnicos na construção da identidade negra. Pessoalmente, esta pesquisa contribuiu na minha construção docente, aprimorou meus conhecimentos sobre a temática das relações raciais, sendo indispensável para qualificar e fortalecer o atendimento do NEAB da UNIPLAC para toda a comunidade. Discutimos a respeito da invisibilidade dos (as) afro-brasileiros(as). Em Lages eles (as) eram a força motriz nos trabalhos braçais, aposentaram-se, e seguem vivendo com simplicidade. As memórias de experiências trabalhistas e escolares representam espaços de combate constante ao preconceito. As categorias trabalho e educação condicionaram o futuro dos entrevistados em uma

eterna busca de superação e resistência. Importante registrar que os (as) entrevistados (as) confirmaram ter uma existência lado a lado com o preconceito racial em seu cotidiano.

Apontamos reflexões quanto à identidade étnica dos (as) negros(as), resultante do processo de escravidão na historiografia nacional e debatemos a necessidade das instituições educacionais cumprirem a Lei 10.639/03, criada especificamente para difusão da cultura e história africana e afro-brasileira entre os estudantes, para a construção de uma sociedade democrática.

Entendemos com esta pesquisa que a identidade coletiva é regida por inter-relacionamentos, ou seja, as referências (origem, linguagem, religiosidade, costumes) dos sujeitos ou de grupos e compõem uma forma de reconhecimento e construção da cultura local. Essas identidades são visíveis nos espaços sociais, econômicos e culturais. Respeitar a população negra e sua identidade transforma o modo como vemos o mundo. Afinal somos orientados por conceitos e preconceitos históricos, que ficam estagnados quando não há aceitação da diferença. Defendemos a promoção de uma educação que divulgue os valores afro-brasileiros. Concordamos que a valorização positiva da cultura africana e afro-brasileira pode ajudar na mudança definitiva para uma reorganização social e redução das desigualdades e discriminação racial.

Vimos que a educação atual oferece vários materiais didáticos e oportunidades de negros(as) e brancos (as) mudarem seus conceitos sobre respeito e valorização étnica. Portanto cabe a todos (as) aumentar o interesse por estudos e pesquisas referentes à temática do negro(a), incentivando a permanência destes no contexto educacional até chegar ao ensino superior. E assim, encontrar possibilidades de mobilidade social e ajudar no fortalecimento da cultura étnica e no desenvolvimento da região que o (a) estudante se estabeleça.

Acreditamos ter contribuído com a difusão do vocabulário referente à história e cultura africana e afro-brasileira, ao esclarecer conceitos sobre negritude e as relações étnico-raciais no passado local. Enfatizamos que a história e a cultura africana e afro-brasileira são extremamente importantes e devem ser trabalhadas em favor do respeito e do reconhecimento valorativo da etnia negra na construção dos sujeitos. Trouxemos contribuições para repensar questões relacionadas à invisibilidade em sala de aula e sobre a falta de referências positivas para construção de uma identidade afro-brasileira. Estes vícios educacionais contribuem para a dispersão dos (as) alunos (as) negros da escola.

Discutimos a temática da invisibilidade negra, a partir da genealogia das prescrições para conduta destas pessoas no interior do estado de Santa Catarina. Compreendendo a influência da cultura patriarcal e coronelista desta região, mas considerando as estratégias de emancipação possíveis com a formação profissional para os sujeitos. Ao se reconhecerem afro-brasileiros, emponderarem-se enquanto cidadãos(ãs) donos(as) de seu destino. Percebemos que os (as) entrevistados, com nível educacional elevado agem contra a vitimização, consequência do preconceito e resignam-se à submissão. Esperamos com as histórias de vidas contidas nesta pesquisa possam ampliar debates que acentuem as discussões políticas, as ações afirmativas, e um melhor tratamento aos estudantes pretos e pardos nos diferentes níveis de ensino, mediando uma conscientização libertadora para extinção do preconceito e marginalização. Todos(as) nós participamos das construções dos discursos de poder que geram o racismo enquanto sociedade, somos nós que precisamos desconstruir conceitos, mudar atitudes e acabar com estereótipos preconceituosos que destinaram os (as) negros(as) à invisibilidade.

Michel Foucault propõe transformar a vida em obra de arte a partir de fazer uma dobra sobre o assujeitamento, ou seja, repensar-se para um cuidar de si, ter uma existência estética. O sujeito negro que teve seu corpo marcado pelos mecanismos do biopoder pode reaver sua identidade étnica para se transformar num corpo livre, numa existência estética. Frans Fanon queria que o (a) negro(a) se reconhecesse como ele(a) é, nem amarrado ao europeu e nem igual as suas raízes africanas, porque já houve uma assimilação cultural. Por isso relacionamos os dois pensadores modernos na intenção de repensar as práticas sociais que estão associadas às práticas políticas. As expectativas da pesquisa foram atingidas, verificamos que a maioria dos(as) nossos(as) entrevistados(as) desde a infância sentiram na pele a dificuldade de aceitação por parte da sociedade, registramos que a união entre as pessoas negras servia para reforçar à identidade étnica e combater a pobreza. Quanto a identidade foram os espaços familiar e de diversão que oportunizaram maior contato com tradições culturais afro-brasileiras.

Aprendemos que o poder existe, mas também existem os contra poderes. E é de dentro do poder que o contra poder pode ser exercido. Começando pelo lugar em que vivemos, pois nosso entorno é passível de mudança, ou seja, é dentro dessa situação que aí está que precisamos acreditar nas condições que temos. Usando a educação das relações raciais para transformar, tomar conta da situação, e reverter o avanço do racismo individual e institucional.

Fica aqui mais uma parcela da situação histórica do (a) negro(a) em Santa Catarina, a experiência escolar e profissional de serranos(as) descendentes de africanos exemplifica o assujeitamento imposto pela colonização branca e coronelista da região. Ao encerrarmos este trabalho, acreditamos que se faz necessário uma desconstrução das teorias racializadoras, para gerar mais debates e reflexões sobre este tema em nível de sociedade, pois a ausência de negros(as) nas universidades, poder legislativo, caixas de bancos e comércio local, é visível.

Diante dos aspectos apresentados neste estudo entendemos que a educação entre negros(as) e brancos (as) pode ajudar as futuras gerações negras a terem melhores condições profissionais, para isso a existência de políticas públicas para negros e negras serve de apoio para todos (as) buscarem seu espaço e cultivar a autoestima. Rever o passado e possibilitar à pesquisa de nossas origens, mostrar que a participação negra é tão importante quanto à ameríndia e à europeia. Sigamos com as pesquisas sobre as etnias que compõem nossa região, para que as próximas gerações sejam beneficiadas com novos olhares e atitudes positivas referentes à diversidade étnica e equidade racial.

## REFERÊNCIAS

AFRICA URGENTE. - **Pobreza na África.**

<http://www.africaurgente.org/pobreza-na-africa-causas-humanas-e-naturais-da-pobreza-e-fome-na-africa/> Acesso em 03 de fevereiro de 2016.

ATAÍDE, Sebastião. **O negro no planalto lageano.** Lages: Prefeitura Municipal, 1988.

ABRAMOVIKZ, Anete. SILVÉRIO, V. Roberto. **Afirmado diferenças: Montando o quebra-cabeça da diversidade na escola.** São Paulo: Papyrus, 2005.

ARAÚJO, Emanuel. **Para nunca esquecer:** negras memórias; memórias de negros. o imaginário Luso-Afro-Brasileiro e a herança da escravidão. Curitiba: Museu Oscar Niemayer, [s.d.].

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Foucault e a crítica do sujeito.** Curitiba: Editora UFPR, 2000.

ARAÚJO, Kelly Cristina. **Áfricas no Brasil.** São Paulo: Scipione. 2003.

BAKOS, Margaret. **Pesquisas acadêmicas sobre afro-brasileiros.** In: Revista de Historia. Memorial do Rio Grande do Sul.

BELLÉ, Larissa Antônia. **Museus virtuais e a formação de professores de artes visuais no contexto da Lei 10.639/2003.** Dissertação de mestrado. UDESC. Florianópolis. 2012.

BRANCO, Mirian Adriana. **Corpos Nefastos — Cidadania incerta em Lages, Centro Cívico Cruz e Souza e a invenção da Nação.** UFSC, 2002.

**BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.** Brasília: MEC/SECAD, 2004.

\_\_\_\_\_. **Educação Africanidades Brasil.** Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2006.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual** – Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1997.

\_\_\_\_\_. **Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana/** Ministério da Educação, Secretaria da Educação continuada, alfabetização, diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

\_\_\_\_\_. **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Orientações e ações para a educação das relações étnico-raciais.** Brasília-DF: SECAD, 2006. MEC, SEPIIR, SECAD e INEP.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03.** Brasília: SECAD/MEC, 2005. (Coleção Educação para Todos).

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte.** Brasília: MEC, 1998.

CAIXA ECONOMICA E FGTS. Disponível em:  
<http://www.caixa.gov.br/empresa/fgts-empresas/FGTS-para-Empregador-Domestico/Paginas/default.aspx>. Acesso em 06 de abril de 2016.

CANDAU, Vera Maria; PAULO Iliana; ANDRADE, Marcelo; et al...  
Coordenação Selma Garrido Pimenta. **Saberes Pedagógicos. Educação em Direitos Humanos e formação de professores(as)**. São Paulo. Ed. Cortez, 2013.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. RASCKE, Karla Leandro (orgs). **Formação de professores: promoção e difusão de conteúdos sobre história e cultura afro-brasileira e africana**. Florianópolis: DIOESC, 2014

CARDOSO, Rafael. **A arte brasileira em 25 quadros**. Rio de Janeiro. Editora Record. 2008.

CARVALHO, Andreia Aparecida de Moraes Cândido de. **Negros em Lages: Memória e experiência de afro descendentes no planalto serrano (1960-1970)**. Itajaí: Casa Aberta, 2008).

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Com Michael Banton...[et al.];[tradução: Dinah Kleve]. São Paulo: Selo Negro, 2000.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos, e autores**. Trad. Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CANDIOTTO, Cesar; D'ESPINDULA, Thereza Salomé. **Biopoder e Racismo Político: Uma análise a partir de Michel Foucault**. Florianópolis. Interthesis. UFSC.2012.

CAVALLEIRO, Eliane (org). **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Secretaria de Educação

Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005. Coleção Educação para todos.

COSTA, Licurgo. **O Continente das Lagens: sua história e influencia no sertão de terra firme.** Florianópolis: FCC, 1982. 4 v.

COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da filosofia. História e grandes temas.** 16 ed., São Paulo: Saraiva, 2006.

DIEZ, Carmem Lucia Fornari. Vigiar e punir-Terceira parte, Michel Foucault. In: Horn, Geraldo Balduino (org). **Discutindo textos filosóficos:** Conhecimento, ética, política e educação. Curitiba: Editora e livraria Chain, 2008.

EGLER, Sofia. **Arte/Educação das Relações Étnico-raciais: possibilidades e limites da lei 10.639/2003 no âmbito da Arte/Educação.** Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.ciga.unb.br/>: Acesso em: 15 jun. 2015.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas;** tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares (org). **Brasil Afro brasileiro.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A vida dos homens infames.** In: Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2003.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Trad. de Maria Theresa da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder.** Org. Roberto Machado. 25ª ed. São Paulo: Edições Graal, 2012.

FRAGA, Walter; ALBUQUERQUE, Wlamyra. **Uma história da cultura afro-brasileira.** São Paulo: Moderna. 2009.

FRANCO, Nanci Helena Rebouças. **Negras imagens: Um estudo sobre o processo e construção de identidade de alunos negros da Escola Tereza Conceição Menezes no Bairro da Liberdade/Curuzu.** In: SIQUEIRA, Maria de Lourdes. *Imagens negras: ancestralidade, diversidade e educação.* Belo Horizonte: Mazza Edições, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Saberes Necessários à Prática Educativa. Editora EGA.1996.

GAGUEIRA. - [http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id\\_conteudo=252](http://www.gagueira.org.br/conteudo.asp?id_conteudo=252). Acesso em 28 jul. 2015.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.** In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: Ministério da Educação, 2005. Coleção Educação para todos.

\_\_\_\_\_. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade.** In: CAVALLERO, Eliane (org). *Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola.* São Paulo: Selo Negro, 2000.

HASENBALG, Carlos A. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p.24-26.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

JAROSKEVICZ, Elvira Maria Isabel. **Relações étnico-raciais, História, Cultura Africana e Afro brasileira na educação pública: da legalidade à realidade**.

JOULARD, Philippe. **Desafios á história oral do século XXI**. In: FERREIRA, Marieta de Moraes(org). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz/Casa Oswaldo Cruz-Fundação Getúlio Vargas, 2000.

LEITE, Ilka Boaventura. **Descendentes de africanos em Santa Catarina: Invisibilidade histórica e segregação**. In: *Textos e Debates*. Florianópolis. 1991.

\_\_\_\_\_. **Negros no sul do Brasil**. Florianópolis: Letras Contemporâneas. 1996.

LIZ, Maria Julia Souza de. **Resgatando nossa identidade do município de Paineira – SC**. Lages. Grafine, 2011.

LIZ, Renilda Aparecida Costa. **A identidade Nacional Brasileira e a Educação: Homogeneidade X Pluralidade Cultural**. Florianópolis 2001.

LOPES, Nei. **Dicionário escolar afro-brasileiro**. São Paulo: selo Negro Edições, 2006.

LOPES, Vera Neusa. **Racismo, Preconceito e Discriminação**, In: MUNANGA, Kabengele. Superando o racismo na escola. 2ª edição revisada. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

LOVEJOY, Paul E. **A escravidão na África: uma história de suas transformações**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LUZ, Narcimária. **O Patrimônio civilizatório africano no Brasil**. In: SANTOS, Joel Rufino (org.). Negro Brasileiro Negro. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 25, 1997, p. 199-209.

KI-ZERBO, Joseph – **História da África Negra I**. Portugal. Publicações Europa-América, 2002.

MANGE, Marilyn Diggs. **Arte brasileira para crianças**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MAPA DA VIOLÊNCIA. Disponível em:  
<<http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2016.

MARCON, Frank. **Visibilidade e Resistência Negra em Lages**. Letras Contemporâneas, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola. 1996.

MELO, Elisabete. BRAGA, Luciano. **Historia da África e afro-brasileira: em busca de nossas origens**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. 2ª edição revisada. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

MUNAGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. São Paulo. Global, 2004.

MURRAY, Jocelyn. **África o despertar de um continente**. Trad. Miguel Gil e Francisco Manhães. Barcelona – Espanha: Gráfica Estrella, 2007.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor: identidade raça e gênero no Brasil**. São Paulo: Summus, 2003.

NATALINO, João. Acesso em 10 de novembro —  
<http://www.joaoatalino.recantodasletras.com.br/visualizar.php?id=4013021>.

NÚCLEO DE ESTUDOS NEGROS/Programa de Educação. **Negros em Santa Catarina**. Florianópolis: Atilênde, 2006 (Série Pensamento Negro em Educação, vol. 9).

OLIVEIRA, Eduardo David de. **A ancestralidade na encruzilhada**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

OLIVEIRA, Iolanda. **Cor e Magistério**. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói. EDUFF, 2006.

PAIXÃO, Marcelo; CARVANO, Luiz Marcelo. **Relatório anual das desigualdades raciais no Brasil; 2007-2008**. Rio de Janeiro: Editora Garamond. 2008.

PALMARES. Acesso em 21 de março de 2016 - [http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2016/01/TABELA\\_CRQs\\_COMPLETA-Atualizada-31-12-2015.pdf](http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2016/01/TABELA_CRQs_COMPLETA-Atualizada-31-12-2015.pdf)

PEDRO, Joana Maria et al. **Negro em terra de branco; escravidão e preconceito em Santa Catarina no século XIX**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

PEIXER, Zilma Isabel. **A cidade e seus tempos: o processo de constituição do espaço urbano em Lages**. Lages Editora Uniplac, 2002.

PEREIRA, Eráclito. **Centro Cívico Cruz e Souza: Memória, Resistência e Sociabilidade Negra em Lages – Santa Catarina (1918-2012)**. Dissertação de Mestrado. 2013

PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo. Editora Ática, 2011.

QUEIROZ, Ivo Pereira. **Fanon, o reconhecimento do negro e novo humanismo: horizontes descoloniais da tecnologia**. Curitiba, UFTPR, 2013. Tese de Doutorado em Tecnologia.

REIS, Toni. **Homofobia e a escola**. In: LUZ, Nanci Stanki da. CARVALHO, Marília Gomes de. CASAGRANDE, Lindamir Salete.

Construindo a igualdade na diversidade: gênero e sexualidade na escola.  
- Curitiba: UTFPR, 2009.

Revel. Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Trad. Maria do Rosario Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

REVISTA ESCOLA. Disponível em:  
<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/quais-sao-cinco-paises-mais-desenvolvidos-africa-477457.shtml>. Acesso em: 3 fev. 2016.

ROMÃO, Jeruse Maria. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira: africanidades catarinenses**, livro 5/José Bento Rosa da Silva [et al.]: Jeruse Romão (coordenação). (A África está em nós; v. 5) outros autores: Maria de Lourdes Mina, Fábio Garcia. João Pessoa, PB: Editora Grafset, 2010.

SANTOS, Sales Augusto dos. **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas**. – Brasília: Ministério da Educação : UNESCO, 2005 (Coleção Educação para Todos; vol. 5).

SCARAMAL, Eliesse (org.). **Para estudar História da África**. Anápolis: Núcleo de Seleção, 2008. BRASIL.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SERRANO, Carlos. **Memória D'África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Eduardo. **As camélias do Leblon e a abolição da escravatura: uma investigação de história cultural**. São Paulo: companhia das Letras, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade; uma introdução às teorias do currículo**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 20002. 156 p.

THORNTON, John Kelly. **A África e os africanos na formação do mundo Atlântico, 14000-1800**; trad. Marisa Rocha Mota. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acessado em: 28 maio 2015.

UNESCO. **Declaração sobre Raça e os Preconceitos Raciais**. Disponível em: <[http://direitoshumanos.gddc.pt/3\\_2/IIIPAG3\\_2\\_9.htm](http://direitoshumanos.gddc.pt/3_2/IIIPAG3_2_9.htm)>. Acessado em: 28 maio 2015.

UOL. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/09/18/ibge-n-de-autodeclarados-pretos-e-pardos-sobe-e-negros-sao-45-no-pais.htm#fotoNav=31>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Individualismo e Cultura. São Paulo: Zahar, 1989.

VICENZI, Renilda. **Nos campos de cima da serra: ser preto, pardo e branco na vila de Lages, 1776 – 1850**. Tese de Doutorado, 2015.  
UNISINOS

WEDDERBURN, Carlos Moore. **Novas bases para o ensino da história da África no Brasil**. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade - SECAD/MEC. Brasília, 2005.

ZAMPOLLI, Fabio Alexandre B. **A cidade como um caleidoscópio: da historiografia oficial à invisibilidade da população negra em Criciúma**. *In*: Negros em Santa Catarina. Núcleo de estudos Negros/Programa de Educação. Florianópolis: Atilênde, 2006 (Série Pensamento Negro em Educação, vol. 9)

## APÊNDICES

### APÊNDICE A: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

#### EDUCAÇÃO

- 1 Qual a lembrança mais marcante de sua vida escolar ?
- 2 Como foi sua relação com o acesso à educação? Percebe alguma modificação na atualidade sobre o negro e a escola, qual ou quais?
- 3 Quando frequentou a escola você percebia ou não distinção de conteúdo e tratamento disciplinar da sua pessoa em relação aos demais estudantes?

#### CULTURA E ARTE

- 4 Quais manifestações artísticas fizeram parte da sua trajetória de vida até aqui?
- 5 Quais eventos culturais você participou que possibilitaram a expressão africana e afro-brasileira na cidade de Lages?

#### TRABALHO

- 6 Quais formas de trabalho remunerado você teve oportunidade de realizar?
- 7 Como você usufruiu dos resultados deste trabalho é aposentado (a) ou não?

#### IDENTIDADE

- 8 O que significou e o que significa para você ser negro(a)?
- 9 O que você entende por identidade afro-brasileira?
- 10 O que você pensa sobre comemorar o Dia Nacional da Consciência negra no Brasil?
- 11 Você já presenciou algum ato de racismo?